UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Danjone Regina Meira

Por uma “perspectiva ontológica poética”: a questão da arte a partir da “Poesia” (Dichtung) no pensamento de Martin Heidegger.

Versão corrigida

São Paulo
2020

Danjone Regina Meira

Por uma “perspectiva ontológica poética”: a questão da arte a partir da “Poesia” (Dichtung) no pensamento de Martin Heidegger.

Versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Victor Knoll.

São Paulo
2020

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M499u MEIRA, DANJONE REGINA
Por uma "perspectiva ontológica poética": a questão da arte a partir da "Poesia" (Dichtung) no pensamento de Martin Heidegger. / DANJONE REGINA MEIRA ; orientador VICTOR KNOLL. - São Paulo, 2020.
304 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Filosofia. Área de concentração: Filosofia.

1. Filosofia. 2. Estética. 3. Ontologia. 4. Arte. 5. Poesia. I. KNOLL, VICTOR, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Danjone Regina Meira

Data da defesa: 31 / 07 / 2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): Victor Knoll

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 14 / 08 / 2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

FOLHA DE APROVAÇÃO

MEIRA, D. R. **Por uma “perspectiva ontológica poética”: a questão da arte a partir da “Poesia” (Dichtung) no pensamento de Martin Heidegger**. 2020. 304f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Victor Knoll.

Aprovado em: 31/07/2020

Banca Examinadora

Prof. Dr. Victor Knoll – Presidente da banca examinadora

Prof. Dr. Marco Aurélio Werle

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Prof. Dr. Pedro Augusto da Costa Franceschini

Instituição: Universidade Federal da Bahia

Julgamento: _____

Prof. Dr. Frederico Pieper Pires

Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora

Julgamento: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a D'us. Toda a glória,
honra e louvor ao Senhor eternamente.
Amém!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a D'us, o Eterno Criador, por tudo e por esta tese, bendito seja! A Ele toda honra, glória e louvor. Amém!

Muito especialmente, agradeço aos meus pais: Damião Pedro Meira e Joelma Fernandes Meira por tudo, pelo amor, pelas orações, pelos ensinamentos valiosos conforme a Palavra de D'us, pelo auxílio sempre presente em toda a trajetória de estudos também no doutorado em filosofia. Ao meu irmão Damião Pedro Meira Filho por todo o apoio durante a caminhada nos estudos e pelo exemplo de pessoa humilde, amiga, dedicada e inteligente; a minha irmã Áurea Regina Meira Cavalcante por todo o auxílio, orações, e exemplo de dedicação e bondade; à minha irmã Joelda Regina Meira pelo amor e Lucas Henrique Meira por tudo, por ser um exemplo de dedicação, inteligência e perseverança. Agradeço aos meus avós maternos: Áurea Fernandes Costa e em saudosa memória Miguel Taurino da Costa pelo amor e por tudo. Agradeço aos meus avós paternos em saudosa memória: Regina Alves Meira e Pedro Henrique Meira pelo amor e por tudo. Agradeço ao meu tio Miguel Taurino da Costa Filho pela inspiração nos estudos e por todo o apoio. Agradeço aos familiares pelas orações e por tudo.

Muito especialmente, agradeço ao orientador desta pesquisa de tese de doutorado em filosofia: o prezado professor Dr. Victor Knoll por todo o apoio e orientações valiosas na caminhada de realização da tese de doutorado em filosofia.

Agradeço a secretaria do departamento de filosofia da Universidade de São Paulo, especialmente, a prezada Marie, Geni e Luciana pelo auxílio e orientação na trajetória do doutorado em filosofia.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa de pesquisa de doutorado concedida.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

MEIRA, D. R. Por uma "perspectiva ontológica poética": a questão da arte a partir da "Poesia" (*Dichtung*) no pensamento de Martin Heidegger. 2020. 304 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Nesta tese apresenta-se uma análise da questão da essência da arte segundo a perspectiva ontológica de Martin Heidegger. No primeiro capítulo, intitulado "Arte e essência", a compreensão da arte é investigada a partir da sua relação primordial com a questão do caminho do pensamento de Heidegger: a questão do "ser". Busca-se destacar que a análise da pergunta pela essência da arte concretiza-se tendo como ponto de partida a questão do caminho ontológico que permeia todo o pensar de Heidegger. Enfatizamos que o pensador do "ser", mesmo após a virada (*Kehre*) no seu pensamento, permanece com uma compreensão fenomenológica da arte. Assim, a fim de entender-se a arte essencialmente faz-se imprescindível voltar-se o pensamento essencial para o enigma da arte. Após expormos uma questão de método e caminho na análise da arte em Heidegger, busca-se refletir acerca dos pilares da interface entre a arte e a "Poesia" (*Dichtung*) e como esta interface contribuiu para a compreensão ontológica da arte. Nessa perspectiva, propõe-se ressaltar que o pensador do "ser" entende a "Poesia" (*Dichtung*) e a própria essência sob a influência do poeta dos poetas: Friedrich Hölderlin, instaurando, desse modo, a marcha do pensamento para um novo princípio na história que considera, inclusive, o enigma da arte em sua essência. Heidegger consagra tal marcha do pensamento para o essencial ao enfatizar que a "arte é 'Poesia' (*Dichtung*)". A partir disso, buscamos destacar que a perspectiva ontológica da arte em Heidegger, após a virada, constitui uma perspectiva ontológica poética e, é somente através de uma perspectiva ontológica poética que se pode pensar, de maneira originária, o modo da fundação da verdade do "ser" na arte e a sua concretização na obra de arte, segundo Heidegger. No segundo capítulo, elucidaremos, então, a questão do ente, poético e "Dasein". Pensaremos também sobre a interface entre a arte e o espaço, considerando a compreensão de Heidegger sobre as artes plásticas. Além disso, refletiremos sobre a inspiração de Hölderlin no caminho de Heidegger acerca do poético. Com isso, no terceiro capítulo buscaremos pensar sobre a dimensão da fundação ou da essência poética da verdade do "ser" na história considerando a interface: palavra, linguagem e mito. Defendemos que a questão primordial do pensamento de Heidegger: a pergunta pelo "ser" e o seu modo de acontecimento mostra-se em círculo no caminhar de Heidegger. O pensador do "ser" caminha em círculo ao voltar o pensamento para a questão da essência poética da verdade do "ser". Assim, a verdade do "ser" essencializa-se poeticamente na arte e, inclusive, no mito. Buscaremos, portanto, refletir sobre a importância daquilo que intitulamos: "perspectiva ontológica poética" em Heidegger na compreensão da arte em sua essência.

Palavras-chave: Heidegger, Arte, Poesia, Ontologia, História.

ABSTRACT

MEIRA, D. R. For a "poetic ontological perspective": the question of art from the "Poetry" (Dichtung) in the thought of Martin Heidegger. 2020. 304 f. Thesis (Doctoral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This thesis presents an analysis of the question of the essence of art according to Martin Heidegger's ontological perspective. In the first chapter, entitled "Art and essence", the understanding of art is investigated from its primordial relationship with the question of Heidegger's way of thinking: the question of "being". It seeks to highlight that the analysis of the question by the essence of art takes place from as its starting point the question of the ontological path that permeates all of Heidegger's thinking. We emphasize that the thinker of "being", even after the turn (Kehre) in his thinking, remains with a phenomenological understanding of art. Thus, in order to understand art, it is essential to turn essential thought to the enigma of art. After exposing a question of method and path in the analysis of art in Heidegger, we seek to reflect on the pillars of the interface between art and "Poetry" (Dichtung) and how this interface contributed to the ontological understanding of art. In this perspective, it is proposed to emphasize that the thinker of "being" understands "Poetry" (Dichtung) and the very essence under the influence of the poet of the poets: Friedrich Hölderlin, thus establishing the march of thought towards a new principle in history that even considers the enigma of art in its essence. He consecrates such a march from thought to the essential when emphasizing that "art is 'Poetry' (Dichtung)". From this, we seek to highlight that the ontological perspective of art in Heidegger, after the turn, constitutes a poetic ontological perspective and, it is only through a poetic ontological perspective that one can think, in an original way, the way of the foundation of the truth of the "being" in art and its concretization in the work of art, according to Heidegger. In the second chapter, we will elucidate, then, the question of the being, poetic and "Dasein". We will also think about the interface between art and space, considering Heidegger's understanding of plastic arts. In addition, we will reflect on Hölderlin's inspiration in Heidegger's path about the poetic. With that, in the third chapter we will try to think about the dimension of the foundation or poetic essentialization of the truth of "being" in history considering the interface: word, language and myth. We argue that the primary question of Heidegger's thought: the question of "being" and its way of happening is shown in a circle in Heidegger's walk. The thinker of "being" walks in a circle when turning his thinking to the question of the poetic essentialization of the truth of "being". Thus, the truth of "being" is poetically essential in art and even in myth. We will therefore seek to reflect on the importance of what we call: Heidegger's "poetic ontological perspective" in understanding art in its essence.

Key Words: Heidegger, Art, Poetry, Ontology, History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – ARTE E ESSÊNCIA.....	20
NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	20
1.1. Questão e caminho.....	27
1.2. Verdade e arte.....	47
1.3. Essência e linguagem.....	112
1.4. O criar e a arte.....	128
1.5. Ultrapassagem da metafísica e história.....	139
CAPÍTULO 2 – ARTE E “POESIA”.....	152
NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	152
2.1. Ente e “Poesia”.....	153
2.2. Arte e Espaço.....	175
2.3. Ente e Tempo.....	183
2.4. Arte, poético e “Dasein”.....	193
CAPÍTULO 3 – QUESTÕES DE UMA “PERSPECTIVA ONTOLÓGICA POÉTICA”.....	218
NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	218
3.1. Mito e “Dasein”.....	221
3.2. Mito e palavra.....	224
3.3. Mito e verdade.....	261
3.4. Inessência e essência.....	268
3.4.1. “Poeisis”, “techné” e tempo de indigência.....	269

CONCLUSÃO.....295
REFERÊNCIAS.....298

INTRODUÇÃO

*Difícilmente abandona o lugar o que mora
perto da origem.¹
Hölderlin, A migração.*

O filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) pode ser reconhecido como um dos pensadores fundamentais do século XX, tendo influência de maneira marcante sob o pensamento filosófico contemporâneo. É especialmente, na década de 30 no pensamento essencial da obra de Heidegger, que a questão da “arte” e da “Poesia” (*Dichtung*) será enfatizada no horizonte da questão acerca do “ser”. Em face disso, esta pesquisa busca investigar a perspectiva ontológica poética da arte no pensamento essencial de Heidegger. Há de se esclarecer que após a sua obra-prima “Ser e Tempo” (*Sein und Zeit*, 1927), Heidegger elege o termo “pensamento” para falar sobre a tarefa da filosofia, pois, somente o pensamento essencial pode instaurar a questão fundamental: a questão acerca do “ser”. Esta pesquisa se propõe a apresentar a constituição da noção de arte no filósofo alemão, tendo como ponto de partida a relação substancial entre a arte e a “Poesia” em sua obra, especialmente, após a “virada” (*Kehre*) em seu pensamento.

Um dos momentos mais marcantes do estudo de Heidegger sobre a arte é o escrito “A origem da obra de arte” (1935-1936), em que o filósofo expõe de modo inaugural que a essência da obra de arte é “Poesia” (*Dichtung*). Com base nisso, nós enfatizamos, que esta pesquisa procurará analisar a relação fundamental entre a arte e a “Poesia” no horizonte da vigência do “ser”. Na primeira parte da pesquisa, cujo título é “Arte e essência”, se buscará apresentar o caminho de abertura hermenêutica eleito pelo próprio filósofo na dimensão de sua filosofia. Nos propomos, em

¹ Hölderlin *apud* HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.183.

primeiro lugar, a esclarecer o voltar do pensamento em Heidegger para a essência na sua concepção de obra de arte. E, nesse sentido, a arte e a obra de arte, segundo Heidegger, só podem ser compreendidas essencialmente a partir da compreensão da "Poesia" (*Dichtung*).

Sendo recuperada pelo filósofo alemão a poética da arte e da obra de arte estão diretamente relacionadas às chaves hermenêuticas "verdade" e "ser". Mostraremos que o autor instaura a arte sob uma perspectiva fenomenológica como digna de pensamento e de questionamento nos debates filosóficos, passando a ter ênfase enquanto questão ontológica do pensamento filosófico também para o século XX.

Com base nisso, nós compreendemos que o caráter de liberdade e diálogo da filosofia de Heidegger, contribui para a irrupção do pensar poético da obra de arte. Podemos caracterizar a abertura hermenêutica do filósofo em dois aspectos, no momento: 1) o prisma hermenêutico que abre o filósofo às possibilidades do filosofar, colocando a filosofia no seu "deixar-ser" (*Sein-Lassen*) em toda a sua proveniência grega; e 2) relacionado a isso, o prisma fenomenológico que prioriza a dimensão hermenêutica de toda a filosofia, do filosofar e da questão do "ser", levantando-se a questão fundamental da filosofia em sua experiência originária.

A tese de doutorado intitulada: "Por uma perspectiva ontológica poética: uma análise da arte a partir da 'Poesia' (*Dichtung*) no pensamento de Martin Heidegger", destaca também que a ultrapassagem na (e pela) metafísica para o pensamento foi despertada nos poetas e pensadores de modo essencial, no entanto caminha para a sua plena concretização na história do "ser". Nessa perspectiva, acreditamos ser mediante o viés hermenêutico do filósofo acerca do próprio lugar da filosofia e da natureza do filosofar que surge a questão da arte. Entendemos a questão da arte dentro do horizonte da tarefa do pensamento, daquilo que é digno de ser pensado.

Por isso, no primeiro momento da pesquisa se faz importante ressaltar os seguintes fundamentos: 1) a "Poesia" (*Dichtung*) está presente na construção filosófica de Heidegger após a "virada", o autor tem um relevante conhecimento teórico e dialogal com importantes poetas e artistas, sejam eles contemporâneos ou do cenário greco-romano; 2) Heidegger desconstrói o conceito de filosofia a partir do método fenomenológico, o que propicia a irrupção de uma compreensão ontológica da arte, apresentada, principalmente, no escrito "A origem da obra de arte" (1935-1936); e 3) desde o princípio de sua construção filosófica, o autor se encontra à caminho do "ser".

Procuraremos trazer para um espaço de diálogo os seguintes escritos: "Que é metafísica?" (1929); "Que é isto – a filosofia?"; "A questão da técnica" (1955); e "A superação da metafísica". A importância do escrito "Que é isto – a filosofia?" para a temática da tese se dá, porque neste texto verificamos a relevância do pensamento grego sob o erigir da linguagem enquanto "lógos".

No horizonte filosófico da obra de Heidegger, verificamos o surgimento de um pensamento interrogativo. Tal pensamento tem a tarefa hermenêutica de pensar a origem. O fundamento do pensamento interrogativo é a instauração de toda e qualquer questão filosófica a partir da questão do "ser" em sua relação com o "lógos". Isso, certo é, remonta à filosofia antiga. No entanto, em Heidegger o "lógos" se apresenta com um novo significado.

O pensamento de Heidegger se destaca no horizonte poético quando ele estabelece a relevância da linguagem e o seu lugar privilegiado na dimensão poética. A tese, nesse momento, propõe que Heidegger somente pode levantar a questão digna de pensamento: "que é isto – a arte?" por intermédio da "abertura hermenêutica", que se mostra através da fundação do diálogo também com o pensamento do mundo grego.

Desse modo, buscaremos destacar que a maneira de perguntar pela arte também é grega. Nas palavras do filósofo: "(...) a maneira como perguntamos, mesmo a nossa maneira atual de questionar ainda é grega".² Propomos apresentar a pergunta: "que é isto – a arte?" da mesma forma que Heidegger levanta a questão: "que é isto – a filosofia?" Ou seja, evidenciaremos que o filosofar da arte é um filosofar sobre o "como" (*Wie*) da arte, acerca da sua essência. Ao perguntarmos "que é isto – a arte?", queremos evidenciar a natureza filosófica de Heidegger de meditar profundamente sobre os fundamentos da filosofia, inclusive sobre os fundamentos da arte.

Destacaremos que o filosofar sobre a arte corresponde ao apelo do "ser" pela pronúncia da palavra poética, a fim de que a manifestação do "ser" chegue à essência do homem mediante a aporia da linguagem. A dimensão ontológica da arte, desse modo, corresponde ao apelo do "ser" através do "dito". Um dito poético que se expressa seja na arte pictórica, na arquitetura, na música etc. Afirmamos, nesse sentido, que é o "ser" que convoca o pensamento sobre a arte e que apresenta o apelo para morar na linguagem. Desse modo, no primeiro capítulo buscar-se-á demonstrar também dois aspectos: 1) o anúncio da "Poesia" já em escritos anteriores à "virada" (*Kehre*); e 2) a verdade da obra de arte como desvelamento poético que se mostra na história.

Veremos que o filósofo alemão empreende um "passo de volta" para a compreensão da obra de arte em seu "ser-obra". O passo de volta direciona-se para a essência através de um pensar meditativo. Nesse sentido, o pensamento essencial em Heidegger evidenciado, especialmente após a virada, destaca-se pela superação das fronteiras da metafísica da obra de arte. Buscaremos mostrar também ao longo da tese, que a década de 30 em Heidegger inaugura a marcha do pensamento cada vez mais

² HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.30.

essencial rumo ao “ser”. Pensamento este que tem como base a decisão pela escuta do apelo do “ser”; a decisão pelo voltar-se para a verdade do “ser” e o seu desvelar na história. Destacamos, com isso, que é nesse contexto que irrompe a questão do enigma da arte.

Vale ressaltar outra característica importante que será tratada no primeiro capítulo: a eleição de Heidegger pela pintura “O par de sapatos” (1886) de Van Gogh. Procuraremos responder à questão: por que o autor escolhe o par de sapatos da camponesa para explicar a essência da obra de arte? O par de sapatos do camponês, para Heidegger, ressaltaria a verdade da obra de arte no tempo e no espaço essencial. Nessa perspectiva, observaremos que Heidegger ao apresentar a arte pictórica de Van Gogh procura instaurar a questão da verdade do “ser” a partir da obra de arte.

É importante ressaltarmos que o escrito “A origem da obra de arte” (1935-1936) apresenta a sua relação com o cenário de virada hermenêutica no pensamento de Heidegger. A partir disso, buscaremos esclarecer a questão: qual a relação da obra “A origem da obra de arte” com o cenário de virada na filosofia de Heidegger? Admitimos no segundo capítulo da pesquisa, intitulado “Arte e poesia”, que a pergunta pela origem da obra de arte é uma questão que se coloca em abertura hermenêutica, ou seja, se põe em marcha no caminho de pensar o próprio “ser” em seu desvelamento (*alétheia*). Com base nisso, procuraremos também responder à pergunta: de que modo, o filósofo integra o problema da arte com o próprio problema do “ser”? A partir da pergunta pela obra de arte, o autor coloca também em aberto a questão do “ser”.

Mostraremos também, no segundo capítulo da pesquisa, que o pensamento de Heidegger acerca da arte constitui uma ruptura fundamental com a “estética” em geral. O autor desenvolve a sua perspectiva ontológica da arte contra um subjetivismo estético. A origem da arte não se encontra na capacidade do artista, ou na faculdade de julgar, mas na efetividade da obra. Nesse sentido, o filósofo empreende um desvio

da análise do “ser-objeto” da obra de arte, procurando compreender, sobretudo, o “ser-obra” da obra de arte. Para se analisar e compreender a questão da obra de arte em Heidegger é de fundamental importância considerar o seu desvio de uma perspectiva estética tradicional. Por essa razão, ao longo da tese, em especial no segundo capítulo, tratar-se-á dessa contraposição de compreensão da essência obra de arte em face da obra de arte como “ser-objeto”, vista assim pela estética, segundo o filósofo.

Nesse sentido, se destacará a forma como o autor interpreta e questiona sobre a essência da obra de arte e a apresentação dos modos de ser da obra de arte. Para o segundo capítulo, elegemos também três escritos que se relacionam ao texto “A origem da obra de arte”. Os escritos são: “Que é uma coisa?” (*Die Frage nach dem Ding. Zu Kants Lehre von den transzendentalen Grundsätzen*), o ensaio “A coisa” (*Das Ding*) e o escrito “Arte e espaço” (*Die Kunst und der Raum*). Tais escritos são também importantes para o diálogo neste momento da pesquisa, pois demonstram a compreensão de Heidegger sobre a essência da obra de arte e o seu caráter poético. Desse modo, a partir do diálogo com estes escritos, procuraremos clarificar a seguinte afirmação: a essência da obra de arte é “Poesia” (*Dichtung*) em Heidegger.

Este momento da pesquisa evidenciará, portanto, não só o desvelamento da obra de arte como verdade do “ser”, mas também o aspecto de velamento da obra de arte. Desenvolveremos que a verdade apresentada na obra de arte é uma verdade situada também no tempo e no espaço, que é, a cada instante, a disputa originária entre mundo e terra determinados. Desse modo, buscamos enfatizar na tese que a obra de arte reúne a quadratura (*das Geviert*): terra, céu, deuses e homens.

E nessa quadratura se encontra também o embate entre terra e mundo da obra de arte. Isso caracteriza o retorno ao princípio originário do significado do mundo, das coisas, da linguagem e dos homens. Porque, o habitar poético do homem acontece na quadratura. Isto constitui o princípio

poético na história. Na quadratura também acontece a disputa entre terra e mundo da obra de arte. Nesse sentido, ao pensarmos sobre a essência poética da arte, precisamos entender o que significa a essência poética, por isso, é importante a questão da quadratura, já que o acontecimento da verdade se desvela no habitar poético do homem.

Como exemplo fundamental para este capítulo, no tópico “Arte e espaço”, de forma a clarificar a disputa entre terra e mundo, ressaltamos também o exemplo de Heidegger: o templo grego. Heidegger se refere ao templo grego para mostrar que a obra de arte dá lugar a um mundo e uma terra. O templo apresenta e celebra um mundo. O mundo, termo de extrema importância para Heidegger e dotado de um significado peculiar, é um espaço livre de possibilidades, o espaço de sentido e de relações que um povo abre com as suas decisões. Quando o templo faz ver os deuses em suas esculturas, faz com que eles se tornem presentes. Um mundo pertence sempre a uma época da história. Desse modo, esse é um exemplo de grande relevância para se demonstrar a quadratura presente na obra de arte.

Outra afirmação que pretendemos desenvolver é a seguinte: a arte só pode exprimir o elo entre mundo e terra por meio da “Poesia” (*Dichtung*). É sempre a “Poesia” que precede a obra de arte. Nesse contexto, Heidegger vai de uma “ontologia fundamental” para aquilo que denominamos “perspectiva ontológica poética”, após a virada, tendo como base para pensar esta questão o escrito “Introdução à metafísica” (*Einführung in die Metaphysik*, 1935).

Disso se depreende uma característica primordial da filosofia heideggeriana: a convocação do pensamento para uma decisão poética. A decisão de pensar a verdade do “ser”. Nesse sentido, destaca-se a relação: pensamento, “Poesia”, “Dasein” (ser-aí)³ e verdade do “ser”. Esta relação é

³ Optamos por apresentar o termo alemão “Dasein” em sua língua original na escrita da tese. Tal termo alemão “Dasein” empregado por Martin Heidegger em seus escritos pode

fundamental para compreender que a perspectiva ontológica da arte se dá mediante uma perspectiva ontológica poética.

Desenvolveremos, também no capítulo dois, considerações importantes acerca do sentido amplo do termo alemão "Dichtung" (Poesia), que tem em Heidegger uma grande relevância, seguindo uma análise do caráter poético da própria filosofia. Seja uma filosofia política, uma filosofia moral ou uma filosofia da arte haverá sempre a presença da "Poesia" (que remete também ao sentido de "poiesis", "produzir") em sua essência, pois somente a "Poesia" convoca o pensamento para uma decisão poética.

A "Poesia" em Heidegger se revela também como uma reflexividade da crítica no interior da filosofia enquanto filosofia que pensa a filosofia. Assim, a filosofia se volta para si mesma de maneira crítica, ela não é inquestionável. Constantemente levanta a questão do pensamento, pois se põe em movimento. Levamos em consideração que a "Poesia" é uma ação poética. Nesse sentido, ela desconstrói conceitos filosóficos, convocando-os para a abertura de diálogo. É importante enfatizarmos que é com base no diálogo com a poesia de Hölderlin que Heidegger institui a questão da superação da metafísica da obra de arte, mediante, a ênfase na essência poética da obra de arte.

Nessa perspectiva, Heidegger se conduz por um viés interpretativo não representacional da obra de arte, pois considera a obra de arte em sua essência poética. A obra de arte não indica somente o passado, mas, em cada época no tempo e espaço em questão faz irromper pela "Poesia" a verdade. Reconhecemos os seguintes escritos como relevantes para este momento da tese: "Hölderlin e a essência da Poesia" (*Hölderlin und das Wesen der Dichtung*) e "Poeticamente o homem habita" (*...dichterisch wohnet der Mensch...*). Com base nesses escritos e em diálogo com eles,

ser compreendido como o "ser-aí" ou o "ser-lançado" da existência para a morte. Buscaremos, então, apresentar tal termo nesse sentido no decorrer da tese.

procuraremos esclarecer a pergunta fundamental: por que a essência da obra de arte é "Poesia" (*Dichtung*)?

A partir de então, a pesquisa apresentará no terceiro capítulo, intitulado "Questões de uma perspectiva ontológica poética", uma reflexão sobre a relação da essência poética da linguagem com a essência da palavra e o mito. A pergunta que nos guia, nesse momento é: o velamento e o desvelamento da verdade da obra de arte estão relacionados ao desvelar da essência poética da linguagem na história do "ser"? Também mostraremos que uma das questões da reflexão acerca da perspectiva ontológica poética é a interface: produzir e tempos de indigência, o que também está relacionado à questão da obra de arte na época da técnica moderna. Pensar fundamentalmente sobre a obra de arte em tempos da época da técnica moderna é convocar essencialmente para o apelo do "ser"; é estar a caminho do "ser". Portanto, o capítulo três é considerado também de grande importância no desenvolver da tese, buscando dialogar no texto com a questão da essência⁴ poética da verdade do "ser" que acontece na história.

⁴ Apresentamos ao longo da tese a expressão "essência" referindo-se ao desvelamento, acontecimento ou fundação da verdade do "ser" na história. A verdade do "ser" acontece ou essencializa-se poeticamente no ente, como exemplo, a arte. O voltar do pensamento para a origem, é o voltar para a questão da verdade do "ser" e a sua essência ou o seu desvelar inaugural na história. Seguindo este caminhar como círculo, conforme veremos, Heidegger busca pensar a origem e então, pensa também o mito em seu sentido originário, como um dos exemplos da essência poética da verdade do "ser" na história. Percorrendo algumas características importantes do caminhar de Heidegger, enfatizamos também no capítulo três: Heidegger compreende, segundo uma perspectiva ontológica poética, que a essência poética da verdade do "ser" também acontece no mito em sentido originário, assim como acontece poeticamente na arte.

CAPÍTULO 1 – ARTE E ESSÊNCIA

*pensar a essência do ente, é isso que caracteriza o modo de ser da filosofia e da metafísica. Pensar a essência do seer, isso aponta para além daí, em direção ao outro início.*⁵

Heidegger, *O acontecimento apropriativo*.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Em “Arte e essência” buscamos discutir como Heidegger investiga a compreensão da arte no texto “A origem da obra de arte” (*Der Ursprung des Kunstwerkes*, 1935-1936). Heidegger nesse texto expõe alguns termos fundamentais que se relacionam, de certa forma, com o seu projeto ontológico inaugurado em sua obra-prima “Ser e tempo” (*Sein und Zeit*, 1927). No entanto, os termos: “Dasein”, “terra” e “mundo”, por exemplo, são apresentados sob um novo horizonte filosófico, que logo depois, especialmente, a partir das obras: “Hölderlin e a essência da poesia” (*Hölderlin und das Wesen der Dichtung*, 1936), “A coisa”, e “Poeticamente o homem habita” serão explicitados mais profundamente na dimensão da unidade da “quadratura”⁶ (*Geviert*): terra, céu, divinos e mortais.

Nesse sentido, no escrito “A origem da obra de arte” o termo “mundo” institui um novo significado – diferente do exposto em “Ser e Tempo” – inaugurando-se, assim, uma relação fundamental com o termo “terra”. Ressaltaremos, nessa perspectiva, que a partir de então, o termo “Dasein” assume uma maior relevância em Heidegger. Agora é dada ênfase na relação primordial entre o “Dasein” e o acontecimento poético da verdade

⁵ HEIDEGGER, Martin. *O acontecimento apropriativo*. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Alemanha: Vittorio Klostermann, 2013. p.261.

⁶ Termo alemão empregado por Heidegger para referir-se à unidade originária dos quatro: terra, céu, divinos e mortais. No primeiro capítulo desta tese refletiremos um pouco sobre esse termo fundamental: “Geviert” (quadratura) em Heidegger e no segundo capítulo da tese trataremos ainda mais esclarecimentos sobre esta temática na sua relação com a arte e o “Dasein” (ser-aí).

do “ser”⁷, como por exemplo, na arte. Por conseguinte, é a partir desse momento também que o termo “linguagem” é exposto com maior profundidade na filosofia de Heidegger. A questão da linguagem já havia sido elucidada em “Ser e Tempo”, mas somente após a década de 20 começaria a ser constituída no âmbito do acontecimento poético da verdade do “ser”.

Nessa perspectiva, buscaremos percorrer, especificamente, o caminho em que o “pensador do ser”⁸ instaura depois da sua obra-prima “Ser e Tempo”, mas também em diálogo com ela, o seu voltar para o pensar acerca da essência da verdade e a sua relação com a arte. A questão da metafísica tradicional e do criar da obra de arte se manifesta, assim, como questão fundamental na obra “A origem da obra de arte”, em que se verifica também o “por quê” a “estética” permanecera no âmbito da metafísica da obra de arte.

Para Heidegger, a estética se encontra no âmbito da pergunta pela entidade do ente, isto é, pelo “ser-objeto” da obra de arte, não pensando o “ser-obra” da obra de arte. Em não instaurar a questão da essência, de fato, a estética permaneceria presa ao “esquecimento do ser” na história da metafísica tradicional, e, por sua vez, no esquecimento do “ser-obra” da obra de arte. Desse modo, Heidegger pontua, especialmente, em “A origem da obra de arte” que o objeto da estética não era a pergunta pela origem

⁷ O termo “ser” é de extrema relevância no caminho ontológico de Martin Heidegger. Tal termo vem a indicar o “ser” em geral em sua diferença ontológica com o ser do ente. Por isso, apresentaremos na tese o termo “ser” entre aspas, quando formos nos referir ao que Heidegger destaca como o “ser” em geral. Nesse sentido, o filósofo busca perguntar pelo “ser”, reconhecendo-o como a questão principal da filosofia, que se mostra velada na história da metafísica tradicional. Em “Ser e Tempo” aparece a pergunta pelo sentido do “ser”, mas logo depois, o filósofo passará a empregar o termo “verdade” no lugar de “sentido”, ressaltando, assim, a pergunta pela verdade do “ser” e o acontecer da verdade.

⁸ O filósofo alemão Martin Heidegger pode ser reconhecido como o pensador do “ser”, visto que, de modo relevante na história da filosofia, especialmente, a partir de sua obra-prima “Ser e tempo” (1927), a preocupação fundamental do pensamento heideggeriano é a instauração da principal pergunta da filosofia: a pergunta pelo “ser”, que se encontraria esquecida na história do pensamento ocidental. O filósofo, então, a partir da virada realizada após “Ser e Tempo”, busca pensar essencialmente sobre o “ser” e o seu desvelar na história, reconhecendo tal questão como a tarefa do pensamento.

da obra de arte, isto é, pela essência da obra de arte no sentido de sua vigência (*Wesen*), mas a interface da obra com o sujeito circunscrita no âmbito do subjetivismo da metafísica tradicional. O que se relacionaria a perspectiva da obra de arte como objeto de criação do artista criador e como objeto de contemplação e vivência.

Ora, se se supõe que a estética se constitui como metafísica da obra de arte, é, então, crucial a superação da perspectiva dualista de sujeito e objeto que permanecera na compreensão contemporânea da arte. Desse modo, no contexto do caminho ontológico de Heidegger, fora então imperativo a superação da perspectiva da metafísica tradicional, e, por conseguinte, a superação da própria metafísica da obra de arte, visto que a arte necessitaria, assim, ser pensada em sua essência mediante um algo crucial: o acontecimento (*Ereignis*) poético da verdade do “ser”.

Assim, se a investigação ontológica que impulsionou Heidegger para a superação da perspectiva da metafísica da obra de arte se manifesta como a questão mesma da pergunta pelo “ser” em sua relação com a linguagem, seria, então, a própria tarefa do pensamento, para Heidegger, o estar a caminho da essência da linguagem para se recolocar a questão mais importante da filosofia: a questão da verdade do “ser” diante do seu ocultamento na história da metafísica. Por isso, consideramos que a perspectiva ontológica da arte é também uma perspectiva ontológica poética, pois, conforme veremos neste capítulo, para Heidegger toda a obra de arte é em sua essência “Poesia”⁹ (*Dichtung*).

Em Heidegger se considera a questão da arte como uma questão de essência poética e, por isso, intitulamos como uma perspectiva ontológica

⁹ Na filosofia de Heidegger aparecem os termos alemães “Dichtung” e “Poesie”, ambos podem ser traduzidos como “poesia” para a língua vernácula. No entanto, eles possuem significados diferentes para o filósofo. Por essa razão, a fim de elucidarmos essa diferenciação crucial para a compreensão da arte em Heidegger, optamos por destacar o termo “Poesia” entre aspas e em maiúsculo quando estamos nos referindo ao termo “Dichtung”, que para Heidegger demonstra-se como a poesia no sentido amplo, referindo-se a dimensão poética. Já quando nos referimos a “Poesie”, poesia no sentido restrito, apresentamos o termo em português sem aspas e em minúsculo: poesia.

poética, visto que o pensador do “ser” se lança para além do ôntico no âmbito exclusivo da entidade do ente, indo de encontro ao que está sempre velado na história: a questão ontológica do “ser” e sua essenciação poética no ente. Ora, uma pergunta que é essencialmente ontológica aponta, fundamentalmente, na filosofia de Heidegger, para um caminho de pensamento, que é também um caminho “hermenêutico-fenomenológico”¹⁰, para se instaurar a pergunta pela arte em sua essência. Dessa maneira, segundo Heidegger, não se mostra preponderante enfatizar apenas o caráter poético da poesia (*Poesie*) como um dos modos de ser da linguagem enquanto objeto da poética. Mas é fundamental, entretanto, a investigação ontológica da arte de um modo geral, ou seja, a pergunta pela arte em sua essência. Assim, a pergunta pela arte precisa ser necessariamente fundamentada a partir do caminho ontológico essencial.

Buscamos investigar o escrito “A origem da obra de arte”, especialmente, dando relevância ao modo de acontecimento da verdade do “ser” na obra de arte. Nesse sentido, faz-se preponderante mencionarmos que a análise ontológica sobre a essência da arte conduz-se também por um itinerário “hermenêutico-fenomenológico” segundo uma “perspectiva

¹⁰ Ao indicarmos que o caminho de Heidegger é um caminho “hermenêutico-fenomenológico” temos o propósito de enfatizar que o modo de Heidegger questionar pelo “ser” (*Sein*) e pelos entes (*Seienden*) permanece fenomenológico, mesmo após a virada no seu pensamento para o pensar a verdade do “ser” e a sua essenciação de modo mais essencial. Nesse sentido, compreendemos que no horizonte da questão primordial do “ser” vem-se à luz também a questão da essência do ente. A questão da arte que é uma questão essencial é iluminada pela questão do “ser” e ao perguntar-se pela questão da origem da arte, Heidegger está a perguntar, sobretudo, pela questão da verdade do “ser” e como ela essencializa-se no ente, no caso, a arte. É importante ressaltarmos que o caminhar de Heidegger é também hermenêutico, pois o pensador do “ser” repete a questão do “ser” em busca de pensar o que é digno essencialmente de ser pensado, levando em conta também o contexto da compreensão do “ser” presente no “Dasein” (ser-aí). Tal aspecto da compreensão do “ser” inerente na existência é essencialmente hermenêutico. Como sabemos, isso constitui o caráter da facticidade na existência. O “Dasein” enquanto “ser-no-mundo” destaca-se numa compreensão prévia do “ser”. Sobre isso indicamos a obra: “Ontologia: hermenêutica da facticidade”, que fora pronunciada no semestre de verão em Freiburg, 1923 Cf. (HEIDEGGER, Martin. *Ontologie: Hermeneutik der Faktizität*, In: HEIDEGGER, Martin. *Gesamtausgabe*, Band 63. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995).

ontológica poética”, que é caracterizada na relação entre o ontológico¹¹ e o poético no caminho de Heidegger a partir da década de 30. Tal perspectiva constitui o acontecer ontológico da verdade na obra de arte enquanto um acontecer poético da verdade. Nessa perspectiva, procuraremos analisar que a verdade do “ser” acontece na arte em seu modo de ser originário como “Poesia” (*Dichtung*).

Por conseguinte, tal capítulo busca apresentar os seguintes aspectos: ressalta o caminho de pensamento presente em Heidegger como uma questão de essência. Pontua a questão do acontecimento poético da verdade do “ser” na obra de arte. Assim como, ressalta a relação entre a arte, a “Poesia” (*Dichtung*) e a verdade no decorrer do desenvolvimento do capítulo. Buscamos elucidar que isso se dá dentro do horizonte da perspectiva ontológica da arte como uma perspectiva ontológica poética em Heidegger. Intitulamos, assim, a perspectiva ontológica da arte no segundo momento do pensamento de Heidegger, depois da virada na década de 30 no percorrer do seu caminho, de perspectiva ontológica poética, sobretudo, pela interface primordial destacada pelo pensador do “ser”, nessa época crucial de suas conferências, entre a questão ontológica do “ser” e da “Poesia” (*Dichtung*). E, conforme verificaremos ao longo deste primeiro capítulo, o próprio Heidegger ressaltara, após “Ser e Tempo” (*Sein und Zeit*, 1927), no escrito “Introdução à metafísica” (*Einführung in die Metaphysik*, 1935) que há uma perspectiva ontológica diferente da perspectiva da metafísica tradicional, que também se encontra distante da “ontologia fundamental” em aspectos substanciais. Assim, noutro sentido, este primeiro capítulo também buscará elucidar o caminho percorrido por Heidegger de superação de uma perspectiva estética tradicional que tem como base a metafísica tradicional, mas através da inauguração de uma

¹¹ Conforme Heidegger salienta em “Marcas do caminho”: “não há dúvida, os termos “ontologia” e “ontológico” são plurissignificativos; e de tal maneira, com efeito, que eles escondem justamente o problema propriamente dito de uma ontologia”. Cf. (HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.143).

perspectiva ontológica poética que pergunta pelo “ser-obra” da obra de arte.

Ao nos propormos enfatizar algumas relevantes características sobre o pensamento de Heidegger acerca da essência da obra de arte como “Poesia” (*Dichtung*) inaugurada em seu pensar no escrito “A origem da obra de arte”, elegemos a tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro¹², edição bilíngue, alemão e português, da editora “Edições 70”, publicada em 2010, visto que tal edição bilíngue é relevante para se realizar a comparação e análise quando Heidegger, por exemplo, emprega o termo alemão “Dichtung” (“Poesia” em sentido amplo) e quando faz o uso do termo “Poesie” (“poesia” em sentido restrito) nesta obra. Buscaremos também elucidar ao longo do texto algumas características importantes desses termos alemães.

Desse modo, faz-se importante elucidarmos o que vem a ser a “Poesia” (*Dichtung*) para Heidegger, o sentido etimológico deste termo alemão no pensamento de Heidegger, assim como a dimensão da “Poesia” no “ser-obra” da obra de arte. Buscamos no horizonte do pensamento heideggeriano enfatizar a análise etimológica e hermenêutica do termo alemão, visto que é relevante entender também o momento fundamental no pensamento de Heidegger para a irrupção da relação entre a arte e a “Poesia”. Assim, o momento decisivo se institui enquanto diálogo com a poesia essencial e o pensamento do poeta Hölderlin.

Tendo como ponto de partida a poesia de Hölderlin, o pensador do “ser” inaugura relevantes aclarações na dimensão do seu pensamento, no que tange às suas obras tardias, ou seja, após a publicação de sua obra fundamental “Ser e Tempo”. O termo “terra”, como vimos, por exemplo, dá-se sob a inspiração do seu encontro com a poesia essencial de Hölderlin. Como bem aclara Gadamer: “estava claro que foi a poesia de Hölderlin – a

¹² Recomendamos, então: HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

que Heidegger havia se dedicado com uma intensidade apaixonada – a qual havia transferido o conceito de *terro* ao seu próprio filosofar”.¹³ Sob essa inspiração, Heidegger enfatiza que o acontecimento ontológico poético da verdade na obra de arte dá-se como disputa originária entre terra e mundo. Por conseguinte, mais adiante analisaremos novamente a presença do termo “terra” em “Poeticamente o homem habita”, escrito de “Ensaaios e Conferências” (*Vorträge und Aufsätze*, 1950). Por essa razão, faz-se necessário debruçarmo-nos na questão sobre o surgimento do termo “terra” e “mundo” ao longo deste capítulo, como preponderante também para o entendimento de como se desvela a verdade do “ser” na obra de arte, segundo Heidegger. Assim, consideramos os termos “terra” e “mundo” como chaves hermenêuticas a fim de se aclarar o que vem a ser a essência poética da obra de arte.

E, por sua vez, no horizonte da perspectiva de investigação da “Poesia” (*Dichtung*), sendo ela reconhecida como a essência da arte, é preponderante, então, aclarar o lugar dessa mesma “Poesia” que tem unidade com o pensamento essencial. Diante disso, buscamos enfatizar a meditação sobre o pensamento e “Poesia” que é também relevante para compreender-se a dimensão da “Poesia” como a essência da arte e, também, porque anuncia o lugar privilegiado e comum do pensamento e da “Poesia”: a linguagem em sua essência. Tais questões serão apresentadas ao longo deste primeiro capítulo e, também, serão retornadas sempre que necessárias nos capítulos seguintes para o esclarecimento de outras questões relacionais. O principal deste capítulo pode ser pensado a partir da questão: *como se dá a relação entre a arte e a essência poética no pensamento de Heidegger?*

¹³ GADAMER, Hans-Georg. “La verdad de la obra de arte”. In: GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. 2. ed. Traducción de Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2003. p.99, tradução nossa.

1.1. Questão e caminho

O filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) ao inaugurar na década de 20 a obra-prima “Ser e Tempo” (*Sein und Zeit*, 1927) passa a ser reconhecido no cenário filosófico europeu como o pensador a caminho da “questão do ser” (*Seinsfrage*). Isso significa substancialmente que a instauração do seu pensamento se coloca, especialmente, para além de uma época do contexto europeu, pois vem a conclamar o pensar e o fazer filosófico no horizonte da questão, que ele reconhece como a mais importante na história: “O que significa ser?”. Relacionada à essa pergunta fundamental se encontraria também, a questão tão importante quanto: “como se dá o ser?”. O doar do “ser” expõe, desse modo, a constituição ontológica inerente a própria obra e o pensamento de Heidegger.

Nesse sentido afirmou o filósofo em “O meu caminho na fenomenologia” (*Mein Weg in die Phänomenologie*, 1963): “se o ente se diz com significados múltiplos, qual será então o significado fundamental e condutor? O que significa ser?”.¹⁴ E ainda em outro escrito posterior analisou: “o que ‘é’ ser? Devemos perguntar ao ‘ser’ o que ele é?”.¹⁵

A filosofia é, então, determinada por Heidegger mediante a essência da questão: a questão do “ser”. Em face disso, pode-se questionar: qual é o caminho filosófico seguido por Heidegger? O filósofo alemão que trabalhara juntamente com Edmund Husserl¹⁶ seguira também o caminho pela fenomenologia. Mas, em sua maneira peculiar de pensar,

¹⁴ HEIDEGGER, Martin. *O Meu Caminho na Fenomenologia*. Tradutor: Ana Falcato. Universidade da Beira Interior Covilhã: Lusosofia: press, 2009. p.4.

¹⁵ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.73.

¹⁶ Tendo como ponto de partida a fenomenologia de Husserl e através de seus estudos primordiais sobre Aristóteles iniciados no início de sua carreira na teologia, Heidegger se pôs a caminho da pergunta pelo sentido do “ser”. Recomendamos o escrito de Martin Heidegger: “O meu caminho na fenomenologia”. Cf. (HEIDEGGER, Martin. *O Meu Caminho na Fenomenologia*. Tradutor: Ana Falcato. Universidade da Beira Interior Covilhã: Lusosofia: press, 2009).

primeiramente, enfatizada no horizonte da “ontologia fundamental”¹⁷ exposta em sua obra principal “Ser e Tempo”, que, aliás, ele escrevera como forma de também homenagear o seu mestre Husserl. E, posteriormente, a fenomenologia ainda se faria presente na sua tarefa de pensamento. Em relação a isso, há uma importante observação a se fazer: o parágrafo 7º de “Ser e Tempo” se revela como relevante para se compreender a fenomenologia no caminho de Heidegger:

Ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas diversas que, ao lado de outras, pertencem à filosofia. Ambos os termos caracterizam a filosofia ela mesma, segundo o objeto e segundo o modo-de-tratamento. Filosofia é ontologia fenomenológica universal cujo ponto de partida é a hermenêutica do *Dasein*, a qual, como analítica da *existência*, fixou a ponta do fio-condutor de todo perguntar filosófico lá de onde ele *surge* e para onde ele *retorna*.¹⁸

O que a fenomenologia constitui no pensar de Heidegger seria decisivo para o voltar para a questão do “ser em geral” e do “Dasein”. Uma das importantes características do caminho também fenomenológico em Heidegger é enfatizado em seu escrito “As questões fundamentais da filosofia” (*Grundfragen der Philosophie. Ausgewählte 'Probleme' der Logik*, 1937/38) por exemplo, em que o filósofo enfatiza ser necessário superar o viés das supostas verdades e, assim, entendemos como o seguir o viés fenomenológico, quando ele afirma:

quando investimos todas as coisas – a saber, tudo – nesse questionamento, e não apenas agimos como se perguntássemos, acreditando sempre já possuir as nossas supostas verdades.¹⁹

¹⁷ A ontologia fundamental surge a partir de uma reflexão crucial em Heidegger que teve o seu início em 1907, em suas reflexões sobre Husserl e Aristóteles. Cf. HEIDEGGER, Martin. *O Meu Caminho na Fenomenologia*. Tradutor: Ana Falcato. Universidade da Beira Interior Covilhã: Lusosofia press, 2009.

¹⁸ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p. 129.

¹⁹ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia*: (“problemas” seletos da “lógica”). Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p.4.

As supostas verdades não tocariam nem sequer o problema principal da filosofia, mas permaneceriam na casca (*Schale*) da conjuntura histórica. Se o problema da história é um problema de essência (*Wesen*), o pensador a caminho surge, desse modo, como um eminente crítico da metafísica tradicional, em que a questão da verdade nem sequer é pensada essencialmente.

Em face do ocultar da questão primordial da história e, nessa perspectiva, do “abandono do ser”, Heidegger pensa a essência da filosofia a partir de um caminho “hermenêutico-fenomenológico”, instaurando uma reflexão importante da história da filosofia com o propósito de anunciar aquilo que é digno de ser pensado na totalidade da filosofia: a questão do “ser”. Enquanto um dos grandes pensadores do Ocidente, Heidegger inaugura um pensamento original que tem como ponto de partida a ultrapassagem da perspectiva ontológica tradicional, uma vez que é tão somente mediante a interrogação da questão do “ser” que todas as outras questões filosóficas passariam a ser instauradas no pensamento.

Para o próprio Heidegger como o pensador do “ser”, a própria filosofia em seu vigor essencial erige a tarefa: a pergunta pelo “ser”. E para que seja instituída tal tarefa, como se vê, Heidegger se põe a caminho no horizonte da questão do “ser”. Para Heidegger: “o que permanece no caminho está a caminho”.²⁰

Trilha um caminho hermenêutico, a partir da década de 30, partindo da pergunta pelo sentido do “ser” que fora determinada pela temporalidade em “Ser e Tempo” para dentro da clareira do “ser” ou verdade do “ser” como acontecimento apropriador (*Ereignis*) na história, que podemos compreender também enquanto o desvelar da “abertura”. O cerne dessa reflexão se daria, sobretudo, no horizonte da essência da verdade em sua relação com a essência da linguagem.

²⁰ HEIDEGGER, Martin. *Zum Wesen der Sprache und zur Frage nach der Kunst*. Band 74. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann Gmb H, 2010. p.46, tradução nossa.

Nessa perspectiva, em “Que é isto - a filosofia?” (*Was ist das – die Philosophie?* 1955), Heidegger mostra-nos a relevância do pensamento grego sob o erigir da linguagem enquanto “logos”²¹ e nos faz refletir sobre o instaurar mesmo da questão primordial. Ao indicar a relevância da linguagem no “Dasein” e o lugar privilegiado da linguagem em seu sentido essencial, o autor enfatiza, então, o cenário do pensamento poético. É importante destacar que isso se demonstra pela eleição de abertura hermenêutica de seu caminhar.

Heidegger somente pode levantar a questão digna de pensamento: “Que é isto - a filosofia?” (“Qu’est-ce que la philosophie?”, 1955), por intermédio da “abertura hermenêutica”, o que em Heidegger desenvolve-se através da fundação do diálogo com o pensamento do mundo grego. Nesse sentido, o filósofo enfatiza: “(...) a palavra grega *philosophía* é um caminho sobre o qual estamos a caminho”.²² Nessa perspectiva, podemos também refletir o quanto o filósofo atribui a si a tarefa de pensar por um viés fenomenológico no caminho da “abertura hermenêutica”, visto que o pensamento essencial, para Heidegger, é somente aquele provocado pelo “ser”; pensamento esse que se encontra à escuta do apelo do “ser” e se põe a caminho do mesmo.

O diálogo de pensamento com a filosofia, propriamente, é fundado numa tradição historial. Acerca disso afirma Heidegger:

Que quer que pensemos e qualquer que seja a maneira como procuramos pensar, sempre nos movimentamos no âmbito da tradição. Ela impera quando nos liberta do pensamento que olha para trás e nos libera para um pensamento do futuro, que não é mais planificação. Mas, somente se nos voltarmos

²¹ A questão do conceito de “lógos” em Heidegger está presente tanto em “Ser e Tempo” como após a “virada” no seu pensamento. Entre os escritos que Heidegger reflete sobre esta questão, estão: “Conferências e escritos filosóficos”, “A caminho da linguagem”, especificamente, o ensaio “A Palavra”, o escrito “Que significa pensar?” e em “Logos (Heráclito, fragmento 50)”.

²² HEIDEGGER, Martin. “Qu’est-ce que la philosophie?”. In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p. 29.

pensando para o já pensado, seremos convocados para o que está para ser pensado.²³

Por isso, para Heidegger, é importante a fundação do diálogo com o pensamento grego, a fim de se reconhecer não somente a origem da filosofia e a estrutura basilar do próprio filosofar, como também é relevante para se compreender a maneira como se instaura as questões fundamentais da filosofia no pensamento grego. Nas palavras do filósofo: "(...) tanto o tema de nossa interrogação: 'a filosofia', como o modo como perguntamos: 'que é isto...?' – ambos permanecem gregos em sua proveniência".²⁴

Com isso, podemos afirmar que a maneira de perguntar pela arte também é grega. Podemos mesmo perguntar juntamente com Heidegger: "que é a arte?", da mesma forma que ele levanta a questão: "que é a filosofia?". Pois, em seu estar a caminho, Heidegger atém-se a um sentido interrogativo na questão em sua essência. Ele apresenta este viés interrogativo ao longo de seus escritos e nem sempre apresenta respostas em prontidão, mas, sobretudo, em seu caminho de "abertura hermenêutica", deixa as questões serem em sua "abertura" enquanto enigma. As interrogações cumprem, então, seu próprio destino, que é o levantar de questionamentos digno de pensamento. Numa palavra: pensar; mas, um pensar meditativo.

Para Heidegger:

pensar significa aqui deixar o ente despontar na decidibilidade de seu seer e se postar diante de si, acolhê-lo enquanto tal e, com isso, denominá-lo pela primeira vez em sua entidade.²⁵

²³ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.183.

²⁴ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.30.

²⁵ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia: ("problemas" seletos da "lógica")*. Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. pp.195-196.

Como se vê, esse instaurar de questões no pensamento e a maneira como se pergunta destaca o aspecto grego da filosofia em sua proveniência. Acerca disso assinala filósofo:

Nós mesmos fazemos parte desta origem, mesmo então quando nem chegamos a dizer a palavra "filosofia". Somos propriamente chamados de volta para esta origem, reclamados para ela e por ela, tão logo pronunciemos a pergunta: Que é isto - a filosofia? não apenas em seu sentido literal, mas meditando seu sentido profundo.²⁶

Todo o instaurar da tarefa do pensamento e o erigir das questões, deixando-as serem interrogações, meditando-as profundamente e não com o impulso de respondê-las de imediato, é em sua natureza constituída no viés da essência da história. A própria questão digna de ser meditada: a questão do "ser", profundamente apresenta em si o caráter essencial historial, isto é, é dotada de um destino, o destino da humanidade. Fica, assim, entendido que a pergunta fundamental erigida por Heidegger: "que é isto - a filosofia?" remete fundamentalmente a questão essencial da história.

O esforço de Heidegger em pensar a relevância da questão da essência da filosofia é o de erigir a questão primordial, até então velada. Por essa razão, em seu estar a caminho do filosofar, Heidegger reconhece que passa a trilhar uma esfera privilegiada do sentido do "lógos"²⁷ para pensar a essência, sobre isso assinala:

A língua grega, e somente ela, é *lógos*. Disto ainda deveremos tratar ainda mais profundamente em nossas discussões. Para o momento sirva a indicação: o que é dito na língua grega é, de modo privilegiado, simultaneamente aquilo que em dizendo se nomeia. Se escutarmos de maneira grega uma palavra grega, então seguimos seu *légein*, o que expõe sem

²⁶ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.30.

²⁷ O termo grego "lógos" pode ser traduzido por palavra e na tradução do grego para o latim fora reconhecido como razão. Ao longo da tese iremos observar que Heidegger traduz "lógos" também como a palavra em sua essência que faz emanar a linguagem, a língua.

intermediários. O que ela expõe é o que está aí diante de nós.²⁸

A língua grega revela-se, para Heidegger, como aquela que habita na proximidade da vigência do “ser”, recebendo a palavra originária do “ser” e deixando os entes serem entes essencialmente pelo nomear essencial. Em face dessa consideração, o filósofo ressalta que a questão primordial: “que é isto - a filosofia?” enfatizaria o seu próprio destino historial, o de estar a caminho, sob o viés da clareira do “ser”, do desvelamento do ente em seu ser no horizonte da essência da verdade. Ao considerarmos, à luz de todas as obras heideggerianas aqui analisadas, que o filósofo tem como interrogação central sob a perspectiva de uma “abertura hermenêutica”: a questão do “ser” e sendo essa questão fundamental a própria interrogação de toda a filosofia, segundo o filósofo, compreendemos, então, que o autor pergunta pelo “ente em seu ser” no horizonte da pergunta pela verdade do “ser”. Seja o homem e o seu habitar, seja todas as demais coisas, são questionadas em Heidegger sob o prisma, como vimos, da proveniência filosófica em sua plenitude no sentido grego.

Por conseguinte, em “As questões fundamentais da filosofia”, Heidegger enfatiza que a essência da filosofia é ontológica se desvelando na tonalidade afetiva fundamental. A filosofia somente é possível através da tonalidade afetiva mais elevada. Ela mesma se originaria em tal tonalidade. A filosofia resguardando em si a tonalidade afetiva fundamental, manifestaria a abertura ao fato de que o ente é e não antes não é. Trata-se da abertura para a essência no pensamento em sua “pura sobriedade” por meio da tonalidade afetiva. Heidegger nomearia tal tonalidade afetiva mais elevada de “retenção”²⁹.

²⁸ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.31.

²⁹ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia: (“problemas” seletos da “lógica”)*. Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p.5.

A “retenção” desvela dois modos de ser diferentes, mas que permanecem em uma unidade originária. Tal “retenção” anuncia a diferença ontológica entre o “ser” e o ente enquanto tal, como terror e pudor. Afirma Heidegger:

o *terror* diante daquilo que há de mais próximo e importuno, a saber, o fato de que o ente é, e, ao mesmo tempo, o *pudor* ante o fato mais remoto de que o seer se essencializa no ente e antes de todo ente.³⁰

A origem essencializa-se no ente enquanto tal em sua própria urgência primordial. O ente enquanto tal é mantido através do “ser” (*Seyn*). Por isso, a retenção volta o pensamento para o “ser”. Nesse voltar do passo por meio da retenção destaca-se o que está velado na história da metafísica ocidental enquanto o que é mais digno de ser questionado. Uma filosofia da retenção que, todavia, se resguarda no silêncio, na escuta originária do apelo do “ser”.

O pensar profundo “que é isto - a filosofia?” ilumina todas as questões que se abrem a partir da questão do “ser”. A questão da técnica, a questão da arte, a questão da metafísica, são iluminadas pela pergunta fundamental do que seja a essência filosófica, ou seja, são iluminadas, assim, pela questão do “ser”. Heidegger ao se ocupar da essência da filosofia, não se volta apenas para as primeiras e posteriores definições de filosofia, mas, sobretudo, tem o propósito de apresentar aí a tarefa do pensamento. Essa é, sobretudo, a resposta à questão: “que é isto - a filosofia?”

Ressalta o filósofo:

Nós mesmos devemos vir com nosso pensamento ao encontro daquilo para onde a filosofia está a caminho. Nosso falar deve co-responder àquilo pelo qual os filósofos são interpelados. Se formos felizes neste co-responder, respondemos de maneira autêntica à questão: Que é isto - a filosofia? A palavra alemã “Antworten”, responder, significa propriamente a mesma

³⁰ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia: (“problemas” seletos da “lógica”)*. Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p.5.

coisa que ent-sprechen, co-responder. (...) a resposta é muito mais a co-respondência (*la correspondance*), que corresponde ao ser do ente.³¹

A filosofia, no sentido grego, inspira o filósofo a permanecer no caminho do “ser do ente”, estando em constante diálogo com os modos de ser da verdade do “ser”: o velamento e desvelamento do “ser”. Nessa perspectiva, como mencionamos anteriormente, e se faz necessário ainda nos demorarmos: o caminho hermenêutico seguido por Heidegger o coloca em diálogo com a tradição da metafísica e também com aquilo que ela remete, não buscando uma ruptura com a história, mas uma apropriação e transformação daquilo que foi transmitido pela tradição da história da metafísica. Essa maneira de se apropriar da história é nomeada por Heidegger como “destruição”.

Desde a sua obra-prima “Ser e Tempo”, em que ele instaura a dupla tarefa na elaboração da questão do “ser”, tal perspectiva fenomenológica apresenta o seu sentido não como ruína, mas na forma de “pôr-de-lado” as compreensões fundamentalmente históricas da constituição da história da filosofia. Isto é exposto, especificamente, no §6 de “Ser e Tempo” em sua tarefa de destruição da história da ontologia. Destruição significa, por assim dizer, o estar a caminho e em abertura para a questão primordial do “ser”.

Explicita Heidegger em “Ser e Tempo” a relação entre a destruição e a “repetição” (*Wiederholung*) da questão primordial:

Só no efetuar a destruição da tradição ontológica é que a questão-do-ser conquista sua verdadeira concretização. Na destruição a questão-do-ser consegue a plena prova da imprescindibilidade da pergunta pelo sentido de ser e demonstra assim o sentido do discurso sobre uma “repetição” dessa pergunta.³²

³¹ HEIDEGGER, Martin. “Qu’est-ce que la philosophie?”. In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p. 35.

³² HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p.99.

A tarefa da destruição inaugurada em “Ser e Tempo” tem o propósito de “despertar” a pergunta pelo sentido do “ser” mediante a repetição num horizonte mais originário. Ela tem a tarefa dupla de pensar na e pela história da ontologia antiga, destruindo, primeiramente, no sentido positivo de ultrapassagem, as características de tal ontologia. Tendo, assim, como fio-condutor em tal investigação, o filósofo menciona a seguinte passagem (Kant *apud* Heidegger, 2012, p.99): “a coisa ela mesma está sob um denso encobrimento”³³³⁴, ou seja, a questão do “ser” a fim de se alcançar as experiências originárias das determinações inaugurais do “ser” na história. Nesse sentido, a tarefa, para Heidegger, tem o papel de “ver” a história na tradição, naquilo que ela mesma tem de decisivo e com relação ao que é primordialmente decisivo: o “ser”. Dessa maneira, o “ver” também consideraria as limitações da perspectiva ontológica antiga, na dimensão do fio condutor da repetição.

Mais tarde, em “Que é Isto – a Filosofia?” Heidegger também buscará elucidar o significado de destruição como:

abrir nosso ouvido, torná-lo livre para aquilo que na tradição do ser do ente nos inspira. Mantendo nossos ouvidos dóceis a esta inspiração, conseguimos situar-nos na correspondência. (...) O corresponder ao ser do ente é a filosofia.³⁵

A filosofia é, então, o pensamento essencial que sendo provocado pelo “ser”, corresponde ao apelo do “ser”. Enquanto pensar essencial pronuncia a palavra do “ser” ao ente em seu ser, a fim de que a manifestação do “ser”

³³ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p.99.

³⁴ Heidegger cita Kant, especificamente, a “Crítica da razão pura” (Kant, Kr.d.r.V [Crítica da razão pura, 2- ed.], p. 121) ao mencionar acerca da investigação fenomenológica sobre a “coisa mesma” (*die Sache selbst*). (Kant *apud* HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p.99).

³⁵ HEIDEGGER, Martin. “Qu’est-ce que la philosophie?”. In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p. 36.

mediante a aporia da linguagem se desvele na essência do homem. Com relação a isso em "Ensaio e conferências" enfatiza Heidegger:

ao apelo do ser pertence o ter-sido já desvelado (...) bem como o advento velado daquilo que se anuncia, na virada possível do esquecimento do ser (na verdade de seu vigor).³⁶

A filosofia corresponderia, segundo Heidegger, nesse sentido, ao apelo do "ser" através da relação originária do pensar, do poetar e do dizer. Dessa maneira, a filosofia colocar-se-ia a caminho, colocar-se-ia à disposição diante da palavra do "ser". É o "ser", então, que convoca o pensamento e que apresenta o apelo para morar na linguagem. Aclara Heidegger, "este co-responder é um falar. Está a serviço da linguagem".³⁷ Isso pode ser entendido como a própria filosofia encontra-se a serviço da linguagem no seu pensar e dizer sobre o ente enquanto tal no horizonte da questão do "ser".

Mas como o pensamento essencial pode chegar a linguagem mediante a fala? Que linguagem é essa? O filósofo exalta a experiência grega da linguagem, enquanto "logos"³⁸, como o lugar privilegiado de escuta ao apelo do "ser". Destaca o filósofo:

Mas pelo fato de a poesia, em comparação com o pensamento, estar de modo bem diverso e privilegiado a serviço da linguagem, nosso encontro que medita sobre a filosofia é necessariamente levado a discutir a relação entre pensar e poetar. Entre ambos, pensar e poetar, impera um oculto parentesco porque ambos, a serviço da linguagem, intervêm por ela e por ela se sacrificam. Entre ambos, entretanto, se abre ao mesmo tempo um abismo, pois "moram nas montanhas mais separadas".³⁹

³⁶ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.161.

³⁷ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.39.

³⁸ Entendemos que em Heidegger a palavra do "ser" é como o "lógos" primordial. Buscaremos refletir sobre essa questão mais adiante neste capítulo da tese.

³⁹ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.40.

Por essa razão, ao filósofo é fundamental o diálogo do pensamento com o poético para compreender a constituição da filosofia e a própria filosofia que está a caminho para o “ser”. É mediante o desvelamento do poético na linguagem que se manifesta o “apelo do ser” ao ente em sua essência. Com base nisso, se prepara o pensamento para se escutar o apelo do “ser” e para se colocar a caminho mediante a linguagem. Como vimos, a filosofia ao erigir a tarefa do pensamento, em sua experiência originária do pensar, para Heidegger, coloca-se para além das supostas verdades, propondo as questões em abertura de diálogo. Compreendemos, nesse sentido, que a proposta de Heidegger é também que o pensamento torne-se cada vez mais pensamento e se coloque em marcha rumo ao essencial.

Tendo isso em vista, assinala Heidegger:

(...) precisamos reconquistar sempre novamente, ou até mesmo, desenvolver pela primeira vez para a nossa linguagem o poder velado de nomeação do essencial.⁴⁰

Para Heidegger, o caminho de pensamento para o essencial deve considerar o método fenomenológico na forma do “passo de volta”, que pode ser compreendido como um movimento do pensamento essencial para o próprio pensar do “ser”. Elucida Heidegger no ensaio “A coisa” em “Ensaaios e Conferências” a natureza de tal caminho:

o caminho pode ser, no máximo, caminho do campo, caminho que atravessa o campo, que não apenas fala de renúncia, mas que já renunciou à exigência de uma doutrina constrangente, de uma produção cultural válida ou de um ato do espírito. Tudo repousa no passo atrás, ele mesmo muito errante, em direção ao pensamento, que cuida da virada do esquecimento do ser, a qual se prenuncia no destino de ser.⁴¹

⁴⁰ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia: (“problemas” seletos da “lógica”)*. Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p.194.

⁴¹ HEIDEGGER, Martin. “A coisa”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. pp. 162-163.

O passo de volta é o retorno aos fundamentos da metafísica para se instaurar o pensamento cada vez mais essencial. Busca compreender também a própria essência da metafísica, elucidada, especialmente, por Heidegger, em seu escrito relevante "Que é metafísica"? referindo-se ao caráter do diálogo de Heidegger com a história do pensamento ocidental.

O passo de volta parte do impensado na história da metafísica (a época da técnica moderna, por exemplo, não pensa a diferença ontológica entre o ente e o "ser") para o que deve ser pensando: a questão do "ser". Assim, o passo de volta tem como ponto de partida o próprio "esquecimento do ser" (*Seinsvergessenheit*), em que a verdade do "ser" residiria como "abismo" (*Ab-grund*) por conta do abandono da questão do "ser" na história do pensamento ocidental caracterizado pelo velamento da diferença entre ente e "ser". Segundo Heidegger tal passo de volta demonstra-se, então, "como uma espécie de movimento do pensamento e um longo caminho".⁴² É nesse sentido que o passo de volta, conforme o filósofo: "se movimenta para fora da metafísica e para dentro da essência da metafísica".⁴³

Em 1949, o filósofo enfatiza uma introdução ao texto "Que é metafísica" (*Was ist Metaphysik?* 1929) com o título "O Retorno ao Fundamento da Metafísica". Neste texto, então, ressalta-se o pensamento em sua experiência originária, que retorna aos fundamentos da metafísica, mediante a superação do objetivismo da metafísica que confunde o ser com o ente e não pensa dignamente a questão "ser". Nessa perspectiva, segundo o filósofo, é importante que se enfatize a diferença ontológica entre "ser" e ente para se instaurar a questão do "ser", visto que segundo Heidegger: "a metafísica se move, em toda parte, no âmbito da verdade do ser que lhe permanece o fundamento desconhecido e infundado".⁴⁴

⁴² HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.189.

⁴³ HEIDEGGER, op. cit., p.190.

⁴⁴ HEIDEGGER, Martin. "Posfácio". In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p. 67.

Ora, se a pergunta “Que é metafísica?” é instaurada como uma interrogação fundamental que ultrapassa a própria questão metafísica, visto que nasce de um pensamento originário fundado na superação da metafísica, e sobre isto atesta Heidegger: “a pergunta ‘O que é metafísica?’, ou seja, o pensamento que vem dela não é mais ciência”⁴⁵; podemos, então, perguntar: o pensamento que pensa originariamente para além da metafísica é fundador da questão essencial da arte? A tarefa do pensamento é única nesse caminho do filosofar de Heidegger?

Heidegger põe-se em busca de um pensamento que experimente originariamente a verdade do “ser”. Esse pensamento é dócil ao apelo do “ser”. Ele é conclamado pela palavra do “ser” e corresponde a este apelo. Tal pensamento originário, para Heidegger, busca a palavra na vigência do “ser” e a diz originariamente.

De acordo com o filósofo:

o dizer do pensamento vem do silêncio longamente guardado e da cuidadosa clarificação do âmbito nele aberto. De igual origem é o nomear do poeta. Mas, pelo fato de o igual somente ser igual enquanto é distinto, e o poetar e o pensar terem a mais pura igualdade no cuidado da palavra, estão ambos, ao mesmo tempo, maximamente separados em sua essência. O pensador diz o ser. O poeta nomeia o sagrado.⁴⁶

O dizer do pensamento advém originariamente do silêncio resguardado na palavra originária na vigência do “ser” em que na abertura ou desvelar inaugura-se na história. Para Heidegger: “o silêncio como agradecimento – pensamento e poesia”.⁴⁷ Tanto o pensar como o nomear do poeta são da mesma origem: a palavra originária da verdade do “ser”. Possuem uma unidade originária na palavra essencial que emerge da

⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. *Wegmarken*. Band 9. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976. p.421, tradução nossa.

⁴⁶ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.72.

⁴⁷ HEIDEGGER, Martin. *Zum Wesen der Sprache und zur Frage nach der Kunst*, Band 74. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann Gmb H, 2010. p.63, tradução nossa.

vigência do “ser”, no entanto cada um ao seu modo de ser. Como Heidegger atesta: “a palavra do pensamento é essencialmente diferente da palavra da poesia”.⁴⁸ Isso significa que na história do “ser”⁴⁹ cada qual tem o seu fim (τέλος) originário, no sentido grego. O pensador diz o “ser” e o poeta através da palavra poética que é dada pelo narrar inaugural dos deuses convoca o sagrado na terra para a instauração da unidade originária.

À luz disso, presenciamos também o horizonte de abertura hermenêutica do pensamento de Heidegger a partir da indicação da questão “Que é metafísica?”, que se coloca em abertura e para além da própria análise metafísica, com o propósito de dimensionar o pensar para a relação originária entre o pensamento e o poético no âmbito da questão do “ser”.

Com isso, podemos, então, observar que no “Posfácio” do escrito “Que é Metafísica?” (1929), antes da “virada” no pensamento de Heidegger, ocorrida na década de 30, apresenta-se inicialmente o diálogo, embora não tão desenvolvido, entre o “poetar” e o “pensar”. Nessa perspectiva de se colocar em abertura o diálogo do pensamento e do poético, o filósofo menciona a última poesia do último poeta da Grécia antiga: “Édipo em Colono” (401 a.C), de Sófocles, a fim de se pensar a questão do “ser” que confere plenitude aos entes (Sófocles *apud* Heidegger, 1999, p.73):

Mas agora cessai e nunca mais para o futuro
O lamento suscitai;
Pois, em todos os quadrantes, o que aconteceu
[retém junto a si

⁴⁸ HEIDEGGER, Martin. *Zum Wesen der Sprache und zur Frage nach der Kunst*, Band 74. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann Gmb H, 2010. p.72, tradução nossa.

⁴⁹ Com a virada no pensamento de Heidegger ocorrida em meados da década de 30, o pensador do “ser” passa a apresentar o termo alemão “Geschichte des Seins” para referir-se a dimensão da história do “ser”. Tal característica busca apontar para o horizonte do acontecimento ou essenciação da verdade do “ser” originariamente na história em sua totalidade. O filósofo alemão não apresenta o termo alemão “Historie” para anunciar acerca da essenciação da verdade do “ser” na história, porém, emprega o termo alemão “Geschichte”. Vale ressaltarmos que tais palavras tem o significado de “história”, mas, conforme o pensador do “ser”, “Historie” está circunscrita no âmbito da objetividade da história, do historiográfico, não visando ao futuro. Assim sendo, o termo “Geschichte” aponta para a história de modo essencial. Dessa maneira, demonstra-se como o termo mais indicado para referir-se ao horizonte da essenciação da verdade do “ser”.

Guardada uma decisão de plenitude.⁵⁰

Tendo como ponto de partida tal poesia essencial, Heidegger pensa acerca do enigma do destino do "ser" no seu vir ao encontro do ente enquanto tal. Tal destino na história da metafísica guarda em si uma decisão de plenitude no desvelamento do "ser", isto é, na verdade do "ser". Por sua vez, nesse sentido, no escrito "O Retorno ao Fundamento da Metafísica", Heidegger assinala: "o ser se manifestou num desvelamento (*alétheia*)".⁵¹

Como se vê, Heidegger busca realizar a superação da metafísica mediante o pensamento essencial acerca da questão do "ser", desse modo, o filósofo necessariamente se põe a caminho do desvelamento do "ser" em seu encontro ao ente em sua essência. Acerca disso afirma Heidegger em "O Retorno ao Fundamento da Metafísica":

no pensamento da verdade do ser a metafísica está superada. Torna-se caduca a pretensão da metafísica de controlar a referência decisiva com o ser e de determinar adequadamente toda a relação com o ente enquanto tal. Esta "superação da metafísica", contudo, não rejeita a metafísica.⁵²

Com a instauração da questão da verdade do "ser", não está em jogo somente a filosofia, mas sobretudo, a essência do homem. Em face disso, o filósofo ressalta que a "época da técnica moderna" dimensiona o surgimento da despersonalização do filosofar. Surgimento este iniciado na metafísica, conforme podemos verificar em alguns escritos de Heidegger, tais como: "Que é metafísica?" e "A superação da metafísica". Tal fato coloca a filosofia em "amarras interpretativas", em que não é concedido a

⁵⁰ HEIDEGGER, Martin. "Posfácio". In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.73.

⁵¹ HEIDEGGER, Martin. "O Retorno ao Fundamento da Metafísica". In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p. 77.

⁵² HEIDEGGER, Martin. "O Retorno ao Fundamento da Metafísica". In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p. 78.

ela, com propriedade, a possibilidade de “abertura hermenêutica” para cumprir a sua função, qual seja: instauração da tarefa do pensamento.

Em face da filosofia recuada e aparentemente limitada por cercos impostos pela metafísica no esquecimento do “ser” faz-se necessário convocá-la para um “lugar espaçoso”, em que a sua função de “filosofar” apresente-se com a dimensão e a liberdade hermenêutica, em que ela exerça seu caráter com plenitude. Onde a filosofia como pensar em seu vigor essencial venha erigir a tarefa do pensamento: a questão do “ser”.

Heidegger apresenta uma postura metodológica que busca pela essência daquilo que é posto em questão, considerando toda a conjuntura da história do “ser” em seus questionamentos. O caminho fenomenológico percorrido por Heidegger demonstra-se como a tarefa de “deixar-ser” em abertura às próprias questões colocadas pelo autor. Assim, a abertura hermenêutica caracteriza também a sua postura transcendental, que se demonstra enquanto meta na ultrapassagem da perspectiva que olha apenas para o ente enquanto ente. Na obra “Marcas do caminho” (*Wegmarken*, 1967), Heidegger aclara, então, o sentido da ultrapassagem: “transcendência significa ultrapassagem. Transcendente (transcendendo) é aquilo que realiza a ultrapassagem, que se demora no ultrapassar”.⁵³

Verificamos, desse modo, a partir desse pano de fundo fenomenológico, que a questão primordial elencada também se dá no seguinte viés: no horizonte mesmo da analítica existencial do “Dasein” a pergunta a ser feita por Heidegger irrompe como pergunta pelo sentido do “ser”. Todas as questões movem-se no caminho da pergunta pela essência do “ser”, inclusive, a analítica existencial do “Dasein”, refletida na década de 20 no pensamento de Heidegger. Nesse sentido, o próprio problema do “ser” seria a base do desvelamento da característica transcendental do homem. Por sua vez, a perspectiva transcendental fora desenvolvida em

⁵³ HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 149.

Heidegger, especialmente, em “Ser e Tempo”, em 1927, a partir da noção de “Dasein” em sua abertura ontológica como projeto lançado para o futuro. Desse modo, Heidegger apresenta, primordialmente, a sua investigação ontológica acerca do “Dasein” na temporalidade e busca elucidar o tempo em sua essência enquanto o horizonte transcendental da questão primordial do “ser”.

Em “Sobre a Essência do Fundamento” que emerge no ano de 1928, simultaneamente, com a preleção “Que é Metafísica?” (que fora pronunciada no ano seguinte), Heidegger assinala:

a essência ôntico-ontológica da verdade em geral, desta maneira necessariamente bifurcada, somente é possível junto com a irrupção desta diferença. (...) a este fundamento da diferença ontológica designamos (...) transcendência do ser-aí.⁵⁴

Esta postura transcendental assumida pelo filósofo no instaurar de suas interrogações fundamentais constitui também a natureza ontológica do caminho hermenêutico-fenomenológico da filosofia de Heidegger, o que vem, todavia, distanciá-lo da perspectiva lógico-gnosiológica de Edmund Husserl. O distanciamento entre Heidegger e Husserl é caracterizado, sobretudo, pela postura transcendental heideggeriana do permanecer em uma direção ontológica em sua fenomenologia. Em toda a dimensão da existência já é desenvolvida a transcendentalidade. E Heidegger elucida isto, especialmente, através da sua analítica existencial. Nesse sentido, podemos compreender que a fenomenologia em Heidegger constitui-se como um desvelar do que essencialmente sempre está a caminho. Desse modo, a transcendentalidade não consiste na intelectualidade do sujeito, na radicalidade da subjetividade, como seria para a fenomenologia husserliana, mas na pré-compreensão do “ser” que há no “Dasein”.

⁵⁴ HEIDEGGER, Martin. “Sobre a essência do fundamento”. In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p. 120.

Como vimos, a fenomenologia de Heidegger desenvolve-se no horizonte da dimensão transcendental. Especialmente na obra “Ser e Tempo”, o viés ontológico irrompe no horizonte da “ontologia fundamental”⁵⁵ ou ainda “ontologia do Dasein”, visto que a pergunta pelo “ser” deve conduzir o “Dasein”. É mediante a pergunta pelo “ser” que se pode pensar, inclusive, essencialmente o “Dasein” em sua transcendentalidade. O sentido da transcendentalidade também já havia sido indicado no pensamento de Heidegger nas páginas iniciais de “Ser e Tempo”, quando o filósofo⁵⁶ está a refletir sobre o “O sofista” (244^a) de Platão⁵⁷ e, então, destaca que é necessário repetir a pergunta pelo sentido do “ser” para se compreender o que acontece com o ente:

temos hoje uma resposta à pergunta sobre o que pretendemos significar propriamente com a palavra “ente”? De modo algum. Assim, é preciso, pois, refazer a *pergunta pelo sentido de ser*.⁵⁸

É necessário recolocar a questão do “ser”, haja vista que a não compreensão do ente em sua essência dá-se, especificamente, pelo esquecimento do “ser”. Por isso, já nas páginas iniciais de “Ser e Tempo”, Heidegger apresenta a indicação do esquecimento do “ser”:

estamos hoje ao menos perplexos por não entender a expressão “ser”? De modo algum. Então, antes do mais,

⁵⁵ Entende-se a “ontologia fundamental” ou “ontologia do Dasein” no sentido de que busca a dimensão fundamental e aquilo que conduz o ente, isto é, o “ser”.

⁵⁶ Heidegger reflete acerca do pensamento de Platão justamente por ver que a questão do “ser” não é uma questão qualquer. Tal questão fora instaurada no primórdio do pensamento de Platão e Aristóteles, mas não fora pensada essencialmente, caindo então no esquecimento da representação. Por essa razão, a necessidade de repetição da questão do sentido do “ser”. Acerca da dimensão do “Sofista” para o pensamento de Heidegger, recomendamos a obra de Martin Heidegger intitulada “O sofista”. Cf. HEIDEGGER, Martin. O sofista. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

⁵⁷ Recomendamos a obra: PLATO, Euthydemus. Sophist. Introdução, tradução e notas de Nicholas P. White. Indianapolis: Hackett Publishing, 1993.

⁵⁸ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p.31.

cumprir despertar de novo um entendimento para o sentido dessa pergunta.⁵⁹

O filósofo emprega, então, o termo “zu wecken” no sentido de despertar para elucidar o caminho ontológico de repetição da pergunta pelo “ser”. Nesse sentido, “Ser e Tempo” inaugura a elaboração concreta da pergunta pelo sentido de “ser” e instaura a interpretação do tempo como o horizonte possível de todo entendimento do “ser em geral” no “Dasein”, no horizonte da abertura do “ser” na história. Desse modo, as obras que irrompem na década de 20 vem tratando sobre as questões elucidadas em “Ser e Tempo”, buscando de algum modo aclará-las e já preparando o caminho para o abandono da *terminologia* “ontologia fundamental” ou “ontologia do Dasein”. Tal abandono, que se consagraria na “virada” no pensamento de Heidegger ocorrida na década de 30, vem ressaltar o caminhar de Heidegger para cada vez mais um pensar essencial.

O filósofo Benedito Nunes de modo excepcional enfatiza que

Heidegger não abandonou a idéia do *dasein*, isto é, a idéia do homem como ser-no-mundo, de que a linguagem e a temporalidade são as categorias fundamentais, quando saiu do terreno antropológico da analítica existencial de *Ser e Tempo* para a ontologia, pela primeira vez precisada nas *Cartas Sobre o Humanismo* (1947)⁶⁰.

Conforme veremos, a partir da “virada” no pensamento de Heidegger na década de 30, o sentido hermenêutico heideggeriano assumirá novos questionamentos, mas sempre reconhece a abertura do “ser” na história. Esta perspectiva está relacionada ao caminho hermenêutico apresentado na obra e pensamento de Heidegger, elucidada desde “Ser e Tempo”. Mediante o estar a caminho do filósofo, toda e qualquer questão instaurada abre-se para todos em todos os tempos, pois não está ligada a uma época

⁵⁹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p.31.

⁶⁰ NUNES, Benedito. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: editôra perspectiva S.A., 1969. p. 76.

determinada, mas ao destino historial do “ser”. Assim sendo, o instaurar da pergunta pela verdade do “ser” na história ultrapassa a lógica dos entes, ela é, por isso, necessariamente ontológica para se instaurar a questão primordial. O limite interior da metafísica é que o questionar do ente enquanto tal que não questiona a verdade do “ser”. Há o sombreamento do “ser” pelo ente. Nesse sentido, o abandono do “ser” ao ente consiste na primazia exclusiva do ente em sua entidade, o que caracteriza, especialmente, a época da técnica moderna.

1.2. Verdade e arte

Martin Heidegger é comumente reconhecido como um dos maiores pensadores do século XX, por meio dele a filosofia é posta como desafio para os séculos seguintes, no que concerne a se pensar o papel do pensamento em face da história daqui em diante. Foi também um grande pensador da ontologia e da arte, ao nosso ver. As preocupações estéticas em Heidegger são recolocadas ontologicamente em seu pensar sob o viés da “Poesia” (*Dichtung*), seguindo de maneira decisiva a poesia de Hölderlin e a fenomenologia a fim de consagrar o seu pensamento enquanto tarefa. Cabe clarificar que as suas investigações com a relação entre o pensamento e a poesia, assim como com relação a história emergem no diálogo com pensadores do saber grego primordial. No horizonte do debate acerca da “origem”, ele institui novos modos de se pensar a relação entre a ontologia, a fenomenologia, a linguagem e a arte, expandindo, sem dúvida, as questões do pensamento para além da análise estética e filosófica da arte no caminho para a essência (*Wesen*), visto que para Heidegger o cerne da reflexão sobre a arte é uma questão de essência.

As obras analisadas, ao longo da tese, buscam elucidar as características fundamentais de seu envolvimento com o cenário artístico e poético. Propiciam-nos também vislumbrar a herança do saber grego

primordial no pensamento de Heidegger ao se instaurar a questão primordial do "Ser e da verdade". Nesse sentido, desde seus escritos na década de 30, observamos que o passo de volta em seu caminhar visou analisar, especialmente, os pensadores fundamentais: Anaximandro, Heráclito e Parmênides, uma vez que os aportes enfatizados em seu caminho expõem fragmentos importantes desses pensadores em que a questão do "logos", da essência da "poiesis"⁶¹ e do "mito" vem ao encontro na tarefa do pensamento. Ao mesmo tempo, o senso crítico de Heidegger destacará as suas próprias limitações nessa ultrapassagem pela tradição metafísica. No entanto, o que se tem em vista é que a própria história em sua essência prepara o impulso decisivo em face da indigência para a ultrapassagem na escuta do apelo do "ser".

Da indigência emana a necessidade do primeiro início e a necessidade de um outro questionamento. A indigência, para o filósofo, é um modo de ser. É, assim, da indigência que se irromperia no pensador e no poeta a necessidade de se iniciar o início do pensamento ocidental. Isto é, é da falta, da fuga dos deuses que emergiria a urgência de se rememorar o pensar sobre a essência da verdade, pois para Heidegger a "indigência da falta de indigência", ou seja, o abandono do ser do ente desperta para a necessidade do questionamento acerca da verdade do "ser". O que Heidegger realizaria primeiramente pensando sobre a essência da verdade. Nessa perspectiva, Heidegger, ao pensar sobre o fim da filosofia no sentido da metafísica tradicional como "ontoteologia"⁶² em que a "alethéia" fora aclarada como correção (*homoiosis*), ultrapassa tal metafísica tradicional para um outro princípio: a "alethéia" sendo pensada em seu modo de ser originário da verdade. Isto é, no sentido do desvelamento da verdade do "ser" como

⁶¹ Compreendemos o termo grego "poiesis" no sentido de ação poética, de produzir.

⁶² É importante ressaltarmos que fora mediante a inspiração dos estudos de Carl Braig que Heidegger adentrara na questão relevante entre a ontologia e a teologia especulativa, enquanto chão sólido da metafísica como ontoteologia. Recomendamos o escrito de Martin Heidegger: "O meu caminho na fenomenologia". Cf. (HEIDEGGER, Martin. *O Meu Caminho na Fenomenologia*. Tradutor: Ana Falcato. Universidade da Beira Interior Covilhã: Lusosofia press, 2009).

clareira em meio ao ente, fazendo luzir a entidade do ente em sua relação originária com o “ser”. Heidegger a clara, nesse sentido, que:

o quadro que mostra os sapatos do camponês, o poema que diz inauguralmente a fonte romana manifestam não somente o que este sendo isolado é como este sendo (...) mas deixam acontecer o desvelamento como tal em referência ao sendo no todo.⁶³

Nessa perspectiva, cabe clarificar que em 1935, na cidade de Freiburg, irrompeu no cenário europeu a conferência “A origem da obra de arte” (*Der Ursprung des Kunstwerks*) como um conjunto de conferências apresentadas tanto em 1935 como em 1936 em Zürich, sendo publicadas somente no ano de 1950 ao se inaugurar a obra fundamental “Caminhos de floresta” (*Holzwege*). Esta conferência se revelou como um passo importante no horizonte da virada (*Kehre*) da marcha do pensamento para a essência. Importa destacar que a virada que acontecera na década de 1930 pode ser caracterizada também como uma virada de cunho hermenêutico, no sentido de que o pensar de Heidegger se abre para a questão velada na história da metafísica: a questão do “ser”, noutras palavras, a pergunta pela essência da verdade que faz pensar a verdade do “ser”. Assim, assinala Heidegger: “a metafísica se move, em toda parte, no âmbito da verdade do ser que lhe permanece o fundamento desconhecido e infundado”.⁶⁴

Tendo como ponto de partida a noção de virada no caminho de pensamento de Heidegger, podemos entender tal marco como o desenrolar de uma perspectiva ontológica poética no horizonte “hermenêutico-fenomenológico” do pensamento de Heidegger. Em Hinos de Hölderlin, Heidegger ressalta: “(...) por intermédio de uma metafísica nova, isto é, de

⁶³ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.141.

⁶⁴ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.67.

uma nova experiência fundamental do Ser”.⁶⁵ E ainda a clara: “esta inclui, em primeiro lugar, a transformação da essência da verdade, em segundo lugar, a transformação da essência do trabalho”.⁶⁶

O caminho de Heidegger a partir da virada orienta-se por uma dimensão ontológica poética, visto que, a ultrapassagem pela metafísica tradicional para o pensamento da verdade do “ser” orienta-se ainda ontologicamente, mas de modo essencial. Heidegger instaura a necessidade da pergunta sobre a essência da verdade mediante o início da história da verdade, a verdade como “alétheia”, que também fora interpretada como correção.

Nesse sentido, compreendemos que em Heidegger, a virada realiza-se como o questionamento essencial acerca da essência da verdade para o interior do “princípio” (*Anfang*) da história da verdade. Heidegger diz: “este princípio é o da filosofia entre os gregos. Foram eles que pela primeira vez, lançaram-se, na poesia e no pensamento, ao questionamento que há de determinar nossa presença”⁶⁷, constituindo-se primordialmente, para Heidegger, como o salto prévio para a essência como forma de através do pensamento essencial se preparar um novo “princípio”.

Para Heidegger, fora o “Dasein” (ser-aí) fundamental dos gregos que experimentara a “alethéia” (verdade para o saber grego) de um modo decisivo. Conforme Heidegger:

os próprios gregos são um povo proveniente da mesma origem, tendo em si o mesmo impulso originário para a origem, para a qual o que é originária se sente impelido, para o mesmo Ser.⁶⁸

⁶⁵ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p. 186.

⁶⁶ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p. 186.

⁶⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.25.

⁶⁸ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.194.

Foram os gregos primeiramente aqueles que experimentaram a verdade em sentido duplo: como desvelamento e no sentido de adequação daquilo que se representa ao ente, como correção. Em face disso, a partir do caminho hermenêutico-fenomenológico trilhado por Heidegger instituiu-se o perguntar essencial diante do conceito tradicional de verdade presente na metafísica que se apresenta no próprio "Dasein" histórico. Sendo assim, fora necessário, segundo Heidegger, a virada no pensamento e no próprio questionamento acerca da essência da verdade, num salto para dentro do início da história metafísica da verdade, uma história do esquecimento do "ser", por meio do qual o "Dasein" ainda atravessa, visto que a verdade como correção se consagra, para Heidegger, como um legado pela tradição.

Vale notar que Heidegger segue um caminho fenomenológico-hermenêutico para pensar a própria história. O problema da história não fora instituído na fenomenologia de Husserl, segundo Heidegger. Isso caracterizaria o distanciamento entre ele e Husserl. Nesse sentido, cabe clarificar ainda o porquê de a fenomenologia caracterizar-se no caminho de Heidegger como "destruição". Sobre isso assinala Heidegger: "destruição não significa ruína, mas desmontar, demolir e pôr-de-lado - a saber, as afirmações puramente históricas sobre a história da filosofia".⁶⁹

Faz-se necessário a destruição da metafísica tradicional sob o viés fenomenológico, o que se constitui também como um diálogo com a tradição. Porém, para o pensador do "ser", propõe-se ultrapassar a própria fenomenologia até então, visto que, segundo Heidegger, Husserl permanecera preso à perspectiva da subjetividade do pensamento ocidental, em que o ente estaria velado em sua essência na história.

O esforço em se pensar seguindo um caminho fenomenológico-hermenêutico em Heidegger aponta a história no âmbito escatológico do acontecimento apropriador (*Ereignis*). Se em "Ser e Tempo" a pergunta pelo

⁶⁹ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.36.

sentido do “ser” fora determinado excepcionalmente pela temporalidade na analítica existencial do “Dasein”, após “Ser e Tempo”, na década de 30, a pergunta pela verdade do “ser” passa a ser, então, determinada não somente por tal aspecto, mas, especialmente, no âmbito do acontecimento apropriador (*Ereignis*). Quanto à essência histórica, primeiramente, em “Ser e Tempo”, Heidegger reconduziria o futuro em relação ao caráter originário do “Dasein” como projeto lançado para a sua possibilidade extrema: a morte, e por outro viés, já na década de 30, a essência histórica revelar-se-ia com relação ao destinar-se da verdade do “ser”.

Assinala Heidegger:

No destinar-se do destino do ser, no alcançar do tempo, mostra-se um apropriar-se trans-propriar-se, do ser como presença e do tempo como âmbito do aberto, no interior daquilo que lhes é próprio. Aquilo que determina a ambos, tempo e ser, o lugar que lhes é próprio, denominamos: das *Ereignis* (o acontecimento-apropriação).⁷⁰

A história em sua essência resguardaria em si mesma a decisão do destino historial em que os pensadores e os poetas, substancialmente, devem escutar o apelo do “ser”. Pois, o poeta “(...) não pode querer não-ouvir a origem”.⁷¹ Pensando sobre a história, Heidegger procura explorar as considerações dos termos alemães “Geschichte” e “Historie” na dimensão ontológica. A história, em sua essência, não é a ciência histórica da historiografia enquanto “Historie”⁷². Ela é no âmbito da “Geschichte” no horizonte do acontecimento apropriador (*Ereignis*). Essa perspectiva da história no pensamento de Heidegger exerceu um papel crítico na sua filosofia, o que refletiria na sua ultrapassagem da perspectiva da estética e história da arte, vistas pelo filósofo no âmbito da metafísica e da

⁷⁰ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.264.

⁷¹ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.190.

⁷² Termo alemão que pode ser traduzido para a língua vernácula também como história.

historiografia e também refletir-se-ia numa importante recepção em seu pensamento do poeta dos poetas: Hölderlin, ao reconhecer a sua poesia essencial como um marco na história em sua essência, a fim de que da indigência instaure-se o esforço do pensamento errante para se rememorar a questão do “ser”.

Além disso, Heidegger entraria em contato, como mencionamos, com a originalidade do pensar grego em sua aurora, o que contribuíra para que ele estabelecesse o salto para a questão da “origem” (*Ursprung*). Dessa maneira, ao lado da obra “A origem da obra de arte”, o escrito “Hölderlin e a essência da poesia” constitui passos importantes para se pensar ontologicamente a essência.

Para Heidegger, a essência originária da verdade fora perdida através do predomínio da verdade como correção na história do Ocidente. Desse modo, a virada em sua vigência caracteriza-se também como o reconquistar o perdido: a essência originária da verdade (*alétheia*) conserva-se; ela, todavia, encontra-se velada para a metafísica. Por sua vez, Heidegger defende que isso indica a necessidade futura do próprio “Dasein” de ser impulsionado em face do esquecimento do Ocidente para a memória (*Andenken*) do apelo da verdade do “ser”.

A dimensão da verdade em Heidegger é investigada em sua co-pertença com a dimensão histórica. A “inessência”⁷³ da decadência do Ocidente desperta o questionamento essencial no pensamento para se voltar à questão primordial, outrora, presente no interior do pensamento grego dos pensadores fundamentais. Segundo Heidegger: “o nosso questionamento crítico gira e se volta para o interior do pensamento grego

⁷³ Utilizamos esta expressão “inessência” quando estamos nos referindo ao termo alemão “Unwesen” que surge na filosofia heideggeriana. Optamos também por traduzir tal termo como inessência, no sentido de essência velada.

inicial”.⁷⁴ Trata-se de um voltar também para a questão da essência histórica, que não se refere a uma consideração historiológica.

Pensando sobre a essência, afirmou Heidegger que ao longo da história do pensamento ocidental: “a essência, dissemos, é aquilo que algo é, τὸ τί ἔστιν (*quidditas*)”.⁷⁵ O pensador do “ser”, todavia, busca distanciar-se dessa perspectiva, consagrada na escolástica, para o pensamento essencial do “ser” mediante a perspectiva da relação entre “origem” (*Ursprung*), proveniência (*Herkunft*) e essência (*Wesen*). Se, por exemplo, a essência é equiparada exclusivamente àquilo que algo é – com o ser-o-que – então, a essência caracteriza aquilo que um ente é como esse ente, mas não a verdade do “ser”, ou seja, permanecendo na compreensão do ôntico e destacando o distanciamento para o questionamento ontológico. Desse modo, o “ser” sendo pensado pelo viés da “origem” (*Ursprung*) revelaria, segundo Heidegger, o “ser” em sua “diferença ontológica” com o ente em sua proveniência essencial. Pensando a essência pela sua proveniência encontra-se, portanto, a concepção do ente com vistas ao seu ser no horizonte do “ser” (*Seyn*). Nesse sentido, já a essência na perspectiva da metafísica tradicional equivale exclusivamente à entidade do ente, a “ousía”, no sentido grego. Nessa perspectiva, Heidegger sentira a necessidade de interpretar o termo “ousía” por essência (*Wesen*), no sentido de vigência.

Apenas nesse saber do “ser” como “vigência” que constantemente se abre e se mostra, é possível e necessária a interpretação mais essencial da entidade do ente. Nesse sentido Heidegger assinala: “devemo-nos voltar para o sendo, pensá-lo nele mesmo a partir de seu ser, mas ao mesmo tempo, através disso, deixá-lo repousar-em-si em sua essência”.⁷⁶ O fato

⁷⁴ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia: (“problemas” seletos da “lógica”)*. Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. pp. 143-144.

⁷⁵ HEIDEGGER, op. cit., p.85.

⁷⁶ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.75.

de “ser” significar precisamente: um desvelar que emergindo mostra-se o ente enquanto tal no sentido de que é o que se mostra. Heidegger enfatiza que por meio da tradução para o romano, a concepção grega do ente em seu ser perdeu-se e se tornou habitual. Por conseguinte, o pensador do “ser” busca, então, realizar uma reviravolta na concepção do “ser”:

essa reviravolta na concepção do ser é tanto mais enigmática porque se realiza totalmente e apenas no quadro da interpretação do seer – e com base nela – conquistada pela primeira vez pelos gregos.⁷⁷

É necessário, nesse sentido, um voltar para se pensar acerca do “princípio” (*Anfang*) que está velado no início (*Beginn*) da história do pensamento ocidental. Segundo Heidegger, esse voltar para o princípio que se apresenta na essência se mostra como em círculo no pensar. A origem não se caracterizaria como um anúncio de antemão de qualquer coisa de futuro, mas, sim, no “provocar” e “convocar” a correspondência entre o “Dasein” histórico e a verdade do “ser” na história. Para Heidegger:

o pensamento do ser como princípio pensa a partir da essência do ser como acontecimento apropriador. Ambos os modos de ser, acontecimento apropriador e princípio, pertencem-se mutuamente.⁷⁸

Por outro lado, haveria, também, uma co-pertença entre “princípio” (*Anfang*) e “origem” (*Ursprung*) no pensamento de Heidegger, pois a partir da década de 30 tais termos são vistos como correlacionados por Heidegger, não se referindo ao primitivo, ao simples início (*Beginn*) da história, mas ao pensar sobre a essência, em que o primordial acontece na história em direção ao novo princípio primordial, em que o pensamento

⁷⁷ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia*: (“problemas” seletos da “lógica”). Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p.92.

⁷⁸ HEIDEGGER, Martin. *Über den Anfang*. Band 70. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2005. p.9, tradução nossa.

coloca-se próximo à origem. Podemos então notar, aqui, uma das bases da fenomenologia do pensador do “ser”. Nessa perspectiva, a pergunta pela origem da obra de arte é uma pergunta pela essência e pela proveniência de sua essência, que retoma necessariamente ao princípio. Conforme Heidegger assinala em “A essência do fundamento”: “o ‘lugar de origem’ desse princípio (...) na verdade ontológica, o que significa, porém, na própria transcendência”.⁷⁹ A verdade do “ser” em sua transcendência essencializa-se poeticamente na história. Nessa perspectiva, o filósofo Benedito Nunes observou que o “Dasein” como: “guardador de rebanho, vive em função do que não é êle próprio – da verdade que o transcende na transcendência da linguagem”.⁸⁰

Heidegger defende que é através do acontecimento poético da verdade do “ser” que se conduz o “Dasein” para a essência; o “Dasein” mesmo enquanto poético, ente privilegiado, encontra-se na intimidade do desvelamento e lançado como projeto. O desvelamento da obra de arte em seu ser está já exposto ao “Dasein” histórico e poético no modo originário da clareira do “ser”, por meio do qual todo o ente enquanto ente, não somente a obra de arte, expõe-se para o “Dasein” e na qual todo o ente também retrai-se.

O ente permanece no “ser”, embora no modo de ser velado. Na “época da técnica moderna” em que os deuses velhos já se foram, manifesta-se um destino velado que perpassa na (e pela) história do “ser” e que destina no transcorrer da história o sagrado e o não-sagrado. Nesse sentido, é somente na proximidade do “ser” que o ente instaura-se na clareira do “ser”. Para Heidegger:

a *Alétheia*, o desvelamento, devem ser pensados como a clareira que assegura ser e pensar e seu apresentar-se recíproco. Somente o coração silente da clareira é o lugar do silêncio do qual pode irromper algo assim como a

⁷⁹ HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.185.

⁸⁰ NUNES, Benedito. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: editôra perspectiva S.A., 1969. pp.76-77.

possibilidade do comum-pertencer de ser e pensar, isto é, a possibilidade do acordo entre presença e apreensão.⁸¹

No entanto, para Heidegger, a clareira é ela mesma ambígua, ela só o é na unidade de desvelamento e velamento. Afirmar o filósofo: “à *essência da verdade como desvelamento pertence este denegar no modo do duplo velar*”.⁸² A verdade em sua forma originária é também não-verdade, sendo exposto, assim, dialeticamente no pensamento de Heidegger.

A clareira e o velamento em sua verdade e intimidade vigora na obra de arte como mundo e terra na essência poética da arte. Isso caracteriza a disputa originária presente no modo de acontecimento da verdade como “pôr-em-obra”. Para o filósofo do “ser”, a essência da verdade é a disputa originária, por meio da qual se é alcançado aquele lugar aberto, dentro de tal lugar aberto a obra de arte situa-se e retira-se para si mesma. Em “A caminho da linguagem” (1959), Heidegger explicita que: “(...) o lugar é o que reúne e recolhe para si”.⁸³ No lugar aberto na obra de arte há a reunião da terra e mundo em unidade originária.

Para compreender-se o sentido originário do lugar aberto na obra de arte é relevante, então, destacar que ele apresenta-se no “entre” (*Inzwischen*) do ente. Isso é um traço essencial de cada ente, o fato que ao aberto que se apresenta no “entre” pertence originariamente a disputa entre mundo e terra, desvelando a essência poética da verdade.

Além disso, Heidegger aclara que a verdade enquanto “alétheia” (desvelamento) é rememorada pelos pensadores e poetas fundadores na história do “ser” para iniciar-se o outro princípio em que a verdade seria

⁸¹ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.105.

⁸² HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.137.

⁸³ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.27.

ainda mais essencial. Em “O acontecimento apropriativo”⁸⁴, Heidegger ressaltara que a “alétheia” indicaria como os pensadores gregos fundamentais haviam experimentado a verdade de modo originário no princípio da história ocidental e tendo como ponto de partida o pensar essencial desse princípio primordial, seria então possível iniciar outro princípio na história do “ser” em que os pensadores e os poetas originários teriam a missão de pensar a verdade de modo ainda mais essencial. Essa constituiria a tarefa de pensar a verdade do “ser” mediante a lembrança do princípio da essência e do habitar na proximidade. O princípio primordial da filosofia ocidental em Anaximandro, Heráclito e Parmênides, manifestaria, então, o primeiro saber da verdade como “alethéia”. Em seu escrito “Über den Anfang”, Heidegger aclara acerca do desvelamento da verdade do “ser”: “(...) a verdade do ser como acontecimento apropriador e princípio”.⁸⁵ Por isso, Heidegger enfatiza a importância de se rememorar o princípio, como uma indicação para o questionamento essencial acerca da essência mais originária da verdade como clareira. O primeiro início estaria, então, consagrado na época dos pensadores primordiais: Anaximandro, Heráclito e Parmênides.

A tarefa de rememorar a essência da verdade é a tarefa do pensamento, sobre isso assinala o filósofo do “ser”, “a realização dessa lembrança é naturalmente mais difícil do que pode parecer à primeira vista”.⁸⁶ Nisto que Heidegger não compreende a verdade a partir do conceito tradicional da verdade como correção na história do pensamento ocidental. O filósofo do “ser” ressalta que a compreensão corrente da verdade como “correção” (no sentido de concordância, conformidade ou

⁸⁴ Recomendamos o escrito com esta tradução. Cf. HEIDEGGER, Martin. *O acontecimento apropriativo*. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Alemanha: Vittorio Klostermann, 2013.

⁸⁵ HEIDEGGER, Martin. *Über den Anfang*. Band 70. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2005. p.9, tradução nossa.

⁸⁶ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia: (“problemas” seletos da “lógica”)*. Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p.276.

adequação) não busca o desvelamento do ente em sua essência, isto é, a essência da verdade. Conforme Heidegger mesmo reflete em “A origem da obra de arte”:

A reprodução do existente exige, por sinal, a conformidade com o sendo, a adequação a este. *Adaequatio* diz a Idade Média, *homoiosis* já diz Aristóteles. Conformidade com o sendo vale há muito como a essência da verdade.⁸⁷

Nesse sentido, a pergunta pela origem da obra de arte irrompe de modo primordial na virada no pensamento de Heidegger, sobretudo, a partir da inauguração da obra “Sobre a essência da verdade” (*Vom Wesen der Wahrheit*, 1930) a fim de se pensar a essência da verdade⁸⁸. Em que, por outro lado, especialmente, desvela-se o círculo fenomenológico como “passo-de-volta” no caminho de pensamento do filósofo. A década de 30 na filosofia de Heidegger ressalta o abandono da terminologia “ontologia fundamental” elaborada em “Ser e Tempo” como uma ontologia do “Dasein”, a fim de se realizar o “passo-de-volta” para a origem. Isso significa pensar a verdade do “ser” e a partir da essência da verdade pensar o ente enquanto tal em sua essência.

Heidegger, então:

realiza o passo de volta; de volta da metafísica para dentro da essência da metafísica; de volta do esquecimento da diferença enquanto tal para dentro do destino do ocultamento da de-cisão, ocultamento que se subtrai.⁸⁹

A ontologia não poderia mais se restringir à dimensão única e exclusivamente do “Dasein” e todos os caracteres ontológicos da existência, tendo como horizonte a temporalidade do “Dasein” como ponto de partida

⁸⁷ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.89.

⁸⁸ HEIDEGGER, Martin. “Sobre a essência da verdade”. In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

⁸⁹ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.200.

para a compreensão do “ser em geral”, pois, para além do “Dasein” enquanto horizonte possível para a exposição do sentido do “ser”, há o pensar acerca da verdade do “ser” que habita em sua morada: a linguagem em sua essência poética. Nesse sentido, em “A origem da obra de arte”, o filósofo principia a questão do enigma da obra de arte, mas pelo caminho que permanece ontológico.

A virada constitui originariamente o caminhar do pensador em “círculo” na história, tendo a questão da essência, especialmente da essência da verdade e da linguagem, como questões basilares para questionar-se essencialmente a origem: a “questão do ser” (*Seinsfrage*). Heidegger enfatiza, por exemplo, em “Poeticamente o homem habita” que “é a linguagem que, primeiro e em última instância, nos acena a essência de uma coisa”.⁹⁰ Nesse sentido, o acesso à essência de todo e qualquer ente nos advém da linguagem em sua essência mediante a “Poesia”. É importante ressaltarmos que é somente na década de 1930, logo após a publicação de “Ser e Tempo” (1927), que o filósofo evidenciará a sua aproximação substancial com o poético.

Estes elementos em conjunto – arte, obra de arte, “Poesia”, linguagem, verdade, “ser” (*Seyn*) – vinham sendo desenvolvidos na mesma época em que Heidegger debruçava-se principalmente sobre a questão da essenciação da verdade do “ser”, o que implicou na superação de uma perspectiva metafísica da própria filosofia como um todo. Nesse sentido, interessa ainda salientar que a missão de Heidegger constituiria a ruptura com um filosofar no âmbito da metafísica tradicional. Para clarificar este ponto, importa dizer que tal ruptura contribuíra para que Heidegger, após “Ser e Tempo”, instaurasse o início de uma trajetória hermenêutica que investigaria temas fundamentais da filosofia, tendo como horizonte a verdade do “ser”. Nessa perspectiva, Heidegger a partir da virada é um

⁹⁰ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.168.

filósofo que dimensiona a sua filosofia ou pensamento essencial instaurando a questão da arte como questão fundamental dentro da perspectiva da verdade do “ser”⁹¹. É, portanto, a partir desse ponto que o autor passa a meditar profundamente a relação da “arte”, “Poesia” (*Dichtung*) e verdade em sua experiência originária.

Ora, desde “Ser e Tempo”, Heidegger passou a percorrer um caminho fenomenológico-hermenêutico⁹² que tratava de temas fundamentais da filosofia tendo como fundamento, primeiramente, o sentido do “ser” que mais tarde assumiria ainda mais a preocupação acerca da fundação da “verdade”. Parece-nos importante mencionar, assim, que o passo atrás para pensar o “princípio” do pensamento é caracterizado também por sua influência com a fenomenologia. Por sua vez, as características fenomenológicas do filosofar de Heidegger são presenciadas, sobretudo, em sua análise da arte, enquanto uma descrição fenomenológica da arte⁹³. Essa

⁹¹ É relevante destacarmos que ao longo do caminho de Martin Heidegger, o termo “sentido do ser” passará a apresentar-se como “verdade do ser”, especificamente, após a virada no seu pensamento para pensar acerca da essência da verdade segundo um pensar cada vez mais essencial.

⁹² Conforme destaca Pöggeler: “Heidegger funda a fenomenologia no ‘compreender’ da vida efectiva, na ‘hermenêutica da efectividade’. A fenomenologia torna-se assim em ‘fenomenologia hermenêutica’. Cf. (PÖGgeler, Otto. *A via do pensamento de Martin Heidegger*. Tradução de Jorge Telles de Menezes. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. p.72).

⁹³ No primeiro capítulo nos propomos a esclarecer uma questão de método (uma questão de caminho) na compreensão da arte em Heidegger. Compreendemos que o caminho para a apresentação da questão do “enigma da arte” é um caminho hermenêutico-fenomenológico. O filósofo Friedrich-Wilhelm von Hermann (organizador das obras completas de Martin Heidegger) defende em sua obra *Il concetto di fenomenologia in Heidegger e Husserl* (*Der Begriff der Phänomenologie in Heidegger und Husserl*) que Heidegger recebe uma influência fundamental da fenomenologia de Husserl, desenvolvendo-a de um modo diferente, não como um novo início da filosofia como ciência rigorosa, mas uma via radical de acesso à verdade. Há, segundo este autor, um radicalismo no interrogar heideggeriano que permanece após a “virada”. Assim sendo, “o último Heidegger não tem pensado com primazia no método fenomenológico e não tem utilizado o termo fenomenologia como caracterização metodológica do próprio pensar. Mas isto não porque abandonou definitivamente o elemento fenomenológico”. Cf. (HERMANN, Friedrich-Wilhelm von. *Il concetto di fenomenologia in Heidegger e Husserl*. Traduzioni di Renato Cristin. Genova-Via Brigata: il melangelo, 1997. p.71). Concordamos com esse autor, e ressaltamos, além disso, que tal caminho hermenêutico-fenomenológico é seguido por Heidegger em sua compreensão ontológica da arte. Existindo, portanto, uma relação fundamental entre o aspecto fenomenológico e a ontologia em Heidegger na própria construção de seu pensamento sobre a arte.

influência situa-se, especificamente, na forma de demonstrar-se a pergunta pela obra de arte.

Entretanto, a relação de Heidegger com uma perspectiva fenomenológica constitui uma fundamental crítica à restrição da filosofia à metafísica. Investigar a arte sob uma descrição fenomenológica é uma reação de Heidegger ao filosofar metafísico da obra de arte de sua época. O autor irrompe com um pensar filosófico que pode ser denominado “modo de ser originário do pensar”, instaurando essencialmente a pergunta pela obra de arte. A compreensão da obra, segundo Heidegger, não se dá através da pergunta fundamental pela coisa e nem pelo viés da finalidade do utensílio.

Mas, o importante para Heidegger é que o viés fenomenológico mediante o pensar sobre o princípio é tão somente capaz de indicar os passos do caminho que pensa a essência (*Wesen*), o que dará luz à uma nova compreensão da obra de arte. A essência do fenômeno da obra de arte é a compreensão do sentido da obra. Para que se obtenha a compreensão do sentido da obra de arte, é preciso que se tenha uma compreensão do ser da obra. A obra de arte é interpretada, então, a partir da verdade do “ser” em Heidegger. O método fenomenológico tem o objetivo de destacar a manifestação da obra de arte em sua essência, não somente este ente, mas todo ente é considerado sob tal viés. Pensando no parágrafo 7º de “Ser e Tempo” podemos ressaltar que “a perspectiva ontológica da obra de arte só é possível como perspectiva fenomenológica da obra de arte”. Desse modo, o propósito metodológico da descrição fenomenológica é a interpretação. Entendemos que a descrição fenomenológica da obra de arte é também relacionada com a hermenêutica em sua proveniência etimológica originária que advém do aspecto interpretativo presente no próprio “Dasein”. Trata-se do fundamento do caminho investigativo de Heidegger.

E nesse sentido, é importante que nos voltemos para a aclaração de Heidegger exposta em “Ser e Tempo” acerca da dimensão da hermenêutica:

a fenomenologia do *Dasein* é uma *hermenêutica* na significação originária da palavra, que designa a tarefa da interpretação. (...) na medida em que o *Dasein* tem precedência ontológica em relação a todo ente – como ente sendo na possibilidade da existência, a hermenêutica, como interpretação do ser do *Dasein*, recebe um terceiro sentido específico – o qual, filosoficamente entendido, é o sentido *primário* – o sentido de uma analítica da existenciariade da existência. Nessa hermenêutica, pois, na medida em que elabora ontologicamente a historicidade do *Dasein* como a condição ôntica da possibilidade do conhecimento-histórico, ela tem suas raízes no que se pode denominar “hermenêutica” em sentido derivado, isto é: a metodologia das ciências de conhecimento-histórico do espírito.⁹⁴

Com isso, a supremacia do sujeito precisa ser desvinculada tanto na compreensão do que seja o homem quanto na análise mesma da arte, visto que sob o viés “fenomenológico-hermenêutico” a subjetividade e o utilitarismo ocultam a questão da essência. O filósofo Benedito Nunes disse, então: “(...) o método fenomenológico, aplicado ao filósofo, desenvolve-se circulamente (...)”.⁹⁵ No pensamento em modo de círculo há uma correlação entre a hermenêutica e a fenomenologia no autor e isto é de suma importância para compreender como ele aborda a questão da arte no interior de sua filosofia.

O que a arte é na sua essência só pode ser instaurado como questão fundamental em Heidegger a partir de uma nova percepção da filosofia, que empreende uma ruptura radical com a tradição da estética, a qual não se pergunta pela obra de arte, mas em parte por uma coisa e em parte por um utensílio. A maneira como a estética considera, em primeiro lugar, a obra de arte está sob o âmbito da interpretação tradicional de todo o ente enquanto tal. Não é de modo algum instaurado o “como” (*Wie*) da obra de

⁹⁴ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. pp.127-129.

⁹⁵ NUNES, Benedito. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: editora perspectiva S.A., 1969. p.83.

arte. Dessa maneira, Heidegger procura distanciar-se da noção habitual da obra de arte. Sobre isso afirma em "A origem da obra de arte":

Porque desconfiamos também deste conceito de coisa que representa a coisa como matéria formada. (...) A distinção entre matéria e forma é, e na verdade nas mais diferentes variedades, *pura e simplesmente o esquema conceitual usado em todas as teorias da arte e da Estética*. (...) Além disso, o âmbito de validade deste par de conceitos ultrapassa há muito e largamente o âmbito da Estética. Forma e conteúdo são os conceitos de tudo, nos quais tudo e cada coisa cabe.⁹⁶

É fundamentado numa hermenêutica fenomenológica que o filósofo realiza um "passo-de-volta" para pensar o primórdio da filosofia grega, elucidando uma perspectiva pré-ontológica e anti-categorial, em que a verdade do "ser" estabelecer-se-ia bem próximo da existência. O filósofo empreende, então, um retorno às concepções pré-socráticas, a fim de destacar a maneira como a filosofia ocidental enquanto metafísica estava estabelecendo um desvio da questão do "ser". A busca de Heidegger é pelo: "(...) o mais antigo da Antiguidade do pensamento ocidental. O originariamente antigo que se oculta no nome de *Alétheia*? (A-létheia)".⁹⁷ A fundação da verdade e a concretização da correspondência conhecimento-realidade fora velada pela instauração da objetividade do ente. Desse modo, a obra de arte não pode ser compreendida em sua verdade enquanto for analisada por uma perspectiva da metafísica tradicional ainda presente na estética como "ser-objeto". Em contrapartida, Heidegger procura apresentar a obra de arte, a partir de certo modo, numa perspectiva da "arché" enquanto princípio (*Anfang*) como anterioridade do "real", ou seja, no sentido kairótico⁹⁸, não cronológico, apontando para o

⁹⁶ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.63.

⁹⁷ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.268.

⁹⁸ No sentido do "kairós", termo grego que refere-se ao tempo oportuno. Afirma Greaves: "o outro termo grego para tempo é *kairos*, o qual designa o tempo certo para a ação no

primordial. E isto só é possível com base no horizonte da verdade do “ser”, que revela também o sentido do “ser-obra” como acontecimento poético em sua relação com a temporalidade do “Dasein”. Daí que também se enfatiza a relação fundamental entre “arte” e “história” em Heidegger. A verdade do ser-obra da obra de arte é compreendida a partir da consideração de que a sua essência tem um caráter histórico. Assim, a obra de arte também seria histórica, ou seja, desvelaria o mundo do povo histórico, no qual ela se manifesta.

A questão da “essência histórica do ente” inspirará profundamente Heidegger desde a década de 20. É essa inspiração que o conduz, especialmente, no sentido de instaurar uma postura crítica em relação a toda e qualquer análise da arte até então, pois, como salienta Hyppollite,

Schiller, Goethe, Schelling abriram o caminho, mas pensavam sobretudo (...) o problema das relações do homem espiritual e da natureza (...).⁹⁹

O filósofo eleva-se até um pensamento sobre a arte que tem a pretensão de ultrapassar a tradição, com isso ele também estabelece um pensamento da história em que também havia sido substancialmente refletido por Herder. Compreendemos que em Herder, a essência da história manifesta-se na história de um povo através da língua materna. Nesse sentido, Herder afirma: “você não podem, portanto, abranger a literatura de um povo sem sua língua, mas você podem conhecer aquela por meio

momento crítico. Aristóteles também fornece uma análise de *kairós*, em seus escritos de ética e retórica. *Kairós* é o que poderíamos descrever como tempo que é *pontuado de uma maneira significativa*. Ele é o tempo visto no que Heidegger chama de um ‘momento de visão’. O ‘momento de visão’ não é algo que aconteça no tempo e não possa ser compreendido em tempos de agora. Ele é não é nada mais do que a temporalidade extática que se estende na temporalização autêntica. Cf. (GREAVES, Tom. Heidegger. Tradução, consultoria e supervisão de Edgar Marques. Porto Alegre: Penso Editora Ltda, 2012. p. 114).

⁹⁹ HYPOLITE, Jean. *Introdução à Filosofia da História de Hegel*. Tradução: Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. p.8.

desta (...).¹⁰⁰ Em Heidegger trata-se, sobretudo, de apresentar uma compreensão da história, em que a tensão entre “terra” e “mundo” revelam o devir da humanidade: a fundação da verdade do “ser”. A questão do “vir-a-ser” é interpretada em Heidegger, principalmente, no contexto da “alétheia” (verdade) como clareira, em que há um movimento entre velamento e desvelamento, um *jogo de mistério* que faz com que a arte, por exemplo, desvele-se na obra de arte, mas também permaneça velada, ou seja, não se esgote. A essência histórica da arte está relacionada, nesse sentido, ao próprio processo criativo da obra de arte em que o “Dasein” juntamente com a obra mantém uma relação de interdependência para que a arte venha emergir, conforme veremos adiante. Mas importa salientar aqui que a arte é essencialmente histórica, visto que a partir da abertura no processo criativo da obra há o desvelar de algo de decisivo na história.

A compreensão da arte de Heidegger estaria, de certa maneira, vinculada a uma perspectiva originariamente ontológica em contraposição àquilo que a estética demonstra amparar-se: a objetividade e também a historiografia, conforme Heidegger. A dimensão histórica da arte emerge, então, em Heidegger a partir, sobretudo, de um voltar para uma perspectiva grega primordial. Embora Heidegger sirva-se de metáforas artísticas para expressar-se, seu propósito seria aquele de *descrever o fenômeno da obra de arte ontologicamente*, de tal maneira que essas metáforas irão enfatizar a busca do autor pela essência da obra de arte. A leitura heideggeriana já caminhava, além disso, numa postura mais crítica em relação à estética, já que ele tentava ultrapassar, como vimos, uma compreensão do “ser-objeto” da obra de arte, empreendendo um desvio da dualidade da teoria do conhecimento que se expressa em sujeito e objeto, em que o artista (sujeito) era o centro da “produção” do objeto (obra de

¹⁰⁰ HERDER, Johann Gottfried. *Escritos sobre Estética e Literatura*. Tradução, Introdução e Notas: Pedro Augusto Franceschini e Marco Aurélio Werle. São Paulo, SP: Edusp, 2019. p.46.

arte). Cumpre ao filósofo também a tarefa de fenomenólogo em face da obra de arte.

Num primeiro momento, o autor procura realizar uma abertura do olhar para o caráter de obra da obra de arte. Nesse sentido, o filósofo procura compreender de uma forma essencial, inicialmente, o caráter instrumental do apetrecho enquanto intermediário para se compreender tanto o elemento coisal da coisa quanto a obra. A obra de arte em sua entidade também é relevante para o autor, a fim de poder analisar o ser-obra da obra de arte. Para compreender-se o ser-obra da obra de arte, faz-se necessário pensar também o ser do ente. É a partir dessa percepção que o filósofo entende que a obra de arte só pode apresentar-se na proximidade do ser humano, se o homem colocar-se na abertura do ser da obra. Heidegger busca repensar, então, o papel da arte, mas colocando sob um outro viés: a autonomia do artista só é pensável no interior do ser-obra da obra de arte, de uma correlação entre artista e obra. No entanto, em Heidegger, tal autonomia do artista é vista sob um outro viés: o artista é em interdependência com a obra. Nesse sentido, o filósofo assinala:

justamente na grande arte, e aqui só se fala dela, o artista posta-se diante da obra como algo indiferente, quase como uma passagem que se auto-aniquila para a pro-dução da obra, no ato de criar.¹⁰¹

Além disso, os conceitos habituais, o óbvio (*das Selbstverständlich*) da arte são barreiras que o autor pretende ultrapassar, isso não significa somente ir além do pensamento centrado no artista, mas também para além de uma concepção historiográfica da obra de arte. E nesse sentido o filósofo realiza um desvio da perspectiva tradicional da estética.

Daí que Heidegger procura desviar-se também da determinação da história ocidental coisal na obra, que havia expandido-se para a percepção de todo ente como coisa. Por isso, para pensar o que é a coisa em sua

¹⁰¹ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. pp.97-99.

essência é preciso pensar o caráter coisal a partir do caráter de obra da obra de arte. Este é um trajeto que conduzirá à coisa através da obra. Nessa perspectiva, a leitura heideggeriana indica que a obra de arte em sua essência aponta para a abertura do ser do ente. O acontecimento da abertura, ou seja, a verdade, irrompe no “ser-obra” da obra de arte. Isso pode ser entendido também da seguinte maneira: o desvelamento da verdade acontece na disputa originária entre “terra” e no “mundo do “ser-obra” da obra de arte, em que há não somente a abertura da obra enquanto obra, mas a abertura do ente em sua essência.

Para o filósofo alcançar uma dimensão essencial histórica da obra é alcançar uma compreensão que transpõe os limites da subjetividade da arte. Somente com essa dimensão que Heidegger poderá, de fato, realizar aquilo que lhe interessa aqui: “a essência da obra de arte”. A obra de arte é essencialmente histórica, isso permite entender como a verdade do ente acontece na obra de arte, como o ser desvelado põe-se em obra na obra. Isso vem a significar, especialmente, que a verdade do ente (obra) instaura-se na concretização da obra de arte. Nessa perspectiva, destaca-se que a questão da arte não surgiu com clareza imediata ao filósofo, mas se constituiu de uma trajetória que se encontra a caminho da linguagem. A problemática da arte está relacionada também à vida de um povo no desvelamento da questão do destino que a arte carrega em si. O destino do “ser” que irrompe na essência da arte seria o “pôr-se-em-obra da verdade”, ou seja, a instauração da verdade enquanto obra de arte na história de um povo. Conforme Heidegger: “o originário da obra de arte, isto significa, ao mesmo tempo, dos que criam e dos que desvelam, isto diz do Entre-ser histórico de um povo, é a arte”.¹⁰²

Por conseguinte, é no inaugurar de um pensar essencial sobre a origem que o pensador do “ser” institui essencialmente a pergunta pelo

¹⁰² HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.199.

"ser-obra" da obra de arte. Conforme Heidegger, a palavra "Ursprung" (origem): "significa fazer eclodir algo, trazer algo ao ser num salto fundador a partir da proveniência da essência".¹⁰³ Como mencionamos anteriormente, a investigação ontológica da obra não se instaura mediante a pergunta pela objetividade da coisa e pela análise do "ser-utensílio" da obra como utensílio, visto que a virada constitui o "passo-de-volta" para pensar a verdade ainda mais essente e, nessa perspectiva, pensar também a essência da obra de arte em seu modo originário de ser. Isso vem a significar o inaugurar de um caminho ontológico essencial no pensamento de Heidegger. Entretanto, importa salientar aqui que a ênfase de Heidegger, nesse momento, não se intitulará mais como "ontologia fundamental" para pensar-se a essência do ente, mas permanecer-se-á o percorrer de um caminho ontológico.

A analítica existencial instituída em sua "ontologia fundamental" fora abandonada por Heidegger, visto que para inaugurar-se a pergunta fundamental acerca da "essência da verdade" na "época da técnica moderna" seria necessária uma volta para pensar-se a origem, ou seja, não somente perguntar pelo sentido do "ser" mediante o "Dasein" em sua temporalidade (a ontologia fundamental como uma ontologia do 'Dasein'), mas perguntar a questão do "ser" a partir da "essência". Daí é que Heidegger volta-se especialmente para aquilo que ele denomina como "morada do ser": a linguagem. A linguagem em sua essência, não a linguagem instrumental da época da técnica, pois somente a linguagem que é essencialmente poética poderia convocar para a proximidade do "ser". Nesse sentido, é importante lembrar o que Heidegger diz em "Hinos de Hölderlin": "(...) na triviliadade quotidiana do ser-aí, estamos expulsos da poesia".¹⁰⁴ Por isso, Heidegger enfatiza a importância do "passo-de-volta"

¹⁰³ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.199.

¹⁰⁴ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.30.

para a origem, no entanto, tendo como fio condutor a questão do esquecimento do “ser” como impulso para este caminho do pensar em círculo.

O modo de ser da linguagem instrumental está relacionado de modo fundamental ao advento do esquecimento do “ser” na história do pensamento ocidental. Especificamente, na “época da técnica moderna” a linguagem instrumental instaura-se como porta-voz do pensamento científico. Por sua vez, no caminho de Heidegger é importante notarmos que o filósofo tem como ponto de partida a essência da linguagem: a “Poesia” (*Dichtung*) para inaugurar-se a pergunta pela questão essencial da verdade do “ser”. Compreendemos, então, que é somente mediante a relação entre o ontológico e o poético que se pode instaurar a pergunta primordial.

Com isso, podemos afirmar também que a virada na filosofia de Heidegger é como uma abertura para a tarefa do pensamento acerca da essência. É importante indicarmos que tal abertura hermenêutica advém originariamente da abertura do “Dasein” que apresenta já a “pré-compreensão” do “ser”. Assim, podemos afirmar que tal pré-compreensão presente no “Dasein” indica a dimensão poética que também o constitui. Pensando a partir do §34 de “Ser e Tempo”, é importante salientar a seguinte aclaração de Heidegger: “a comunicação das possibilidades existenciárias do encontrar-se, isto é, o abrir a existência, pode tornar-se o próprio alvo do discurso ‘poetizante’ [*dichtenden Rede*]”.¹⁰⁵ Dessa maneira, a abertura da existência caracterizar-se-ia enquanto uma abertura para as possibilidades de ser do “Dasein” como projeto no horizonte mesmo do poético.

É relevante determo-nos ainda, nesse momento, ao fato de que depois de “Ser e Tempo”, especificamente, no escrito “A origem da obra de

¹⁰⁵ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p.459.

arte”, o pensador instaura a questão do “ser” tendo como ponto de partida a pergunta pela “origem” no sentido do termo “Ursprung”, que temos traduzido aqui por “origem”. A questão da origem é a questão pela verdade do “ser” que se desvela enquanto acontecimento (*Ereignis*) historial na obra de arte. Por isso, ao voltar o passo para o enigma da obra de arte que habita na origem (*Ursprung*), o filósofo inaugura a questão do “ser-obra” da obra de arte enquanto um dos modos do acontecimento poético da verdade do “ser”, ou seja, de essenciação poética do “ser” no ente.

Parece-nos importante acentuarmos, aqui, que há uma relação importante entre os termos “Ursprung” (origem), “Wesen” (essência) e “Herkunft” (proveniência) no pensamento de Heidegger, especialmente, no escrito “A origem da obra de arte”. Aproximemo-nos mais detidamente dessa reflexão. Em Heidegger “Ursprung” (origem) indicaria aquilo que se refere à origem de algo, como algo é o que é, sendo já pensado na poesia de Hölderlin como aquilo que está “junto ao coração”, a origem é, então, guardada na memória do coração. Em “Poeticamente o homem habita”, Heidegger destaca um dos versos quando o poeta dos poetas, Hölderlin, afirma “junto ao coração” e não se refere somente ao “coração”. Heidegger medita no verso de Hölderlin (Hölderlin *apud* Heidegger, 2012, p.180): “*enquanto perdurar junto ao coração a amizade, Pura...*”.¹⁰⁶ Conforme Heidegger:

Hölderlin diz, numa expressão por ele muito apreciada, “junto ao coração” e não “no coração”. “Junto ao coração” significa o que advém nessa essência do homem de ser aquele que habita, o que advém como apelo da medida junto ao coração de tal maneira que o coração se volte para essa medida.¹⁰⁷

¹⁰⁶ HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.180.

¹⁰⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.180.

O poético não se desvela primordialmente em qualquer época. Heidegger fala da aurora da antiguidade grega como um dos exemplos fundamentais em que o poético aconteceu propriamente, em que “palavra” (*lógos*) e “mito” desvelavam-se em unidade de sentido, ou seja, o mito era originariamente palavra, conforme veremos mais adiante no capítulo terceiro da tese. Nesse sentido, a época em que Heidegger destaca que o poético acontece essencialmente é uma época que o “Dasein” desvela-se no seu modo de ser poético, isto é, habita poeticamente. Tal questão pode ser pensada a partir da elucidação de Hölderlin (Hölderlin *apud* Heidegger, 2012, p.180) nos versos 26 a 29 de seu poema do “No azul sereno floresce...” (*In lieblicher Bläue...*): “...Enquanto perdurar junto ao coração a amizade, Pura, o homem pode medir-se sem infelicidade com o divino...”.¹⁰⁸

Essencialmente “junto ao coração” refere-se ao que se origina na essência (*Wesen*) presente também no ser humano como o ser que habita poeticamente mediante a essência da linguagem. O habitar advém essencialmente como convocação do “ser” para a medida junto ao coração “(...) de tal maneira que o coração se volte para essa medida”.¹⁰⁹ Ora, o “junto ao coração” em Heidegger parece remeter à própria questão da essência da verdade.

Tendo como ponto de partida a relação entre “ser” e “verdade” (*alétheia*) Heidegger pergunta pela essência, o “junto ao coração” da obra de arte. Nessa perspectiva, cabe mencionar que na importante conferência de 1930, intitulada “Da essência da verdade”, o filósofo destaca que a compreensão tradicional da essência da verdade, na tradição metafísica pós-grega, como mencionamos, é apresentada no sentido de “concordância” entre aquilo que se diz e o que se está diante do homem.

¹⁰⁸ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p. 180.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p.180.

Por isso, faz-se importante analisarmos também o fragmento 16 de Heráclito. A partir dessa investigação, Heidegger busca anunciar a palavra “aletheia” em seu modo de ser originário. A dificuldade que há para analisar-se este escrito é que na atualidade há somente fragmentos. No entanto, tais fragmentos são de extrema importância para o pensamento de Heidegger. Ressalta o pensador do “ser” o fragmento 16 de Heráclito que considera como se fosse o primeiro no sentido de primordial (Heráclito *apud* Heidegger, 2012, p.229): “como alguém poderia manter-se encoberto face ao que nunca se deita (declina)?”.¹¹⁰ Para Heidegger, a partir desse fragmento indica-se o velamento e o desvelamento que pertence a essência da verdade como clareira do “ser”. Sobre isso assinala o filósofo:

A expressão (...) o que a cada vez já não declina, significa ambos: descobrimento e encobrimento, não enquanto dois acontecimentos distintos e reunidos por uma simples ordem sucessiva, mas como um e o mesmo acontecimento.¹¹¹

Para o pensador do “ser”, o caminho de pensamento é um constante voltar-se para a questão da essência. Dessa maneira, os pensadores originários e os poetas fundadores são determinantes para a compreensão da unicidade entre pensar, poetar e dizer na proximidade da essência, ou seja, da essenciação da verdade do “ser” como acontecimento poético. Seguindo essa perspectiva, pergunta-se: qual seria, então, a importância das palavras de Heráclito? Conforme Heidegger, a história da filosofia não anuncia o essencial das palavras deste pensador originário, mas destaca o contexto da metafísica tradicional na articulação de conceitos sem fundamento. Embora Heráclito possa ser reconhecido como “obscuro” devido o modo de reunião de seus escritos em fragmentos, o essencial pode ser pensado e é digno de questão.

¹¹⁰ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.229.

¹¹¹ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.238.

Para Heidegger, Heráclito é o iluminado, o claro, visto que a partir de suas palavras há "(...) pronuncia o iluminador e esclarecedor, convocando o seu aparecer à linguagem do pensamento".¹¹² Heidegger denomina também de clareira tal iluminador (verdade). Pensar sobre a clareira e a tudo a que ela pertence, o como e onde ela acontece, isto constitui a tarefa do pensamento.

Nessa perspectiva, como vimos, e consideramos ser importante ainda nos determos, a questão da verdade constitui um dos aspectos centrais do caminho ontológico de Heidegger, pois, a partir da pergunta pela verdade do "ser", o filósofo instaura a diferença ontológica entre o "ser" e o "ente", inaugurando, assim, o seu projeto de superação da metafísica mediante a consideração ontológica da "Poesia" (*Dichtung*).

Este passo também inclui a própria ultrapassagem da metafísica da obra de arte. Com isso, partindo da pergunta pela verdade do "ser", Heidegger pergunta pela essência da obra de arte e pela essência do próprio "Dasein", com base em seu habitar no mundo. Desse modo, é importante mencionarmos que há a instauração de um "pensar" mais originário no caminho ontológico do pensador. Sobre o modo de ser originário deste outro pensar, Heidegger o pensa em relação com a essência da filosofia, como se buscou elucidar em alguns aspectos no primeiro tópico do capítulo primeiro desta tese: "Questão e caminho". Mas, pensaremos ainda estas questões mais adiante. Por ora, faz-se necessário demorarmos na relação fundamental da questão da verdade do "ser" com o caminho ontológico de Heidegger.

Desde "Ser e Tempo" a questão do sentido do "ser" é instituída no caminho ontológico de Heidegger e tal questão, ao longo de suas obras, fora aproximando-se de pensar a origem, quando o pensamento tornara-se ainda mais essencial. Em "Ser e Tempo", primeiramente, o pensador do

¹¹² HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.228.

"ser" elucida que o seu caminho ontológico é também hermenêutico-fenomenológico. Nesse contexto, ressalta Heidegger:

(...) exige-se uma prévia observação de método. Na abertura e explicação do ser, o ente é cada vez pré-temático e cotemático, o tema sendo propriamente o ser. (...) como ente que vem-de-encontro dessa maneira, ele se põe pré-tematicamente diante do olhar de um "conhecer" que, sendo fenomenológico, olha primariamente para o ser e, a partir dessa tematização do ser, cotematiza o respectivo ente. Esse interpretar fenomenológico não é, portanto, conhecer de propriedades ônticas do ente, mas um determinar a estrutura do seu ser. Mas, como investigação de ser (...).¹¹³

Para se pensar a questão do sentido do "ser", segundo Heidegger, fora necessário, em primeiro lugar, percorrer o caminho da "ontologia fundamental" que é considerada também enquanto "ontologia do Dasein", ao passo que simultaneamente, o "desvio" empreendido por tal ontologia para a questão primordial da filosofia também fora realizado como a tarefa de destruição do pensamento metafísico ocidental, conforme vimos. Assim, o sentido do "ser" como velado na história da metafísica fora preocupação de Heidegger, especialmente, em "Ser e Tempo", e sobre isso elucida o filósofo em "Conferências e escritos filosóficos":

a interrogação que retorna a este elemento velado procura, por isto, do ponto de vista da metafísica, o fundamento para a ontologia. É por isso que o procedimento em Ser e Tempo (p.13) se chama "ontologia fundamental".¹¹⁴

A "ontologia fundamental" como "ontologia do Dasein" procurou pensar o sentido do "ser" através da transcendentalidade do "Dasein" em seu "ser-para-a-morte". O caminho que Heidegger percorreu na década de 20 seguiu uma perspectiva transcendental ao se instaurar a questão

¹¹³ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p. 207.

¹¹⁴ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p. 86.

primordial acerca do sentido do “ser” que se abre ao ser do “Dasein”. Nesse sentido, Heidegger afirma: “toda abertura de ser como abertura do *transcendens* é conhecimento *transcendental*. A verdade fenomenológica (abertura de ser) é *veritas transcendentalis*”.¹¹⁵ O “Dasein” (ser-aí) enquanto “ser-no-mundo” é um projeto transcendental que é ser (*sein*) lançado ali (*Da*) para a sua possibilidade futura mais extrema: a morte. Desse modo, o “Dasein” aponta para o transcendente, pois é na existência que se abre a pergunta primordial pelo sentido do “ser”. Conforme Heidegger aponta no escrito “Sobre a última preleção de Marburgo”:

nós mesmos somos a fonte da idéia de ser. - Mas esta fonte deve ser entendida como a transcendência do ser-aí ekstático. É somente no fundamento da transcendência que se dá a articulação dos diversos modos de ser.¹¹⁶

Entretanto, na década de 30, após o abandono da nomeação ontologia fundamental, por sua vez, Heidegger passa a pensar a questão do transcendente em relação com a história do “ser”. E nesse sentido, embora não intitule mais a sua perspectiva como ontologia fundamental, ele esclarece que: “(...) toda filosofia que se movimenta na representação mediata ou imediata da ‘transcendência’ permanece necessariamente ontologia no sentido essencial”.¹¹⁷

Assim, tal caminho hermenêutico-fenomenológico de Heidegger que considera a transcendentalidade do “Dasein” também vê a necessidade fundamental de voltar-se essencialmente para a questão da verdade do “ser” a partir da compreensão da essência da verdade em relação com a história, história esta que é história do “Dasein” como “ser-futuro” ou “ser-

¹¹⁵ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p. 129.

¹¹⁶ HEIDEGGER, Martin. “Sobre a última preleção de Marburgo”. In: HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.99.

¹¹⁷ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p. 86.

para-a-morte". Nesse prisma, tendo como ponto de partida a virada no seu pensamento para a questão da "essência da verdade" na história, o caminho ontológico do pensador do "ser" buscaria originariamente pensar a essência poética da fundação da verdade do "ser" em toda a sua dimensão, pois para Heidegger, "(...) a essência da *poiesis* é a fundação da verdade".¹¹⁸ A "Poesia" (*Dichtung*) caracteriza-se, nesse sentido, como o marco do pensamento essencial de Heidegger a partir da virada.

No pensar de Heidegger, a virada caracteriza-se, exclusivamente, com a relação inaugural com o poético, como definição também acerca da essência do "Dasein" como habitar poético e o poético como modo de essenciação da verdade do "ser" nos entes. Além disso, percorrendo o caminho de Heidegger, suas obras (passos nesse caminho de floresta), é possível, então, observarmos textos de enorme relevância, os quais explicitam a noção de poético. Nesse contexto, é importante indicarmos as obras "Hinos de Hölderlin" (1934-1935), "Hölderlin e a essência da poesia" (1936), "Poeticamente o homem habita" (Ensaaios e conferências, 1950), entre outras, que revelam o diálogo constante com o poeta Hölderlin. Tais obras aclaram a questão do poético em Heidegger. Buscaremos dialogar com tais textos ao longo da tese.

Com isso, é importante elucidarmos que grande parte das obras de Heidegger, a partir da década de 30, revela o diálogo com a poesia de Hölderlin, no entanto, não somente com o poeta dos poetas, mas com Sófocles, Rilke, Stefan George, entre outros relevantes. Nesse sentido, a questão da essência e da dimensão do poético coloca-se em relevância. Por sua vez, o pensador do "ser" inaugura em sua obra, tendo como ponto de partida na virada no seu pensamento, especialmente, o diálogo com o poeta dos poetas: Hölderlin e sua poesia essencial.

¹¹⁸ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.191.

Tal proximidade caracteriza substancialmente a radicalidade do caminho de pensamento de Heidegger, anunciando a marca característica da virada. Como se vê, é de grande importância a dimensão da “Poesia” (*Dichtung*) no caminho ontológico de Heidegger, especialmente, após a “virada” no seu pensamento, quando, ao abandonar a analítica existencial do “Dasein”, o filósofo tem também como passo o voltar para a tonalidade afetiva mais elevada da filosofia: a retenção, a fim de ir ao encontro da essenciação do “ser” no ente. Acerca do poético, elegemos o escrito “A origem da obra de arte” em que identificamos, em especial, a unidade originária entre o *ente enquanto tal* e o *poético* na essenciação da verdade do “ser” na história.

Neste escrito, especificamente, Heidegger inaugura a relação originária entre o “poético”, a “origem” e a “arte”. A dimensão poética é o modo de desvelamento da origem no ente em sua entidade. E faz emergir a questão do “ser” de maneira originária na história do pensamento. Desse modo, a questão primordial irrompe na pergunta pela origem da obra de arte e no questionamento pela origem de qualquer ente. Assim, a pergunta pela origem de algo é a pergunta pela proveniência (*Herkunft*) da sua essência (*Wesen*). De que modo dá-se a essência? Dá-se na verdade em sua essência. Sobre isso assinala o filósofo: “o passo de volta aponta para o âmbito, até aqui saltado, a partir do qual a essência da verdade se torna, antes de tudo, digna de ser pensada”.¹¹⁹ Desse modo, a essência da verdade na obra de arte é também digna de ser questionada no caminho para o “ser”. Nessa perspectiva, a arte essencialmente é poética. Heidegger defende, assim, que a criação da obra de arte tem como prisma ontológico a “Poesia” (*Dichtung*). Nas palavras do filósofo: “a essência da arte é a *poiesis*. Porém, a essência da *poiesis* é a fundação da verdade”.¹²⁰

¹¹⁹ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.189.

¹²⁰ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.191.

Mas, o que vem a significar o termo alemão “Dichtung”? Este termo corresponde ao termo grego “poiesis” que se refere a dimensão do poético como ação. Essa ação é, na verdade, doação. É essencialmente no sentido do doar que se manifesta que a fundação da verdade “(...) é um exceder, uma doação”¹²¹, como o presente, a dádiva dos deuses aos homens e dos homens ao divino. Conforme o pensador do “ser”:

a fundação da verdade é fundação não somente no sentido da livre doação, mas também, e ao mesmo tempo, fundação no sentido desse fundar que põe o fundamento.¹²²

Quando a verdade do “ser” essencializa-se no ente, ela acontece poeticamente, ou seja, como doação do sagrado aos homens. Heidegger compreende que a essenciação poética da verdade ou a fundação da verdade desvela-se, então, em triplo sentido: “(...) fundar como doar, fundar como fundamentar, fundar como principiar”.¹²³ A fundação poética da verdade que é como um exceder, uma doação do sagrado destaca também duas características que se co-pertencem mutuamente: doação enquanto uma *ação*; e o *sentido* que se manifesta na linguagem. No entanto, não se pode restringir a “Poesia” (*Dichtung*) – que em seu significado fundamental é doação – tão somente à linguagem, visto que a essenciação poética da verdade acontece na linguagem, mas está também essencialmente relacionada à doação de modo amplo. Para Heidegger, entre a “Poesia” (*Dichtung*) e a “linguagem” (*Sprache*) há uma referência fundamental, todavia não são a mesma coisa. Heidegger compreende que a essência da linguagem é poética e que a linguagem advém da “Poesia” (*Dichtung*), ou seja, advém da fundação da verdade como doação sagrada

¹²¹ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.193.

¹²² HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.193.

¹²³ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.191.

aos homens. A “Poesia” (*Dichtung*) não se restringe¹²⁴ tão somente a linguagem, visto que, como o próprio pensador do “ser” ao pensar a partir de Hölderlin, enfatiza: “(...) a poesia mantém-se sempre cheia de mistérios”.¹²⁵ Importa, então, destacar “que a poesia mesma faz possível a linguagem”.¹²⁶

Mas, faz-se importante determo-nos um pouco mais nessa questão. A ação que origina sentido é dita primordialmente em grego “poiesis” refere-se àquele agir em que se apresenta a doação de sentido. Enquanto doação de sentido é também doação de linguagem, ou seja, demonstra-se como doação da palavra originária na linguagem, porque é na *linguagem que a verdade como doação do sagrado se manifesta enquanto dito poético*. Por isso, conforme Heidegger: “a própria linguagem é *poiesis* em sentido essencial”.¹²⁷

Heidegger enfatiza que na linguagem há a doação sagrada aos homens de modo primordial, isso remete também a questão da essência do sagrado como uma doação poética. E se refere, desse modo, à verdade como doação do sagrado em duplo significado: como “poiesis” em sentido amplo e em sentido restrito na linguagem em sua essência de modo inaugural na vigência do “ser”. Nesse sentido, o “dictare” refere-se a uma doação sagrada que é originária do “ser” e que se manifesta enquanto fundar como doar, fundar como fundamentar e fundar como principiar no desvelar da verdade do “ser”. O fundar em seu sentido triplo é um exceder como doação sagrada. Quando a doação do sagrado doa-se na linguagem

¹²⁴ Conforme Heidegger: “(...) a essência da linguagem e da *poiesis* se tocam, tudo isto, uma vez mais, somente na perspectiva de co-pertença de ser e saga [narração inaugural]”. Cf. (HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.221).

¹²⁵ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.175.

¹²⁶ HEIDEGGER, Martin. “Hölderlin y la esencia de la poesia”. In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. p.140, tradução nossa.

¹²⁷ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.189.

em sua essência aos homens, constitui-se na manifestação da voz, do dito poético e do cantar dos “aedos” e “profetas”. A própria verdade do “ser” como doação do sagrado doa-se na linguagem – dito de um povo em sua essência poética. Pois, para Heidegger: “a respectiva linguagem é o acontecimento daquele narrar inaugural no qual historicamente surge para um povo seu Mundo e a Terra se guarda como a fechada”.¹²⁸ Sendo assim, a “poiesis” como agir que doa, doa a linguagem também a um povo histórico, manifestando sentido na história de um povo. O que refletimos até aqui, podemos então enfatizar nas palavras de Heidegger: “a *poiesis* é a fala inaugurante do desvelamento do sendo”.¹²⁹

A “Poesia” (*Dichtung*) é o narrar inaugural (*Sage*) dos deuses no que significa a doação sagrada dos deuses no desvelamento da verdade no ente, pois para Heidegger, conforme assinala em seu escrito “Hinos de Hölderlin”: “quando os deuses, no seu atender, deixam assim nascer a origem, o ouvir do poeta (...) é o ouvir que acompanha esse nascer”.¹³⁰ O “Sage” que se manifesta como “Poesia” é sagrado, pois, para Heidegger, advém originariamente do divino. Desse modo, podemos afirmar que o pôr-em-obra da verdade acontece em unidade originária com o divino, visto que a verdade do “ser” essencializa-se como “Poesia” (*Dichtung*), ou seja, como doação sagrada dos deuses aos homens. Sendo assim é um fazer aparecer, um trazer para fora a ação poética da verdade no narrar inaugural doado pelos deuses para o ente.

A essência do ente mostra-se mediante a ação poética da verdade do “ser” como deixar viger em seu ser na vigência do “ser” (*Seyn*). É um doar de sentido do “ser” através da “vigência” (*Wesen*). Dessa maneira, a dimensão da essenciação da verdade do “ser” como “poiesis” vige como

¹²⁸ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.189.

¹²⁹ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.189.

¹³⁰ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.191.

uma doação do sagrado ou dos deuses. Heidegger diz: “os deuses são os mensageiros que acenam a divindade”.¹³¹ Nesse sentido, a essenciação poética da verdade como narrar inaugural dos deuses na obra de arte também vige na unidade originária com os mortais, terra e céu. Conforme Heidegger destaca em “A origem da obra de arte”:

o narrar inaugural do que se projeta é *poiesis*: a narração inaugurante do Mundo e da Terra, a narração inaugurante do espaço de jogo de sua disputa e, com isso, do lugar de toda proximidade e distância dos deuses. (...) o aberto do narrar inaugurante e do nomear.¹³²

Desse modo, ela deixa manifestar o ente em seu ser. O deixar viger do ente em seu ser, isto é, a doação de sentido ao ente mediante a verdade do “ser” aponta, desse modo, para a própria dimensão da doação do sagrado que é ação de sentido. A doação do sagrado como sentido que se doa na linguagem trata do desvelamento da verdade do “ser” em sua essência como acontecimento poético. Como poético o sentido do “ser” se doa. Na obra de arte demonstra-se, então, como o agir em sua essência enquanto deixar viger o ser da obra em seu “repousar-em-si” no lugar aberto na (e pela obra) na verdade do “ser”. Desse modo, Heidegger defende que a criação da obra como “Dichtung” (*poiesis*) é “Her-vor-bringen”, um “deixar-trazer-para-fora”, deixar manifestar a doação do sagrado ou narrar inaugural dos deuses como acontecimento da verdade do “ser”. Sobre isso o filósofo Herrmann salienta: “o sagrado na vigência do ser como acontecimento apropriativo”.¹³³

¹³¹ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.129.

¹³² HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. pp.187-189.

¹³³ HERRMANN, Friedrich – Wilhelm von. *Wege ins Ereignis: zu Heideggers „Beiträgen zur Philosophie“*. Frankfurt am Main: Klostermann, 1994. p.369, tradução nossa. Afirma Herrmann: “des Heiligen in der Wesung des Seins als Ereignis” (HERRMANN, Friedrich – Wilhelm von. *Wege ins Ereignis: zu Heideggers „Beiträgen zur Philosophie“*. Frankfurt am Main: Klostermann, 1994. p.369).

Como vimos, a “poiesis” (*Dichtung*) enquanto narrar inaugural dos deuses é o próprio modo de desvelamento da verdade do “ser” no ente em seu “deixar-ser”. Nessa perspectiva, a linguagem em sua essência poética advém do acontecimento do narrar inaugural dos deuses por meio do qual irrompe historicamente para um povo seu mundo e a terra guarda-se como fechada. Assim, a linguagem como desvelamento do narrar inaugural dos deuses é o acontecimento poético da verdade do “ser” por meio do qual o ente como ente abre-se de modo inaugural na relação com o “Dasein” e, nesse sentido, Heidegger ressalta que a linguagem é a “Poesia” (*Dichtung*), ou seja, a “poiesis” em sentido mais restrito, a mais originária “poiesis” no sentido essencial.

A linguagem pela clareira do “ser” é primordialmente poética, porque ela relaciona-se, de modo inaugural, enquanto nomear essencial com o ente em sua essência na (e pela) abertura do projeto poético iluminante da verdade. O pensador do “ser” pensa a questão do sentido essencial da linguagem a partir da pergunta pela origem (*Ursprung*), considerando especialmente o saber grego primordial e os pensadores fundamentais da aurora da antiguidade grega. Tais pensadores fundamentais nomearam a experiência com os entes em sua entidade a partir da vigência do “ser”. Nesse sentido, para Heidegger, a obra de linguagem, especificamente a “Poesie” (poesia no sentido restrito), o poema, e até a prosa, acontece privilegiadamente na totalidade das artes, visto que o poeta tem a missão de receber dos deuses a verdade como doação fundando a vigência do “ser” na terra em unidade com o céu, os mortais e os divinos. Quando Heidegger refere-se a terra, isso já remete aos outros três da quadratura que se co-pertencem originariamente: céu, mortais e divinos. Compreendemos que em Heidegger: “o entre-ser de mundo e terra remete a Deus e ao homem”.¹³⁴ A unidade originária na quadratura acontece em todo ente pela

¹³⁴ HEIDEGGER, Martin. *La historia del ser*. Traducción. Dina V. Picotti C. 1a. Ed. Buenos Aires: El Hilo de Ariadna: Biblioteca Internacional Martin Heidegger, 2011. p.46, tradução nossa.

abertura da clareira do “ser” ou verdade do “ser” como projeto poético iluminante da verdade.

Nesse sentido, essa tese defende que após a obra-prima “Ser e Tempo” (1927) a perspectiva ontológica da arte de Heidegger pode ser nomeada de perspectiva ontológica poética, visto que Heidegger pensa fundamentalmente a essência poética da obra de arte que é iluminada pela verdade do “ser”. É pela essenciação ou pelo desvelar poético que a verdade do “ser” acontece na arte e na história. Consequentemente, é mediante a essenciação poética da verdade do “ser” que o habitar do homem acontece de modo essencial, isto é, poeticamente. É em “Poeticamente o homem habita” que Heidegger apresentará um outro significado importante de “Poesia” (*Dichtung*) como “deixar-habitar”, isto se dá porque, originariamente, a “Poesia” (*Dichtung*) é também um “construir”. Sobre isso assinala:

(...) a poesia que permite ao habitar ser um habitar. Poesia é deixar-habitar, em sentido próprio. Mas como encontramos habitação? Mediante um construir. Entendida como deixar-habitar, poesia é um construir.¹³⁵

A questão da essenciação poética da verdade do “ser” somente pode ser pensada na dimensão ontológica, que, obviamente, para Heidegger, estava velada na metafísica tradicional enquanto “ontoteologia”. O que, de fato, realiza-se na superação da metafísica em Heidegger é a superação do âmbito da exclusividade da investigação do ente enquanto ente, pois, segundo Heidegger, a investigação exclusiva da entidade do ente caracterizaria a metafísica tradicional ou ontologia tradicional como uma fatalidade, sobre isso diz: “em sentido estrito, o único aqui considerado, a metafísica é uma fatalidade porque, como traço fundamental da história do

¹³⁵ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.167.

Ocidente europeu, a humanidade vê-se fadada a assegurar-se no ente”.¹³⁶ Isso constitui a tarefa da metafísica que teve seu acabamento em Nietzsche. Dessa maneira, por isso salientamos que o sentido do ontológico para Heidegger permanece no seu caminho após a virada. Nesse contexto, podemos afirmar que a virada no pensamento de Heidegger é compreendida pelo Benedito Nunes assim:

(...) acompanhando a passagem que se efetivou, na filosofia de Heidegger, da etapa da descrição fenomenológica existencial à etapa de compreensão intuitivo-ontológica.¹³⁷

O caminho permanece ontológico e, concomitantemente, a própria pergunta pela verdade do “ser” e o seu modo de essenciação na história transcende o ôntico. Esse é o caminho, conforme Heidegger, para perguntar-se para além do ôntico, isto é, pela verdade do “ser” e também pelo ôntico em si. Nessa perspectiva, o pensador do “ser” assinala na obra “Introdução à metafísica” (1935):

investigamos a questão: o que há com o Ser? Qual é o Sentido do Ser? NÃO para constituir uma ontologia de estilo tradicional nem tão pouco enumerar criticamente os erros das tentativas anteriores nesse sentido. É algo totalmente diverso.¹³⁸

Ainda meditando nesse importante escrito, observamos o que o pensador do “ser” afirma:

(...) A palavra “Ontologia” pode ser tomada também em “sentido amplíssimo” “sem referência a correntes e tendências ontológicas” (Cfr. *Sein und Zeit*, 1927, p. 11). Nesse caso “ontologia” significa o esforço de traduzir em

¹³⁶ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.67.

¹³⁷ NUNES, Benedito. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: editora perspectiva S.A., 1969. p. 76.

¹³⁸ HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. 4. ed. Apresentação e tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999. p.68.

linguagem o Ser mas através da questão, o que há com o Ser (não apenas com o ente como tal).¹³⁹

Com isso, elucidamos que, embora Heidegger abandone a terminologia ontologia fundamental, após a virada na década de 30, tendo o propósito de seu pensamento não ser confundido com uma ontologia de estilo tradicional, ele ainda toma a ontologia em sentido essencial que é o esforço de traduzir em linguagem a compreensão do “ser” mediante a questão primordial: a questão do “ser” e não apenas a investigação exclusiva do ente enquanto tal. Sobre isso assinala Heidegger em “A essência do fundamento”: “a compreensão do ser, ainda não reduzida ao conceito, designamos, por isso, compreensão pré-ontológica ou mesmo ontológica em sentido mais amplo”.¹⁴⁰ É nesse sentido que enfatizamos que o caminho permanece ontológico. E tal dimensão ontológica em Heidegger dá-se enquanto uma “perspectiva ontológica poética”, visto que a verdade do “ser” desvela-se de modo essencial *poeticamente* na história.

Agora, tocamos num ponto importante, não somente a perspectiva ontológica da arte em Heidegger seria uma perspectiva ontológica poética, já que quando Heidegger pergunta pela essência da arte, ele diz que “a essência da arte é a *poiesis*”.¹⁴¹ Mas, todo o ente somente é em seu “deixar-ser” pela essenciação poética da verdade do “ser”. Esse é o modo em que a própria verdade do “ser” dá sentido ao ente. Com isso, podemos então compreender como uma perspectiva ontológica poética que abrange a vigência do “ser” no ente de modo geral, não somente na obra. A amplitude do sentido ontológico de Heidegger que se segue após “Ser e Tempo”,

¹³⁹ HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. 4. ed. Apresentação e tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999. p.67.

¹⁴⁰ HEIDEGGER, Martin. “A essência do fundamento”. In: HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.144.

¹⁴¹ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.191.

sendo, agora, a instauração da pergunta ontológica acerca da verdade do “ser”, tem como ponto de partida a consideração do poético, como vimos.

Especialmente, em “Poeticamente o homem habita”, conforme veremos mais adiante no capítulo segundo da tese, Heidegger elucidará a constituição do “Dasein” como habitar poético. Conforme assinala o filósofo há: “a fundação do habitar humano no poético”.¹⁴² O habitar humano funda-se no poético. Isso significa que o “Dasein” só habita essencialmente esta terra no modo de ser poético. Sobre isso afirma Heidegger: “se o poético acontece com propriedade, o homem habita esta terra humanamente”.¹⁴³ Heidegger já indicara em “Poeticamente o homem habita” que Hölderlin reconhece o habitar poético como traço fundamental do ser humano, compreendendo a dimensão do poético a partir do seu desvelamento na existência. Por sua vez, Heidegger ao estabelecer a relação entre a arte e o poético no acontecimento poético da verdade na obra de arte tem, assim, como pergunta ontológica fundamental: que verdade é essa que se desvela na essência da obra de arte? O enigma (*das Rätsel*) da obra de arte é o acontecimento poético da verdade do “ser” que abre o ente, no caso a obra, em seu “ser-obra”, acontecendo, desse modo, a essenciação da verdade na história.

A verdade do “ser” que se desvela na obra é como enigma que outrora não era perguntado. O pensamento de Heidegger constitui, dessa maneira, o retorno ao pensar sobre a verdade (*alétheia*) em sua essência, em sua morada. Mas, como mencionamos anteriormente, e vale aqui lembrarmos, Heidegger considera “alétheia” como clareira do “ser” ou verdade do “ser” que é também desvelamento essencial e considera “morada” como vigência do “ser”. Podemos, então, perguntar: onde a verdade habita? Qual a morada da verdade do “ser”? Como vimos anteriormente, e vale

¹⁴² HEIDEGGER, Martin. “Poeticamente o homem habita”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.166.

¹⁴³ Ibid., p.180.

retornarmos agora e apresentarmos mais algumas considerações, o pensar grego primordial é o fundamento do pensador do “ser” para pensar-se sobre o significado da verdade em primeiro lugar. Assinala Heidegger:

o que os gregos nomeiam com a palavra α-λήθεια ‘traduzimos’ usualmente com a palavra ‘verdade’. Se, no entanto, traduzirmos a palavra grega ‘literalmente’, então ela diz, propriamente, ‘desencobrimento’^{144, 145}

Heidegger traduzira o termo grego “alétheia” para o termo alemão “Unverborgenheit” (desencobrimento ou desvelamento como assumimos em nossa escrita). Por isso, ele esclarece a verdade do “ser” como clareira do “ser” que traz os entes para a sua essência ao lugar aberto na abertura ontológica da verdade. É importante ressaltarmos que a dimensão da “alétheia” aparece de modo relevante na conferência “A origem da obra de arte”, em que Heidegger institui a tarefa de se pensar essencialmente sobre a relação entre o “ente” e a “verdade”, especificamente, a obra de arte e a verdade.

A verdade mesma constitui um enigma no horizonte do pensamento filosófico. Nesse sentido, a verdade da obra de arte constituiria também um enigma. Permaneceria um enigma. Quanto a isso, em “A origem da obra de arte”, Heidegger sustenta, desse modo, que: “as reflexões precedentes dizem respeito ao enigma da arte, ao enigma que é a própria arte. Está longe a pretensão de resolver o enigma. Resta a tarefa de ver o enigma”.¹⁴⁶

Em face disso, podemos destacar que o fundamento de todo o pensamento de Heidegger está relacionado, especialmente, com a questão

¹⁴⁴ Elegemos, ao longo da tese, também a expressão: “desvelamento” ao referir-se ao modo de acontecimento da verdade do “ser” como desencobrimento ou desocultamento. Optamos, portanto, por traduzir o termo alemão “Unverborgenheit” para a língua vernácula como desvelamento.

¹⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. *Parmênides*. Tradução Sérgio Mário Wrublevski; revisão da tradução, Renato Kirchner, Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. p.27.

¹⁴⁶ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.201.

ontológica da verdade. Por isso, em “Ser e Tempo”, podemos caracterizar também a relação fundamental entre “verdade” e “tempo”. Nessa perspectiva, também se enfatiza a interface entre “verdade” e “história”. Assim, a verdade do “ser” somente acontece no horizonte da história do “Dasein”, o que significa que a verdade do “ser” desvela-se no modo originário da existência e do seu habitar poético.

Por exemplo, em “Ser e Tempo”, especialmente, enfatiza-se que o “Dasein” é historicidade (*Geschichtlichkeit*). Afirma Heidegger:

Historicidade significa a constituição-de-ser do “gestar-se” do *Dasein* como tal, sobre cujo fundamento é unicamente possível algo assim como a “história universal” e o histórico a ela pertencente.¹⁴⁷

O “Dasein”, nesse sentido, é ele mesmo histórico e a partir dele os outros entes são abertos na essencialidade da história, pois somente o “Dasein” tem a compreensão pré-ontológica de sua constituição de “ser-no-mundo”. Isso se refere também ao fato de que somente a partir da originariedade da historicidade do Dasein que se pode emergir o fundamento do conhecimento de história. Assinala Heidegger:

Se o *Dasein* é “histórico” no fundo do seu ser, então uma enunciação que provém de sua história e em si a ela remete, e, além disso, é *anterior* a toda ciência, tem um peso particular, se bem que nunca, é verdade, puramente ontológico. O entendimento-de-ser que reside no *Dasein* ele mesmo se expressa de modo pré-ontológico.¹⁴⁸

Já em “Contribuições à filosofia” (*Beiträge zur Philosophie*), Heidegger destaca que:

com o projeto do ser como acontecimento apropriativo, o fundamento e, então a essência e o espaço essencial da

¹⁴⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p.81.

¹⁴⁸ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p.549.

história são antecipados. A história não é uma prerrogativa do homem, mas é a essência do próprio ser.”¹⁴⁹

Isso quer dizer que o “ser” em sua vigência ou seu acontecimento faz emergir a própria história originária. Nessa perspectiva, o “Dasein” dá-se originariamente no tempo. Em Heidegger a noção de historicidade tem uma relação de interdependência com a noção de temporalidade, visto que o “Dasein” enquanto histórico *“só existe e pode existir historicamente porque é temporal no fundo do seu ser”*.¹⁵⁰ Nesse sentido, a própria verdade em seu caráter ambíguo, isto é, enquanto “verdade” e “não-verdade” do “ser” realiza-se exclusivamente no horizonte histórico do “Dasein”, conforme também se elucidará, posteriormente, no escrito “Parmênides”¹⁵¹ em Heidegger, obra baseada nos cursos ministrados no semestre de inverno na universidade de Freiburg no período de 1942 e 1943. Nesse contexto, é importante, primeiramente, mencionarmos que, para Heidegger,

Parmênides e Heráclito (...) são os nomes dos dois pensadores, contemporâneos nas décadas entre 540 e 460, que, numa co-pertença única no início do pensar ocidental, pensam o verdadeiro. Pensar o verdadeiro significa experimentar o verdadeiro na sua essência e, em tal experiência essencial, saber a verdade do verdadeiro.¹⁵²

¹⁴⁹ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie*. (Vom Ereignis), Band 65. Frankfurt am Main, DE: Vittorio Klostermann, 1989. p.479. tradução nossa.

¹⁵⁰ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p.1021.

¹⁵¹ Na obra “Parmênides”, o pensador do “ser” aborda dois aspectos sobre a dimensão hermenêutica da “alethéia”. Em “Parmênides”, Heidegger analisa o poema doutrinário: “A deusa Verdade” presente em Parmênides I, versos 22-32. Com isso, buscamos apenas destacar, nesse momento, que Heidegger apresenta uma interface entre a “verdade” e a “essência” tendo como ponto de partida, de modo especial, o pensamento do pré-socrático Parmênides. Cf. (HEIDEGGER, Martin. *Parmênides*. Tradução Sérgio Mário Wrublevski; revisão da tradução, Renato Kirchner, Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. pp. 17-18).

¹⁵² HEIDEGGER, Martin. *Parmênides*. Tradução Sérgio Mário Wrublevski; revisão da tradução, Renato Kirchner, Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. p.13.

O pensador do “ser” indica que Anaximandro, Parmênides e Heráclito são, especialmente, pensadores originários. Aliás, o pensador originário inaugural na história do pensamento, para Heidegger, teria sido Anaximandro. Dessa maneira, tais são pensadores originários, porque, segundo Heidegger, inauguram na história do pensamento o pensar essencial sobre a verdade.

É importante ressaltarmos que Heidegger irá instaurar a tarefa de pensar a relação originária entre a verdade e a arte, tendo como ponto de partida o pensamento pré-socrático dos pensadores essenciais da história. Pois para Heidegger, “pensar é a atenção para o essencial. Em tal atenção essencial reside o saber essencial”.¹⁵³ Com isso, Heidegger busca pensar a obra de arte em sua essência e pergunta pela verdade da obra de arte. O que há de crucial neste saber essencial do pensar de Heidegger é o voltar para aquilo que o ente é na sua origem, ou seja, no seu ser no horizonte da verdade do “ser”. É, nesse sentido, que Heidegger emprega o termo alemão “Ursprung” em seu escrito “A origem da obra de arte”, que surge no sentido de “origem”. Para Heidegger: “originário¹⁵⁴ significa aqui aquilo a partir de onde e através do que algo é o que ele é e como ele é. A isto o que algo é, como ele é, chamamos sua essência”.¹⁵⁵

Ao pensar a questão da essência da verdade do ponto de vista da história do “ser”, Heidegger ressalta que, como um pensador originário, Parmênides anuncia a palavra originária da vigência do “ser” fundando a verdade em sua essência na história do “ser”. Nesse sentido, é importante

¹⁵³ HEIDEGGER, Martin. *Parmênides*. Tradução Sérgio Mário Wrublevski; revisão da tradução, Renato Kirchner, Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. p.16.

¹⁵⁴ O termo alemão “Ursprung” é traduzido para a língua portuguesa como “originário” no escrito: HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p.35. Nós optamos por entendê-lo como “origem”, mas, elegemos o escrito “A origem da obra de arte” na tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro por ser uma edição bilíngue (língua alemã e língua portuguesa) e por considerarmos relevante.

¹⁵⁵ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.35.

destacarmos que em “La historia del ser” Heidegger reflete sobre a dimensão da “história” da seguinte forma:

“a *história do ser* [Seyn]” é o nome para o intento de voltar a por a verdade do ser [Seyn] como acontecimento na palavra do pensar e deste modo confiá-la a um fundamento essencial do homem histórico – a palavra e sua decidibilidade.¹⁵⁶

O pensador fundamental é um fundador da essenciação. É, por isso, um pensador originário, pois instaura o pensamento essencialmente acerca da origem. Heidegger defende, então, que Parmênides fora um pensador do “ser” por excelência. Em seu “poema doutrinário” nomeado “Acerca da natureza”¹⁵⁷, Parmênides canta o poema em duas partes: a doutrina da verdade (*alétheia*) e a doutrina da opinião (*doxa*). A partir desse poema, Heidegger destaca que a deusa “α-λήθεια” é a referência do “ser”, anuncia o “ser” na palavra recolhida pelo pensador fundamental, sobre isso assinala: “(...) ‘a essência’ ‘verdade’ permanece na sua vigência em toda parte, por meio da palavra do pensador”.¹⁵⁸

Afirma ainda Heidegger: “ora, foi, como deusa, que a αλήθεια apareceu ao pensador originário Parmênides. Traduzimos αλήθεια pelo latim *veritas*, verdade, e pelo alemão *Wahrheit*”.¹⁵⁹ Nessa perspectiva, o pensar essencial como “teoria” na experiência grega demonstra-se como consideração relevante da manifestação do vigente em sua vigência. O modo romano de estar no ser traduz a teoria como contemplação. Com esta transformação da linguagem na história do pensamento ocidental, o essencial da palavra grega se perde. Por conseguinte, a tradução latina de

¹⁵⁶ HEIDEGGER, Martin. *La historia del ser*. Traducción. Dina V. Picotti C. Buenos Aires: El Hilo de Ariadna: Biblioteca Internacional Martin Heidegger, 2011. p.21, tradução nossa.

¹⁵⁷ Retomaremos à esta questão no capítulo 3, analisando alguns trechos deste poema. Buscamos, por ora, apenas elucidar o aspecto duplo da essência da verdade que acontece como velamento e como desvelamento.

¹⁵⁸ HEIDEGGER, Martin. *Parmênides*. Tradução Sérgio Mário Wrublevski; revisão da tradução, Renato Kirchner, Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. p.26.

¹⁵⁹ HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. ed. - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.45.

teoria para “contemplari” significa: “(...) separar e dividir uma coisa num setor e aí cercá-la e circundá-la”.¹⁶⁰ Desse modo, as palavras que se apresentam na experiência do modo de ser da época da técnica moderna, por exemplo, não se desvelam no sentido originário que estava em vigor no saber grego primordial, mas estão em falta. A teoria alcança o significado de domínio, enquanto uma observação que visa dominar e assegurar-se do que vige, isso inclui, por exemplo, o próprio homem, a visão da história da arte e a dominação da terra.

Por isso, para Heidegger, é necessário, ao perguntar-se pela verdade ontológica, pensar a essência e a inessência da verdade. Nesse sentido, Heidegger pensa a questão do “ser” considerando também o esquecimento do “ser”; pensa também a linguagem em sua essência poética, considerando também o seu velamento, a saber: a linguagem instrumental presente também na “época da técnica moderna”. A disposição da época da técnica moderna mostra-se no viés do domínio, não mais como a disposição da tonalidade afetiva que escuta o apelo do “ser” na essência da palavra como “voz” ou como “canto”, que confere sentido para tudo que vige em unidade poética com os quatro: terra, céu, homem e deuses. Mas há a perda da unidade e da reunião no ente que é resguardada na vigência do “ser”. A natureza e a essência, por sua vez, segundo Heidegger, encontram-se separadas no modo de ser da época da técnica moderna. Para Heidegger: “a disposição fundamental, no entanto, provém do lugar metafísico próprio de cada poesia”.¹⁶¹

Heidegger defende que a técnica moderna apresenta na história do pensamento ocidental características fundamentais completamente diferentes da técnica da experiência originária grega. Esta, a técnica em sua essência, pode ser referida como saber, de experienciar o que se

¹⁶⁰ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.46.

¹⁶¹ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.24.

presenta em sua abertura no que é e como ele é. No entanto, a passagem para a época da técnica moderna expõe a experiência e determinação no âmbito da objetividade que busca assegurar-se do real em sua vigência. Conforme Heidegger assinala em “Ensaaios e Conferências”:

entidade é agora objetividade. A questão da objetividade, da possibilidade de oposição (a saber, do re-presentar que assegura e calcula) é a questão da possibilidade de conhecer.¹⁶²

Isso é notado na história da metafísica. Mas, para tal alcance, é necessário compreender que em Heidegger a história tem também seu modo de ser como ciência histórica que se destaca na historiografia e tem seu modo de ser como essência histórica. Desse modo, a ciência histórica desenvolve a sua pesquisa em conceitos no viés da objetividade, que se dispõe na teoria. Isso se ressalta, para Heidegger, sobretudo, na transformação do termo “história” na tradução romana como “istorein”, trata-se da análise do real no viés de representar-se uma coisa.

Nessa perspectiva, o viés historiográfico não desenvolve o processo do criar, no sentido do acontecer na essência histórica, isto é, “história” como “Geschichte” que vem do termo “Geschehen” como acontecer essencial, mas origina-se do grego “istorein” no âmbito da objetificação dos fatos. A essência histórica permanece, portanto, impensada na ciência histórica, visto que tal só se desvela no modo de ser originário da “vigência do ser” no acontecimento apropriador (*Ereignis*). Heidegger defende então que o ente enquanto tal é inacessível para o pensar científico, o que inclui, por exemplo, também, a perspectiva da história da arte. Portanto, o que impera na época da técnica moderna é o esquecimento do “ser”.

A verdade como abismo no esquecimento do “ser” ultrapassa, nesse sentido, pela indigência extrema o pensar científico para a urgência do apelo

¹⁶² HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.64.

do “ser”. Aqueles que habitam na proximidade da origem, isto é, os pensadores fundamentais e os poetas essenciais têm a missão de despertar e encaminhar na história para a escuta e para o questionar aquilo que é digno de ser pensado. Heidegger enfatiza: “encaminhar na direção do que é digno de ser questionado não é uma aventura, mas um retorno ao lar”.¹⁶³ Nesse sentido, implica dizer que a origem pode ser também interpretada poeticamente como “lar” em Heidegger. O pensador do “ser” fundamenta-se na experiência originária da poesia de Hölderlin intitulada “Volta ao lar” (1943) para ressaltar o sentido do voltar para a origem, de estar na proximidade do “ser”. Acerca disso assinala em “Carta sobre o humanismo”:

Quando compõe a poesia “Volta ao lar”, contudo, Hölderlin está preocupado com que seus “conterrâneos” encontrem nela sua essência. Ele busca isto, mas de modo algum como egoísmo de seu povo. Ao contrário, ele o vê antes a partir da pertença ao destino do Ocidente. A questão é que o Ocidente também não é pensado como uma região em distinção ao Oriente, ele não é tomado meramente como a Europa, mas sim a partir da história universal, a partir da proximidade com a origem.¹⁶⁴

A tarefa do pensamento põe o “Dasein” histórico a caminho para a morada do “ser”. O habitar poético encontra-se na proximidade da origem. É marcado pela instauração do poético essencialmente na história como acontecimento do “ser”. Por isso, pensar a essência é um pensar originário diverso do pensar da ciência. Assim, a essência do pensamento seria, segundo Heidegger, o retorno à origem. No pensar da essência o próprio “Dasein” histórico e poético está em abertura na essência da verdade.

¹⁶³ HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.58.

¹⁶⁴ HEIDEGGER, Martin. “Carta sobre o humanismo”. In: HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.351.

Para Heidegger, a essência do pensamento é aquela que está resguardada na palavra originária na vigência do "ser". Conforme Heidegger:

o pensamento da essência do ser não pensa no ser e depois "na essência", mas pensa no ser como a essência, como a verdade do ser, que pertence ao ser como acontecimento e início. (...) A essência" já está baseada na verdade do ser e "é" isso.¹⁶⁵

O pensamento enquanto tal é um modo de ser diferente da poesia (*Poesie*), no entanto ambos possuem ontologicamente a essência poética, a mesma fonte originária, pois somente a essenciação da verdade como "Poesia" (*Dichtung*), conforme vimos, confere o sentido ontológico para todos os entes, que deixa o ente ser em seu ser na abertura.

Como essência poética, o pensamento enquanto tal, anuncia a plenitude da essência da verdade evocada por Heidegger na década de 30. O pensamento essencial é um ofício relevante de pensar o não-pensado e o pensado de maneira sempre inaugural na história. Conforme Heidegger: "(...) o trabalho do pensamento, um trabalho de mãos".¹⁶⁶ Mas de que forma? Através dos pensadores fundamentais e dos poetas fundadores que nomeiam essencialmente os entes através da doação do sagrado ou narrar inaugural dos deuses. Conforme Heidegger afirma no que tange à tarefa do poeta: "o poeta nomeia o sagrado".¹⁶⁷ Ao nomear o sagrado, o poeta realiza a instauração do "ser". Nesse sentido, Heidegger elucida em seu escrito "Hinos de Hölderlin": "pelo facto de 'pensar', de instituir poeticamente o Ser (...)".¹⁶⁸ Assim, o poeta nomeia a própria doação do sagrado ou doação do

¹⁶⁵ HEIDEGGER, Martin. *Das Ereignis*. Band 71. Frankfurt am Main, DE: Vittorio Klostermann, 2009. p.265, tradução nossa.

¹⁶⁶ HEIDEGGER, Martin. "A coisa". In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.164.

¹⁶⁷ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999, p.72.

¹⁶⁸ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p. 222.

divino, mas esse nomear só pode o ser quando recebido da própria fonte: a verdade em sua essenciação poética como doação do sagrado. A essência parece ter uma relação exclusiva com o sagrado em Heidegger. No hino de Hölderlin “Como quando em dia de festa...” (III. Estrofe) citado por Heidegger em “Marcas do caminho” diz-se (Hölderlin *apud* Heidegger, 2008. p.252): “agora porém se faz dia! Eu persisto no aguardo e o vi vindo. E o que eu vi, o sagrado seja minha palavra”¹⁶⁹ faz-nos refletir também acerca da própria relação entre o sagrado e a palavra em seu modo de ser originário. A palavra é ela mesma sagrada e ao poeta cabe a tarefa de colher da fonte, isto é, pensando a partir da essenciação poética da verdade do “ser”, revelando o “ser” no poetar.

Somente a partir de Heidegger pode-se compreender o que aqui significa o pensamento essencial: rememorar a questão do “ser”, a partir do transcendente circunscrito no próprio “Dasein”, o ente peculiar em proximidade da origem. Heidegger pensa o transcendente de modo diverso do idealismo alemão, o fundamento do transcendente em Hegel é pensado como absoluto no âmbito da metafísica especulativa. O que Heidegger tem em vista quando pensa sobre o transcendente é a origem, isto é, é justamente rememorar o não pensado na história do esquecimento do “ser”: a verdade do “ser”. Heidegger delimita o seguinte: “(...) estar além do ente designamos a transcendência”.¹⁷⁰

Mais tarde, Heidegger denominará: “a ultrapassagem (transcendência) e o ad-vento (presentear)”.¹⁷¹ Isso vem a significar que a ultrapassagem dá-se como transcendência no sentido de buscar pensar essencialmente a origem, no momento esquecida. Nesse sentido, o modo como Heidegger busca realizar a ultrapassagem da metafísica tradicional é

¹⁶⁹ HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.252.

¹⁷⁰ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p. 58.

¹⁷¹ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.197.

instaurado por ele através do alemão arcaico "Strit" vindo a significar contraposição em face de algo. O seu caminho ao realizar o "passo de volta" instaura também tal contrapor-se em face da história do pensamento ocidental, a fim de que o pensamento ultrapasse o habitual e volte-se para o derradeiro na história. Heidegger afirma, então, em seu escrito "Ensaaios e conferências":

o passo atrás, que se dá a partir do pensamento representador da metafísica, não rejeita esse pensamento, mas entreabre a distância, que dá lugar ao apelo da verdade do ser.¹⁷²

Heidegger institui a tarefa do pensamento no sentido do termo alemão "Sache" (assunto primordial), a fim de se voltar para o que é digno de questão: o escutar o apelo da verdade do "ser". O filósofo institui a pergunta pela origem da obra de arte como algo enigmático, visto que remete à própria pergunta pela verdade do "ser". E, nesse horizonte, todos os assuntos derradeiros, tais como a morte, devem ser pensados na tarefa à luz da questão primordial. Como se vê, o pensamento significa para Heidegger também um ofício, porém não apenas um ofício, mas a tarefa mais difícil de pensar o indeterminado, de preparar o caminho para o que ainda vai mostrar-se na clareira do "ser". A questão da essência, quer dizer também, uma questão de origem, como vimos. Assim, o caminho de pensamento de Heidegger move-se em círculo. O propósito também é o de realizar o desvio do pensamento metafísico ocidental, como vimos. Instaurar a verdade não como correção do representado é ir para além da pergunta do ente enquanto ente.

A metafísica não considera originariamente a diferença ontológica entre os entes e o ser. Faz-se necessário a ultrapassagem na (e pela)

¹⁷² HEIDEGGER, Martin. "A coisa". In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8.ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.163.

metafísica para pensar-se o destino da verdade dos entes e da verdade do “ser”. Assim, a metafísica demonstra-se na história do “esquecimento do ser” mediante a consideração do “ente enquanto ente” apenas. Em contrapartida, a ultrapassagem da metafísica acontece como sustentação da vigência do “ser”. Heidegger elucida que, após a superação da metafísica, ela mesma não chega a desaparecer, mas retorna, então, transformada e permanecendo como a diferença ontológica vigente entre ser e ente.

Isso caracteriza também o movimento do pensamento de Heidegger em *círculo*. O filósofo segue esta perspectiva hermenêutica de pensar fundamentalmente no horizonte da história da metafísica, a fim de recolocar a questão da verdade do “ser” e da verdade do ser dos entes de modo fundamental. É nesse contexto que ele pensa sobre a verdade da obra de arte. Acerca disso enfatiza Heidegger:

Assim precisamos percorrer efetiva e plenamente o círculo. (...) A posição vigorosa é trilhar este caminho e permanecer nele a festa do pensar, posto que o pensar é um ofício. Não somente o passo principal da obra para a arte assim como o passo da arte para a obra é um círculo, mas cada passo isolado que tentamos dar circula neste círculo.¹⁷³

Conforme Heidegger, a verdade do “ser” acontece poeticamente no tempo. E tal tempo, conforme se analisa em “Ser e Tempo” dá-se de modo exclusivo na existência. Dessa maneira, o pensar pela essência da existência e de todas os entes, segundo a filosofia de Heidegger, está relacionado, sobremaneira, à questão da “alétheia” (verdade). Desse modo, pensando como Heidegger movimenta-se em círculo ao instaurar a questão da verdade como desvelamento, é importante retornarmos à questão de interdependência entre o artista e a obra de arte. Para Heidegger o desvelamento da essência da obra de arte como acontecimento poético da

¹⁷³ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.39.

verdade acontece através da interdependência da obra e do artista na criação da obra de arte. Sobre isso assinala Heidegger:

o artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro. (...) Artista e obra *são* em-si e em sua mútua referência através de um terceiro, que é o primeiro, ou seja, através daquilo a partir de onde artista e obra de arte têm seu nome, através da arte.¹⁷⁴

O filósofo compreende que o desvelamento da arte na obra de arte também envolve a atividade do artista. E, nesse contexto, a questão da essência da arte interpela o próprio homem que produz a obra de arte, colocando também em aberto a questão do "ser". Pensando sobre a dimensão do poético que se desvela na arte, para Heidegger, trata-se de uma ação, um produzir originariamente, não no sentido de utensílio. O filósofo destaca que na obra de arte, a verdade do "ser" se "põe-em-obra" na essência da obra. Assim, a arte é o "pôr-se-em-obra" poético da verdade. Assinala Heidegger: "a arte é, como o pôr-em-obra da verdade, *poiesis*".¹⁷⁵

Mas, para compreender-se a arte será necessário relacionar-se também à questão do "ser"? É na clareira do "ser" que o "Dasein" histórico e poético pode escutar com maior veemência o apelo da essência no narrar inaugurante dos deuses. O apelo da essência é ouvido pelos poetas fundadores e pensadores na história de um modo decisivo. Quando a arte em sua essência poética é desvelada na história pela criação poética ela aponta de modo decisivo para tudo que é e está sendo no lugar aberto na (e pela) obra de arte. O que se denomina de arte ocidental europeia é determinado também, em seus caracteres fundamentais, no horizonte do modo de ser em que o "Dasein" histórico move-se e busca instaurar-se.

¹⁷⁴ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.37.

¹⁷⁵ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.191.

Mas, para além disso, é na grande arte da aurora da Antiguidade grega que impera um destino superior. Quando Heidegger refere-se à arte, ele visa única e exclusivamente a grande arte. E, não obstante, devemos notar também que a essência da arte moderna tem a sua proveniência no pensamento grego, na essência presente no saber grego primordial, no entanto tal essência da verdade que se manifesta na arte encontra-se velada na modernidade. Por conseguinte, após a época dos pensadores originários, mais tarde na metafísica tradicional, desde Aristóteles, a perspectiva originária de perguntar-se essencialmente pela origem (ou essência) da verdade na obra de arte e em qualquer ente encontra-se velada na história, no esquecimento do “ser”, segundo Heidegger. Uma obra de arte como objeto entre outros objetos não se trata do saber escondido no “ser-aí” grego dos pensadores originários. O saber dos pensadores originários, Anaximandro, Heráclito e Parmênides, refere-se a um saber originário que se encontra em proximidade com a vigência do “ser”.

Como exemplo fundamental da “grande arte” temos a questão do templo exposto por Heidegger em “A origem da obra de arte”:

Aí permanecendo, a obra-templo inaugura um mundo e, ao mesmo tempo, o resitua sobre a Terra, a qual, deste modo, só então surge como o solo pátrio. (...) Somente o templo, no seu permanecer aí, dá às coisas sua vista e aos homens a visão de si mesmos. Esta visão permanece tanto tempo aberta quanto a obra é uma obra, tanto tempo quanto o deus não a abandonou. (...) é uma obra que deixa o próprio deus se presentificar e, assim, o deus propriamente é.¹⁷⁶

Heidegger propõe um diálogo de pensamento com os pensadores gregos e sua linguagem, capaz de lançar raízes no solo da presença histórica, ou seja, do “Dasein” histórico de um povo. É um diálogo que ainda caminha para a plenitude, por essa razão, se é dado o passo atrás para o princípio. Quando Heidegger refere-se a este passo atrás ao princípio, isso

¹⁷⁶ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. pp.105-107.

caracteriza a própria essência do caminho de pensamento, que deve pensar a essência, ultrapassando o esquecimento do “ser” na história. Para compreender-se esta ultrapassagem na história do “ser”, consideramos a “história” a partir de sua etimologia do termo alemão “Geschichte”. Como vimos, é dessa forma que Heidegger compreende a essência histórica. Sobre isso assinala: “para percebermos a atualidade da história, temos de nos desvencilhar da representação historiográfica da história, sempre na moda”.¹⁷⁷ É a essência histórica que indica a originalidade histórica e poética do “Dasein” em sua temporalidade, não como sujeito da história, mas como projeto.

É nesse mesmo contexto que a obra de arte emerge enquanto um criar. Para Heidegger, a obra é instaurada no “operar” (*wirken*) que se refere ao fazer (*tun*)¹⁷⁸. A obra de arte encontra-se num lugar aberto pela clareira do “ser” no entre do ente que é a obra, pois ela dá-se poeticamente como “tesis” instauração, posicionamento e localização no processo de criar¹⁷⁹. Nesse sentido, há uma unidade entre “tesis” e “phísis” (vigência da natureza), visto que a obra de arte para ser criada também necessita da unidade com a natureza e o artista. A sua essência histórica também mostra-se originariamente na unidade entre “tesis” e “phísis” conforme o saber essencial grego.

É na época da técnica moderna, então, que as concepções de “tesis” e “phísis” mostrar-se-ão como separadas, no entanto, na unidade entre “tesis” e “phísis” o lugar aberto na (e pela) obra de arte destaca-se no sentido de trazer para a frente o produzido (poiético), ou seja, conduz o ente à vigência da verdade do “ser”. Pois, a obra é *o que é e como é*, e isso

¹⁷⁷ HEIDEGGER, Martin. “Ciência e pensamento do sentido”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8.ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.41.

¹⁷⁸ Cf. HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

¹⁷⁹ Cf. HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

significa que ela é vigente, isto é, vige tão somente na história. Desse modo, destacamos que em Heidegger, “origem” (*Ursprung*) e história (*Geschichte*) estão relacionados na compreensão da realidade da obra de arte. O real da obra de arte é o trazer à luz, ou seja, à vigência no entre do “Dasein” histórico. De acordo com Heidegger:

(...) “realidade” (*Wirklichkeit*) (...) significa a vigência em si mesma acabada do que se pro-duz e se leva ao vigor de si mesmo. “Operar”, “*wirken*”, pertence à raiz indo-europeia *uerg* de onde provém a palavra “obra”, “*Werk*” (...) o traço fundamental de “operar”, “*wirken*”, e de “obra”, “*Werk*”, não reside no *efficere* e no *effectus* mas em algo vir a desencobrir-se e manter-se desencoberto.¹⁸⁰

Heidegger pensa a realidade do processo de criar da obra de arte a partir do saber grego essencial, no sentido de “Hervor-bringen”, “trazer-para-a-frente”, conforme vimos anteriormente. Mas, faz-se importante voltarmos a essa questão nesse momento, a fim de elucidarmos o trazer do desvelamento da obra de arte para a vigência em sua relação com a origem da obra de arte. A essência poética da obra de arte é, então, a vigência que advém do termo alemão “Wesen”, no sentido de viger, durar, permanecer, estabelecer-se. Por isso, Heidegger defende que aquilo que é fundado próximo à origem é o que permanece. A essência é o que é fundado próximo da origem. É aquilo que chega a desvelar-se permanecendo na história, embora, se por algum tempo esteja velado.

É somente a partir do início da Idade Moderna, especialmente a partir do século XVII, que a palavra “real” assumirá o sentido de “certo”. Trata-se da transformação do pensar pela metafísica tradicional que se distancia dos pensadores originários e dos poetas fundadores. A linguagem então passa a não corresponder à origem. O real passa a referir-se àquilo que tem posição de “certeza”, destacando-se em efeitos e resultados. Por

¹⁸⁰ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.43.

consequente, posteriormente, o real passa a mostrar-se então como “objeto” (*Gegenstand*)¹⁸¹.

O termo “objeto” (*Gegenstand*) emergiu na história do pensamento ocidental somente no século XVIII enquanto uma tradução do latim “objectum”¹⁸². É importante ressaltar que o pensamento grego não representa aquilo que vige como objeto, nem o pensamento medieval. A representação enquanto plenamente objetividade emana na Idade Moderna. Para Heidegger, o pensar representacional como objetividade é um modo de ser inessencial que advém do que vige, todavia no âmbito do esquecimento, não no horizonte da verdade mais essente. Em face disso, Heidegger destaca que o pensar originário era recebido da própria língua grega na aurora da Antiguidade grega. Pensar significa receber da própria “Poesia” (*Dichtung*), de modo inaugural, o seu modo de estar no “ser”. Tal experiência originária escutava o mais primordial na palavra que advém da vigência do “ser”.

Por isso, na conferência “A origem da obra de arte”, quando Heidegger pensa sobre a relação fundamental entre o ente e a verdade, indica-se o modo de ser mais essente da verdade como desvelamento poético que se dá na abertura ontológica ocorrida no “ser-obra” de arte. Por meio do desvelamento poético algo de inaugural acontece nessa abertura da obra enquanto obra em seu ser: há a relação fundamental de terra e mundo no desvelamento poético da verdade do “ser” como “pôr-se-em-obra”. Na abertura emerge-se o mundo na obra e a terra resguarda-se. Conforme Heidegger:

A essência da Terra, como a essência que porta e que se fecha forçada a nada, se revela, porém, somente quando se abra num Mundo, dentro da mútua oposição de ambos. Esta

¹⁸¹ Cf. HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

¹⁸² Cf. HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

disputa está estabelecida na figura da obra e torna-se patente através desta.¹⁸³

A obra de arte acontece poeticamente na abertura originária na disputa entre terra e mundo. Ela acontece, assim, na clareira do "ser". Quando Heidegger inaugura a questão da arte para falar acerca do desvelamento poético da verdade do "ser"¹⁸⁴ na obra de arte, ele busca indicar também o caráter de produção presente na essência da obra de arte. Nesse sentido, a obra é uma produção que desvela a verdade do "ser" e a essência da obra, bem como aponta para o próprio "Dasein" em sua essência na história do "ser". O próprio caráter histórico e poético do "Dasein" é manifestado no processo de criação poética da obra, visto que a obra é interdependente do "Dasein" como artista.

Heidegger busca aclarar a relação entre ente e verdade na obra de arte tendo como ponto de partida a obra de arte de Van Gogh "O par de sapatos" (1886). A partir desta pintura, o filósofo busca ressaltar o desvelar essencial da verdade na obra. Assinala Heidegger:

é a abertura daquilo que o utensílio, o par de sapatos do camponês, é em verdade. Este sendo emerge para o desvelamento do seu ser. Os gregos nomearam *alétheia* o desvelamento do sendo. Nós dizemos verdade e pensamos muito pouco em relação a esta palavra.¹⁸⁵

A obra de Van Gogh: "o par de sapatos" do camponês indica o enigma que permanece na obra de arte, por isso Heidegger a escolhe, dentre tantas obras, a fim de pensar-se acerca do acontecimento historial e poético da verdade do "ser" na obra de arte. Heidegger defende que a obra aponta para o enigma que é o *ente enquanto tal* no horizonte mesmo da verdade

¹⁸³ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.177.

¹⁸⁴ O pensador do "ser" volta o pensamento para o problema da verdade em sua essência. Ele busca pensar a questão da verdade levando em consideração o termo grego "*alétheia*", que refere-se no pensamento de Heidegger ao desvelamento da verdade do "ser" no ente. (Cf. HEIDEGGER, Martin. "A origem da obra de arte", p.40. In. *Caminhos de floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002).

¹⁸⁵ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.87.

do “ser” mediante a disputa originária entre terra e mundo que se dá no “ser-obra”. A questão em sua essência que permanece como enigma é, especialmente, o acontecimento da verdade em seu modo de ser poético, visto que “a poesia mantém-se sempre cheia de mistérios”.¹⁸⁶ É dessa maneira que Heidegger destaca o enigma, em que a verdade do “ser” desvela-se poeticamente na essência dos entes em forma de disputa originária.

Ao pensar, então, a questão da disputa a partir do exemplo dos sapatos da camponês, Heidegger elucida que tais sapatos abrem um mundo, a saber: o mundo do camponês, o que vem a indicar que eles se fundam na terra, com o propósito de encontrar repouso. Nesse contexto, terra e mundo pertencem um ao outro. A terra manifesta-se como terra nos sapatos mediante o mundo da camponês, pois os sapatos feitos de material da terra co-pertencem ao acontecimento da verdade do “ser” no *entre* do ente que ocorre no mundo.

Pensando um pouco mais sobre o que se manifesta no quadro de Van Gogh acerca da pergunta pela origem da obra de arte destaca-se, segundo Heidegger, o acontecimento da verdade que acontece no *ente enquanto tal* de modo inaugural por ser iluminado pela clareira do “ser”. Tal acontecimento constitui a abertura do que o par de sapatos da camponesa, isto é, o ente, é em verdade. O ente irrompe para o desvelamento de seu ser no acontecimento poético da verdade do “ser” em obra. Segundo Heidegger: “na obra está em obra um acontecer da verdade, se aqui acontece uma abertura inaugurante do sendo, naquilo que ele é e, no como ele é”.¹⁸⁷ Nesse sentido, o acontecimento da verdade é essencialmente a abertura inaugurante do ente em seu ser, no *que é e como* ele é.

¹⁸⁶ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.175.

¹⁸⁷ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.87.

A obra de Van Gogh “o par de sapatos” do camponês, então o acontecer da verdade instaura originariamente em seu modo de ser a essência do ente. Em cada obra de arte acontece poeticamente a abertura inaugural, ou seja, o desvelar poético da verdade do ente. Dessa maneira, a obra de arte pertence ao lugar que se abre na própria obra, a abertura inaugurante do acontecimento da verdade. O lugar aberto no entre do ente, por exemplo, a obra de arte, chama-se também de clareira. Conforme Heidegger:

na obra de arte, a verdade do sendo pôs-se em obra. “Pôr” diz aqui: trazer para o permanecer. Um sendo, um par de sapatos de camponês, vem, para o permanecer na luz do seu ser, na obra. O ser do sendo vem para o constante do seu brilhar.¹⁸⁸

No entre do velamento e desvelamento, o lugar aberto na obra de arte, advém do próprio velamento para a luz do desvelar, mas não se esgota no seu desvelar, anuncia a sua essência e, ao mesmo tempo, resguarda-se. Isso vem a significar o caráter ambíguo da clareira do “ser” ou verdade do “ser”. Por isso, Heidegger destaca que o acontecer do ser-obra acontece como desvelo, mas um desvelo ainda enigmático. Para o filósofo, “portanto, a arte é: o criativo desvelo da verdade na obra”.¹⁸⁹ Conforme o pensador do “ser”, a arte permanece um enigma (*das Rätsel*). Não se tem a pretensão de resolver o enigma, mas de permanecer na tarefa de ver o enigma. Isso se refere ao modo essencial de perguntar, o perguntar como ver o enigma que o ente mesmo é o *que é* e *como* ele é. O pensamento segue num movimento circular que volta para a pergunta originária: a questão do “ser”.

Como se vê, há uma transformação da relação com o ente através do poético. Nesse sentido afirma Heidegger: “toda arte é, como o deixar-acontecer a adveniência da verdade do sendo como tal, em essência

¹⁸⁸ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.87.

¹⁸⁹ Ibid., p.181.

poiesis".¹⁹⁰ Pensando um pouco mais sobre a essência poética do acontecer da verdade no ente, é importante ressaltarmos que em "A caminho da linguagem", Heidegger também questiona pela essência do ponto de vista da história do "ser". A pergunta central é: qual a essência da linguagem?

Refletindo sobre isso salienta Heidegger:

a própria linguagem é *poiesis* em sentido essencial. Mas porque a linguagem é aquele acontecimento no qual, a cada vez, o sendo como sendo se abre pela primeira vez para o ser humano, por isso é a poesia, a *poiesis* em sentido mais restrito, a mais originária *poiesis* em sentido essencial. A linguagem não é por isso *poiesis*, ou seja, porque é a poesia primordial, mas a poesia apropria-se na linguagem, porque esta conserva a essência originária da *poiesis*. (...) a arquitetura e a escultura acontecem sempre já e sempre somente no aberto do narrar inaugurante e do nomear. Elas são regidas e conduzidas pelo aberto. Por isso, ficam sendo caminhos e modos próprios de como a verdade se encaminha para a obra. Elas são sempre um dos modos próprios do *poietizar* dentro da clareira do sendo, que já desapercivelmente aconteceu na linguagem.¹⁹¹

Levando em conta tais considerações, quando Heidegger reflete sobre a questão da origem da linguagem, ele, de fato, volta-se para a dimensão da interface arte, linguagem e "Poesia" (*Dichtung*). Buscamos, por ora, refletir em algumas considerações. Como mencionamos anteriormente, Heidegger em sua reflexão pela essenciação da verdade do "ser" no ente relaciona de modo essencial origem e sagrado na vigência do "ser", pois ele entende que o desvelamento poético da verdade do "ser" dá-se como doação sagrada ou narrar inaugural dos deuses.

Nesse sentido, o desvelamento poético da verdade do "ser" como narrar inaugural acontece também na essência da linguagem por ela mesma ser dito poético que nomeia essencialmente o ente em sua diferença

¹⁹⁰ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p. 183.

¹⁹¹ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. pp.189-191.

ontológica com o “ser”. Nessa perspectiva, é importante destacar o que Heidegger assinala: “no dito, a fala se consoma, mas não acaba. No dito, a fala se resguarda”.¹⁹² A essência da linguagem como dito poético resguarda os entes em sua essência e os reúne em sua unidade originária. Isto se dá porque a linguagem e a “Poesia” (*Dichtung*) apresentam uma relação especial, porque tão somente na linguagem conserva-se a essência originária do poético. Como Heidegger bem afirmou: “(...) a poesia apropria-se na linguagem, porque esta conserva a essência originária da *poiesis*”.¹⁹³ Para Heidegger, é mediante a palavra originária presente no narrar inaugural que a linguagem essencial como dito poético conserva tal essência originária da “poiesis” ou “Poesia” (*Dichtung*).

Investigamos, desse modo, que o dito poético é importante na determinação da essência da linguagem e, especialmente, da obra de arte. E isto se dá na palavra originária que advém da vigência do “ser”, conforme nos deteremos mais adiante. Por ora, é necessário assinalarmos que segundo Heidegger: “no dito, a fala recolhe e reúne tanto os modos em que ela perdura como o que pela fala perdura – seu perdurar, seu vigorar, sua essência”.¹⁹⁴ Por isso que na linguagem como dito poético ocorre a essenciação da verdade do “ser” em seu acontecimento essencial. Nesse sentido, assinala Heidegger:

Se devemos buscar a fala da linguagem no que se diz, faríamos bem em encontrar um dito que se diz genuinamente e não um dito qualquer, escolhido de qualquer modo. O que é dizer genuinamente? Dizer genuinamente é dizer de tal

¹⁹² HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. pp. 11-12.

¹⁹³ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.189.

¹⁹⁴ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.12.

maneira que a plenitude do dizer, própria ao dito, é por sua vez inaugural. O que se diz genuinamente é o poema.¹⁹⁵

Noutra passagem desse escrito, Heidegger ressalta: “a grandeza de uma obra consiste, na verdade, em que o poema pode negar a pessoa e o nome do poeta”.¹⁹⁶ Enquanto poética (*poiesis*) a linguagem é desveladora da verdade. A linguagem aponta ao ente enquanto tal para o lugar aberto pela essenciação poética da verdade do “ser”. Por isso, em “A origem da obra de arte”, Heidegger elucidará:

onde nenhuma linguagem se faz presente como no ser da pedra, da planta e do animal, também aí não existe nenhuma abertura do sendo e, por consequência, também nenhuma abertura do não-sendo e do vazio.¹⁹⁷

Heidegger refere-se não à linguagem instrumental, mas à linguagem em sua essência poética, que recebe tal essência da vigência do “ser”. Desse modo, a própria linguagem enquanto “poiesis” faz com que os entes em sua entidade, especialmente, a obra de arte, sejam trazidos para o aberto da clareira do “ser”, para a vigência do ente iluminada na vigência do “ser”. A relevância do poético no caminho de pensamento de Heidegger está relacionada também e de modo primordial ao escutar o apelo do “ser”, o escutar em sua essência, que no silêncio ouve atentamente o soar da palavra originária do “ser”, para que se habite na proximidade da origem, a saber: a linguagem poética, ou seja, a morada do “ser”. Como bem aclara Heidegger: “ao seer, porém, pertence inicialmente a palavra”.¹⁹⁸

¹⁹⁵ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.12.

¹⁹⁶ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.13.

¹⁹⁷ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.187.

¹⁹⁸ HEIDEGGER, Martin. *O acontecimento apropriativo*. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Alemanha: Vittorio Klostermann, 2013. p.260.

Com essa compreensão, um dos problemas levantados por Heidegger no que tange à estética e à metafísica em geral é o não reconhecimento da diferença ontológica entre o ente e o ser do ente e o ente e o “ser” (*Seyn*). É tendo, justamente, como ponto de partida a virada que Heidegger ocupar-se-á da pergunta pela essência do ente como proveniente da origem na verdade do “ser” e isto somente pode ser realizado considerando a diferença ontológica para poder perguntar-se pela essência.

O perguntar pela essência sob a consideração da diferença ontológica é realizado, por excelência, em Heidegger, mediante a meditação da essenciação da verdade do “ser” como poética. Quando Heidegger, ao percorrer a história da metafísica tradicional até a sua época, passa a pensar, na década de 30, essencialmente a linguagem como um dos problemas da história, enfatiza que uma das características que marcam a história do esquecimento do “ser” em seu não perguntar pela verdade do “ser” segundo a sua diferença ontológica é também uma questão de linguagem.

Visto que, a linguagem inessencial não pode instaurar a pergunta pela verdade do “ser”, tão somente a linguagem poética¹⁹⁹ o pode. Portanto, entendemos, nesse sentido, que a questão da verdade do “ser” é uma questão acerca da essência em Heidegger. Desse modo, tal pergunta para ser instaurada necessita ter em consideração a linguagem em sua essência. Como o próprio Heidegger afirma: “permanece a carência de, em cada uma das diferentes estações do caminho, a cada vez, falar justamente a linguagem propícia”.²⁰⁰

Para compreender-se a essência da arte enquanto fundação poética da verdade é necessário ter-se a correta noção da linguagem. Isso implica

¹⁹⁹ Retomaremos para a questão da relação entre “Dichtung” (Poesia, poiesis) e linguagem no capítulo três, quando pensarmos sobre a questão da linguagem poética presente no mito. E a partir disso, pensarmos um pouco mais sobre a essência poética que, como vimos, está presente também na arte.

²⁰⁰ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.221.

o perguntar fenomenologicamente pela essência da linguagem em contraposição à compreensão corrente da linguagem como uma espécie de meio de comunicação. Para Heidegger isso se dá na dimensão da “poiesis”, que possui uma relação originária com a linguagem e a palavra. Nesse sentido, assinala Heidegger: “a poiesis é aqui pensada em um sentido tão amplo e, ao mesmo tempo, numa unidade essencial tão íntima com a linguagem e a palavra”.²⁰¹ Veremos, então, no próximo tópico da tese, que tal aclaração de Heidegger remete ao fato de que a fundação essencial da verdade enquanto “Poesia” apresenta uma relação originária com a linguagem e a palavra na história do “ser”. Após estas considerações, podemos, então, refletir mais detidamente nessas questões.

1.3. Essência e Linguagem

Na obra “Sobre a essência da linguagem e a pergunta pela arte” (*Zum Wesen der Sprache und zur Frage nach der Kunst*, 1939), Heidegger ressalta a questão da origem e da linguagem em sua essência. A pergunta fundamental seria: o que é a origem para Heidegger? Retomando esta questão tão importante desde a década de 30 para Heidegger, é importante ressaltar uma outra aclaração. Para Heidegger, a origem (*Ursprung*) refere-se também à abertura dos entes como tais, ou seja, a abertura inaugural dos entes em sua diferença ontológica perante o “ser”. Conforme Heidegger: “a obra de arte, à sua maneira, abre inauguralmente o ser do sendo”.²⁰² O próprio ente em sua abertura ontológica é iluminado e também ilumina a pergunta da verdade do “ser”. Isso caracteriza a essência da abertura do ente na história. Somente é possível tal abertura do ente no

²⁰¹ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.189.

²⁰² HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.95.

horizonte do modo de ser do "Dasein" em seu habitar poético – que levanta a pergunta pela verdade do "ser".

Conforme Heidegger:

Mas o homem não é apenas um ser vivo que, entre outras habilidades, também tem linguagem. Antes, a linguagem é a casa do ser, (...) na qual o homem existe, pertencendo à verdade do ser, guardando-a.²⁰³

O "Dasein" enquanto poético ele mesmo pertence à verdade do "ser". Nesse sentido, por pertencer à essência da verdade ele também pode instaurar a questão do "ser" na história, o que demonstra, como já mencionamos anteriormente, a sua característica ontológica de ente hermenêutico. E, por outro lado, Heidegger também denomina o "Dasein" como "guardião da verdade". Como bem aclara Benedito Nunes: "ao homem só compete guardar a verdade que na linguagem se abriga".²⁰⁴ Desse modo, a obra de arte, enquanto ente, encontra-se em abertura ontológica através do "Dasein" em seu habitar poético, a saber: a essência poética da linguagem. Acerca disso ressalta o filósofo:

Mas aonde nós, os humanos, podemos nos informar sobre a essência do habitar e da poesia? Aonde o homem assume a exigência de adentrar a essência de alguma coisa? O homem só pode assumir essa exigência a partir de onde ele a recebe. Ele a recebe no apelo da linguagem. Mas isso, certamente, apenas e enquanto o homem já estiver atento à essência da linguagem.²⁰⁵

O acontecer poético da arte em sua abertura dá-se na dimensão da morada do "ser", a saber: a linguagem em sua essência poética. Para Heidegger, é mediante a essenciação poética da verdade do "ser" que a

²⁰³ HEIDEGGER, Martin. *Wegmarken*. Band 9. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976. p.333, tradução nossa.

²⁰⁴ NUNES, Benedito. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: editora perspectiva S.A., 1969. p.76.

²⁰⁵ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p. 167.

linguagem revela o seu sentido, ou seja, a sua essência. Em que o ente é como ente em sua essência, não conforme o dualismo cartesiano de sujeito e objeto, mas tal como ele é no princípio a partir do “ser”.

Conforme salienta Heidegger: “desvelamento do ser é o que primeiramente possibilita a manifestação do ente. Esse desvelamento como verdade sobre o ser é chamado verdade ontológica”.²⁰⁶ A verdade ontológica no ente, tal qual a obra de arte, somente se dá no modo de ser da “Poesia” (*Dichtung*). A “Poesia” seria, então, para Heidegger: “Dichtung – dito pensante”.²⁰⁷ Pertence, portanto, ao acontecimento do “ser”. A partir da “abertura do ser” erige-se a história do “ser” em sua vigência essencial. Isto é o que Heidegger nomeia como o acontecimento apropriador em que o próprio “ser” sustenta-se²⁰⁸. Nas palavras de Heidegger: “o acontecimento apropriador em que o próprio ser se sustenta”²⁰⁹. O acontecimento apropriador é de onde emana o desvelamento da verdade do “ser” quando acontece em seu vigor essencial. Em “Conferências e escritos filosóficos” Heidegger aclara que: “no acontecimento-apropriação vibra a essência daquilo que a linguagem fala, a linguagem que certa vez designamos como a casa do ser”.²¹⁰ O filósofo ressalta que o acontecimento apropriador refere-se ao comum pertencer de homem e “ser”. O “Dasein” reside no acontecimento que se realiza essencialmente na linguagem. É no

²⁰⁶ HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.143.

²⁰⁷ HEIDEGGER, Martin. *Zum Wesen der Sprache und zur Frage nach der Kunst*. Band 74. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann GmbH, 2010. p.134. tradução nossa. Nesse momento, optamos por não traduzir o termo “Dichtung” que se refere a “Poesia” em sentido amplo. Heidegger afirma: “Dichtung – denkerischer Spruch”. Cf. (HEIDEGGER, Martin. *Zum Wesen der Sprache und zur Frage nach der Kunst*. Band 74. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann GmbH, 2010. p.134).

²⁰⁸ Cf. HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.61.

²⁰⁹ Cf. HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.61.

²¹⁰ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.182.

acontecimento apropriador em que emerge também a identidade entre pensar, poetar, dizer e “ser”.

Dessa maneira, podemos refletir, agora, um pouco mais nas características da “Poesia” (*Dichtung*), ou seja, o modo em que a verdade do “ser” essencializa-se na história. Como vimos anteriormente o modo de essenciação da verdade do “ser” é poética. Nesse sentido, também mencionamos que em Heidegger tal essenciação poética da verdade do “ser” é entendida como doação do sagrado ou narrar inaugural dos deuses que se manifesta na unidade da disputa originária. Mas, por que a essenciação poética da verdade do “ser” é um narrar inaugural? Queremos refletir um pouco mais sobre esse traço da essenciação poética. Heidegger defende que a “Poesia” (*Dichtung*) em sua essência é dito pensante (*denkerischer Spruch*). Isto se refere, em Heidegger, à própria palavra em sua origem, já que a palavra é como dito ou narrar, mas, primeiramente, ela é silêncio do “ser”. Seria, primordialmente, do silêncio do “ser” que o dito pensante emergiria. Assim, a palavra é primeiramente silêncio do “ser”, fazendo emergir o dito originariamente como dizível e também indizível. No sentido de que o dito não se esgota, desvela-se e também vela-se no jogo da clareira da verdade ontológica. Conforme Heidegger ressalta numa passagem de sua obra “Ser e Verdade”: “a palavra não afasta simplesmente o silêncio, mas o traz em si e consigo, isto é, torna-se por sua vez, a abertura que transmite e comunica”.²¹¹

Podemos compreender que em Heidegger o desvelar poético da verdade na arte estaria a rememorar a própria palavra originária do “ser”, ou seja, a questão do “ser”, pois o problema do “ser” é colocado a partir da essência da verdade na pergunta pela origem da obra de arte. Nesse sentido, é importante atentarmos-nos ainda para o que Heidegger entende como palavra. A palavra em sua origem é: “palavra – que surge do ser”,

²¹¹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.125.

noutras palavras, "(...) ser vige como origem da palavra – silêncio".²¹² E por isso acontece essencialmente como o "dito" ou "narrar inaugural" [*die Sage*]. De modo inaugural na história, a primeira palavra em sua essência é "das Seyn" [o "ser"]. Conforme Heidegger: "a palavra é aqui o dito [*Sage*] da verdade do ser [*Seyn*"]".²¹³ A própria palavra originária do "ser" ou a palavra da verdade do "ser" como clareira do "ser" tem o seu caráter ambíguo, manifestando-se na história como dito poético ou narrar inaugural (*Sage*) e também como proposição (*Aussage*). Nessa perspectiva, o "Dasein" em seu modo de ser do "habitar poético" dá-se ao escutar e corresponder o apelo do "ser" presente na palavra originária do "ser" que se revela na essência da linguagem. Para Heidegger: "o não-ouvir (...) vira costas à origem".²¹⁴ Mas, o que vem a ser a origem da linguagem?

O filósofo alemão enfatiza que a origem da linguagem dá-se mediante a palavra: "a origem da linguagem emana da palavra".²¹⁵ A palavra é como a vigência do "ser". Assim, a linguagem em sua origem fala a palavra poética. Ela é na clareira (*Lichtung*) do "ser" (*Seyn*) que apresenta o apelo do "ser" no habitar poético do "Dasein". Segundo Heidegger: "a palavra – o dito – o som da clareira da luta entre encontro e disputa".²¹⁶

Há um esforço do filósofo alemão para retornar ao princípio (*Anfang*) com o propósito de estar sempre na vizinhança do "ser". Retornando às questões fundamentais da filosofia sob a perspectiva da pergunta mais importante do pensamento: a pergunta pela verdade do "ser" no horizonte da essência da linguagem. É necessário a superação da metafísica através da "Poesia" presente na essência da linguagem e no habitar poético.

²¹² HEIDEGGER, Martin. *Zum Wesen der Sprache und zur Frage nach der Kunst*. Band 74. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann Gmb H, 2010. p.135, tradução nossa.

²¹³ HEIDEGGER, Martin. *Über den Anfang*. Band 70. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2005. p.9, tradução nossa.

²¹⁴ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.189.

²¹⁵ HEIDEGGER, Martin. *Zum Wesen der Sprache und zur Frage nach der Kunst*. Band 74. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann Gmb H, 2010. p.138. tradução nossa.

²¹⁶ HEIDEGGER, Martin. *Zum Wesen der Sprache und zur Frage nach der Kunst*. Band 74. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann Gmb H, 2010. p. 138, tradução nossa.

A passagem da metafísica da tradição para o pensamento essencial dá-se no caminho para o “ser”, que também é um confrontar contra as forças do subjetivismo metafísico. Tal passagem que se encontra no caminho para o “ser” já é a própria superação da metafísica em seu “vir-a-ser” ao encontro do pensamento essencial. Conforme Heidegger assinala: “o acto de pensar (...) é a pré-compreensão”.²¹⁷ É importante ressaltarmos que o pensar essencial é pré-compreensão, ou seja, ontológico em sentido amplo. O pensar caminha para a origem.

Há, de fato, uma confrontação entre o “já” e o “ainda-não” da concretização da superação da metafísica, que não se trata de uma negação da metafísica, mas sim de no horizonte da história da metafísica (que advém do esquecimento do “ser”) emergir o apelo na essência do “Dasein” para escutar e corresponder a verdade do “ser”, visto que, para Heidegger: “os mortais ouvem sob a forma do não-poder-ouvir; o seu ouvir é o não-ouvir e o querer-não-ouvir”.²¹⁸ Os mortais precisam ser educados para o ouvir poético, pois somente eles podem habitar poeticamente. Isto se dá porque a essência do habitar humano é a linguagem em sua essência poética, que convoca ao apelo do “ser” para morar na morada do “ser”: a linguagem. É nesse sentido que para Heidegger a superação da metafísica pertence à essência da linguagem.

Sob o viés ontológico da “Poesia” (*Dichtung*), o “Dasein” é posto em face da “pergunta pela verdade do ser” através da urgência do apelo de rememorar a origem. Assim, a “Poesia” (*Dichtung*) também presente no modo de ser originário do “Dasein” aponta para a palavra poética originária do “ser” presente na essenciação poética da verdade. Tal essência é histórica e ontológica. Ela revela-se também nos caracteres ontológicos do “Dasein” que é essencialmente historicidade e temporalidade.

²¹⁷ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.177.

²¹⁸ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.189.

A palavra poética funda o "Dasein". É nesse sentido que em seu habitar poético, enquanto um ser de linguagem, ele é o próprio guardião da verdade do "ser". Nessa perspectiva, é importante refletirmos sobre o paralelo entre a essência da linguagem e a linguagem inessencial ou instrumental. O "Dasein" só se encontra no modo de ser de linguagem ou ser poético quando habita poeticamente, ou seja, quando ele dá-se no seu modo de ser originário que é poético. Heidegger reflete tal questão também no âmbito da necessidade da passagem do viés da metafísica tradicional da linguagem enquanto "instrumentum" para o viés da essência da linguagem que emana da vigência da palavra em sua essência na história do "ser". Tal passagem é possível através do salto na história do "ser", do esquecimento do "ser" para o apelo do "ser".

Conforme o filósofo, a concepção de linguagem herdada da tradição representa a linguagem enquanto "instrumentum". A questão da linguagem alcança, então, destaque na filosofia de Heidegger no horizonte do pensamento do apelo do "ser", pois a linguagem herdada da tradição não poderia, segundo Heidegger, perguntar pela origem do ente e do "ser" (*Seyn*). O perguntar em sua essência para corresponder ao "apelo do ser" necessitaria perguntar pela origem (*Ursprung*). Para tanto a tarefa do pensamento seguirá o caminho para o "*Anfang*" (o princípio). Heidegger busca superar, então, a própria "Filosofia da linguagem" enquanto ciência da linguagem, pois, segundo o filósofo, ela não perguntaria ontologicamente pela essência da linguagem, mas permaneceria presa ao esquecimento do "ser" da metafísica herdada pela tradição.

A questão da "essência" e a questão da origem revelam-se no perguntar em sua essência. É necessário saber perguntar! E todo perguntar deve ser instituído no horizonte da pergunta pela verdade do "ser". Nessa perspectiva, Heidegger enfatiza que a compreensão ocidental da linguagem é caracterizada através da tradução romana da experiência grega do "logos" como "ratio" (razão). Assim, o homem é o animal racional detentor da

linguagem pela razão. Essa compreensão não tocaria a pergunta pela essência da linguagem, segundo Heidegger. Herdada pela tradição há a concepção antropocêntrica: “antropos zoon logos exon”. Nesse sentido, o “lógos” seria, enquanto razão, a conformidade da palavra à razão e o falar enquanto discurso da razão. Uma capacidade exclusiva do homem racional. Em face disso, irrompe no pensamento de Heidegger a questão: qual é a essência da linguagem? Como vimos, é a palavra poética que advém do “ser”. A linguagem somente é através do dito poético que emana da palavra originária do “ser”. Como Heidegger mesmo afirma: “(...) só através do dizer!”.²¹⁹

A palavra poética está fundada no “ser”. Já a linguagem enquanto “instrumentum” advém do esquecimento do “ser”, que se reflete também numa das possibilidades do modo de ser do “Dasein” como existência inautêntica na história. Mediante a tarefa de pensar a essência e, desse modo, perguntar pela essência, Heidegger destaca que o “Dasein” em seu modo de ser originário para corresponder ao apelo do “ser” de morar na linguagem, na morada do “ser”, deve atentar para a ação originária do escutar a palavra do “ser” presente na linguagem em sua essência.

É no modo de ser originário do “Dasein”, isto é, habitando poeticamente que se pensa a essência, visto que neste modo de ser originário escuta-se e corresponde-se ao apelo do “ser” podendo, assim, perguntar-se de modo primordial pela essência. O pensar e o perguntar pertencem-se mutuamente. Isso caracteriza a fenomenologia de Heidegger. Que é o retornar à essência através da escuta do apelo da origem na vigência do “ser”. Na época da técnica, podemos atestar que ainda não se concretizou a superação da metafísica, mas através do pensador e do poeta fundador o “Dasein” encontra-se a caminho do “ser” em sua proximidade, pois o “ainda-não” na história do esquecimento do “ser” necessita do

²¹⁹ HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra: a respeito do tratado de Herder "Sobre a origem da linguagem"*; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p.9.

pensador e do poeta fundador para alcançar-se o princípio (*Anfang*). Conforme Heidegger destaca acerca do poeta, especialmente: “realiza-se neles a abertura e a refundação da história”.²²⁰

Compreendemos que Heidegger, leva em consideração a meditação fundamental acerca da essência da linguagem tendo como ponto de partida a palavra poética e cantante que é o próprio modo da verdade do “ser” viger. Nesse sentido, a palavra não é enquanto “razão” (*ratio*). O filósofo alemão supera, então, a concepção ocidental herdada pela tradição da palavra como “logos-ratio”. Em “Sobre a essência da linguagem”, Heidegger elucida metaforicamente sobre essa relação entre “logos” e “ratio” como o “carrossel eterno”²²¹, visto que a partir da transformação das palavras gregas pela tradição romana, “logos” alcançou o significado de “razão” e com isso o uso da razão está relacionado à linguagem instrumental como invenção.

A pergunta pela essência da linguagem constitui o salto originário, ou seja, o passo atrás para o “princípio” (*Anfang*), mediante o caminho do pensamento essencial na história do “ser”. Heidegger alerta para o seu propósito: “(...) não filosofia-da-linguagem – mas outro começo da filosofia em geral. A decisão e sua preparação”.²²² É o passo de decisão do pensador Heidegger a partir da “Poesia” (*Dichtung*) sob a inspiração do poeta dos poetas e também poeta da decisão: Hölderlin. Conforme Heidegger: “(...) através da própria poesia e quicá não uma arbitrária, qualquer, mas

²²⁰ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia*. Tradução Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017. p.105.

²²¹ HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra: a respeito do tratado de Herder "Sobre a origem da linguagem"*; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p.44.

²²² HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra: a respeito do tratado de Herder "Sobre a origem da linguagem"*; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p.52.

única”.²²³ Trata-se da decisão pela escuta originária da palavra do “ser” vigente na casa do “ser”: a linguagem. Conforme Heidegger:

Este princípio no sentido de um enunciado transformou-se a caminho num princípio que é uma espécie de salto que, distanciando-se do ser como fundamento do ente, salta no abismo (sem-fundamento). Mas este abismo não é nem o nada vazio nem o negro caos, mas: o acontecimento-apropriação. No acontecimento-apropriação vibra a essência daquilo que a linguagem fala, a linguagem que certa vez designamos como a casa do ser.²²⁴

É por isso que a passagem para a superação da metafísica dá-se a partir da metafísica (da história do esquecimento do “ser”). Do esquecimento do “ser” advém o apelo para a escuta originária do apelo do “ser”, já que o pensamento metafísico pergunta não essencialmente pelo *ente enquanto ente*; é necessário, então, segundo Heidegger, o salto através da essência da linguagem.

A fim de superar a metafísica tradicional, faz-se necessário, para Heidegger, apreender a metafísica como tal, pensar sobre aquilo em que está fundamentada: o esquecimento da verdade do “ser” que se dá através da compreensão do “lógos” enquanto “ratio”, não como “Poesia” (*Dichtung*). Compreendemos que em Heidegger o projeto essencial da linguagem é o “Dasein” em sua relação poética essencial com a verdade do “ser”.

Isso remete a uma característica essencial importante do “Dasein” em sua essência como compreensão ou como ser hermenêutico. Sobre isso assinala Heidegger em “Conferências e escritos filosóficos”: “a compreensão é o projeto ekstático jogado, quer dizer, o projeto in-sistente no âmbito do aberto”.²²⁵ Heidegger refere-se à compreensão como a ação primordial da

²²³ HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra: a respeito do tratado de Herder “Sobre a origem da linguagem”*; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p.52.

²²⁴ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.182.

²²⁵ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.84.

existência humana, em que o "Dasein" tem, nesse sentido, a compreensão pré-ontológica ou compreensão ontológica ampla na estrutura de seu ser apontando, para além dele mesmo, para a verdade do "ser". Por isso Heidegger também destaca: "a compreensão do ser, ainda não reduzida ao conceito, designamos, por isso, compreensão pré-ontológica ou também ontológica, em sentido mais amplo".²²⁶ Somente o "Dasein" em sua essência que pode ouvir e questionar essencialmente acerca da verdade do "ser". Conforme Heidegger: "(...) no essencial, de outra maneira para lá – para abertura do ente como tal (...) clareira do Ser (...)".²²⁷

Como Heidegger apresenta, então, a determinação essencial da linguagem em sua relação com o Dasein? Podemos refletir essa questão a partir da noção de correspondência entre o "Dasein" em face do apelo do "ser". Se, por um lado, a correspondência do "Dasein" ao "ser" realiza-se na morada do "ser": a linguagem em sua essência poética, sendo tal essência pertencente ao próprio "Dasein" como habitar poético, por outro lado – e este é o ponto decisivo – a correspondência brota no "Dasein" devido ele ser um ente hermenêutico, isto é, ter o caractere ontológico da compreensão ontológica em sentido amplo.

Concretamente, o modo de ser do "Dasein" na essência da linguagem seria, então, o habitar na essência. Já a linguagem enquanto "instrumentum" seria a possibilidade presente no "Dasein" na "inessência" (*Unwesen*) do cotidiano. Tal possibilidade demonstra-se, substancialmente, no pensamento metafísico ocidental que se apresenta no subjetivismo. Pergunta, então, Heidegger: "mas o que isso significa? *Ego cogito, ergo sum* – *ego* como *subjectum*".²²⁸

²²⁶ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p. 118.

²²⁷ HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra: a respeito do tratado de Herder "Sobre a origem da linguagem"*; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p.30.

²²⁸ HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra: a respeito do tratado de Herder "Sobre a origem da linguagem"*; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p.16.

Como “ser-no-mundo”, o “Dasein” também pode apresentar o modo de ser do cotidiano no horizonte de sua referência. Em “Ser e Tempo”, o filósofo havia enfatizado que no horizonte da referência há a dimensão da ocupação. Isto vem a significar que o “Dasein” comparece no modo de ter em conta aos outros. Heidegger denomina que o “Uno” que é cada “Dasein” aponta para o modo de ser do “Dasein” em sua imediatez da convivência. Conforme o filósofo: “a convivência significa comparecer no mundo circundante do que nos ocupamos conjuntamente”.²²⁹

O “Uno” no horizonte da referência indica o “nada” ao que se entrega o “Dasein” cotidiano em si mesmo. Advém, segundo Heidegger, do modo de ser primário da publicidade: a linguagem. Em “Ser e Tempo”, o filósofo pensa a linguagem em sua plena existência fenomênica enquanto um modo de ser do “Dasein” mesmo. Nesse sentido, o “Dasein” como o “Uno” habita de modo mais imediato e próprio na “faladura”, a qual se entende como um determinado modo de ser da linguagem na vida cotidiana.

A noção de linguagem em “Ser e Tempo” é apresentada, especialmente, em sua relação com o “Dasein” como “ser-no-mundo”. O “Dasein” histórico como “Uno” se abre na fala mediante a publicidade ou fala cotidiana. Sendo um dos modos de ser da linguagem, tal falar caracteriza-se como um modo determinado de permanecer no mundo. Nesse sentido, em “Ser e Tempo”, o filósofo inaugura a interpretação da linguagem a partir da constituição originária do “ser-no-mundo”.

Quando o pensar volta-se para as possibilidades da linguagem mediante as possibilidades ontológicas do “Dasein” histórico se é possível percorrer, então, como inicialmente se deu no caminho de Heidegger a questão acerca da linguagem. Após “Ser e Tempo”, Heidegger ampliará, então, a sua interpretação da relação do “Dasein” com a linguagem, agora, como o dito poético que advém da palavra do “ser”.

²²⁹ HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008. p.37, tradução nossa.

Nessa perspectiva, a compreensão que é o "Dasein" revela-se como a possibilidade essencial do projeto de ser e do "ser-no-mundo". Por isso, ao "Dasein" é possível o ouvir originário o apelo do "ser" na palavra originária. Tal ouvir provém do cuidado no "Dasein" enquanto compreensão. Nesse sentido, Heidegger afirma: "ouvir cuidadoso - voltar-se para, permanecer junto a, esperar atenciosamente, espreitar (lauern)".²³⁰ Para corresponder ao apelo do "ser" presente na linguagem, o "Dasein" necessita ter um ouvir cuidadoso. Assim, a essência da linguagem no "Dasein" rememora, desse modo, a pergunta pela verdade do "ser" em sua diferença ontológica entre o ente e o seu ser e o ente e o "ser". Tal reflexão em Heidegger caracteriza-se como o experimentar decisivo na história mediante primordialmente a poesia essencial de Hölderlin. Porque, foi através deste pensar sobre o poetar que Heidegger compreendia a questão do rememorar a questão essencial: a pergunta pelo "ser", por isso, Heidegger o nomeia como o poeta da decisão.

Heidegger defende que no próprio "Dasein" constitui-se um salto prévio para a questão da essência pois somente ele é compreensão. O "Dasein" na possibilidade da linguagem enquanto "instrumentum" não é trazido ao seu fundamento essencial – que é a clareira do "ser". Ao contrário da linguagem em seu modo de ser instrumental, em "Sobre a essência da linguagem", por exemplo, Heidegger elucidará que a palavra em sua essência é *como* a clareira do "ser" que vige na história. Na linguagem como "instrumentum" encontra-se inacessível a clareira – como custódia do "ser". Há, nesse sentido, o emudecimento da clareira do "ser" como acontecimento apropriador na disputa entre mundo e terra - o modo de essenciação poética da verdade do "ser" no ente. Heidegger diz:

a essência da verdade é, em si mesma, a disputa originária,
na qual é conquistado aquele meio aberto, dentro do qual o

²³⁰ HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra: a respeito do tratado de Herder "Sobre a origem da linguagem"*; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p.21.

sendo vem se situar e do qual o sendo se retira para si mesmo.²³¹

Uma outra questão importante a se destacar é que a linguagem em sua essência é a mesma fonte originária para o pensar, o dizer e o poetar. Da linguagem advém o pensar essencial, que corresponde à “palavra” do “ser” presente na linguagem em sua essência e a diz poeticamente. Conforme Heidegger: “pensar e dizer igualmente originárias e da mesma essência”.²³² Então, elucidamos o seguinte, “lógos”, “légein” e “poiesis”: pensar, dizer e poetar reunidos na morada do “ser”.

É importante ressaltarmos o que Heidegger destaca numa passagem de “Ser e verdade”: “e é este caráter da linguagem que os gregos logo experimentaram e a que deram o nome de logos, legein, reunir, colher por meio do dizer”.²³³ Com isso, perguntamos: o “Dasein” tem a linguagem ou a linguagem “tem” o “Dasein”? O “Dasein” é ele mesmo definido essencialmente na linguagem e decisivo para tudo o mais, enquanto recebe pela linguagem em sua essência a manifestação da palavra originária na vigência do “ser”. Nessa perspectiva, após essas considerações podemos, assim, destacar que mais uma vez Heidegger pensa em círculo a questão pela essência, mas, agora, no âmbito da essência da linguagem como questão para pensar-se a própria origem (*Ursprung*). A origem da linguagem, como vimos, dá-se na palavra do “ser”. Como reflete Heidegger: “onde a verdadeira origem da essência profunda da linguagem – como saga e provérbio (*Spruch*)? (...) No Ser. – A palavra ‘do’ Ser”.²³⁴

²³¹ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. pp. 137-139.

²³² HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra: a respeito do tratado de Herder “Sobre a origem da linguagem”*; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p.35.

²³³ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.126.

²³⁴ HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra: a respeito do tratado de Herder “Sobre a origem da linguagem”*; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p.69.

Na obra “A origem da obra de arte”, o filósofo ressalta que “a obra de linguagem está na fala”²³⁵, mas não se trata do dito como faladura no modo de ser do “Dasein” no cotidiano, e sim do dito poético que também se revela num povo. Desse modo, a obra da linguagem (*Sprachwerk*) eclode enquanto narrar inaugural ou dito poético num povo mediante a palavra originária do “ser”. Nesse sentido, em “Hinos de Hölderlin, Heidegger enfatiza: “(...) o Ser assim revelado deve ser posto na verdade de um povo”.²³⁶ A essenciação poética da verdade do “ser” como narrar inaugural manifesta-se na linguagem em sua essência como dito poético de um povo, refletindo-se na verdade histórica de um povo. Isto se manifesta, segundo Heidegger, na relação com os deuses no horizonte da quadratura: mortais, deuses, terra e céu. Sobre isso assinala: “(...) sabemos que os deuses são sempre os deuses de um povo; neles se desvela e cumpre a verdade histórica de um povo”.²³⁷

Heidegger defende que na linguagem em sua essência há a nomeação do ente pela primeira vez, de modo inaugural também na história de um povo. O narrar inaugural presente também na linguagem, como vimos, é a essenciação poética da verdade do “ser” no ente. Tal compreensão é também denominada por Heidegger como o acontecimento do projetar poético iluminante na clareira do “ser”, em que se anuncia como o ente, em sua essência, advém ao aberto. Sobre o sentido do projetar poético iluminante da verdade, o filósofo aclara: “projetar é o livre delinear de um projeto, em que o desvelamento se configura como tal no sendo”.²³⁸

O que se projeta no narrar inaugural é, justamente, a “Poesia” (*Dichtung*) enquanto a narração inaugural do mundo e da terra, “(...) a

²³⁵ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.43.

²³⁶ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.166.

²³⁷ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.163.

²³⁸ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.187.

narração inaugurante do espaço de jogo de sua disputa e, com isso, do lugar de toda proximidade e distância dos deuses”.²³⁹ No lugar aberto na (e pela) obra de arte, por exemplo, há a disputa originária da terra e mundo em toda proximidade e distância dos deuses. Embora Heidegger não mencione o termo “quadratura” (*Geviert*) no escrito “A origem da obra de arte”, pode se ver no enigma que é a obra de arte os caracteres que constituem a unidade poética dos quatro: terra, céu, homens e deuses, que se manifesta no desvelamento poético da verdade do “ser” na obra de arte como disputa originária entre mundo e terra. Podemos compreender dessa forma, pois para Heidegger: “a partir do qual, a totalidade do ente - deuses, homens, Terra – se deve revelar de novo”.²⁴⁰

Sendo o narrar inaugurante do desvelamento poético da verdade do “ser” no ente em seu ser é a “Poesia” (*Dichtung*), a linguagem em sua essência poética é o acontecimento poético da verdade do “ser” ou do narrar inaugural na história do “ser”, em que surge para um povo seu mundo e a terra se resguarda como a fechada, enquanto o não-narrável inaugurante como tal. Há simultaneamente no narrar inaugurante da clareira do “ser” o velamento e o desvelamento. Por isso, em tal narrar inaugural na história de um povo há a instauração das indicações de sua essência, ou seja, de seu pertencimento à história do mundo na disputa entre os deuses novos e os deuses antigos.

Podemos compreender que, segundo Heidegger, a essência da obra de arte acontece poeticamente no aberto do narrar inaugurante que se demonstra num povo, pois toda obra de arte é conduzida pelo aberto do narrar inaugural, caracterizando-se enquanto um modo próprio da essenciação da verdade do “ser” como poética, que já aconteceu na linguagem em sua essência, da linguagem de modo primordial.

²³⁹ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. pp. 187-189.

²⁴⁰ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.175.

Na obra de arte, especialmente, o narrar inaugurante ou desvelamento poético da verdade do “ser” acontece poeticamente em tensão entre o desvelamento e o livre delinear do projeto iluminante. A “Poesia” (*Dichtung*) como projeto iluminante lança no traço da figura o lugar aberto que “deixa-ser” a obra de arte em sua essência²⁴¹. Desse modo, o lugar aberto no “entre” do ente traz para fora, para o iluminar e o ressoar do “repousar-em-si” da obra na verdade do “ser” ou clareira do “ser”. Nesse sentido, Heidegger afirma: “(...) arte é o estabelecer da verdade que se dispõe na figura. Isto acontece no criar como o pro-duzir do desvelamento do sendo”.²⁴² A “Poesia” (*Dichtung*) é, então, também compreendida como um modo do projetar iluminante da verdade, ou seja, do “poietizar” (produzir), no sentido mais amplo.

A arte, como vimos, em sua essência é a “poeisis”. E qual seria, então, a essência da “poiesis”? A essência da “poiesis” é, para Heidegger, a essenciação da verdade ou ainda fundação. Após refletirmos que a fundação poética da verdade acontece na obra de arte. Faz-se necessário refletirmos no próximo tópico algumas características acerca de como o fundar poético da verdade dá-se no processo do criar.

1.4. O criar e a arte

A arte também se caracteriza ontologicamente como o “criar” (*Schaffen*). O que significaria criar? Quando Heidegger se pergunta pela origem da obra de arte, ele se refere à essência da grande arte, em que essencialmente obra de arte e artista se co-pertencem mutuamente de modo originário na criação da obra de arte e revelação da arte na história.

²⁴¹ Cf. HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

²⁴² HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.181.

É no horizonte da grande arte que a essência poética da arte se manifesta na história. Isto acontece poeticamente no ato de criar, em que o artista se coloca perante a obra como algo indiferente à mesma, como uma auto-aniquilação para a produção poética (*poiesis*) da obra. A obra em sua essência é algo poético, no sentido de produzido no ato de criar. Para Heidegger, o que caracteriza a obra em sua essência poética é o seu ser-criado.

Na tarefa do pensamento acerca da pergunta pela origem da obra de arte, Heidegger destaca que a essência do criar é pensada em sua relação fundamental com a obra. Nessa perspectiva, o acontecer poético da verdade pertence à essência criativa da obra. Desse modo, a essência do criar é determinada a partir da sua referência com a essência da verdade, enquanto desvelamento do ente em seu ser no ato de criar. Conforme Heidegger: “o pertencimento do ser-criado à obra pode somente ser elucidado a partir de uma clarificação ainda mais originária da essência da verdade”.²⁴³

O que vem a ser, então, o ser-obra para Heidegger? A obra (*Werk*) é em sua essência algo realizado (no sentido de *poeisis*). Em sua origem do termo alemão “Werk” a obra se caracteriza como o realizado (*das Gewirkte*). Assim, o realizado (*das Gewirkte*) da obra encontra-se no caráter de ser-criado da obra através da co-pertença essencial entre artista e obra. De acordo com Heidegger: “porém, manifestamente, o ser-criado da obra só se deixa apreender a partir do processo do criar”.²⁴⁴

A essência do criar demonstra-se no sentido do produzir. Por sua vez, o produzir, segundo Heidegger, tem um duplo significado – produzir no sentido de criação poética e produzir no que se refere ao fabricar de um utensílio (*Zeug*). Em face disso, Heidegger enfatiza o ser-criado da obra e

²⁴³ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.143.

²⁴⁴ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.147.

o ato de criar em sua diferença essencial do fabricar e do modo de ser fabricado ou modo de ser de utensílio. Para o filósofo, a essência da obra de arte é o seu ser-criado, o criar enquanto poético. Nesse sentido, Heidegger defende que o ser-criado determina o ser-obra da obra mediante a “Poesia” (*Dichtung*).

O filósofo destaca, então, que a obra manual que se dá mediante a fabricação de um utensílio não cria nenhuma obra, isto é, não manifesta a essência originária da verdade presente no ato de criar. O criar a obra requer o fazer manual, todavia, o ato de criar a obra é um ato de criação poética, revelando o modo de ser poético da verdade. É nesse sentido que Heidegger esclarecerá que: “o que no criar a obra tem o aspecto de uma fabricação manual é de outro tipo”.²⁴⁵ Este fazer permanece conservado na essência do criar está determinado pela e em consonância com a essência do criar e permanece conservado nesta. Heidegger ao pensar acerca da essência do criar através do ser-obra da obra, ressalta que a obra somente se torna vigente no consumir do processo do criar.

O produzir de tal ente (obra) é originariamente a disposição da verdade. A “poiesis” institui o ente no lugar aberto na (e pela) obra de tal forma que é iluminado na clareira do “ser”. Nesse sentido, a produção originariamente como fundação poética instaura a abertura do ente enquanto tal. Este instaurar da abertura no criar é própria a verdade posta em obra. Heidegger enfatiza duas determinações essenciais acerca da essência do criar: os criadores e os desveladores. Tais criadores e desveladores pertencem co-originariamente em unidade originária na essência do criar.

É na obra que emerge essencialmente os criadores e requer mediante a sua essência dos que desvelam. Desse modo, a arte em sua essência poética deixa irromper originariamente na obra os criadores e os

²⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.151.

desveladores. No processo do criar, o acontecer da verdade na arte se estabelece na figura. "Pôr" em obra constitui-se em pôr no horizonte da verdade do "ser" e o trazer da verdade para o acontecer da essência da obra. Nessa perspectiva, a arte é determinada como o criativo e o poético desvelamento da verdade posto em figura na obra. Segundo Heidegger, não apenas o processo do criar é poietizante, todavia, da mesma forma, o próprio desvelamento da obra é poietizante, em seu modo de ser na clareira do "ser". Nessa perspectiva, a arte como o criar e o modo de se desvelar também se relaciona com o "Dasein" poético.

A obra-projeto caracteriza-se como figura no pôr-em-obra da verdade, em que se constitui na tensão do vazio na clareira do "ser", em que o próprio "Dasein" como "ser-no-mundo" já se encontra lançado, projetado para o futuro. Para além da questão da essência da arte, a "poiesis" se refere em sentido amplo a todo e qualquer criar na dimensão da clareira do "ser". Conforme Heidegger: "(...) o desvelamento do sendo já não se tivesse (...) exposto a nós naquela clareira, na qual todo sendo se expõe para nós e da qual todo sendo se retrai".²⁴⁶

O ser-criado e o ato de criar são determinados pelo ser-obra da obra, ou seja, pela "Poesia". O ser-criado pertence tão essencialmente à obra em seu horizonte poético. O criar é o deixar emergir a essência originária da verdade em algo de produzido. Dessa maneira, "poiesis" e "aletheia" relacionam-se essencialmente no ser-obra da obra, visto que na obra de arte acontece de modo inaugural o desvelo poético da verdade. Afirma Heidegger: "o tornar-se obra da obra é um modo de acontecer e tornar-se verdade, em cuja essência está tudo".²⁴⁷ É o vir-a-ser da verdade na obra de arte no horizonte da história do "ser".

²⁴⁶ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.131.

²⁴⁷ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.153.

O acontecer da verdade na obra é o produzir do ente. Isso caracteriza a singularidade da obra de arte. A “Poesia” (*Dichtung*) coloca o ente na abertura do aberto da forma em que o ente se revela. Conforme o filósofo, “onde a pro-dução propriamente traz a abertura do sendo, isto é, a verdade, tal produzido é uma obra”.²⁴⁸ Nesse sentido, o produzir, a “poiesis”, é o criar.

O ser-criado da obra de arte apresenta duas determinações essenciais: “ao ser-criado da obra pertencem, essencialmente, do mesmo modo, tanto os que criam como os que desvelam”.²⁴⁹ É somente a obra que faz possível o surgimento daqueles que a criam e requer, a partir da sua essência, dos que a desvelam. Nessa perspectiva, a arte deixa emergir em sua essência na obra a co-pertença essencial dos que criam e dos que desvelam no pôr-em-obra da verdade ou pôr poético da verdade.

A arte enquanto “pôr-em-obra” da verdade é o erigir poético da verdade que se dispõe na figura da obra. Isso se refere ao acontecimento poético no processo do criar enquanto o produzir do desvelamento do ente tal como ele é, isto é, em sua abertura. O processo do pôr-em-obra se caracteriza no desvelo. Nesse sentido, aclara Heidegger: “(...) a arte é: o criativo desvelo da verdade na obra. *Então, a arte é o tornar-se a acontecer da verdade*”.²⁵⁰

Nessa perspectiva, ao perguntar-se pelo processo de criar na obra de arte é importante retomarmos o pensar sobre o significado do termo alemão “Ursprung” em Heidegger. A origem, segundo o filósofo, é aquilo a partir de onde e através do que algo é o *que ele é* e *como ele é*. A isto o que algo é, o filósofo denomina como “(...) a proveniência de sua essência”.²⁵¹ O que Heidegger está questionando de modo inaugural é a proveniência da essência da obra de arte. A proveniência da essência da obra de arte é

²⁴⁸ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.159.

²⁴⁹ Ibid., p.181.

²⁵⁰ Ibid., p.181.

²⁵¹ Ibid., p.35.

fundamentalmente a arte como desvelar poético da verdade. A pergunta pela essência da arte tem como ponto de partida a pergunta pela essência da verdade, para Heidegger. Sobre isso assinala o pensador do “ser”: “o que aqui a palavra originário significa é pensado a partir da essência da verdade”.²⁵²

Trata-se do viés fenomenológico da perspectiva ontológica de Heidegger de deixar viger em aberto a pergunta pela arte em geral. O filósofo busca, então, pela essência da arte e onde ela vige realmente, isto é, onde ela é em seu acontecer originário, em verdade. Como vimos, a arte vige na criação da obra de arte em sua co-pertença originária com o artista. É no horizonte do processo de criar que se realiza a fundação poética da verdade. De acordo com Heidegger: “na obra está em obra um acontecer da verdade, se aqui acontece uma abertura inaugurante do sendo, naquilo que ele é e, no como ele é”.²⁵³

O ente acontece poeticamente no projeto iluminante ou abertura inaugurante da fundação poética da essência da verdade. Este é o acontecer da verdade em obra, ou seja, o “pôr-em-obra-da-verdade” (*Eröffnung des Seienden*). É uma abertura inaugurante, pois inaugura a verdade em seu modo de ser como fundação poética na história do “ser”. Especialmente, no tópico “A verdade e a arte” em seu escrito “A origem da obra de arte”, Heidegger enfatiza que a origem da obra de arte e do artista é a arte. Podemos, então, ressaltar que a origem, ou seja, a proveniência (*Herkunft*) da essência (*des Wesen*) em que vige o ser de um ente, no caso, a obra de arte é a “Poesia” (*Dichtung*).

O acontecimento poético da essência da verdade que põe-em-obra a verdade, isto é, que funda poeticamente a verdade no ente. Este acontecimento da verdade em seu acontecimento poético na obra se dá como o disputar da disputa entre mundo e terra. A obra real vigente é

²⁵² HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.207.

²⁵³ Ibid., p.83.

portadora do acontecer poético da verdade em disputa entre terra e mundo no processo de criar da obra (*das Geschaffensein des Werkes*).

Para Heidegger, o projetar histórico no processo de criar desvela-se na disputa entre a “Terra” e o “Mundo” no ente. O projetar histórico do criar alcança um povo histórico, em que a disputa originária presente na obra desvela a “Terra” e o “Mundo”. A “Terra” como o fundamento que se fecha, no qual repousa tudo que já é, e o “mundo” que apresenta a sua vigência como “clareira” das indicações essenciais, às quais irrompe todo o decidir. Conforme Heidegger assinala:

só através do Mundo é que a Terra irrompe. O Mundo só se fundamenta sobre a Terra na medida em que a verdade acontece como disputa originária entre clareira e velamento.²⁵⁴

A disputa originária entre terra e mundo caracteriza-se em unidade no desvelamento do “ser” no aberto em meio ao ente. Desse modo, a unidade da obra acontece no disputar da disputa, pois a disputa entre terra e mundo desvela-se na intimidade. O que caracteriza a disputa para Heidegger é a intimidade da co-pertença entre terra e mundo. A verdade mesma acontece poeticamente enquanto disputa originária inaugural no lugar aberto na (e pela) obra de arte. É no disputar entre mundo e terra que o ente se mostra e se retrai. Mediante o acontecer da disputa, clareira e velamento que se co-pertencem, caminham, todavia, separados, mas em unidade, fazendo emergir no aberto o espaço da disputa.

Heidegger denomina esta abertura do aberto de “verdade”. Afirmo o filósofo: “(...) a verdade, só pode ser o que ela é, ou seja, *esta* abertura, se ela e enquanto ela mesma, se dis-põe em seu aberto”.²⁵⁵ A verdade da obra de arte é na abertura que dispõe no lugar aberto na obra. No aberto

²⁵⁴ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.139.

²⁵⁵ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.155.

da obra de arte a abertura alcança o seu sentido. Quando a abertura ocupa o lugar aberto na obra, ela o instala, conforme o sentido grego de "thesis", que se refere instalar no desvelamento do ente em seu ser.

Conforme o pensador do "ser", a essência do desvelamento do ente pertence ao próprio "ser", pois é o próprio "ser" em sua abertura que "traz-para-fora" o espaço do jogo da abertura entre clareira e velamento no meio do ente. É o "Hervorbringen" o "trazer-para-fora", o produzir no sentido grego de "poiesis" que se manifesta no instalar do ente, no caso, a obra de arte no aberto que é criado pela abertura disposta no acontecimento da verdade. Sobre isso assinala o filósofo: "onde a pro-dução propriamente traz a abertura do sendo, isto é, a verdade, tal pro-duzido é uma obra".²⁵⁶

Heidegger refere-se à obra de arte no sentido de grande arte, que se encontra fora do habitual, em que a obra se apresenta na abertura do ente aberta pela própria obra, lançando o próprio "Dasein" na abertura e, assim, retirando-o do modo de ser do cotidiano para a essência poética.

Nesse sentido, o desvelamento da verdade vem a significar também o instalar da abertura do ente em seu ser no lugar aberto que emerge na obra. O saber sobre o ente que acontece em meio a abertura do ente indica o caráter extático do estar-lançado do "Dasein": o "ser-no-mundo" em seu deixar ser na existência. Assinala Heidegger:

a determinação, pensada em *Ser e Tempo*, não é a ação decidida por um sujeito, mas a abertura libertadora do *Entre-ser*²⁵⁷, que o impulsiona do aprisionamento no sendo para a abertura do ser.²⁵⁸

²⁵⁶ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.159.

²⁵⁷ É relevante ressaltarmos que na tradução da obra "A origem da obra de arte", o termo alemão "Dasein" fora traduzido por "Entre-ser", no entanto, nós optamos por apresentá-lo ao lado da tese como "Dasein" como na língua alemã. Cf. (HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.201).

²⁵⁸ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.171.

O “Dasein” enquanto “ser-no-mundo” é determinado em sua temporalidade e finitude como projeto para o futuro, também em sua relação inaugural com a abertura libertadora em meio ao ente no desvelar do “ser”. O saber no “Dasein” caracteriza-se também como um querer no seu caráter extático da existência poética lançado para o futuro. No querer o “Dasein” está disposto na abertura do ente em sua essência.

A obra de arte vem ao encontro do “Dasein” quando este em sua essência poética se encontra na abertura libertadora do desvelamento do “ser”. Tudo se demonstra como diferente do habitual, visto que mediante a essência poética da arte há o acontecimento como “thesis” de um lugar aberto no meio do ente na clareira do “ser”. Todavia, Heidegger enfatiza que esse modo de desvelamento somente ocorre em oposição e disputa com o velamento da verdade do “ser” simultaneamente. O velamento e o desvelamento se co-pertencem na essência da verdade e na obra de arte destacam-se na dimensão da terra e mundo. De acordo com Heidegger:

porém, na Terra, como a que essencialmente se fecha, encontra a abertura do aberto sua mais alta oposição e, através desta, o lugar de sua posição constante, em que a figura precisa ser estabelecida.²⁵⁹

É importante salientar que só acontece a abertura do ente através do acontecimento poético da essência da verdade como “Poesia” (*Dichtung*). A essência poética necessita estar presente para que exista a abertura do ente em seu ser, assim como a abertura do não-ente e do vazio²⁶⁰.

O ente mesmo requer a sua fundamentação na “Poesia” (*Dichtung*) em sua abertura. Todo o ente o é em seu ser através da essência poética da verdade do “ser” que se desvela em sua abertura na história. Nesse sentido, a grande arte emergiu no Ocidente, de modo inaugural, no mundo grego, na abertura em meio ao ente ao povo grego na história do “ser”. Em

²⁵⁹ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. pp. 175-177.

²⁶⁰ Ibid., p.187.

cada época na história do “ser” fora necessário se instalar (*thesis*) no próprio ente a abertura do ente através da instalação do projeto poético iluminante da verdade na figura²⁶¹. Em cada época em que se instala tal projeto, ocorre o desvelamento do ente em seu ser.

O “Dasein” em sua abertura para escutar o apelo do “ser” encontra-se essencialmente na relação com os outros entes. O próprio “Dasein” (ser-aí) o é na sua essência “Da” - “sein” indicando o lugar da abertura da existência em sua essência. Enquanto existência, ele mesmo é abertura na história do “ser”, assim sendo, é somente um projeto lançado enquanto abertura que se dá como clareira. Somente porque o “Dasein” encontra-se essencialmente na abertura é que ele pode, enquanto ente privilegiado, escutar o apelo e perguntar pela verdade do “ser” em sua unidade de desvelamento e velamento.

Nessa perspectiva, é na clareira que a obra é projetada poeticamente. É importante ressaltar que todo e qualquer criar humano é “poiesis” enquanto essência do agir. A essência do “Dasein” advém da essência de agir enquanto ele mesmo é “poético”, visto que na abertura, que acontece também no “Dasein” em sua interdependência com a obra, a “poiesis” funda a verdade na arte.

Heidegger compreende a essência da “poiesis” em um triplo sentido: “(...) fundar como doar, fundar como fundamentar, e fundar como principiar”.²⁶² A fundação vige no desvelo poético da obra de arte. Nessa perspectiva, a cada modo de fundar: 1) fundar como doar; 2) fundar como fundamentar; e 3) fundar como principiar corresponde o triplo sentido do desvelar. O acontecimento da arte dá-se no modo de ser da fundação da verdade nesse sentido amplo. É o que o pensador do “ser” bem explicita na seguinte passagem de “A origem da obra de arte”: “a arte acontece como

²⁶¹ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.181.

²⁶² HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.191.

poiesis. Esta é fundação nos três sentidos de doação, de fundamentação e de princípio".²⁶³

Desse modo, é importante ressaltarmos algo de crucial: em "A essência do fundamento", Heidegger anuncia a origem transcendental do fundar. Sobre isso destaca:

a transcendência como origem do fundar só se desvela propriamente, porém, quando esse fundar é levado a eclodir em sua triplicidade. (...) É só o fundar da transcendência triplamente disperso que causa, enquanto originariamente unifica, o todo em que o ser-aí sempre deve poder existir.²⁶⁴

A transcendência enquanto a origem do fundar somente se desvela quando o fundar eclode em seu triplo sentido. Nessa perspectiva, o fundar poético da verdade em seu triplo sentido funda-se transcendentalmente, ou seja, na diferença ontológica entre o ente e o seu ser e o ente e o "ser". Assim, tal diferença ontológica vige no desvelar da verdade como ôntico-ontológica. O fundar poético da verdade configura-se como verdade ôntico-ontológica, emerge transcendentalmente, acontecendo no ente em seu ser.

Quando a grande arte acontece no modo do fundar como principiar, acontece em correspondência com o sentido amplo do fundar. Nesse principiar a história experimenta um impulso de disputa. Desse modo, ela principia ou torna a principiar dentro da clareira do "ser" em que o ente se abre em seu ser na essência poética. O principiar caracteriza aquilo que se inaugura na (e pela) a obra, para desse modo trazer a essência do "Dasein" para o permanecer na verdade. Nesse sentido, quando a verdade inagura-se como "pôr-em-obra" ela faz emergir o extraordinário em sua fundação poética, caracterizando o principiar.

²⁶³ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p. 197.

²⁶⁴ HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.183.

Mas, além disso, a fundação que a verdade funda na arte é também uma doação, visto que não é deduzida a partir do até então existente, mas é um exceder. O projeto poetizante da verdade é a inauguração daquilo em que o ente no "Dasein" está projetado como histórico.

1.5. Ultrapassagem da metafísica e história

Heidegger destaca a filosofia em sua essência como tonalidade afetiva, pois somente mediante a essência da filosofia é que se pode instaurar a essência do perguntar: a pergunta pela verdade do "ser". No horizonte ontológico da verdade do "ser" aquilo que é e como é, tal qual a obra de arte, se mostra, então, como digna de questão. O ente em sua entidade também se torna novamente digno de questão mais a partir do pensar essencial.

A essência do perguntar gera o mais elevado espanto na essência do filosofar em sua tonalidade afetiva. Porém, para Heidegger a filosofia no campo da erudição encontra-se na indigência do abandono do "ser". Nesse sentido, há uma despotencialização na perdição daquilo que fazia irromper de início o espanto mais elevado. Entretanto, a indigência impeli os criadores: os poetas e os pensadores na história do "ser" para aquilo que é digno de questão. Ela se caracteriza como o aceno do esquecimento do "ser" em que os criadores devem apontar para o caminho do "ser" por meio do pensar essencial. É, então, em face do esquecimento do "ser" que advém o impulso como um despertar para o "ser".

Nessa perspectiva, o "Dasein" encontra-se numa época de indigência, porque todo o questionamento pela verdade do "ser" foi abandonado no dogmatismo absoluto da ciência e tudo foi entregue à experiência calculadora da técnica moderna, desembocando no profundo niilismo. Assim, o que caracteriza o niilismo para Heidegger é a "(...) ausência

ameaçadora de metas e sentidos para todo ente”.²⁶⁵ É o não perguntar pela essência no horizonte da questão primordial da filosofia: a pergunta pelo “ser”.

É em Nietzsche que, especialmente, se evidencia o niilismo, que foi pensado em sua essência por tal pensador. Conforme Heidegger:

É somente depois de *Nietzsche* e, de certa maneira, com ele e por intermédio dele (pois, como fim verdadeiro, ele é, ao mesmo tempo transição), que entra em jogo a outra indigência(...).²⁶⁶

Ficou claro com Nietzsche que o início da metafísica tinha chegado ao fim. Era necessário haver o outro início a partir desta indigência da época da técnica moderna. A indigência e o niilismo se co-pertencem, segundo Heidegger: “a outra indigência e – se pudermos dizê-lo – a nossa indigência têm seu elemento próprio no fato de não serem experimentadas como indigência”.²⁶⁷

Na vigência do “ser” desvelada na ultrapassagem da metafísica, a história do “ser” entreabre-se essencialmente. Trata-se do acontecimento apropriador (*Ereignis*) em que a própria vigência do “ser” se sustenta. A metafísica em sua perspectiva tradicional apropria-se de forma, embora velada, mas de modo decisivo na história, do esquecimento do “ser”. Heidegger considera a metafísica tradicional como aquilo que está em seu fim, sobretudo, no sentido de estar em seu acabamento.

Para o pensador do “ser”, Nietzsche se caracteriza, então, como o último pensador fundamental da metafísica, que irrompeu questionamentos

²⁶⁵ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia: (“problemas” seletos da “lógica”)*. Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p.248.

²⁶⁶ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia: (“problemas” seletos da “lógica”)*. Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017, p.248.

²⁶⁷ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia: (“problemas” seletos da “lógica”)*. Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017, pp.248-249.

fundamentais a partir do esquecimento do “ser”. A metafísica de Nietzsche faz emergir, na essência da vontade de poder, o estágio crucial da perspectiva da metafísica tradicional como desdobramento da vontade de entidade dos entes enquanto vontade de querer. A metafísica em seu acabamento é caracterizada sobretudo pela morte dos deuses velhos e o surgimento dos novos deuses na história. Conforme Heidegger: “depois da superação, a metafísica não desaparece. Retoma transformada e permanece no poder como a diferença ainda vigente entre ser e ente”.²⁶⁸ É nesse sentido, que defendemos uma perspectiva ontológica poética em Heidegger a partir da superação da metafísica tradicional. A ontologia ainda se encontra presente no pensar, mas de modo transformada, indicando, assim, a diferença ontológica fundamental entre ser e ente.

Por sua vez, Heidegger defende que o acabamento da metafísica tradicional demonstra-se como o crepúsculo da verdade dos entes. Tal crepúsculo que revela por um lado a época da técnica moderna em seu pensamento científico e por outro a morte dos velhos deuses na forma do niilismo, destaca-se pela decadência do mundo estabelecido pela própria metafísica na devastação da terra. A devastação em co-pertença com a decadência anuncia, então, o acabamento da metafísica em que o próprio “Dasein” é compreendido como “animal rationale”. O esquecimento do “ser” como pertencente na metafísica indica que devido a cegueira plena em relação ao “Dasein” na história, o distanciamento da essência não é reconhecido. Isso caracteriza, então, o crepúsculo da verdade: a não proximidade da origem.

O ente é encaminhado para o fim sob uma perspectiva de ser-utensílio, tal como a obra de arte como um utensílio entre outros, por exemplo, uma pintura de Picasso enfeitando a parede da sala de estar. Conforme o pensador do “ser” é a história da metafísica e a época da técnica

²⁶⁸ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.62.

moderna que ditam o curso e encaminham tudo para o fim, fazendo reluzir o último estágio da metafísica tradicional. E, assim, a verdade do “ser” permanece velada no esquecimento.

É importante perguntamos nesse momento: qual a relação primordial entre a metafísica e o “Dasein”? A metafísica tradicional institui a existência no sentido do “fazer humano” para a finalidade da técnica moderna. E assim separa-se natureza de existência, subjugando-se tudo ao teor da objetividade. Não levanta a questão primordial do “Dasein” pela essência, estando permanentemente desapercebendo a diferença ontológica entre “ser” e ente. Desse modo, a metafísica tradicional pertence também ao modo de ser do homem da época da técnica moderna. Nessa perspectiva, a existência é caracterizada como o “eu penso”, que se consagra na percepção do “eu” como “subiectum” no sentido do dualismo cartesiano em que, a partir disso, o sujeito demonstra-se como o primeiro objeto da representação ontológica na metafísica tradicional.

A ultrapassagem da perspectiva da metafísica tradicional que a atravessa pela tarefa do pensamento dos pensadores e poetas fundadores prepara uma disposição para o apelo do “ser” em face de uma humanidade histórica na época da técnica moderna e do niilismo. Irrompe, então, o pensamento essencial que se entrega inesgotavelmente para aquilo que é digno de ser questionado, a fim de corresponder ao narrar inaugural dos deuses, ou seja, a fundação da verdade do “ser”. Afirma Heidegger acerca da relação do acabamento da metafísica e o pensamento: “com o fim da filosofia, porém, o pensamento não está no fim, mas na ultrapassagem para um outro começo”.²⁶⁹ Os pensadores e os poetas fundamentais instalam um modo decisivo de se pensar e poetizar o ente no que ele é e como ele é: o ente em seu ser no horizonte da clareira do “ser”.

²⁶⁹ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.72.

Por essa razão, o que se convoca como arte determina também em seus traços fundamentais a realidade na qual o "Dasein" se movimenta na história. A grande arte destaca o narrar inaugural em meio a essência de um povo em suas características fundamentais. Seria a grande arte que desvelaria a humanidade histórica de um povo na história? Ou outros modos de acontecimento da verdade também caracterizariam o modo essencial de um povo? Na grande arte impera um destino fundamental na história, sendo proveniente do desvelamento poético da fundação da verdade como doação sagrada dos deuses ou narrar inaugural dos deuses. Desse modo, afirma Heidegger: "em tal narrar inaugural se cunham, previamente, para um povo histórico as noções de sua essência, isto é, de seu pertencimento à história do mundo".²⁷⁰

Enquanto o "Dasein" estiver no modo de ser cotidiano, a essência poética da arte se esconde, visto que o "Dasein" se encontra preso às representações habituais. Como vimos, Heidegger, ao refletir acerca da essência da verdade, enfatiza que ela se demonstra como clareira e velamento na história. Como despertar, então, o pensamento essencial para o apelo do "ser" para habitar na essência? Na decisão dos pensadores e poetas de escutar o apelo do "ser". Podemos, então, perguntar: em que repousa a essência? Na "Poesia" (*Dichtung*) que é o doar sacralmente pelos deuses.

Heidegger enfatiza:

encarada em sua essência, a arte é uma sagração e um refúgio, a saber, a sagração e o refúgio em que, cada vez de maneira nova, o real presenteia o homem com o esplendor, até então, encoberto de seu brilho a fim de que, nesta clareza, possa ver, com mais pureza, e escutar, com maior transparência, o apelo de sua essência.²⁷¹

²⁷⁰ HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.189.

²⁷¹ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.39

A fala de Heidegger apresenta a indicação acerca da pergunta fundamental sobre a origem da obra de arte inaugurada na conferência "A origem da obra de arte". Questão fundamental acerca da verdade do "ser" e como acontece na história como fundação. A essência poética pode ser compreendida através e exclusivamente no pensamento primordial dos gregos na história. A maneira de se compreender a essência desvelar-se advém do pensar decisivo presente na essência do saber grego. Conforme Heidegger:

(...) qualquer meditação sobre o sentido do que hoje é e está sendo só poderá surgir e prosperar num diálogo de pensamento com os pensadores gregos e sua linguagem, capaz de lançar suas raízes no solo de nossa Pre-sença histórica.²⁷²

O diálogo de pensamento com os pensadores gregos e os poetas fundadores emerge na tarefa que caracteriza a ultrapassagem da metafísica tradicional das relações entre sujeito e objeto para o pensamento essencial que se encontra velado para os gregos, mas que vem ao encontro do "Dasein" em seu modo de ser originário.

Tal diálogo está sendo preparado no caminho da ultrapassagem para a verdade do "ser". Isto não caracteriza um renascimento da Antiguidade grega na época atual. O pensamento e a poética, assim como a grande arte presente na aurora da Antiguidade grega, podem ainda estar presentes nesta época. No entanto, a sua essência velada, que fora até para os gregos, deve vir a ser no encontro com o "Dasein", segundo Heidegger. Conforme Heidegger assinala:

escutar de volta na direção do princípio grego não é arbitrariedade ou mesmo um hábito e costume erudito, mas a mais profunda necessidade.²⁷³

²⁷² HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.41

²⁷³ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.103.

É o homem que deve "auscultar" e dar-se conta do apelo do "ser" e da essência do ente porque ele advém de um fundamento mais originário: lançado, isto é, advém da vigência do "ser". Enquanto "Dasein" (ser-aí) é projeto lançado ao mundo "Da". Esse modo de ser originário do escutar, como "auscultar" no "Dasein" é possível, pois ele é compreensão de "ser" que se lança para fora, ali (*Da*) em seu ser (*Sein*), sendo, então hermenêutico. O "Dasein" deve corresponder ao apelo do "ser" para a essência. Assim, a questão mesma da essência da arte refere-se ao "Dasein" na história.

Nessa perspectiva, a grande arte apresenta-se em sua essência como verdade histórica. E, nesse sentido, há em Heidegger uma ultrapassagem da compreensão historiográfica da arte em sua objetividade como: "história da arte" para o pensar da arte em sua essência histórica. Desse modo, a arte é única. Aqui Heidegger não se refere à arte como a que uma vez existido, passou definitivamente, mas como tendo existido e possuindo ainda a propriedade de ser constantemente redescoberta pela história do "ser". Isso caracteriza o enigma que é a própria arte em sua essência histórica.

Como se vê, para compreendermos a essência ou estarmos a caminho de sua proximidade, faz-se necessário considerarmos a essência histórica. A essência do pensamento e da "Poesia" (*Dichtung*) que estava presente na aurora da Antiguidade grega está por vir ao encontro do "Dasein" também na época da técnica moderna, em que se apresenta, embora, velada. Isso é reconhecido mediante a consideração essencial da história enquanto o acontecimento da essência da verdade.

Heidegger busca pensar esta dimensão da essência como o horizonte em que o ente em seu ser torna-se mais essente na palavra em sua essência poética. O ente em seu ser dimensiona-se na história. Pensada em sentido originário grego, o termo "história" apresenta-se no âmbito da essência da

verdade. E, não obstante, a essência da história atravessa o horizonte do desvelamento da verdade do "ser". É para indicar que na essência decide-se a cada vez o desvelar histórico de um destino.

A história, nesse sentido, não se refere a consideração do real do pensamento científico teórico que analisa o real e o instala no âmbito objetividade. Isso caracterizou a transformação da vigência de todo vigente na época da técnica moderna mediante a ciência moderna. O dizer da história até então se revela no mal-entendido alimentado pela metafísica tradicional, no entanto a palavra "história" deve ser circunscrita na história do "ser". A história do "ser" remete ao "Seyn" ("ser" em geral) num outro início da história como acontecimento apropriador. Para Heidegger, a história do novo início desvela-se no acontecimento em face da indigência presente na metafísica tradicional que abrange a história como historiografia. O que é importante perceber é que para Heidegger: "'ser' fala sempre historialmente e, por isso, perpassado pela tradição".²⁷⁴ Ao falar-se da questão do "ser" é imprescindível se considerar a história, e, nesse sentido, a questão do "ser" também é perpassada pela tradição. Do velamento da verdade do "ser" que atravessa a tradição como esquecimento do "ser" é decisiva a ultrapassagem para a origem. Em que a verdade do "ser" dá-se em sua essência poética desvelada pela fundação da verdade na história.

Para Heidegger a questão fundamental sobre a essência da verdade é refletida enquanto meditação histórica. A tarefa do pensamento demonstra-se como meditação sobre a essência da verdade. Por isso, por exemplo, no que tange à essência da obra de arte, a meditação mostra-se como aquela que "(...) prepara o lugar à obra, o caminho aos criadores, a dis-posição aos que desvelam".²⁷⁵ Trata-se de uma meditação que se dá na

²⁷⁴ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.190.

²⁷⁵ HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.199.

história transformando sempre o pensar em ainda mais essencial. O filósofo destaca, então, que o perguntar pela verdade é o buscar a verdade na história. Buscar o verdadeiro se refere buscar pela essência da verdade sobre o qual se funda toda a ação poética, na qual está fundamentada o "Dasein" histórico. Compreendemos que o que determina a verdade e o verdadeiro é, então, a sua essência poética.

Acerca da dimensão da verdade assinala Heidegger:

a *verdade* significa o mesmo que a essência do verdadeiro. (...) perguntar sobre a *verdade*, agora, não significa mais buscar *algo verdadeiro*, mas delimitar a *essência*, isto é, as propriedades universais de cada verdadeiro.²⁷⁶

É a "Poesia" (*Dichtung*) que constitui algo decisivo na história em verdade. Por essa razão que Heidegger em face da definição corrente da verdade emerge a "urgência" para o retorno ao fundamento, à essência. Tal "urgência" é reconhecida pelos pensadores e pelos poetas fundadores. Heidegger busca ultrapassar a concepção corrente da verdade determinada como correção. Em vistas a se libertar desta concepção, Heidegger segue o caminho da tarefa de pensar a essência da verdade ao que é digno de questão. Conforme Heidegger: "a concepção da verdade como correção é de fato confirmada por uma longa tradição".²⁷⁷

A caracterização da verdade como concordância demonstrou-se desde a filosofia de Aristóteles em sua doutrina da verdade e do juízo consagrada no século IV a.C.²⁷⁸. Por isso, acerca da essência da questão na fenomenologia de Heidegger, o propósito decisivo no seu "caminho de

²⁷⁶ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia*: ("problemas" seletos da "lógica"). Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. pp. 40-41.

²⁷⁷ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia*: ("problemas" seletos da "lógica"). Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p.45.

²⁷⁸ Cf. (HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia*: ("problemas" seletos da "lógica"). Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p.46).

campo” é o de libertar-se da perspectiva da tradição sem pensamento essencial. Nesse sentido, necessariamente a meditação acerca da essência da verdade é uma meditação essencialmente histórica. Por isso, assinala Heidegger: “(...) somente se nos voltarmos pensando para o já pensado, seremos convocados para o que está para ser pensado”.²⁷⁹ O pensamento meditativo se debruça na história essencial. O princípio na dimensão do acontecimento apropriador (*Ereignis*) dá-se na história em sua essência como “vir-a-ser”, projeto no destino essencial do ser do ente.

Para Heidegger o passo atrás é imprescindível em face da fundamentação da compreensão da essência da verdade como correção ao enunciado. A proposição que se instaura na história do esquecimento do “ser” é: verdade enquanto correção do enunciado. A essência do verdadeiro é objectual na dimensão do dualismo sujeito-objeto. Por sua vez diante da questão da indigência de nossa época, o filósofo busca, então, pensar aquilo que determina originariamente a verdade. Trata-se da essência poética circunscrita na vigência do “ser”. Conforme Heidegger, da indigência irrompe o retorno à verdade do “ser”:

(...) indigência pertence à verdade do seer mesmo. (...) no fato de ser o fundamento da necessidade para as possibilidades extremas, em cujos caminhos o homem retorna à verdade do seer, criando para além de si e através do ente.²⁸⁰

Mas como Heidegger pode instaurar a verdade não como correção do enunciado? Tal determinação da essência da verdade como concordância manifestaria a ausência de compreensão do lugar aberto no “entre” (*Inzwischen*) ente, ou seja, a “verdade” como acontecimento da essenciação do “ser” na história. Nessa perspectiva, a meditação histórica acerca da essência da verdade é originariamente diferente da perspectiva

²⁷⁹ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.183.

²⁸⁰ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia: (“problemas” seletos da “lógica”)*. Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p.196.

historiológica. Afirmar Heidegger: “superar a tradição historiológica – a partir da mais profunda e autêntica referência *histórica* àquilo que se encontra em questão, à verdade e à história de sua essência”.²⁸¹

É na história do esquecimento do “ser” que se destaca o perigo. Heidegger esclarece que no horizonte do perigo advém a virada para a essência da verdade. Com isso, relembremos agora do poema de Hölderlin “Patmos”, e meditemos um dos versos importantes: “onde, porém, anda o perigo, também anda um salvador”.²⁸² A partir desse verso podemos então refletir sobre a essência do perigo segundo Heidegger. É da essência do perigo enquanto o esquecimento do “ser” como negação da verdade em sua essência que emerge a possibilidade da salvação.

Uma virada do esquecimento do “ser” para a essência até então escondida devido, sobretudo, a transformação romana do sentido da “alétheia” (verdade) como “homoiosis” (*no sentido de concordância, adequação ou correção*). Da essência do perigo que emana a salvação de transformação do esquecimento do “ser” para a essência da verdade do “ser”. Tal transformação *acontece de repente* na história.

Nessa perspectiva, em “Princípio da Identidade”, Heidegger assinala que a noção de “verdade” é compreendida agora no horizonte do acontecimento apropriador (*Ereignis*), em que se destaca a unidade entre o “Dasein” e o “ser” em diálogo essencial. Da indigência da “época da técnica” há um iluminar para a abertura do “acontecimento apropriador” (*Ereignis*) como comum-pertencer entre o “Dasein” e a verdade do “ser”. Heidegger esclarece ainda que, especialmente, a partir da essência da técnica moderna denominada pelo filósofo como “armação” (*Ge-stell*) há o impulso para a necessidade de unidade.

²⁸¹ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia*: (“problemas” seletos da “lógica”). Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p.117.

²⁸² HÖLDERLIN, Friedrich. *Canto do destino e outros cantos*. Organização, tradução e ensaio. Antonio Medina Rodrigues. São Paulo – SP: Editora Iluminuras Ltda, 1994. p.163.

O filósofo parte do pensamento pré-socrático de Parmênides para aclarar a questão de diálogo originário entre "Dasein" e verdade do "ser" em seu comum-pertencer, especificamente, na assertiva (Parmênides *apud* Heidegger, 1999. p.181): "pois o mesmo é tanto pensar como ser"²⁸³, mas, Heidegger, se lança para além da simples mesmidade mediante a diferença ontológica. Há o comum-pertencer entre o "Dasein" e a verdade do "ser" como unidade essencial, no entanto, eles são diferentes ontologicamente. A essência da unidade é a diferença ontológica de que o "ser" é e o "Dasein" é ser para a morte.

Em face da tradição metafísica do pensamento ocidental, Heidegger revela que o "ser" tem como traço fundamental a diferença ontológica e ele só pode "acontecer" (no sentido de *Ereignis*) no e pelo "Dasein" através da diferença ontológica que os une. Esse comum-pertencer emerge do acontecimento apropriador (*Ereignis*). Conforme Heidegger diz em "Conferências e escritos filosóficos": "a essência da identidade é uma propriedade do acontecimento-apropriação".²⁸⁴

Com isso, não se pode compreender o sentido do acontecimento apropriativo em Heidegger sem mencionar a diferença ontológica que perpassa a relação entre o "ser" e os entes, e isso também abrange a unidade da quadratura: terra, céu, divinos e mortais. Pensando um pouco mais sobre o sentido do "acontecimento apropriador" (*Ereignis*), voltemo-nos para a obra "O acontecimento apropriativo", observa-se neste escrito que a compreensão do "ser" deve também ser pensada tendo como ponto de partida o acontecimento apropriador (*Ereignis*). Sobre isso destaca-se: "o pensar da essência do seer não pensar o seer e, então, ainda 'a essência',

²⁸³ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.181.

²⁸⁴ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.182.

mas pensa o seer como a essenciação, como a verdade do seer, que pertence ao seer como acontecimento apropriativo (...).²⁸⁵

Para Heidegger é preciso realizar-se o passo atrás para a origem, para, então, pensar-se sobre a questão da essência da verdade na história a partir do ponto de vista que lhe é próprio: a sua essenciação poética que é como acontecimento apropriador (*Ereignis*) na história. Podemos, então, concluir este tópico com esta pergunta tão importante de Heidegger exposta em "A origem da obra de arte": "em nosso Entre-ser estamos nós historicamente no originário?"²⁸⁶

²⁸⁵ HEIDEGGER, Martin. *O acontecimento apropriativo*. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Alemanha: Vittorio Klostermann, 2013. p.262.

²⁸⁶ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.201.

CAPÍTULO 2 – ARTE E “POESIA”

(...) o ente emerge do ser.²⁸⁷
Heidegger, *Posfácio*²⁸⁸

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Com “Arte e Poesia” buscamos refletir agora sobre a noção de ente e “Poesia” (*Dichtung*). Quando Heidegger realiza a reviravolta na compreensão acerca do “ser” em geral, tendo como ponto de partida a essência poética da verdade, empreende também uma reviravolta na compreensão da entidade do ente conforme podemos perceber ao refletirmos sobre a pergunta pela origem da obra de arte. Por essa razão, o tópico “Ente e Poesia” busca enfatizar mais detidamente como, a partir da noção da verdade como desvelamento poético no ente, Heidegger instaura uma compreensão poética do ente.

Com a virada no seu pensamento, Heidegger se preocupa com a verdade do “ser” e o seu desvelamento poético no ente. Isso também implica o considerar o ente em sua totalidade poética. Nesse contexto, a “quadratura” (*Geviert*) surge em Heidegger como um dos termos cruciais para se compreender a dimensão poética do ente. Com a questão da quadratura buscamos analisar a questão da vigência do “ser” no ente. Cada ente é desvelado poeticamente em unidade com os quatro: terra, céu, deuses e mortais.

Também buscaremos refletir sobre o “Dasein” e o poético no último tópico do segundo capítulo, tendo como ponto de partida a pergunta feita

²⁸⁷ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999, p. 67.

²⁸⁸ No posfácio (1943) à obra “Que é metafísica?” (1929), Heidegger continua refletindo sobre a pergunta que é metafísica? Buscando pensar aquilo que é impensado na história: a questão do “ser”. Cf. (HEIDEGGER, Martin. “Posfácio”. In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999).

por Heidegger em “As questões fundamentais da filosofia”: “que *grande reviravolta* atravessa aí o íntimo do homem e sua posição no ente?”.²⁸⁹

2.1. Ente e “Poesia”

No curso do semestre de inverno de 1935-1936, intitulado “Que é uma coisa?”, ministrado na Universidade de Freiburg, Heidegger medita sobre a essência da coisa. A questão: “que é uma coisa?” instaura a tarefa geral deste curso de Heidegger²⁹⁰, publicado em 1962, de pensar essencialmente a relação essencial entre o “Dasein”, a “verdade” e o “ente”. A fim de tornar clara essa perspectiva, pensaremos a partir das seguintes questões: 1) por que a relação entre o “Dasein”, a verdade e o ente precisa ser repensada? 2) qual a relação entre a coisa, a arte e o “Dasein”?

É nesse contexto que Heidegger apresenta um modo diferente de pensar e de perguntar pela obra de arte. Conforme o filósofo, o questionar da estética não pergunta pela obra, mas por uma coisa e por um utensílio. Por isso, Heidegger em “A origem da obra de arte” (1935-1936) empreende uma primeira abertura do olhar para o fato do caráter de obra, o caráter instrumental do utensílio e o elemento coisal da coisa²⁹¹. Nesse sentido, a obra de arte só pode ser analisada devidamente se pensarmos a essência da obra. Para tanto, o filósofo pensa ser necessário que sejam rompidas, primeiramente, as barreiras do que é óbvio e que sejam postos de lado os conceitos tradicionais da metafísica tradicional.

Para o filósofo é preciso realizar, então, um desvio. Por essa razão, o pensamento de Heidegger se volta, primeiramente, para o caráter coisal da

²⁸⁹ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia*: (“problemas” seletos da “lógica”). Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p.109.

²⁹⁰ Cf. HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?*. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992. p.37.

²⁹¹ Cf. HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

obra. Conforme Heidegger, o caráter coisal na obra não deve ser negado²⁹². O filósofo passa investigar, então, se esse caráter coisal pertence ao “ser-obra” da obra. Deve-se pensar o caráter coisal da obra tendo como ponto de partida a consideração do caráter de obra da obra, segundo Heidegger. Este é um caminho hermenêutico que leva, fundamentalmente, para a coisa mediante a análise ontológica da obra. Nesse sentido, assinala Heidegger em “A origem da obra de arte”: “(...) nosso propósito de delimitar o sendo do modo de ser da coisa em relação ao sendo do modo de ser da obra”.²⁹³

Desse modo, em primeiro lugar, a obra de arte se revela no seu modo de ser coisa. Todas as obras possuem o caráter ontológico de coisa. No entanto, Heidegger buscará elucidar que a obra desvela outra coisa que não é a matéria e os componentes, e o artista envolvidos em sua produção. Ela está para além do caráter instrumental do utensílio que aparentemente pode mostrar-se na obra. Ela também se revela para além do artista que a compôs na unidade dos materiais e mediante a sua criatividade. Assim, podemos afirmar que a obra de arte em sua essência poética desvela o caráter essencialmente poético do ente. Pensaremos sobre essa questão ao longo deste tópico.

Com vistas a meditar profundamente sobre a obra de arte, Heidegger inicia o pensamento acerca do modo de ser coisa da obra de arte. Nesse contexto, destacam-se dois termos “ser-coisa” (*Dingsein*) e “coisidade da coisa” (*die Dingheit*). Em face disso, poderíamos perguntar, a coisalidade da obra de arte se encontra no horizonte da “Poesia” (*Dichtung*)? Poderíamos dizer que a “Poesia” (*Dichtung*) pertence à todas as coisas e a cada uma delas, enquanto tais? Haveria, então, nesse sentido, a “Poesia” no homem, a “Poesia” na terra, a “Poesia” nos deuses e a “Poesia” nos céus? Pensemos nessas questões.

²⁹² Cf. HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

²⁹³ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.47.

Nessa perspectiva, é a partir da coisalidade da coisa, enquanto “ser-coisa”, que Heidegger constata que as coisas são singulares: uma obra de arte, uma jarra, um par de sapatos etc. O ser singular das coisas é uma característica essencial das coisas. Nesse sentido, a singularidade é uma das características da vigência da coisa, pois, *a coisa é aquilo que é*. A vigência de todas as coisas residiria, então, na sua singularidade de ser coisa no espaço e no tempo essencial.

Compreendemos, então, que Heidegger instaura a questão “o que é uma coisa?” a fim de enfatizar a mudança da relação do “Dasein” em meio aos entes. O filósofo, especialmente, a partir da década de 1930 passa a apresentar um novo sentido para a palavra alemã “Ding”²⁹⁴ (coisa), procurando compreender o sentido original do termo. É importante ressaltar que, no contexto dos escritos de Heidegger após a virada, a palavra “Ding” (coisa) é enfatizada com base no significado do termo alemão “dingen” enquanto: “reunir, juntar, recolher”.²⁹⁵ Nessa perspectiva, a coisa passa a ser compreendida como o que reúne a quadratura: terra, céu, deuses e mortais²⁹⁶. Todo ente reuniria, desse modo, a quadratura.

Em contrapartida, conforme a perspectiva de Heidegger, a coisa vista sob o domínio da ciência é como um objeto de investigação no âmbito de sua finalidade e utilidade. Ela é posta no âmbito que Heidegger denomina de “espaço-de-utensílio”. O que vem a significar que a coisa deve estar a servir para algo. Com isso, a natureza da coisa é determinada a partir de

²⁹⁴ É importante destacarmos que o termo “Ding” (coisa), conforme Inwood, é demonstrado como diferente de “Sache” (coisa, tema, causa, assunto) na filosofia de Heidegger. Se analisarmos a coisa na obra-prima “Ser e Tempo”, vemos que “Ding” se apresenta como um “ser-simplesmente-dado”, um objeto em contraposição ao instrumento manual e com o “Dasein”. Outro ponto importante, é que Heidegger busca superar a perspectiva cartesiana da “coisa” enquanto *res extensa*. Cf. (INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Tradução: Luísa Buarque de Holanda. Revisão técnica: Márcia Sá Cavalcante Schuback. – Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar Editor, 2002, pp.16-17).

²⁹⁵ INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Tradução: Luísa Buarque de Holanda. Revisão técnica: Márcia Sá Cavalcante Schuback. – Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar Editor, 2002. p.17.

²⁹⁶ INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Tradução: Luísa Buarque de Holanda. Revisão técnica: Márcia Sá Cavalcante Schuback. – Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar Editor, 2002. p.17.

um viés de utilidade. A partir disso, o filósofo conduz a sua reflexão para o problema da relação entre o espaço e o tempo na coisalidade da coisa. Heidegger constata que as coisas se modificam no decurso do tempo. É importante enfatizarmos que o filósofo investiga, então, a questão do espaço e do tempo em sua essência a partir das próprias coisas.

A coisa, para Heidegger, é em sua essência, ou seja, cada coisa possui o seu mundo e está situada no espaço e no tempo de singularidade, que propicia que ela seja *o que é e como ela é*. Ela precisa ser percebida dentro deste mundo e dentro de sua singularidade, a fim de que se presencie o “ser-coisa” da coisa. A coisa é *o que é* em sua proximidade da “morada do ser”: a linguagem. Nessa perspectiva, o filósofo enfatiza que na relação do homem com a coisa há a ação do nomear²⁹⁷. O nomear uma coisa é um caminho de determinar a sua natureza, um demonstrar esta coisa e não aquela, indica aquilo que vem ao encontro e se faz presente. O nomear é atitude do homem em face da coisa. Mas, o nomear somente seria a forma correta de compreender a coisalidade da coisa?

As coisas ao virem ao encontro do homem são vistas com a característica do “isto”. Com a transformação do pensamento ocidental, o isto passou a ser uma forma de determinação da coisa que a isola das demais, com o intuito de apreendê-la e dominar a sua natureza. A perspectiva do isto, então, passou a ser constituída no domínio científico e no prisma do “espaço-de-utensílio”²⁹⁸, modo de conhecer a coisa que, como vemos, não é seguido por Heidegger. Dessa forma, o isto se torna tão somente num modo subjetivo do homem de se apropriar da coisa em sua aparência, não em sua essência.

Nesse contexto, ao mesmo tempo que, Heidegger levanta a questão: “que é uma coisa?”, ele instaura a questão da verdade. Podemos, então,

²⁹⁷ Cf. HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?*. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992.

²⁹⁸ HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?*. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992. p.30.

apresentar as questões: qual é a verdade da coisa? Qual é a essência da coisa? Onde e em que momento ela é o que é? Segundo Heidegger, não podemos ir diretamente até às próprias coisas, não podemos presenciá-las de modo imediato. As determinações isoladas que o homem alcança acerca das coisas, tais como: o espaço, o tempo e o isto se demonstram como determinações longe de pertencerem à coisa em si²⁹⁹. As determinações a partir da relação “sujeito-objeto”, conforme o filósofo, representariam, nesse sentido, algo questionável.

Desse modo, acerca do uso cotidiano das coisas, Heidegger destaca que o trato da coisa é desenvolvido sob o viés de utilitarismo e servidão. A experiência cotidiana da verdade da coisa é sempre um “pôr de lado”. O homem empreende uma relação com as coisas como utensílios. Esta obra de arte é uma obra, o homem a coloca na parede para decorar um ambiente da casa, quando já cansado daquela decoração, ele tira a obra, vende-a, troca-a, ou guarda-a, deixando-a, enfim, ser quando não mais a utiliza.

Certamente, quando se destaca o uso cotidiano da coisa, a coisa é algo que serve para um propósito. Em face disso, no escrito “Que é uma coisa?” Heidegger volta a sua atenção, em particular, à verdade acerca da coisa, e emprega o exemplo do giz: “aqui está o giz (...)”.³⁰⁰ Nós empregaremos o exemplo da obra de arte no lugar do giz, por isso, dizemos: “aqui está uma obra de arte”. Isto é uma verdade: o aqui e o agora fazem parte da unidade da obra de arte de tal modo que se pode dizer: a obra de arte, quer dizer, esta. Assim, verificamos que o espaço (aqui) e o tempo (agora) no seu “modo-de-ser” se apresentam na unidade de toda e qualquer coisa. É necessário que a coisa se faça presente no tempo atual, no agora. E que ela esteja aqui, que ela esteja em sua presença real.

²⁹⁹ Cf. HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?*. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992.

³⁰⁰ HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?*. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992. p.37.

Nesse sentido, afirma Heidegger: “aqui está o giz e, *de facto, agora*. Queremos determinar o agora de modo mais rigoroso”.³⁰¹ O filósofo reflete sobre a iminência da coisa, o seu estar presente em face do homem. Assim, o giz para o homem pode demonstrar-se sempre como um “isto”, todavia, o filósofo quer saber o que é o giz em si mesmo. Desse modo, torna-se a verdade acerca da coisa independente do homem e deixa-se manifestar tal como ela é.

É nesse sentido que Heidegger propõe um novo caminho para dialogar com a coisa, um caminho “em que se dá o acesso despreocupado às coisas³⁰²”. No exato momento em que se dá o acesso despreocupado às coisas se manifesta “algo de particular, onde é possível se saber o que se passa com a coisalidade da coisa”³⁰³. O acesso a coisa não objetivo e não subjetivo permite saber a singularidade da coisa. É, dessa maneira, que Heidegger realiza um desvio da tradição estética desenvolvida, especialmente, desde Kant, que estaria ainda circunscrita na metafísica tradicional. Ele defende que a estética moderna perdeu a conexão com o problema da verdade do “ser”, devido a sua perspectiva da distinção sujeito-objeto em face dos entes.

O filósofo constata que falta uma relação originária com as coisas. Assim sendo, Heidegger destaca:

(...) tiramos a questão “que é uma coisa?” do repouso, quando inserimos em determinadas possibilidades a determinação platônico-aristotélica da coisa, da proposição e da verdade e pomos essas possibilidades à prova.³⁰⁴

³⁰¹ HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?*. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992. p.37.

³⁰² HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?*. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992. p.39.

³⁰³ HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?*. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992. p.39.

³⁰⁴ HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?*. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992. p.51.

A determinação platônico-aristotélica da essência da verdade da coisa revela-se a partir da essência da verdade como conformidade ou adequação do enunciado ao objeto. A partir disso, conforme Heidegger aclara: “é fixada uma determinada relação entre a essência da coisa, a essência da proposição e a essência da verdade”³⁰⁵.

No que concerne a interface entre a coisa e a verdade, para Heidegger, a resposta à questão “que é uma coisa?” apresenta um outro teor. Conforme Heidegger:

não é uma proposição, mas uma posição-de-fundo transformada, ou -melhor ainda e mais prudentemente - o início da transformação do modo como, até ao presente, definimos a nossa posição diante das coisas, uma transformação do questionar e do avaliar, do ver e do decidir (...) ³⁰⁶.

É uma transformação da compreensão do “Dasein” diante dos demais entes. Em face dessa transformação, Heidegger destaca que o homem é convocado a ouvir o apelo do “ser”. Somos solicitados em face do *ente enquanto tal* na sua totalidade no horizonte da questão do “ser”. O homem é solicitado em face do ente de maneira peculiar, *no o que ele é e como ele é*. Assim, podemos questionar: o que se indica com esta convocação? O pensar de Heidegger busca desenvolver um despertar para a essência da coisa.

Segue-se daí que a análise da essência da coisa está relacionada com a compreensão do sentido da quadratura e do habitar poético. Faz-se necessário, nesse momento, buscarmos enfatizar outros aspectos da perspectiva ontológica que Heidegger expõe após a virada, destacando o que caracteriza a relação entre a interpretação ontológica do “Dasein” e a noção da “Poesia” (*Dichtung*). Diante disso, entendemos a questão

³⁰⁵ HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?*. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992. p.51.

³⁰⁶ HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?*. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992. p.55.

ontológica do “Dasein” e toda a sua dimensão existencial enquanto poética. É importante enfatizarmos que tal relação entre os fundamentos ontológicos do “Dasein” e a noção de “Poesia” (*Dichtung*) mostra-se, de modo especial, no habitar poético. É no habitar poético, conforme veremos, que as coisas são reconhecidas em sua singularidade e co-pertença na unidade originária da quadratura (*Geviert*): terra, céu, divinos e mortais.

Nessa perspectiva, é crucial mencionarmos que a *grande arte* em Heidegger se desvela de modo originário no habitar poético do “Dasein”, que se desvela na quadratura: terra, céu, divinos e mortais. Heidegger assinala em “As questões fundamentais da filosofia”: “a revolução só pode ser levada a termo por meio de uma arte imposta pelo mais distante Deus, se é que a arte é o pôr-se-em-obra da verdade”.³⁰⁷ Diante disso, questionamos também pelo sentido da essência poética da arte no habitar poético do “Dasein”. No escrito “A Coisa” (*Das Ding*, 1951), Heidegger enfatiza a noção de quadratura em seu pensamento. A quadratura aponta para o esforço do pensar da filosofia de Heidegger a partir da consideração da linguagem. Deve-se notar que, o esforço do pensamento para um pensar cada vez mais essencial demonstra-se na filosofia de Heidegger, especialmente, após a obra-prima “Ser e Tempo” (1927). Após a virada, seguindo a marcha do pensamento, Heidegger ao buscar pensar de modo cada vez mais essencial a relação entre o “ser” e o “Dasein” e, respectivamente, o “ser”, o “Dasein” e os demais entes, apresenta a compreensão da quadratura enquanto unidade dos quatro: terra, céu, divinos e mortais. Tal unidade desvelaria o próprio acontecimento da verdade do “ser” na história, harmonizando “Ereignis” (acontecimento apropriador) e “Geschichte” (História). Por sua vez, isto ocorre, segundo a filosofia de Heidegger, mediante o poético.

³⁰⁷ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia*: (“problemas” seletos da “lógica”). Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p.246.

Assim, é importante entendermos que o poético na história é o próprio modo de ser do acontecimento do "ser". O modo em que o ser se essencializa ou acontece na quadratura é fundamentalmente poético. Dessa maneira, é na unidade dos quatro: terra, céu, divinos e mortais, que a linguagem e a arte se revelam em sua essência, porque, conforme veremos, a unidade dos quatro está presente no ente no desvelar próprio da "Poesia" (*Dichtung*) em toda a sua dimensão.

Mas, pensemos um pouco mais acerca do que seria, então, este pensar mais essencial. Nesse sentido, entendemos que tal pensar em Heidegger se demonstra em sua "perspectiva ontológica poética", que tem como ponto de partida o pensamento e a poesia de Hölderlin. Cabe, nesse momento, ressaltarmos que, a unidade da "arte" e "Poesia" (*Dichtung*) acontece mediante a linguagem em sua essência propriamente poética. Ora, a poesia de Hölderlin instaura a "Dichtung" (Poesia) de modo primordial. O que em Heidegger apareceria como "a essência da arte é a *poiesis*"³⁰⁸ (*Dichtung*).

É no contexto da dimensão poética do caminho ontológico de Heidegger, que se caracteriza o pensar essencial. Tal pensar confere unidade entre a divindade e a humanidade mediante a quadratura. Divinos e mortais se dão na verdade, noutras palavras, se dão no desvelamento poético da verdade do "ser". Assim, podemos pensar que a própria disputa originária entre mundo e terra presente na essência poética da arte dá-se unicamente na unidade dos quatro: terra, céu, divinos e mortais.

Sobre isso, assinala Heidegger no escrito "Meditação" (*Besinnung*), 1938/39: "o acontecimento apropriativo é o fundamento como ab-ismo da clareira, conquistando-se na luta do vir-ao-encontro do deus e do homem com a contenda entre mundo e terra".³⁰⁹ Com isso, verificamos que o

³⁰⁸ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.191.

³⁰⁹ HEIDEGGER, Martin. *Meditação*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2010. p.83.

filósofo enfatiza o aspecto ontológico da quadratura no horizonte do acontecimento apropriador (*Ereignis*) da verdade do “ser”, ou seja, no acontecimento em que os seres no desvelamento vêm, então, à presença na história do “Dasein”. Desse modo, é na abertura presente no acontecimento apropriativo que acontece a unidade dos quatro: terra, céu, deuses e homens, no sentido de “co-pertença”, pois, conforme Heidegger: “pensamos na verdade do ser no mundo como o jogo de espelho da quadratura do céu e da terra, mortais e divinos”.³¹⁰

A verdade do “ser” ao se desvelar poeticamente na arte ou em qualquer ente se desvela em unidade da quadratura. Essa unidade poética desvela também a própria relação originária entre o mundo e a terra na clareira do “ser”³¹¹, unificando na quadratura todas as coisas no habitar poético dos mortais. Nessa perspectiva, considerando a marcha do pensamento, é relevante ressaltarmos que, se em “Ser e Tempo” Heidegger apresenta em sua ontologia fundamental o fundamento do “Dasein” no tempo, após “Ser e Tempo”, Heidegger confere ênfase ao habitar poético do homem, e a relação fundamental entre o homem e a linguagem poética no horizonte da questão do “ser”.

Nesse contexto, a unidade poética dá-se na história mediante também a consideração da linguagem em sua essência poética, pois, como vimos:

onde nenhuma linguagem se faz presente como no ser da pedra, da planta e do animal, também aí não existe nenhuma abertura do sendo e, por consequência, também nenhuma abertura do não-sendo e do vazio.³¹²

³¹⁰ HEIDEGGER, Martin. *Die Technik und die Kehre*. Zweite Auflage, Frankfurt am Mainn: Vittorio Klostermann, 1962. p.43, tradução nossa.

³¹¹ Para Heidegger, “clareira é a essência da verdade que vem à tona no fenômeno da linguagem”. Cf. HEIDEGGER, Martin. *Meditação*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2010. p.106.

³¹² HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.187.

Dessa maneira, a unidade poética ocorre no habitar poético dos mortais. Acontece, assim, na história, reunindo em si todas as coisas e conferindo significado fundamental às coisas. Para Heidegger, isto ocorre no horizonte da essência poética que emana da palavra. A centralidade na palavra na perspectiva ontológica poética de Heidegger indica também a essência poética pertencente a própria linguagem. É através da consideração da palavra em sua essência que se compreende o habitar poético do homem e a unidade dos quatro, pois, pela palavra poética o ente é essencialmente. A palavra em sua essência constitui, então, o modo de desvelamento do “ser”. Por isso, reconhecemos que o viês da perspectiva ontológica poética em Heidegger apresenta-se como o anúncio de um salto para a ultrapassagem da metafísica.

Nesse sentido, o pensar cada vez mais essencial em Heidegger constitui-se enquanto o princípio do saber, como o próprio filósofo enfatiza em sua obra “Meditação”. O saber se dá mediante o questionamento e meditação nas questões, desde sempre, postas na filosofia. O que caracteriza a centralidade da questão do “ser” enquanto a questão fundamental de toda a filosofia, segundo Heidegger, é o “salto prévio a todo sim e não”.³¹³ Dessa maneira, a instauração da questão do “ser” mediante a palavra poética que se desvela na linguagem em sua essência, caracteriza o pensar essencial que irrompe na filosofia de Heidegger. Constitui, assim, um salto prévio diante de toda a metafísica e dos pressupostos já dados como sim e não na história da filosofia. O salto prévio é também uma das marcas deste caminho hermenêutico-fenomenológico de Heidegger que *suspende as supostas verdades*.

Enquanto um salto prévio para a questão do “ser” indica-se o voltar do pensamento para o *início*, que se dá na clareira do “ser”. Desse modo, o saber não pode ser mediado pela metafísica tradicional, nem pela ciência,

³¹³ HEIDEGGER, Martin. *Meditação*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2010. p.13.

tampouco pelo que já foi dado. Como vimos, se requer uma volta ao princípio, e por isso, a questão do "ser" precisa ser recolocada mediante a linguagem em sua essência poética que emana da palavra. Esta é a decisão instaurada por Heidegger na virada. Sua decisão por recolocar a questão do "ser" mediante a questão da essência da linguagem se apresenta, de modo originário, através da proximidade com a poesia de Hölderlin. Nesse contexto, para Heidegger, Nietzsche surge, então, enquanto o último metafísico na história da filosofia, e Hölderlin constituiria o anunciador do princípio acerca da pergunta pela verdade do "ser".

Tal princípio se institui também no horizonte da tarefa de ultrapassar a metafísica, como vimos. Nesse sentido, a "Poesia" (*Dichtung*) no horizonte da questão do "ser" constitui a base para a ultrapassagem da metafísica, consagrando-se numa perspectiva ontológica poética. A questão do "ser" é uma questão que deve ser colocada poeticamente no horizonte da essência da linguagem. Em face disso, surge uma questão importante: como aproximar o pensamento e o poético? Podemos reformular esta questão: como aproximar o pensamento e a linguagem? Além disso, podemos ainda questionar: como aproximar o pensamento e a ação, a teoria e a práxis? Deixemos estas questões, por ora, em aberto. Elas serão meditadas no horizonte da questão do habitar poético.

Retomemos ao sentido da "Poesia" (*Dichtung*), ela constitui o caminho do saber para se recolocar a questão do "ser" de modo originário e em sua essência, pois o inaugurar da questão do "ser" somente pode se dar no tempo e espaço em sua originalidade. Noutras palavras, somente pode se dar na história do "ser", especialmente, no habitar poético do "Dasein". Dessa maneira, devemos perguntar pela essência poética do "ser" no ente em seu tempo e espaço essencial. Com isso, é importante destacarmos que o tempo essencial está inserido na história do "ser" que acontece no horizonte da historicidade e da facticidade do "Dasein", e o espaço essencial refere-se a própria morada do ser: a linguagem, que se

"especializa" originariamente no habitar poético do "Dasein". Como bem destaca Benedito Nunes: "o ser habita o espaço da linguagem".³¹⁴

Deve-se notar que, a questão do acontecimento poético da verdade do "ser" acontece também originariamente em meio a disputa originária entre a terra e o mundo. O acontecimento poético aponta também para o caráter originário do homem como "Dasein" e "ser-no-mundo", isto é, o seu caráter originário de facticidade. Seu "ser-para-a-morte" se desvela à luz da verdade do "ser" e convoca o homem para viver no tempo e no espaço essencial, ou seja, no seu habitar poético que se dá na unidade e proximidade da quadratura: terra, céu, mortais e divinos.

No ensaio "A coisa", Heidegger também reflete sobre a questão da proximidade e o seu caráter originário. O problema do desvelamento poético da existência é colocado em ênfase em contraposição ao sentido das coisas na época da técnica moderna. O homem é jogado para fora de sua essência na época da técnica moderna, devido, o distanciamento crucial da verdade do "ser", que ocorre, sobretudo, mediante o velamento da essência da linguagem. Não somente o que "já é", mas também o "ainda não" é lançado para fora de sua essência e de seu vigor essencial. Heidegger destaca que o ato de lançar o "Dasein" (ser-aí) para longe de sua essência poética causa "horror e terror".

O que vem a ser este "horror e terror"? Segundo Heidegger, significa o fato de que: "a proximidade dos seres estar ausente".³¹⁵ Diante disso, é importante destacarmos, que as coisas, para Heidegger, se dão em sua essência na proximidade. O filósofo destaca a necessidade de se pensar o modo de ser coisa e o modo de ser da proximidade. Refletindo sobre a questão da proximidade dos seres na época atual, Heidegger salienta que tudo está em voga e se põe em vigor, mas não desvela a essência de sua

³¹⁴ NUNES, Benedito. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: editora perspectiva S.A., 1969. p.76.

³¹⁵ HEIDEGGER, Martin. "A coisa". In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.144.

vigência, é apenas uma aparência de proximidade. Apesar da superação de todo distanciamento e de qualquer afastamento na época da técnica moderna, a proximidade dos seres está ausente, e isto, segundo Heidegger, causa horror e terror³¹⁶.

É importante ressaltarmos que na obra “A coisa”, Heidegger também apresenta a pergunta: “que é uma coisa?”, e se questiona sobre o caráter histórico da coisa. Ele também se interroga pelos modos de conhecimento e apropriação da coisa. Todavia, a questão principal levantada pelo autor é:

de há muito, o homem lida e continua sempre a lidar com as coisas, sem, no entanto, pensar, uma vez sequer, a coisa, como coisa! Até hoje, o homem não pensou a coisa, em seu modo de ser coisa, como não o fez também com a proximidade.³¹⁷

O “ser-coisa” da coisa não está em se fazer dela objeto de uma representação, nem em determiná-la a partir e pela objetividade do objeto. Diante disso, em seu escrito “A coisa”, a fim de aclarar a sua compreensão do “ser-coisa” da coisa, Heidegger emprega o exemplo da jarra. Segundo o filósofo, a jarra permanece sendo um receptáculo, quer ela seja objeto de representação imediata ou não. Sendo receptáculo, a jarra se faz presente em si por si mesma. O filósofo ressalta que a produção faz a jarra subsistir em si³¹⁸. Tornando a jarra como um receptáculo produzido, toma-a como uma coisa; e não, como um simples objeto.

Na constituição da jarra, o artista, no caso, o oleiro, exerce a atividade artística, de acordo com as suas habilidades manuais de moldar a jarra.

³¹⁶ Cf. HEIDEGGER, Martin. “A coisa”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

³¹⁷ HEIDEGGER, Martin. “A coisa”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.144.

³¹⁸ HEIDEGGER, Martin. “A coisa”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.150.

Escolhe a argila da terra para a construção do ser da jarra, e elabora a moldagem. Iniciando, assim, a formação do ser da jarra. Nesse contexto, há a figura do artista e o material (argila) que vem da terra. Dessa maneira, para Heidegger, o ser da jarra é feito da terra. A partir do material com que é constituída, a jarra pode pousar no chão da terra, seja de maneira direta ou indireta, estando numa mesa, por exemplo. Assim, no exemplo da jarra também podemos visualizar a disputa entre a terra e o mundo.

O “estar-aí” da jarra requer o oleiro e a terra. Mas o que é o estar-aí da jarra? O estar-aí da jarra é o próprio ser da jarra, é o seu mundo. O filósofo reconhece que é a produção que deixa a jarra introduzir-se no modo próprio de seu ser. O vazio é o recipiente do receptáculo. O vazio, o nada na jarra, é que faz a jarra ser um receptáculo, que recebe³¹⁹.

A partir desta metáfora da jarra, ressalta-se a ênfase de Heidegger no vazio. O vazio destaca a independência do “ser-jarra” da figura do oleiro. Podemos, então, perguntar: o ser-jarra já existiria no vazio? É a partir do vazio, no vazio e para o vazio que o oleiro conforma, mediante a argila, a conformação de receptáculo do ser-jarra. O oleiro conduz através do seu toque à configuração de receptáculo. O “ser-coisa” da jarra reside primordialmente, não na matéria, de que é constituído, mas no vazio, que recebe.

Nesse contexto, podemos refletir nas seguintes questões: em que se baseia e se assenta o ser-jarra da jarra? Como é que o vazio da jarra recebe? O vazio recebe de duas maneiras: acolhendo e retendo³²⁰. Ele recebe, ao acolher o que nele vaza. E ao reter o recebido³²¹. O acolher da

³¹⁹ HEIDEGGER, Martin. “A coisa”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.150.

³²⁰ HEIDEGGER, Martin. “A coisa”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.149.

³²¹ Ibid., p.149.

vaza e o reter do recebido estabelecem uma relação mútua, pertencem reciprocamente um ao outro³²².

Relacionado a isso, outra característica importante para se elucidar segundo Heidegger, é a essência do doar que se apresenta na coisa. Heidegger afirma: "o vazar da jarra é doar"³²³. O doar adquire um significado amplo em Heidegger. Diz respeito à vigência do ser-jarra da jarra, pois é na doação da vaza que "vige e vigora o recipiente do receptáculo"³²⁴. O doar reúne em si a sintonia do acolher e do reter na vaza³²⁵. A essência da jarra acontece pela doação. Heidegger diz:

Na água doada, perdura a fonte. Na fonte perdura todo o conjunto das pedras e todo o adormecimento obscuro da terra, que recebe chuva e orvalho do céu. Na água da fonte, perduram as núpcias de céu e terra. As núpcias perduram no vinho que a fruta da vinha concede e no qual a força alimentadora da terra e o sol do céu se confiam um ao outro. Na doação da água, na doação do vinho perduram, cada vez, céu e terra. A doação da vaza é, porém, o ser-jarra da jarra. Na vigência da jarra, perduram céu e terra.³²⁶

É na vigência da jarra, pela doação, que perdura a quadratura: terra, céu, divinos e mortais. O ser das coisas só pode ser desvelado em unidade com a quadratura. Nesse sentido, a coisa reúne em seu ser: céu, terra, divinos e mortais. Então, podemos afirmar, que todo o ente, como a jarra, a obra de arte, se desvela de modo originário na unidade da quadratura.

Para Heidegger, o dom da jarra se doa também na e para uma consagração³²⁷. Nesse momento a vaza é doação dedicada aos imortais. A doação da vaza encontra, na porção dedicada aos imortais, o dom, em

³²² HEIDEGGER, Martin. "A coisa". In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.150.

³²³ HEIDEGGER, Martin. "A coisa". In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.149.

³²⁴ Ibid., p.149.

³²⁵ Ibid., p.149.

³²⁶ Ibid., p.150.

³²⁷ Ibid., p.150.

sentido próprio. É no dom da porção consagrada que, ao vazar, a jarra é como doação dispensatriz de dons³²⁸. Segundo Heidegger, porção sagrada é o que, exclusivamente, convoca a palavra alemã "Guss", no sentido de "vaza", a saber: dádiva e sacrifício".³²⁹

Nesse sentido, a doação da vaza tem diferentes modos de ser. Há a doação da vaza como bebida aos mortais. Há também a doação da vaza como sacrifício e dádiva dos imortais. É importante destacarmos que, segundo Heidegger, na doação da vaza há a unidade da quadratura. Afirma Heidegger: "na doação da vaza vive a simplicidade dos quatro".³³⁰ Cada qual no seu modo diferente, terra e céu, mortais e imortais vivem em conjunto. Os quatro se encontram numa relação de mútuo pertencimento, em harmonia. É a partir da reunião da quadratura que cada um, terra e céu, mortais e imortais ou divinos se desvelam e descobrem que são o que são.

Em "A origem da obra de arte", Heidegger destaca que a doação é o modo de desvelamento poético da fundação da verdade, visto que: "(...) a essência da *poiesis* é a fundação da verdade".³³¹ Como vimos, no primeiro capítulo, e faz-se importante mencionarmos novamente aqui, tal fundação da verdade se desvela poeticamente num triplo sentido: "fundar como doar, fundar como fundamentar, fundar como principiar".³³² A partir do exemplo da jarra, Heidegger ressalta o sentido da doação. Desse modo, a doação

³²⁸ HEIDEGGER, Martin. "A coisa". In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.150.

³²⁹ HEIDEGGER, Martin. "A coisa". In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.150.

³³⁰ HEIDEGGER, Martin. "A coisa". In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.151.

³³¹ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.191.

³³² HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.191.

presente na jarra elucida como se dá a essenciação poética da verdade no ente.

Para Heidegger, a fundação é um exceder, uma livre doação. Este modo de ser da fundação "(...) provém do Nada, do ponto de vista de que ele nunca toma sua doação do corriqueiro e do existente até então".³³³ A coisa seja uma jarra, seja uma obra de arte, manifesta em sua essência a fundação poética da verdade. Por conseguinte, a fundação da verdade também acontece na essência poética do "Dasein", isto é, no seu habitar poético que se dá quadratura. Há a relação primordial entre a "Poesia" (*Dichtung*) e o habitar poético. Esta questão remete ao pensamento acerca do sentido da quadratura de maneira fundamental.

Em "Construir, habitar e pensar" (1951), o "pensador do ser" anuncia a dimensão da "Poesia" (*Dichtung*) no sentido primordial da "poiesis" também, isto é, enquanto ação poética. A dimensão da "Poesia" (*Dichtung*) surge, essencialmente, enquanto um construir na existência poética. Dessa forma, tendo como partida o poético, Heidegger institui uma nova perspectiva da existência. Com isso, o "Dasein" é anunciado, no âmbito de sua perspectiva ontológica, enquanto histórico e poético. O que Heidegger busca realizar é a ultrapassagem do viés da "metafísica do sujeito" mediante a unidade do "Dasein" com a terra, o céu e os divinos.

A partir dessa perspectiva ontológica não se procura mais elucidar o "Dasein" exclusivamente mediante a facticidade, por meio de aspectos existenciais tais como a "finitude", o "cuidado", a "angústia" e o "medo". Mas, se anuncia o "Dasein" a partir da essência da linguagem. Quais seriam as características existenciais extremas do "Dasein" como um ente de linguagem? Em que medida a essência da linguagem determinaria o "Dasein"? Pensaremos mais profundamente estas questões no terceiro

³³³ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.193.

capítulo, quando destacamos que, para Heidegger, o homem é um “ser-para-o-diálogo”.

Nesse contexto, o escrito “Construir, habitar e pensar” apresenta também a questão do pensamento e do poético. Instaure a “Poesia” (*Dichtung*) enquanto um construir que se desvela no habitar poético do homem e institui o pensamento como celebração da existência poética. O pensamento essencial celebra o pertencimento do homem à sua existência poética. É o construir que reconduz o homem ao pertencimento daquilo que ele é. O homem, nesse sentido, pertence ao habitar poético. E, segundo Heidegger, o habitar poético é também fundamentalmente o construir em sua essência.

A tarefa que Heidegger se impõe nesse momento é a compreensão do sentido da quadratura que se faz essencialmente no habitar poético do homem. Nesse contexto, afirma o filósofo:

O que diz então construir? A palavra do antigo alto-alemão usada para dizer construir, “*buan*”, significa habitar. Diz: permanecer, morar. O significado próprio do verbo *bauen* (construir), a saber, habitar, perdeu-se. Um vestígio encontra-se resguardado ainda na palavra “*Nachbar*”, vizinho. (...) O “*Nachgebauer*”, aquele que habita a proximidade. (...) Sem dúvida, a antiga palavra *buan* não diz apenas que construir é propriamente habitar, mas também nos acena como devemos pensar o habitar que aí se nomeia.³³⁴

Construir se refere em Heidegger, ao habitar de modo originário. O homem é o próprio habitar poético. Nesse sentido, destaca Heidegger: “ser homem diz: ser como um mortal sobre essa terra. Diz: habitar”.³³⁵ O que o habitar poético indica? O habitar poético na filosofia de Heidegger aponta

³³⁴ HEIDEGGER, Martin. “Construir, habitar e pensar”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8.ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.126.

³³⁵ HEIDEGGER, Martin. “Construir, habitar e pensar”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8.ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.127.

para a essência poética do homem que resguarda cada ente em sua essência enquanto guardião da verdade. O “resguardar” destaca o caráter do demorar dos mortais sobre a terra.

Segundo Heidegger:

“Sobre essa terra” já diz, no entanto, “sob o céu”. Ambos supõem *conjuntamente* “permanecer diante dos deuses” e isso “em pertencendo à comunidade dos homens”. Os quatro: terra e céu, os divinos e os mortais, pertencem um ao outro numa unidade *originária*.³³⁶

O filósofo apresenta mais uma vez a noção da quadratura que se dá na simplicidade dos quatro: terra, céu, divinos e mortais. Nesse sentido, Heidegger indica que o habitar poético da existência é na quadratura. Em uma passagem de sua obra “Ser e verdade”, Heidegger destaca: “existir é ser em si mesmo, sendo, de maneira que este sendo ‘é’ e está como tal, no meio do sendo em sua totalidade”.³³⁷ É no habitar poético que os homens resguardam todas as coisas em sua essência na unidade originária. Assim, por exemplo, “os mortais habitam à medida que aguardam os deuses como deuses”.³³⁸

A quadratura se destaca como recolher e reunir correspondente à vigência de todo o ente. A obra de arte é um ente, só que não no sentido da “res” do modo de ser dos romanos, nem no significado do “ens” da Idade Média e tampouco, na representação do ente como objeto na Idade Moderna. A obra de arte reuni e recolhe numa unidade as diferenças. Nesta unidade perdura terra, céu, mortais e deuses. Na proximidade recíproca da

³³⁶ HEIDEGGER, Martin. “Construir, habitar e pensar”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8.ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.129.

³³⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.114.

³³⁸ HEIDEGGER, Martin. “Construir, habitar e pensar”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8.ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.130.

unidade na diferença, resguardando-se cada um em sua vigência. A proximidade acontece na vigência de cada ente. Por isso, Heidegger destaca: “dizendo terra, já pensamos os outros três”.³³⁹

O mundo que está em disputa com a terra na essência da obra de arte se destaca como jogo em espelho, em que há a apropriação da unidade recíproca entre terra, céu, mortais e divinos. Para Heidegger, a quadratura vige na mundanização de mundo. É o ente que em sua vigência na disputa originária entre a terra e o mundo que leva a quadratura a perdurar. Sobre isso afirma Heidegger: “cada coisa leva a perdurar a quadratura em cada duração da simplicidade de mundo”.³⁴⁰ Deixando o ente ser em sua vigência, o “Dasein” habita na proximidade. Na ausência da vigência dos quatro se vela a vigência do ente. O ente para se desvelar em sua vigência precisa da unidade originária e, nesse sentido, da vigilância dos mortais, pois são os mortais os guardiões das coisas.

Nesse contexto, é importante destacarmos a relação do habitar com a obra de arte. Em “Construir, habitar e pensar”, Heidegger afirma: “habitar é bem mais um demorar-se junto às coisas”.³⁴¹ Desse modo, o habitar poético deixa os entes serem em seu vigor essencial, em sua liberdade. É dessa forma, que o habitar poético indica a verdadeira relação entre o homem e os demais entes, incluindo a obra de arte. Sobre isso afirma ainda Heidegger: “*habitar é construir* desde que se preserve nas coisas a quadratura”.³⁴²

³³⁹ HEIDEGGER, Martin. “Construir, habitar e pensar”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8.ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.129.

³⁴⁰ HEIDEGGER, Martin. “A coisa”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.158.

³⁴¹ HEIDEGGER, Martin. “Construir, habitar e pensar”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8.ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.131.

³⁴² HEIDEGGER, Martin. “Construir, habitar e pensar”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8.ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá

O habitar, para Heidegger, tem o sentido de construir, de edificar e de cultivar, o que indica um modo de ser originário do "Dasein" perante as coisas na terra. É a partir deste escrito "Construir, habitar e pensar" que o filósofo destaca a interface entre o construir e o pensar. Desse modo, tanto o construir como o pensar se co-pertence no habitar. Nesse sentido, afirma Heidegger:

construir e pensar são, cada um a seu modo, indispensáveis para o habitar. Ambos são, no entanto, insuficientes para o habitar se cada um se mantiver isolado, cuidando do que é seu ao invés de escutar um ao outro.³⁴³

É importante destacarmos que ao pensar a questão do habitar poético da existência em sua relação com as coisas e a quadratura, Heidegger pensa o sentido do espaço em que as coisas se desvelam em seu vigor essencial. Nesse sentido, o filósofo indica que o traço fundamental do habitar: o resguardo, permite que as coisas sejam em seu espaço essencial. Conforme Heidegger:

A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial. (...) As coisas são lugares que propiciam espaços. Construir é edificar lugares. Por isso, construir é um fundar e articular espaços. Construir é produzir espaços.³⁴⁴

Desse modo, o espaço é apresentado por Heidegger no âmbito da "poiesis". Ele se faz surgir de modo originário a partir do poético.

Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.131.

³⁴³ Ibid., p.140.

³⁴⁴ Ibid., p.137.

2.2. Arte e espaço

Pensando sobre a questão da arte e seu espaço essencial, nos voltemos, inicialmente, para “Construir, habitar e pensar” (1951). A noção de espaço (*Raum*) é demonstrada da seguinte forma:

espaço é algo espaçado, arrumado, liberado, num limite (...). O limite não é onde uma coisa termina, mas, como os gregos reconheceram, de onde alguma coisa *dá início à sua essência*. (...) Espaço é, essencialmente, o fruto de uma arrumação, de um espaçamento, o que foi deixado em seu limite. O espaçado é o que, a cada vez, se propicia e, com isso, se articula, ou seja, o que se reúne de forma integradora através de um lugar, ou seja, através de uma coisa do tipo da ponte. *Por isso os espaços recebem sua essência dos lugares e não “do” espaço.*³⁴⁵

É importante ressaltarmos que em “Ser e tempo”,

*nem o espaço está no sujeito, nem o mundo está no espaço. Ao oposto, o espaço é “no” mundo, na medida em que o ser-no-mundo, constitutivo para o Dasein, abriu o espaço.*³⁴⁶

Nesse sentido, o “Dasein” instaura a abertura do espaço, o que em “Construir, habitar e pensar” seria esclarecido como a abertura, ou vigor essencial a partir do habitar poético que resguarda as coisas na quadratura.

Nesse contexto, pensando sobre um escrito fundamental acerca da relação entre a obra de arte e o espaço, é relevante analisarmos “A arte e o espaço”, 1969, (“Die Kunst und der Raum”). Tal escrito pode ser considerado como complementar do ensaio “A origem da obra de arte”, trazendo na perspectiva ontológica de Heidegger a relação fundamental

³⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. “Construir, habitar e pensar”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8.ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.134.

³⁴⁶ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p.325.

entre o “ser-obra” da obra de arte e o espaço. Se em “A origem da obra de arte” há a ênfase entre a arte e o tempo, a arte e a história, neste escrito, há a ênfase especial entre “a arte e o espaço”. Vemos aqui a relação fundamental entre a questão do “ser” e o espaço³⁴⁷ no pensamento de Heidegger, a partir da pergunta fundamental pela essência do espaço da obra de arte.

No escrito “A arte e o espaço”, Heidegger elege a escultura do artista Eduardo Chillida para pensar fundamentalmente a questão da arte e espaço. Ao tematizar o espaço, a partir de Heidegger, é necessário assumir o espaço como questão e pensá-lo desde a sua essência. Diante disso, o espaço constitui também, para Heidegger, um aspecto ontológico importante. De fato, a partir da perspectiva ontológica poética, o espaço é tematizado de um modo singular e inovador. Daí o propósito inicial de Heidegger inaugurar a noção de espaço no horizonte da pergunta pela essência da obra de arte.

É mediante as obras de arte de Chillida, que Heidegger introduz o problema ontológico fundamental da relação entre arte e espaço. Nesse sentido, a escultura de Chillida, de modo especial, inaugura as relações das formas na obra de arte. A partir disso, emerge a confrontação entre o espaço e a arte na perspectiva ontológica de Heidegger. A questão importante, nesse contexto é o modo do acontecimento originário do espaço da obra de arte.

O espaço da escultura surge como ato poético. Nesse sentido, a escultura desvela o acontecer poético do “ser” dentro do espaço de modo inaugural na história. Fazendo presente a natureza no espaço da obra de arte, a escultura se faz presente como a obra de relação. Tal obra de arte

³⁴⁷ Heidegger já meditara sobre a questão do espaço em “Ser e Tempo” (1927) no âmbito da sua ontologia fundamental, presente nos §§ 22 a 24, Heidegger refere-se à espacialidade do “Dasein”. (Cf. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. Pp. 299-329.). Agora, em “A arte e o espaço”, Heidegger pensa o espaço no contexto ontológico poético.

se torna indissociável do espaço. Assim, determinadas obras de arte, neste caso, a escultura, para Heidegger, são delimitadas em sua essência poética mediante a essência do espaço.

É importante destacarmos que a presença da linguagem na arte aponta para a relação entre a obra de arte e o espaço. A linguagem torna-se atual na obra de arte, e a realidade da obra de arte se desenvolve no tempo e no espaço enquanto um acontecer na história. Isso acontece, no entanto, para que as coisas se reúnam ontologicamente na vigência do "ser".

Nesse sentido, a descrição fenomenológica da obra de arte inclui o tempo e o espaço como modos de ser do "ser-obra" da obra de arte. Isso constitui a estrutura da obra de arte. Assim, o espaço na obra de arte acontece no jogo entre "terra" e "mundo". Ele acontece mediante a unidade na diversidade da quadratura: terra, céu, divinos e mortais.

Outro aspecto importante é que o espaço recebe especial característica na obra de arte, porque, se converte em espaço artístico. Desse modo, o espaço da obra de arte aponta para algo além do lugar propriamente dito da natureza. Por isso, podemos perguntar: o que o espaço da obra de arte faz surgir? No contexto da arte, a escultura, por exemplo, é essencialmente como espaço artístico. Nessa perspectiva, compreendemos que, para Heidegger, a constituição da forma da escultura se dá na disputa entre "terra" e "mundo", no horizonte mesmo da quadratura.

Para Heidegger, a arte acontece na história e também no espaço artístico. Mas, o espaço da arte, não é o espaço compreendido pela física e pela técnica científica. O espaço é totalmente outro. O espaço artístico se dá no fundamento do "ser". Nesse sentido, podemos afirmar que o espaço artístico se dá na transcendência. É nesse momento, que destacamos a influência da poesia de Hölderlin quanto à questão fundamental entre "Poesia" (*Dichtung*) e "sagrado" (*Heilige*).

Lembremos aqui do poema "Retorno a pátria. Aos meus" (*Heimkunft. An die Verwandten*)³⁴⁸ de Hölderlin. Este poema, especialmente, destaca a relação entre a existência e o espaço sagrado no horizonte poético. A partir de tal poema podemos demonstrar algumas características do espaço essencial. Um espaço enquanto sagrado, enquanto poético, que se encontra na unidade originária da quadratura.

Nos aproximemos de um trecho do poema de Hölderlin (Hölderlin *apud* Heidegger, 2005, p.13): "um desses portões hospitaleiros da Terra é esse, que convida sedutor para ir além, para o afastamento promissor, lá, onde ocorrem os prodígios (...)".³⁴⁹ Mais adiante Hölderlin diz no poema (Hölderlin *apud* Heidegger, 2005, p.14):

anjos da casa, venham! Que através da vida, se dando a todos os prazeres, compartilha o celestial! Enobrece! Rejuvenesça! De modo que nenhum bem humano, de modo que nem uma hora do dia é deixada sem o feliz".³⁵⁰

Heidegger pensa a questão do retorno à pátria, da essência desse reencontro e da familiaridade com a terra natal. O retorno à pátria remete à questão primordial da familiaridade com a terra como também ao desvelamento do sagrado. O sagrado se desvela no retorno à pátria, porque o próprio ser do homem é rememorado no âmbito da familiaridade com a pátria. Heidegger afirma: "a terra natal desse habitar histórico é a sua

³⁴⁸ Presente em "Interpretações da poesia de Hölderlin", apresentando "Retorno a pátria/Aos parentes", "Hölderlin e a essência da poesia", "Como quando em dia de festa", "Recordar", "O céu e a terra de Hölderlin" e "O poema". É importante destacar que os poemas "Retorno a pátria/Aos parentes" se pronunciou em memória do poeta na festa do centenário do dia de sua morte, na aula magna da Universidade de Friburgo de Brisgovia, em 6 de junho de 1943, e foi publicado em 1944 em V. Klostermann, Frankfurt a.M. Cf. HEIDEGGER, Martin. *Interpretaciones sobre la poesia de Hölderlin*. Introdução de Eugenio Trías. Trad. de José Maria Valverde. Barcelona: Editorial Ariel, S.A, 1983.

³⁴⁹ HEIDEGGER, Martin. *Aclaraciones a la poesía de Hölderlin*. Tradução de Helena Cortés Gabaudán e Arturo Leyte Coelho. Madrid: Alianza Editorial, S. A., 2005. p.13, tradução nossa.

³⁵⁰ HEIDEGGER, Martin. *Aclaraciones a la poesía de Hölderlin*. Tradução de Helena Cortés Gabaudán e Arturo Leyte Coelho. Madrid: Alianza Editorial, S. A., 2005. p. 14, tradução nossa.

proximidade em relação ao ser”.³⁵¹ Nesse sentido, a pátria que, outrora, estava esquecida, é agora revivida. O poeta nomeia esse retorno à pátria, como um retorno ao próprio espaço sagrado. Dessa maneira, é no espaço sagrado na unidade da quadratura que os deuses se desvelam, bem como, todas as coisas aparecem em seu vigor essencial. Sobre isso destaca Heidegger: “regressar ao lugar é o regresso a proximidade da origem”.³⁵²

Nesse sentido, podemos pensar o espaço na arte. Na arte há o desvelamento poético da verdade no tempo e no espaço no modo de ser originário. Ela desvela um tempo e um espaço qualitativamente diferente do tempo e do espaço da ciência. O filósofo ao questionar pela essência da arte, a partir da pergunta fundamental pela verdade do “ser”, procura compreender o “ser-obra” da obra de arte em seu espaço e tempo essencial. A obra de arte acontece, então, de modo originário no espaço e no tempo na história do “ser”. Esse espaço da obra de arte teria também relação com o espaço em que se dá a facticidade do “Dasein” na história. Conforme Heidegger destaca, o espaço recebe a sua primeira determinação a partir de Galileu e Newton, no contexto científico moderno³⁵³. No entanto, a determinação da ciência se mostra insuficiente para se compreender o “ser-obra” da obra de arte em seu espaço originário. Pensando sobre a questão do espaço originário no escrito “A origem da obra de arte”, Heidegger afirma:

As esculturas ‘Éginas’ na coleção de Munique e a *Antígona* de Sófocles na melhor edição crítica estão, como as obras que elas são, arrancadas do seu próprio espaço essencial. Ainda que sua posição e sua força expressiva sejam tão grandes, sua conservação ainda tão boa e sua interpretação ainda tão segura, a transferência para a coleção as retirou do seu

³⁵¹ HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 351.

³⁵² HEIDEGGER, Martin. *Aclaraciones a la poesía de Hölderlin*. Tradução de Helena Cortés Gabaudán e Arturo Leyte Coelho. Madrid: Alianza Editorial, S. A., 2005. p.28, tradução nossa.

³⁵³ Cf. HEIDEGGER, Martin. *El arte y el espacio*. Traducción de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2009.

mundo. (...) Quando nós, por exemplo, procuremos o templo em seu lugar em Paestum e a catedral de Bamberger em sua praça, o mundo das obras existentes está destruído. A perda e a destruição de mundo não se podem mais reconstituir. As obras não são mais aquelas que foram.³⁵⁴

Heidegger expõe, nesse momento, a questão do espaço essencial ou originário da obra de arte. Toda a obra de arte apresenta o seu espaço essencial, no entanto, ao serem colocadas numa exposição, são retiradas de sua "abertura" originária presente no seu mundo. O que a exposição de obras de artes num museu indica é o caráter do "ser-objeto" da obra de arte, não o seu modo de ser originário em seu tempo e espaço essencial.

Mencionamos anteriormente, que o espaço originário do "Dasein" é o habitar poético que se desvela de modo originário na reunião da quadratura: céu, terra, deuses e mortais. Segundo a filosofia de Heidegger, a quadratura unifica espaço e tempo na história do "ser". Desse modo, o espaço originário da obra de arte é um espaço essencialmente poético. Nesse contexto, Heidegger elege a escultura como exemplo de obra de arte que, de modo especial, expõe a essência do espaço da obra de arte no desvelar poético da verdade do "ser". Sobre isso, Heidegger questiona:

Uma vez admitido que a arte é o pôr-em-obra da verdade e que a verdade designa o desvelamento do ser, não será então preciso que, na obra das artes figurativas, seja também o espaço verdadeiro, é dizer, aquele que desvela o que lhe é mais próprio (...)?³⁵⁵

Desse modo, a partir desta questão, destacamos que o acontecimento do "ser" se desvela de modo originário na verdade da obra em seu espaço e tempo. Enquanto o espaço e o tempo estiverem velados em sua essência na época da técnica, não se pode experimentar originariamente a dimensão

³⁵⁴ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.99.

³⁵⁵ HEIDEGGER, Martin. *El arte y el espacio*. Traducción de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2009. p.21, tradução nossa.

espacial e temporal da verdade do “ser” no modo do desvelamento. Nesse sentido, que a pergunta pelo “ser-obra” da obra de arte, conduz Heidegger à pergunta pelo ser do espaço da arte. Ambas as perguntas são determinadas pela pergunta da verdade do “ser”. Se abrem, então, no horizonte da questão do “ser”.

Nesse contexto, Heidegger instaura a questão primordial em “A origem da obra de arte”:

a que lugar pertence uma obra? A obra pertence, como obra, unicamente ao âmbito que se abre através dela própria. Pois o ser-obra da obra vigora e vigora somente em tal abertura.³⁵⁶

Nesse sentido, se a essência do espaço e do tempo é determinada pelo que se abre na quadratura, o que é aberto na quadratura é o habitar poético. Dessa maneira, conforme Heidegger:

espaciar é livre doação dos lugares no que aparece um deus, dos lugares do que os deuses têm fugido, lugares nos que o aparecer do divino se demora muito tempo. Espaciar aporta a localidade que prepara em cada caso um habitar.³⁵⁷

Assim, o espaço e tempo em sua essência é determinado pela “Poesia” (*Dichtung*) que acontece na abertura da quadratura. É determinado pela ação poética do habitar em seu modo originário, não pela técnica moderna e ciência. É no habitar poético que o espaço e tempo da arte pode se desvelar, mais uma vez, de modo inaugural na história do “ser”. O espaço originário que se abre na quadratura não é um espaço fechado. Mas, um espaço aberto que reúne: terra, céu, divinos e mortais. Não pode ser medido instrumentalmente pela técnica moderna e pela ciência, mas experimentado poeticamente.

³⁵⁶ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.101.

³⁵⁷ HEIDEGGER, Martin. *El arte y el espacio*. Traducción de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2009. p.23, tradução nossa.

No escrito “A arte e o espaço”, vemos que as figuras plásticas constituem um exemplo importante para demonstrar a relação entre o espaço e a arte. Elas constituem corpos. Nessa perspectiva, a sua massa, composta de diferentes materiais, está configurada de múltiplas maneiras. A configuração material da figura plástica acontece na delimitação, entendida como inclusão e exclusão com respeito à um limite. Nesse momento, é que vem a irromper o espaço. O espaço é ocupado pela figura plástica e deixa moldado como volume fechado, perfurado e vazio³⁵⁸. Para Heidegger, a relação entre o espaço e a arte plástica corporizada, constitui a unidade na disputa entre terra e mundo.

No espaço as coisas se reúnem e se pertencem poeticamente. Acerca deste aspecto do espaço, afirma Heidegger: “proporciona às coisas a possibilidade de pertencer-se mutuamente, estando cada uma em seu respectivo lugar e desde onde se abre às outras coisas”.³⁵⁹ As coisas desvelam o seu sentido poético na abertura presente na essência do espaço. Cada coisa é deixada ser aquilo que é e repousa em si mesma. Sobre isso assinala Heidegger:

por ela o aberto se vê solicitado a deixar que toda coisa se abra em seu repousar nela mesma. Porém isto significa ao mesmo tempo: preservação, congregação das coisas em sua co-pertença.³⁶⁰

Tendo como exemplo fundamental, a escultura para pensar a essência da arte e espaço, Heidegger destaca sobre as artes plásticas em geral:

A plástica seria uma corporeização de lugares que, ao abrir um lugar e preservá-lo, mantém reunido em torno a si um

³⁵⁸ Cf. HEIDEGGER, Martin. *El arte y el espacio*. Traducción de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2009.

³⁵⁹ HEIDEGGER, Martin. *El arte y el espacio*. Traducción de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2009. p. 25, tradução nossa.

³⁶⁰ HEIDEGGER, Martin. *El arte y el espacio*. Traducción de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2009. p. 25, tradução nossa.

âmbito livre que confere às coisas uma permanência e procura aos homens um habitar no meio das coisas.³⁶¹

A partir disso, Heidegger se questiona acerca do vazio do espaço. Sobre isso assinala: “sem dúvida, o vazio está presumivelmente relacionado com o caráter peculiar do lugar e, por ele, não é um algo em falta, mas um produzir”.³⁶² Aproximando-nos do termo “vazio”, podemos compreendê-lo na dimensão da abertura. Heidegger relaciona o vazio com o caráter de ser livre. Nesse sentido, afirma: “vaziar o vazio quer dizer: reuní-lo, (...) em seu fazer chegado a ser livre”.³⁶³ O vazio não se refere ao nada, tampouco a falta, mas é o instaurar da reunião de todas as coisas no aberto. Assim, a arte plástica é essencialmente: “a corporeização da verdade do ser na obra que instaura lugares”.³⁶⁴

2.3. Ente e Tempo

De início, retomamos o projeto filosófico contido na obra fundamental de Heidegger acerca da arte: “A origem da obra de arte” e em seguida analisamos algumas das críticas endereçadas por ele à perspectiva metafísica da estética. Avaliamos que a crítica de Heidegger na sua obra-prima “Ser e Tempo” que correria o risco de ser interpretada como considerações de cunho antropológico pôde ser superada na dimensão de uma perspectiva ontológica poética. Por isso, defendemos que a crítica de Heidegger à ontologia como disciplina se compromete com aspectos fundamentais do pensar originário grego acerca da verdade, tais

³⁶¹ HEIDEGGER, Martin. *El arte y el espacio*. Traducción de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2009. p.29, tradução nossa.

³⁶² HEIDEGGER, Martin. *El arte y el espacio*. Traducción de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2009. p.31, tradução nossa.

³⁶³ HEIDEGGER, Martin. *El arte y el espacio*. Traducción de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2009. p.31, tradução nossa.

³⁶⁴ HEIDEGGER, Martin. *El arte y el espacio*. Traducción de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2009. p.33, tradução nossa.

consequências se originam de um uso heterodoxo do caminho fenomenológico, herdado de Husserl.

Nesse viés, esboçamos o desenvolvimento ulterior da perspectiva ontológica de Heidegger, o qual conjuga a reformulação de algumas características da "Fenomenologia". Parece-nos que um dos traços da tarefa geral da obra-prima de Heidegger é a de reformular as relações entre existência e essência, realizando um desvio de tal dicotomia por meio da noção de "Dasein" e "Sein"³⁶⁵ ("ser") mediante o prisma da questão do "ser". A fim de tornar clara essa estratégia buscaremos refletir acerca dessas duas questões: 1) Por que as relações entre "Dasein" e "Sein" devem ser repensadas? 2) Como a noção de "Sein" permite renovar o entendimento da perspectiva ontológica?

Pensemos em tais questões, nesse momento, a partir da noção de "tempo" em Heidegger. Em "Ser e Tempo" há a pergunta pelo sentido do "ser" em sua relação fundamental com a temporalidade e historicidade do "Dasein". Heidegger destaca que ao se perguntar pelo "ser" se tem também como ponto de partida a própria essência do ser humano. Com isso, a dimensão do "Dasein" em sua relação com a temporalidade se torna de extrema importância para se explicitar a questão da essência do tempo e do espaço na obra de arte.

Com base na filosofia de Aristóteles, Heidegger enfatizará duas experiências singulares do conceito de tempo. Especialmente, em "Ética a Nicômaco VI", Aristóteles irá destacar que a temporalidade indica o "não-absoluto". Todavia, em "Física IV", o filósofo apresenta outra compreensão de tempo como uma série de "agoras". Nesse sentido, Heidegger indica que a metafísica tradicional se firma na perspectiva da "presença" (*Anwesen*). Esta compreensão do tempo determinaria a história do conceito de tempo até a filosofia de Edmund Husserl.

³⁶⁵ Após a década de 30, Heidegger passará a escrever "Seyn" e não "Sein" para se referir ao "Ser" em face do ente. Como estamos falando a partir de "Ser e Tempo" nesse momento, por isso, escrevemos "Sein".

Conforme atesta Pöggeler:

a obra *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*, de 1927, atribui a descoberta do *cairos* directamente ao sexto livro da *Ética Nicómaca*, mas esta descoberta teria voltado a ser encoberta em prol da definição do tempo a partir do agora, em consonância com uma determinada opção ontológica.³⁶⁶

Nessa perspectiva, Heidegger busca pensar sobre a essência do tempo de modo primordial. Em sua obra-prima “Ser e Tempo”, Heidegger elucida a questão do tempo ressaltando o termo alemão “Augenblick” que pode ser traduzido como “instante”. Em “Ser e Tempo”, Heidegger ressalta numa passagem o seguinte: “a continuidade não é formada apenas pela sucessão de ‘instantes’, no entanto, tais surgem da temporalidade já estendida do futuro”.³⁶⁷

Nesse sentido, é importante ressaltarmos que após a virada, Heidegger apresenta o termo “instante” na dimensão da história do “ser”: “o repentino do instante de outro início na história do ser”.³⁶⁸ O “instante” estaria relacionado ao tempo oportuno (*kairós*) no pensamento de Heidegger. Em “Hinos de Hölderlin”, por exemplo, Heidegger destacará a decisão pelo “tempo certo”³⁶⁹ que deve ser realizada pelos criadores: poetas e pensadores na história.

O pensamento essencial de Heidegger quanto à arte perpassa pela noção do tempo, visto que a temporalidade originária é o fundamento da existência. Por isso, é importante que nos aproximemos de alguns escritos fundamentais da filosofia de Heidegger, para que se compreenda os aspectos principais da relação entre arte e tempo em “A origem da obra de

³⁶⁶ PÖGgeler, Otto. *A via do pensamento de Martin Heidegger*. Tradução de Jorge Telles de Menezes. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. p.295.

³⁶⁷ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977. p. 517, tradução nossa.

³⁶⁸ HEIDEGGER, Martin. *La historia del ser*. Traducción. Dina V. Picotti C. Buenos Aires: El Hilo de Ariadna: Biblioteca Internacional Martin Heidegger, 2011. p.42, tradução nossa.

³⁶⁹ Heidegger trata sobre “a decisão pelo tempo certo da poesia como decisão pela entrada na disposição fundamental”. Cf. In. HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.108.

arte". Nesse contexto, é importante ressaltarmos que no escrito "El concepto de tiempo"³⁷⁰ (*Der Begriff der Zeit*), de 1924, Heidegger institui em sua filosofia, antes de inaugurar a sua obra "Ser e Tempo" (1927), a pergunta fundamental pela essência do tempo. A questão da existência é determinada, primeiramente, pela questão do tempo, explicita o filósofo alemão.

Aliás, após a virada, observaremos também nos escritos tardios de Heidegger, em destaque a obra "Arte e espaço", a compreensão da existência a partir da pergunta pela essência do espaço, pois, segundo Heidegger atesta: "(...) perdemos a capacidade de experimentá-lo, porque o nosso ser-aí se encontra enredado numa trivialidade pela qual é expulso de qualquer esfera de poder da arte".³⁷¹ Também, verificaremos, especialmente, nos ensaios: "Poeticamente o homem habita", "A coisa" e "Construir, habitar e pensar", a questão da existência a partir da essência do habitar na "quadratura": terra, céu, divinos e mortais.

No momento, é importante que nos aproximemos deste escrito "El concepto de tiempo", acerca da investigação de Heidegger sobre o tempo antes da virada. Tendo em consideração tal escrito, buscamos refletir também sobre a determinação histórica da arte. Compreende-se a partir do escrito "A origem da obra de arte" que "a arte é, como fundação, essencialmente histórica".³⁷² Nas palavras de Heidegger: "isto é assim porque a arte em sua essência é um originário: um modo insigne de como a verdade é sendo, quer dizer, acontece historicamente".³⁷³ Se a essência da arte é a "Poesia" (*Dichtung*), cabe então refletirmos: como essa essência

³⁷⁰ Para uma investigação indicamos "O conceito de tempo" do ano 1924. O filósofo apresentara esta obra em 25 de julho de 1924 para a "Marburger Theologenschaft". Cf. (HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008).

³⁷¹ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.28.

³⁷² HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.197.

³⁷³ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.199.

poética da arte é também histórica? Refletimos algumas características sobre o aspecto histórico da arte no primeiro capítulo. Mas, agora faz-se necessário nos determos, especialmente, na interface ente e tempo, por isso, pensemos ainda na questão do tempo.

Com a relação a essência do tempo, Heidegger vê a necessidade de ressaltar o problema da historicidade. O sentido da historicidade se desvela, de modo originário, na existência. E esta mesma historicidade está presente em toda a ação humana. De modo especial, ela também se desvela na arte. Observamos que o filósofo no desenvolver de sua ontologia fundamental iniciara as suas investigações acerca deste caráter de historicidade da existência, pois para se compreender a historicidade do "Dasein", Heidegger pergunta pela essência do tempo. Ele busca compreender a essência histórica daquilo que é no tempo. Somente o "Dasein" se percebe no tempo, enquanto um ser que tem um destino histórico, o destino para a morte. Assim, podemos afirmar que o "Dasein" e tudo aquilo que ele constrói contém a dimensão essencial histórica, determinado assim na temporalidade.

Ao inaugurar em "El concepto de tiempo", a questão primordial do sentido do "Dasein" histórico, Heidegger tem o propósito de delimitar a fundação ontológica de um ente privilegiado (o *Dasein*) que essencialmente é histórico. Nessa perspectiva, podemos destacar uma primordial compreensão do "Dasein": ele é histórico de modo originário.

A tarefa que Heidegger se impõe: a de compreender o existir em seu fundamento, é uma tarefa ontológica, pois, segundo Heidegger: "(...) é insuficiente qualquer concepção do Ser que não tenha enfrentado a tarefa de pensar a morte".³⁷⁴ Heidegger questiona o ente por seu ser e por seu fundamento primordial. Os caracteres ontológicos do "Dasein" que é no tempo se desvelam, então, na história, a partir da pergunta pela sua

³⁷⁴ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.166.

essência. O "Dasein" deve ser também compreendido desde si mesmo, e nesse sentido, desde a história que se realiza no tempo e no espaço.

Em face disso, precisamos retomar ainda algumas características fundamentais de Heidegger em seu caminho ontológico para pensar sobre o tempo. É importante ressaltarmos que a compreensão do "lógos" em sua perspectiva ontológica se tornaria decisiva para se compreender os caracteres ontológicos do "Dasein" e nomeá-los à luz de sua essência. Ao elucidar o seu caminho ontológico, Heidegger ressalta que o ente: "(...) deve converter-se em fenômeno e ser nomeado (λόγος) tal como se mostra".³⁷⁵ Desse modo, especialmente, desde a década de 20, o filósofo já expõe em seus escritos a sua compreensão fundamental de "lógos". Heidegger concebe o "lógos" em sua perspectiva ontológica, não como razão, mas como nomear, relacionado de modo originário à linguagem. Tendo, assim, como fundamento "lógos" enquanto "palavra" que nomeia originariamente os entes.

Em "El o concepto de tiempo", Heidegger já havia destacado a importância da relação entre a fenomenologia e a ontologia. Sobre isso, afirma: "por isso a fenomenologia é o único tipo de investigação que pode pôr em marcha e sustentar uma investigação ontológica".³⁷⁶ O filósofo enfatiza a exclusividade da fenomenologia como caminho de investigação ontológica. Mais tarde, na obra-prima "Ser e Tempo", conforme vimos, Heidegger ressalta a fenomenologia em sua relação primordial com a ontologia fundamental.

Por isso, a fenomenologia no caminho de Heidegger está presente na questão acerca do tempo e da historicidade do "Dasein". O que está, primordialmente, relacionado à historicidade é à temporalidade, para Heidegger. Nesse sentido, a verdade no "Dasein" acontece, então, na sua

³⁷⁵ HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008. p.12, tradução nossa.

³⁷⁶ HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008. p.12, tradução nossa.

temporalidade. A pergunta fundamental: “o que é o tempo?” refere-se ao tempo do “Dasein” na historicidade. E se perguntarmos: o que é o tempo da arte? Devemos, nessa perspectiva, considerarmos também a existência e a sua historicidade. Porque o tempo em sua essência, o que inclui o tempo das coisas se dá em relação com o “Dasein”. Nesse sentido, o tempo da arte dá-se na dimensão da existência.

O “Dasein” sendo essencialmente histórico apresenta como um dos caracteres ontológicos o cuidado. Isso demonstra o caráter do “ser-aberto” do ser do “Dasein”. A abertura do “Dasein” na história destaca essencialmente as possibilidades ontológicas da existência no tempo. Nesse sentido, a temporalidade apresenta uma relação fundamental com a abertura. O ser do “Dasein” é no tempo, porque é aberto. Este caráter de abertura permeia o sentido do tempo. Sendo assim, o “Dasein” em sua essência um “poder-ser”, e isto se dá por causa da temporalidade.

Para Heidegger, a totalidade do “Dasein” como temporalidade, deve ser compreendida em especial pelo seu caráter de futuro. Nessa dimensão, o “ser-para-a-morte” é a possibilidade mais extrema do “Dasein”. É a morte que demonstra o caráter de possibilidade da existência e o modo de ser futuro do tempo. Segundo Heidegger:

o Dasein, em seu ser-em-cada-instante, é em cada caso sua morte. Dasein significa ser-possível. Sua morte é a *mais extrema* possibilidade do Dasein.³⁷⁷

Para Heidegger, é no tempo que o “Dasein” se define em sua finitude, enquanto um “ser-para-a-morte”. Como um ser projetado para a morte, o “Dasein” como “ser-aí” se relaciona no presente como “ser-lançado” ou “ser-no-mundo”, tendo em vista a sua possibilidade futura mais extrema.

³⁷⁷ HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008. p.65, tradução nossa.

Outro caráter ontológico do "Dasein" é o seu modo de ser da ocupação. O "Dasein" se ocupa na cotidianidade com as coisas e com o mundo³⁷⁸.

Conforme mencionamos, a concepção do tempo se demonstra na possibilidade de ser do "Dasein" enquanto abertura no mundo. Dessa forma, o "Dasein" como possibilidade de ser, é caracterizado como "aí", lançado nas possibilidades do mundo e em sua possibilidade mais extrema a morte; e, enquanto "ser-aí" faz com que o mundo se apresente em sua abertura. O "Dasein" no modo de ser do "estar-em" é determinado pelo permanecer ocupado. Essa é uma das disposições do ser do "Dasein", no modo do "estar-em": o Dasein tem a disposição de estar ocupado com³⁷⁹.

Acerca disso, ressalta Heidegger em "Hinos de Hölderlin":

a vida quotidiana é, propriamente, des-preocupação, visto afastar a preocupação (*Sorge*) reduzindo-a a um mero cuidado (*Besorgen*) ou solicitude (*Für-sorge*), e, assim, ocultá-lo na sua essência. Como o ser-aí é essencialmente preocupação, o seu quotidiano, apesar de todas as aflições, e justamente enquanto estas, tem de ser des-preocupação.³⁸⁰

A despreocupação do "Dasein" caracteriza a sua relação com o mundo na cotidianidade. No modo de ser da ocupação a existência se mostra indiferente ante a morte. O trato com as coisas procura esquecer o sentido do "Dasein". No trato com o mundo, o "Dasein" se distancia do sentido de sua possibilidade mais extrema. A ocupação cobre a indeterminação ou o "ainda-não" da morte, isto é caracterizado por Heidegger como alienação, fazendo com que um caráter existencial do "Dasein" seja esquecido: a certeza da morte. Com isso, o próprio sentido histórico do "Dasein" é esquecido, pois o seu fundamento é ocultado.

³⁷⁸ Cf. HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008.

³⁷⁹ Cf. HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008.

³⁸⁰ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.262.

Heidegger destaca que este esquecer ao ocupar-se de algo é o modo mais imediato de manter o cuidado no passado³⁸¹. Sobre a dimensão do tempo, Heidegger aclara: “(...) o adiantar-se se revelou como ser=futuro=passado=presente, ou seja, como ser temporal. (...) O ser próprio do Dasein é ser temporal”.³⁸²

Tais caracteres ontológicos da estrutura do “Dasein” devem ser compreendidos como modos de ser, segundo Heidegger. Nesse sentido, entendemos que Heidegger pretende a partir da interpretação ontológica do “Dasein” restituir o sentido fundamental do ser na facticidade.

Quando nos referimos ao tempo em sua manifestação no “Dasein”, é importante atentarmos para a relação entre a existência e o passado. Em Heidegger tal relação crucial é analisada na perspectiva do mundo circundante da vida passada. O “Dasein” é o “ser-no-mundo”, sendo assim, a consagração do tempo no “Dasein” se dá na mundanidade. O passado concernente à arte, por exemplo, se transforma em interpretação enquanto história da arte, dentro do horizonte da história. Nesse sentido, o “Dasein” sendo ele mesmo histórico em sua essência, tem a possibilidade de ser também historiográfico. Com isso, podemos refletir a partir do “Dasein”, o seguinte: se o “Dasein” é histórico e a arte acontece em interdependência com a existência, a arte também é histórica e pode ser também exposta na possibilidade de ser historiográfica.

Conforme Heidegger:

Terminologicamente contraposto ao conceito de historicidade, o conceito de ser=historiográfico se entende (...) ao significado fundamental de *istorein*=“explorar”: o des=cobrir, que explicitamente vive em cada caso num ser-histórico, do passado para um presente.³⁸³

³⁸¹ Cf. HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008.

³⁸² HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008. p.80, tradução nossa.

³⁸³ HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008. p.112, tradução nossa.

O filósofo alemão destaca que o modo de ser da ocupação está circunscrito no mundo mediante a curiosidade³⁸⁴, nesse contexto, o conhecimento historiográfico pode vir a se perder no mundo como nova ocasião de queda, não manifestando a essência da história.

A história do mundo e, nesse sentido, a história da arte resulta de uma *comparação*³⁸⁵ que é determinada pela objetividade. Se mostra disponível em esquemas tipificados. Tal perspectiva da história presume haver alcançado o grau de objetividade tal qual o conhecimento científico e natural. Dessa forma, o passado no âmbito do viés historiográfico não revela a essência da história.

Nessa perspectiva historiográfica da arte, vê-se o tempo no viés de fluxo do tempo: “o tempo passa”. A arte já passou se vista pelo sentido historiográfico. Com isso, a partir do caminho fenomenológico, Heidegger procura, então, instituir em sua investigação ontológica do “Dasein”, a destruição do conceito tradicional de existência e tempo. O tempo constitui essencialmente a existência. Ele desvela a verdade histórica do “Dasein” enquanto originariamente temporal.

O momento da verdade do “Dasein”, enquanto ser-futuro, institui algo fundamental sobre a própria essência. O “Dasein” deve ser visto de maneira existencial em si – na facticidade. Para Heidegger:

(...) o Dasein está constituído em sua facticidade de um modo igualmente originário como um ser-possível. Antes se mostrou que o Dasein é temporal na propriedade de seu ser como ser-possível. Assim pois, tendo em conta as constituições fundamentais da facticidade, deixa completamente demonstrado (...) o Dasein é o tempo.³⁸⁶

³⁸⁴ Cf. HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008.

³⁸⁵ Assim, afirma Heidegger: “(...) comparação ilimitada que considera o presente somente como um entre outros muitos presentes (...)”. Cf. (HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008. pp.112-113, tradução nossa).

³⁸⁶ HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008. p.104, tradução nossa.

Nesse sentido, afirma Heidegger: “Dasein é história”.³⁸⁷ Se pensarmos com base nessa afirmação, então, uma compreensão importante vem à luz: a história é pelo “Dasein”. Não existe história sem o “Dasein”. Assim, a essência histórica da arte é também existencial. Assim, especificamente, após a virada a verdade enquanto poética é também histórica. Isto é, ela se desdobra como “Geschichte”: a essência da história como acontecimento (*Ereignis*) essencial do “ser”.

Por fim, com a virada, Heidegger destacará, especialmente, em “Tempo e Ser” que o “ser” e o “tempo” não são entitativos, mas se dão ou se doam como acontecimento (*Ereignis*) na história. Sobre isso Heidegger destaca: “não dizemos: ser é, tempo é: mas (...) dá-se tempo. Primeiro modificamos com esta expressão apenas um uso de linguagem. Em vez de ‘ele é’, dizemos ‘dá-se’”.³⁸⁸ O “ser” e o “tempo” passam a ser apresentados a partir da perspectiva do acontecimento (*Ereignis*). O que é esse acontecimento?³⁸⁹ “do interior do desvelar, porém, fala um dar, um dá-Se.”³⁹⁰

2.4. Arte, poético e “Dasein”

No horizonte ontológico do pensador do “ser”, irrompe o escrito “Hölderlin e a essência da poesia” (*Hölderlin und das Wesen der Dichtung*), pronunciado em Roma, no ano de 1936, enquanto um passo decisivo no desvio dado para a questão do “ser”. Hölderlin fora decisivo para Heidegger

³⁸⁷ HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008. p.111, tradução nossa.

³⁸⁸ HEIDEGGER, Martin. “Tempo e ser”. In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.254.

³⁸⁹ Desde o primeiro capítulo intitulado *Arte e essência*, destacou-se a característica do acontecimento da verdade do “ser” ser como doação. No segundo capítulo acerca da “Arte e Poesia” observou-se em “Tempo e ser” o aspecto do “desvelar (...) um dá-Se. Cf. (HEIDEGGER, Martin. “Tempo e ser”. In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.254). O “ser” doa-se em sua essência poética no ente.

³⁹⁰ Ibid., p.254.

em sua inauguração da questão do pensamento e da poesia no retorno para a questão da origem (*Ursprung*). Tal diálogo entre o pensar, o poetar e o dizer se instaura, após a década de 20, especialmente, como parte relevante na tarefa do pensamento. E conforme veremos tal preocupação fundamental em Heidegger, como ele denominou em “A origem da obra de arte”, enquanto “esforço do pensamento”³⁹¹ (*Anstrengung des Denkens*) se demonstra no poético, trazido na noção da “Poesia” no termo alemão “Dichtung”³⁹² sob a influência primordial de Hölderlin. Veremos, neste tópico, de forma mais detalhada, o que a poesia essencial de Hölderlin concede para o pensamento de Heidegger e para a instauração da questão do “ser” mediante a essência da linguagem.

Partindo do cenário poético de Hölderlin, Heidegger apresenta “Interpretações da poesia de Hölderlin” (*Erläuterungen zu Holderlins Dichtung*, 1944), também consagra outros textos acerca da poesia de Hölderlin, e além disso, temos também “Hölderlin e a essência da poesia”. A relevância da poesia de Hölderlin é tamanha que Heidegger o descreve como “o poeta dos poetas”.³⁹³

Especialmente, na década de 30, Heidegger na virada do seu pensamento consagra a relação do *ontológico* com o *poético* tendo como marco Hölderlin como fundador da revelação do “ser” na obra de linguagem. Não somente o poético é compreendido no sentido ontológico originário em Heidegger a partir da poesia de Hölderlin, mas a linguagem e o próprio “Dasein” são considerados sob a dimensão da perspectiva ontológica poética.

Tendo como fio condutor a dimensão do dito poético, o pensador do “ser” e o seu caminho se institui em abertura hermenêutica, agora, nesse

³⁹¹ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.75.

³⁹² O pensador do “ser” apresenta o projeto de superação da metafísica tradicional tendo como ponto de partida a dimensão da “Poesia” (Dichtung).

³⁹³ HEIDEGGER, Martin. “Hölderlin y la esencia de la poesía”. In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. p.128, tradução nossa.

momento, sob o horizonte da poesia essencial do poeta Hölderlin. Segundo Heidegger, em Hölderlin o poético se instaura em anterioridade ao traço fundamental da existência: o habitar. Nesse sentido, para que Hölderlin fale poeticamente sobre a existência, ele se coloca em face da relação entre o pensamento e a “poesia” a partir da essência poética. Importante ressaltarmos que Heidegger diz: “o dizer é dizer do pensar, e no outro começo o pensar é a preparação do poetizar”.³⁹⁴

Heidegger elucida essa questão da unidade entre o pensamento, “poesia” e dizer que se manifesta na própria poesia essencial de Hölderlin, especialmente, em “Hinos de Hölderlin”, “Hölderlin e a essência da poesia” e “Poeticamente o homem habita”. Buscamos percorrer estes passos do caminho de Heidegger ao longo da tese, com o propósito de entendermos alguns termos fundamentais que estão diretamente relacionados com a “questão do ser” (*Seinsfrage*) e o “Dasein”. Porque, a partir da compreensão do poético na existência em Hölderlin, Heidegger pensa sobre a fundação da verdade no ente único que corresponde ao “ser” mediante a linguagem. O que a poesia essencial de Hölderlin abre no pensar de Heidegger é justamente o “sinal” para pensar sobre aquilo que é digno de ser pensado.

A pergunta central que deve mover Heidegger em face de tal obra poética parece-nos: como erigir a tarefa do pensamento? O diálogo genuíno com Hölderlin é o estar em abertura de Heidegger e de sua própria obra para uma interpelação fundamental: a questão do “ser” sob uma perspectiva ontológica poética que estabelece a relação entre a arte e a “Poesia” (*Dichtung*) essencialmente. O poético poetizado em Hölderlin põe o pensador a caminho de uma meditação profunda acerca da essência da arte, ou seja, o poético interpela o pensar para uma vez mais ser essencial, na iminência da escuta do apelo do “ser”.

³⁹⁴ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.49.

O poético se mostra na iminência da escuta do apelo do “ser”, que é o apelo pela linguagem, e convoca o pensar para a meditação essencial. Mas, o que seria esse apelo da linguagem em Heidegger? O apelo para morar na linguagem é o apelo do “ser” que habita originariamente na linguagem. O apelo em si constitui-se como o pensamento que se coloca em abertura no prisma da história do “ser”. Como vimos, Heidegger compreende que a história do “ser” abrange também a história da metafísica e a sua marca fundamental que é o esquecimento do “ser”. Assim, o apelo é o pensamento para a essência em face do esquecimento.

Nessa perspectiva, irrompe a possibilidade de uma abertura ontológica poética daquilo que permanece oculta na história do pensamento ocidental: a verdade do “ser”. Por isso, que Heidegger denomina o seu pensar como radical, pois se lança para o abismo, para aquilo que é sem fundamento: a questão do “ser”. É, entretanto, também um pensar que se desvela poeticamente, visto que que instaura a abertura do pensamento em diálogo originário com o poético a fim de que haja a memória (*Andenken*) do “ser”.

Compreendemos, então, que o diálogo em sua essência dá-se especialmente entre o poético, o pensamento e o dizer, conforme Heidegger. Essa unidade é tão somente a instauração ontológica do salto para a questão da origem (*Ursprung*): a questão do “ser”, seja no seu velamento ou no seu desvelamento poético, porque, Heidegger considera que o ontológico se desvela no ôntico, mantendo-se uma relação de unidade na quadratura: terra, céu, divinos e mortais.

Como mencionamos, o pensador do “ser” já havia constatado que o esquecimento do “ser” na história da metafísica se demonstraria como um impulso para ultrapassagem em forma de salto para o *meditar* acerca daquilo que se encontrava velado: a verdade em sua essência. Para Heidegger, há uma relação preponderante na verdade em sua essência entre o ôntico e o ontológico, nesse sentido, ele denomina no escrito “A

essência do fundamento” tais aspectos da verdade como verdade ôntica e ontológica. Sobre isso assinala Heidegger:

Verdade ôntica e ontológica sempre se referem, de maneira diferente, ao ente em seu ser e ao ser do ente. Em razão de sua relação, elas fazem parte de uma maneira essencialmente conjunta da diferença entre ser e ente (diferença ontológica). A essência ôntico-ontológica da verdade em geral, desta maneira necessariamente bifurcada, somente é possível junto com a irrupção dessa diferença.³⁹⁵

Chegamos ao entendimento de que o pensador do “ser” realiza este salto para a essência da verdade mediante a “Poesia” (*Dichtung*). A questão da essência da “Poesia” (*Dichtung*) é, dessa maneira, *decisiva* nesse questionamento ontológico e ôntico do pensamento de Heidegger.

Conforme vimos, ao percorrermos as obras principais de Heidegger no que concerne a arte e o poético, parece-nos claro que tal interface é um dos passos de Heidegger em seu caminho fenomenológico-hermenêutico para levantar a questão da origem. A questão da origem (*Ursprung*) no pensamento de Heidegger se enfatiza no horizonte da recepção da perspectiva romântica do poeta Hölderlin.

Isso nós percebemos com mais clareza a partir do escrito “Hölderlin e a essência da poesia”, porque podemos reconhecer o quanto é importante lermos a obra “A origem da obra de arte” em conjunto, especialmente, com tal escrito. Isso nos leva a compreensão de que em Heidegger a dimensão poética se destaca como o que determina a origem da arte e da linguagem. Mas, onde Heidegger vai buscar compreender tal dimensão poética? Não resta dúvidas de que é em Hölderlin. Como “poeta dos poetas”, ele abre tal perspectiva para Heidegger com relação, especialmente, com a noção de existência e de povo, pois, para Heidegger o poeta tem a tarefa de ouvir poeticamente o apelo do “ser”. Entendemos que conforme o pensador do

³⁹⁵ HEIDEGGER, Martin. “A essência do fundamento”. In: HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.146.

“ser”, o apelo do “ser” “(...) é trazido à palavra que futuramente fica no povo”.³⁹⁶ Conforme observaremos ao longo deste tópico, Hölderlin fala sobre a existência e fala sobre o povo também como pátria.

Hölderlin é caracterizado, nesse prisma, não apenas como o poeta escolhido por Heidegger no horizonte da poesia romântica como o anunciador da poesia essencial. Mas, é também o pensador essencial que inaugura ontologicamente o poético na obra de linguagem: poesia (*Poesie*) quando pensa a existência como poética. Isso é especificamente explicitado por Heidegger em seu escrito “Poeticamente o homem habita”. Uma outra questão, não menos importante, irrompe no pensamento de Heidegger nesse contexto da poesia essencial de Hölderlin: a tarefa de pensar a proximidade entre o poético e o pensamento.

A investigação ontológica de Heidegger da poesia de Hölderlin e da essência poética da obra de linguagem: poesia, indica a relação primordial entre a arte, o poético e a poesia. Schlegel já havia aclarado que o poético está presente como essência de toda ação artística³⁹⁷. Na sua obra “Doutrina da arte” afirma: “(...) a poesia é o indispensável, o primeiro e o mais originário em todo atuar e fazer humanos”.³⁹⁸ Tudo indica que Heidegger segue também a perspectiva de analisar a dimensão poética

³⁹⁶ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004, p.191.

³⁹⁷ A dimensão do poético está relacionada com a essência de cada atividade artística em Schlegel, no entanto, com as suas características bem diversas de Heidegger, pois em Schlegel se enaltece a questão do “gênio do gênio” no poético presente no âmbito do processo criativo da arte. Nós buscamos apenas indicar aqui que antes de Heidegger, Schlegel na tradição do romantismo alemão também já havia elucidado a relação entre o poético e a essência da arte, mas no âmbito de sua doutrina da arte e Heidegger depois desenvolvera a questão do poético e da arte no horizonte ontológico da questão do “ser”. Afirma Werle: “tal como Heidegger fará mais de um século depois, Schlegel defenderá que a essência de todas as artes é a poesia e que, no limite, todas as artes particulares são uma forma de linguagem” Cf. (WERLE, Marco Aurélio. “Apresentação e tradução”. In: SCHLEGEL, August Wilhelm. *Doutrina da arte. Cursos sobre literatura bela e arte*. Apresentação, Tradução e notas de Marco Aurélio Werle. São Paulo, SP: Edusp, 2014. p.15).

³⁹⁸ SCHLEGEL, August Wilhelm. *Doutrina da arte. Cursos sobre literatura bela e arte*. Apresentação, Tradução e notas de Marco Aurélio Werle. São Paulo, SP: Edusp, 2014. p.237.

presente na arte, mas, no viés ontológico da questão do “ser”, quando em “A origem da obra de arte” destaca, especificamente, a “poesia” (*Poesie*) como entre todas as artes a mais privilegiada por revelar a dimensão poética com excelência³⁹⁹.

“Poesia” (*Dichtung*), então, se enfatiza como a manifestação universal do poético na história e poesia (*Poesie*) enquanto uma obra de linguagem é a arte privilegiada, para Heidegger. O pensador do “ser” explicita, desse modo, a “Poesia” (*Dichtung*) como a essência universal da arte. Como vimos, anteriormente, toda e qualquer arte é em sua essência “Poesia” (*Dichtung*). No entanto, a obra de linguagem: “poesia” (*Poesie*) assume o papel de exclusividade em Heidegger tendo como ponto de partida a poesia de Hölderlin.

A superação da metafísica tradicional como ontoteologia, também se destaca, por outro lado, como a superação do problema da linguagem na época da técnica moderna que se manifesta como *linguagem instrumental*. A transformação do sentido da linguagem ao longo da história do pensamento ocidental passando agora para a perspectiva de utilidade e finalidade deve ser superado pelo pensamento essencial, segundo Heidegger, que considera a linguagem em sua essência poética como “morada do ser”. Por essa razão, Heidegger considera a perspectiva da “Poesia” (*Dichtung*) como um marco na história por apontar essencialmente para a questão da essenciação da verdade do “ser” no ente. É, inclusive, a partir da dimensão poética que a história é considerada não como ciência da história, mas como meditação da história.

No pensamento de Heidegger, tendo como ponto de partida a virada para a questão da essência da verdade, ressaltamos que o fato de a problemática da questão do “ser” não ter sido nem sequer pensada pela

³⁹⁹ Heidegger afirma: “(...) por isso é a poesia, a *poiesis* em sentido mais restrito, a mais originária *poiesis* em sentido essencial”. Cf. (HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p.189).

metafísica tradicional, é também uma questão que perpassa a dimensão da linguagem, especialmente, a transformação do sentido das palavras na história do pensamento ocidental quando da tradução do grego para o latim. Conforme Heidegger:

*O pensar romano assume as palavras gregas, traduzidos sem a experiência igualmente originária que corresponda ao que elas dizem, sem a experiencial palavra grega. Com este traduzir começa a carência de chão firme do pensamento ocidental.*⁴⁰⁰

Por isso, precisamos pensar um pouco mais sobre a pergunta pela essência da linguagem, e compreender que em Heidegger essa questão está relacionada a outros caracteres ontológicos. Por essa razão, consideramos relevante a investigação ontológica realizada por Heidegger da relação entre “Dichtung” e “poiesis” no sentido de ação. Entendemos que há uma relação entre o termo grego “poiesis” e o termo alemão “Dichtung” (Poesia) e buscamos indicar algumas características da dimensão da relação entre “Dichtung” e “Poesie” ao longo da tese.

Em Heidegger a essência da linguagem que dá-se no desvelamento da verdade aponta para a dimensão poética como ação ou criação poética. Herder também vira a questão da dimensão poética no sentido de criação. Sobre isso assinala em “Escritos sobre Estética e Literatura”: “toda nossa vida, portanto, é em certa medida uma *poética*: não vemos as imagens e sim as criamos⁴⁰¹”.⁴⁰² No entanto, para Heidegger toda a tradição que aborda sobre a arte, até então, permanecera no âmbito da subjetividade,

⁴⁰⁰ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.53.

⁴⁰¹ É no horizonte da marca da consciência que toda a floresta dos objetos dos sentidos é percebida pela alma no pensamento de Herder. Cf. HERDER, Johann Gottfried. *Escritos sobre Estética e Literatura*. Tradução, Introdução e Notas: Pedro Augusto Franceschini e Marco Aurélio Werle. São Paulo, SP: Edusp, 2019.

⁴⁰² HERDER, Johann Gottfried. *Escritos sobre Estética e Literatura*. Tradução, Introdução e Notas: Pedro Augusto Franceschini e Marco Aurélio Werle. São Paulo, SP: Edusp, 2019. p.285.

permanecendo a questão da essência como velada. Ressalta, porém, a essência da palavra, de modo singular, na própria essência do "Dasein" na história.

O poético se manifesta por excelência na obra de linguagem: poesia, mas também é a constituição primordial do "Dasein", conforme indicada por Heidegger a partir da década de 30. Isto se dá porque ontologicamente a existência é "ser para a palavra" ou ainda "ser para o diálogo". Isto significa que a palavra em sua essência poética desvelada na obra de linguagem está relacionada também ao ontológico que constitui o "Dasein" enquanto ente privilegiado. Segundo Heidegger: "(...) diálogo este que sabemos que constitui o traço fundamento do nosso ser-aí".⁴⁰³

A dimensão do poético, segundo Heidegger, pertence a própria existência. Nesse sentido, o pensador do "ser" apresenta a essência da arte como poética, pois, conforme afirma Heidegger: "*toda arte é, como o deixar-acontecer a adveniência da verdade do sendo como tal, em essência poiesis*".⁴⁰⁴ Tendo como ponto de partida Hölderlin, Heidegger pensará, desse modo, sob a revelação do "ser" no "Dasein" em meio a totalidade do ente. Como vimos a relação entre o "Dasein" e o "ser-obra" é uma relação de interdependência, nem um pode ser sem outro no processo de criação da arte.

Sob a inspiração do poeta dos poetas, Hölderlin, o pensador do "ser" perceberá, então, duas características fundamentais: a dimensão histórica e a dimensão ontológica da "Poesia" (*Dichtung*). A diferença ontológica é algo extremamente crucial para Heidegger a fim de não somente elucidar o problema do esquecimento da verdade do "ser" na metafísica tradicional, mas também para buscar superá-lo e instaurar a questão do "ser" de fato.

Por isso, conforme assinala Heidegger:

⁴⁰³ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.191.

⁴⁰⁴ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p. 183.

quando se falar assim, no desenvolvimento da questão da verdade do ser, de uma superação da metafísica, isto então significa: pensar no próprio ser. (...) O pensamento tentado em *Ser e tempo* põe-se em marcha para preparar a superação da metafísica.⁴⁰⁵

É no crepúsculo da história do pensamento ocidental que, primordialmente, o filosofar dos pré-socráticos Anaximandro, Parmênides, Heráclito, e especialmente, o poetar do poeta Hölderlin, demonstra-se em face da tarefa do pensamento de Heidegger enquanto “sinais”, impulsionando o pensador do “ser” para pensar de modo radical a verdade do “ser” como digna de ser pensada. Segundo Heidegger:

(...) não se trata de algum renascimento do pensamento pré-socrático – tal projeto seria vão e sem sentido –, trata-se, isto sim, de prestar atenção ao advento da ainda não enunciada essência do desvelamento que é o modo como o ser se anunciou.⁴⁰⁶

Já vimos anteriormente a relevância dos pensadores primordiais – os pré-socráticos – para o pensamento e obra de Heidegger; cuidamos agora ser importante pensar, especialmente, na dimensão da poesia essencial para Heidegger. Nesse sentido, no escrito “Poeticamente o homem habita”, o pensador do “ser” busca enfatizar sobre a relação entre o “Dasein” e o “poético” na interface ontológica e ôntica tão relevante para a questão fundamental em Heidegger. O pensador do “ser”, então, pergunta: “o que diz, no entanto, Hölderlin sobre o habitar poético do homem?”.⁴⁰⁷ Os poetas habitam poeticamente desde o princípio. A partir do pensar de Heidegger, então, se pensa sobre a questão: como o habitar humano pode fundar-se

⁴⁰⁵ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.79.

⁴⁰⁶ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.79.

⁴⁰⁷ HEIDEGGER, Martin. “Poeticamente o homem habita”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.171.

no poético?⁴⁰⁸ A partir disso questionamos: o habitar do homem necessita ser “Poesia”?

A partir da poesia essencial, Heidegger destaca uma característica ontológica fundamental do “Dasein”: o fato do habitar se dá poeticamente indica o modo de ser originário do “Dasein” que emerge na dimensão do acontecer da verdade do “ser”, isto é, no desvelamento da “alétheia” (verdade) em meio a totalidade do ente. Buscaremos nos deter na questão de como se instaura o acontecimento da verdade na dimensão ontológica poética. Nos voltemos, desse modo, para dois termos fundamentais que surgem no horizonte da pergunta pela essência da obra de arte: “verdade” (*aletheia*) e “Poesia” (*Dichtung*), explicitados, especificamente, no escrito “A origem da obra de arte”, mas que também dialoga com outro relevante escrito acerca do poético, a saber: “Poeticamente o homem habita”.

Nesse contexto, em “A verdade da obra de arte” ensaio presente no escrito “Los caminos de Heidegger” de Hans-Georg Gadamer, o filósofo apresenta Heidegger em toda sua proeminência enquanto um gênio revolucionário da sua época e para além da mesma⁴⁰⁹, visto que tal pensador do “ser” instaurara no caminho do pensamento como um modo de ser originário do filosofar. Algo nos chamou a atenção em nossa leitura deste escrito relevante, Gadamer enfatiza que Heidegger em seu projeto de superação da metafísica se põe na marcha do pensamento na dimensão fenomenológica do “voltar às coisas”⁴¹⁰. Assim, “A origem da obra de arte” se estabelece como um passo importante no horizonte heideggeriano, visto que, lançara a pergunta pela essência da obra de arte em sua relação

⁴⁰⁸ Cf. HEIDEGGER, Martin. “Poeticamente o homem habita”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

⁴⁰⁹ Cf. GADAMER, Hans-Georg. “La verdad de la obra de arte”. In: GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. 2. ed. Traducción de Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2003.

⁴¹⁰ Cf. GADAMER, Hans-Georg. “La verdad de la obra de arte”. In: GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. 2. ed. Traducción de Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2003.

fundamental com o “Dasein” em sua historicidade e decisão. A pergunta relevante que irrompe agora é: estaria o pensador do “ser” recolocando a questão da verdade do “ser” a partir da pergunta pela origem da obra de arte?

Quando Heidegger pensa sobre a essência da obra de arte, conforme vimos, ele enfatiza que a essenciação poética da verdade do “ser” no “Dasein” em meio a totalidade do ente se dá na forma de disputa entre mundo e terra. Buscamos nos deter ainda nesta questão, neste tópico, no horizonte da disputa originária entre mundo e terra como característica ontológica do acontecimento poético da verdade na arte. Pois, conforme Heidegger aclara numa passagem de “Ser e verdade”: “a luta leva o sendo para o ser, e isso significa, ao mesmo tempo, também: a luta o põe para fora no desencobrimento na verdade”.⁴¹¹

Nessa perspectiva, vale ressaltarmos que a dimensão da noção de mundo no escrito em “A origem da obra de arte” é compreendida de modo diferente de sua obra-prima “Ser e Tempo” da década de 20, conforme o filósofo Gadamer. Sobre isso assinala Gadamer:

O conceito de *mundo* havia sido, certamente, desde sempre um dos conceitos condutores de Heidegger. O mundo como o conjunto de referência do projeto da existência constituía o horizonte que precedia a todos os projetos do cuidar humano da existência. Heidegger mesmo esboçou a história deste conceito de mundo, e especialmente seu sentido antropológico, no Novo Testamento, tal como ele mesmo o empregou, é bem diferente do conceito da totalidade do que está a vista e historicamente legitimado.⁴¹²

Em “A origem da obra de arte”, a noção de mundo não é indicada, primordialmente, no âmbito do “Dasein” como “ser-no-mundo” enquanto

⁴¹¹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 129.

⁴¹² GADAMER, Hans-Georg. “La verdad de la obra de arte”. In: GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. 2. ed. Traducción de Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2003. p.98, tradução nossa.

projeto lançado para a sua possibilidade futura extrema: a morte. Mas, é, especialmente, enfatizada a disputa entre o mundo e terra que é o próprio acontecer poético da verdade do “ser”. Tal disputa originária entre mundo e terra, faz-se necessário elucidarmos, pode ser ainda aclarada no horizonte diálogo de Heidegger com a poesia essencial de Hölderlin. Tendo como ponto de partida a dimensão do poético em Hölderlin, Heidegger instaura em sua obra a noção de terra, que após “A origem da obra de arte” será mais bem aclarada na sua unidade originária com céu, divinos e mortais da quadratura (*Geviert*). Tal caminhar ontológico e poético de Heidegger conclama um autêntico diálogo poético no seu pensar. Conforme Gadamer pontua:

a importante profundidade de análise que se inaugura no ensaio de Heidegger sobre a origem da obra de arte é que ‘terra’ é uma determinação ontológica necessária da obra de arte.⁴¹³

É importante ressaltarmos que a disputa originária entre mundo e terra acontece no lugar aberto pela “clareira” em meio ao ente: obra de arte. Para Heidegger, a obra de arte pertence essencialmente ao seu mundo em sentido originário que é inaugurado e aberto pela essência poética da obra. Dessa maneira, institui-se a dimensão ontológica da obra, que conforme mencionamos anteriormente, não se encontra restrita à subjetividade do artista e dos seus contempladores. A terra é compreendida, assim, como o abrigo-se na essência da obra de arte, o próprio resguardar, visto que o acontecer poético da verdade do “ser” na obra de arte não se esgota, resguarda-se, permanecendo o enigma. Enquanto se abre no mundo também se fecha na terra se resguardando no ser-obra da obra de arte. A terra é aquilo que, por essência, se fecha e se

⁴¹³ GADAMER, Hans-Georg. “La verdad de la obra de arte”. In: GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. 2. ed. Traducción de Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2003. p.99, tradução nossa.

resguarda. Quanto à isso descreve Gadamer, “aquilo que assim surge e se oculta constitui, em sua tensão, a configuração da obra de arte”.⁴¹⁴

Com isso, é importante enfatizarmos a importância do termo terra, primordialmente, em “A origem da obra de arte”, enquanto diferença ontológica com o mundo. Tal diferença ontológica entre terra e mundo caracteriza a disputa. O irromper da noção de terra no pensamento de Heidegger se dá, especialmente, na década de 1930, e teria uma relação com a característica importante do caminhar do pensamento de Heidegger para a questão da essência da verdade em seu velamento e desvelamento. O resguardar da terra aponta para o caráter ontológico constitutivo da essência da verdade que não pode ser objetificada.

É relevante nos determos agora em um dos versos da poesia de Hölderlin (Hölderlin *apud* Heidegger, 2012. p.168), assim afirma: “*cheio de méritos, mas poeticamente o homem habita esta terra*”.⁴¹⁵ A partir desta poesia essencial, Heidegger busca refletir acerca da dimensão do termo *terra*, que fora pensado com mais profundidade no escrito publicado em 1951, intitulado “Poeticamente o homem habita”. Dessa maneira, em sua diferença ontológica o mundo funda-se na terra. Tal acontecer poético da verdade na obra de arte, a partir da disputa e co-pertença de mundo e terra, caracteriza o acontecimento poético da verdade do “ser” em seu desvelamento.

Como pontuamos, a pergunta pela origem da obra de arte tem a relação com a questão primordial da verdade do “ser”, mas, é importante refletirmos com o filósofo Gadamer:

ao remeter-se a obra de arte na que surge uma verdade,
Heidegger pretende demonstrar justamente que tem sentido

⁴¹⁴ GADAMER, Hans-Georg. “La verdad de la obra de arte”. In: GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. 2. ed. Traducción de Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2003. p.104, tradução nossa.

⁴¹⁵ HEIDEGGER, Martin. “Poeticamente o homem habita”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.168.

falar de um *acontecer* da verdade. Por isso, o ensaio de Heidegger não se limita a dar uma descrição adequada do ser da obra de arte. Sua aspiração filosófica central é mais bem apoiar-se nesta análise para compreender o ser mesmo como um acontecer da verdade.⁴¹⁶

A essência da verdade do “ser” se configura no projeto de Heidegger, após “Ser e tempo”, para se lançar sobre a questão primordial do pensamento. Com isso, é relevante enfatizar que a partir da pergunta pela origem da obra de arte surge também uma nova compreensão da existência. Se instaura na história o acontecer radical da verdade do “ser”. Isso é crucial com base no movimento de desvelamento e o velamento do “ser” como o acontecimento apropriador (*Ereignis*) do “ser” na história. Por sua vez, para Heidegger a tarefa do pensar apenas se dá tendo como fio condutor a abertura do “ser” que se inaugura na história do “ser” em sua essência. O próprio “ser” se sustenta naquilo que o pensador do “ser” denomina de acontecimento apropriador (*Ereignis*). Quando o desvelamento da verdade do “ser” se entreabre em seu vigor essencial como essenciação poética isso determina a vigência do “ser” como acontecimento apropriador.

O pensamento fundamental de Heidegger a partir da década de 30 é marcante no século XX, pois, enquanto alguns o caracterizam como existencialista, Heidegger vai para além dessa determinação, visto que o seu projeto se coloca na dimensão do ontológico em sua relação com o poético agora. Ele entende que a arte em sua totalidade se caracteriza como “Poesia” (*Dichtung*) e revela a obra de arte na dimensão da essência poética da linguagem.

Enquanto poética a obra de arte é um instaurar do mundo e terra, e nesse sentido, pode-se compreendida como um construir poético. Conforme a obra primordial acerca do ser-obra da obra de arte “A origem da obra de

⁴¹⁶ GADAMER, Hans-Georg. “La verdad de la obra de arte”. In: GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. 2. ed. Traducción de Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2003. p.104, tradução nossa.

arte”, a “Poesia” (*Dichtung*) essência da arte se apresenta como um acontecer poético da verdade do “ser” como disputa originária entre mundo e terra, já em “Poeticamente o homem habita” a “Poesia” se demonstra como um construir que é o habitar poético. Tais obras revelam o significado do poético como uma ação poética. O projeto iluminante da verdade como acontecimento poético acontece na clareira do “ser” e isso vem a caracterizar o “Dasein” em toda a sua dimensão. Por isso, Heidegger vem, então, delimitar o “Dasein” como poético no sentido também de “ser-para-a-palavra” ou um ser de linguagem. Mas, o que isso vem a significar?

Como um ser poético ele também um ser de ação poética acontecendo historicamente num habitar ou construir. Através da “Poesia” é que se funda o construir poético. E somente mediante o poético se pode compreender melhor o “Dasein”. Porque, para Heidegger é o poético que concede na “história do ser” a essência do habitar. Sobre isso assinala: “o habitar (...) a partir de seu vigor essencial”.⁴¹⁷ O poético consagra o habitar na sua unidade com a quadratura. Dessa maneira, no escrito “Poeticamente o homem habita”, o “pensador do ser” instaura o poético como um “deixar-habitar” originariamente.

O pensador do “ser” institui o poético como traço fundamental do “deixar-habitar”, fazendo emergir o sentido originário de “trazer-para-fora” (*Hervorbringen*) que se consagra no habitar poético. Nessa perspectiva, elucida Heidegger: “entendida como deixar-habitar, poesia é um construir”.⁴¹⁸ A dimensão do “deixar-habitar” acontece num espaço e tempo essencial na unidade originária da quadratura, conforme mencionamos anteriormente.

Para Heidegger a essência do habitar nos faz pensar sobre a dimensão do “Dasein” e também sobre a essência da “Poesia” (*Dichtung*):

⁴¹⁷ HEIDEGGER, Martin. “Poeticamente o homem habita”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p. 166.

⁴¹⁸ Ibid., p.167.

Desse modo, vemo-nos agora diante de uma dupla imposição: de um lado, cabe pensar, a partir da essência do habitar, o que se designa por existência humana; de outro, cabe pensar a essência da poesia, no sentido de um deixar-habitar, como o construir por excelência.⁴¹⁹

O “Dasein” em seu modo de ser poético: habitando poeticamente aponta para a relação originária entre o tempo e a história. Visto que a partir do “Dasein” em sua essência se inaugura a história em sua vigência essencial. Assim, o acontecimento poético emerge essencialmente na história em sua essência, exclusivamente, no modo de ser poético. Nessa perspectiva, é importante mencionarmos que com o termo *quadratura* o instaurar da unidade originária entre natureza e história em sua essência através da “Poesia” (*Dichtung*). A partir da essenciação da verdade do “ser” a história em sua essência e o “Dasein” se elevam ao seu sentido originário. Isto quer dizer: poético.

É importante mencionarmos que quando Heidegger pergunta sobre a essência do habitar ele também traz o paralelo sobre a crise habitacional na época da técnica. Nessa perspectiva, podemos então perguntar qual seria a relação entre o habitar e o poético na época da técnica? O pensador do “ser” enfatiza acerca da crise habitacional indicando que o habitar na época da técnica não se acontece poeticamente. Mas, tal essência está velada. Para Heidegger, o modo de ser do habitar no horizonte do niilismo se encontraria circunscrito na crise habitacional. Se questiona, então, Heidegger: “não será o habitar incompatível com o poético?”.⁴²⁰ Nesse sentido, o modo de ser da época da técnica indicaria o “esquecimento do ser”, e assim o esquecimento do próprio habitar poético consagrado na crise habitacional. Assim, se consagra nesse ínterim o esquecimento da própria

⁴¹⁹ HEIDEGGER, Martin. “Poeticamente o homem habita”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p. 167.

⁴²⁰ Ibid., p.165.

“morada do ser” já que o “ser” se manifesta, fundamentalmente, no poético.

Conforme vimos, a questão da essência do habitar se instaura em Heidegger tendo como ponto de partida a poesia essencial de Hölderlin. Nesse sentido, se determina uma relação crucial entre o poético e o ontológico no pensar sobre o habitar e a existência. Já que o habitar se refere a marca existencial poética do “Dasein”. Se se supõe que a existência acontece poeticamente na história em seu habitar, desse modo, a existência seria também um fazer, um criar. Por isso, que em Heidegger um dos modos de se questionar pela essência do poético e da linguagem se dá a partir da consideração do traço fundamental do “Dasein”.

O filósofo ressalta enquanto tarefa do pensar em seu vigor essencial a interface entre o poético e o “Dasein” como habitar. Sobre isso sublinha:

Nessa suposição, coloca-se para nós a tarefa de pensar o habitar e a poesia a partir de seu vigor essencial. Se não recusarmos essa imposição, poderemos então pensar, a partir do habitar, isso que se costuma chamar de existência humana.⁴²¹

O “Dasein” é pensado a partir do seu traço fundamental: o habitar. Nessa perspectiva, como vimos, o modo de ser originário do “Dasein” também deve ser pensado com base no poético. Por isso, Hölderlin irrompe com a sua poesia essencial como um marco no caminho de pensamento de Heidegger. Visto que, a existência também em Hölderlin é determinada pelo poético, Heidegger fora na fonte dos hinos de Hölderlin para pensar de modo essencial não somente a existência, mas a própria base dela: a palavra. Observando o que Heidegger diz neste excerto: “quando Hölderlin fala do habitar (...). Ele vê o ‘poético’ a partir da relação com esse habitar,

⁴²¹ HEIDEGGER, Martin. “Poeticamente o homem habita”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p. 166.

compreendido nesse modo vigoroso e essencial”⁴²², vemos, então, a dimensão do poético.

A existência e o poético ressaltam a dimensão da ação humana no instaurar a presença humana. Podemos então compreender que o modo de ser do habitar poético também está relacionado com o “Dasein” como “ser-no-mundo”. Porque o “Dasein” e tão somente ele é habitar poético no sentido de “mortal”. Nesse sentido, vale ressaltar que a obra “Poeticamente o homem habita” destaca uma dupla característica do poético na existência. Num primeiro significado, se instaura o poético como essência do habitar, ou seja, essência do “Dasein”. E num segundo aporte, apresenta o “poético” no sentido de “deixar-habitar” enquanto construir originário.

Assim, o “Dasein” se faz presença em meio a natureza, aos demais entes, na sua relação com o céu, a terra e o divino. Em sua existência autêntica ele é guardião da “verdade do ser” e corresponde ao seu apelo. É relevante enfatizarmos que é originariamente o poético que realiza o fundar do modo de ser do “Dasein” como habitar poético. Assinala Heidegger: “(...) o poético anteceda de alguma maneira o habitar”.⁴²³ O poético se inaugura em meio a clareira do “ser”, instaurando, então, o desvelamento do “ser” também no “Dasein” quando este existe no modo da existência autêntica e como ser de linguagem. Sobre isso afirma Heidegger:

Mas aonde nós, os humanos, podemos nos informar sobre a essência do habitar e da poesia? Aonde o homem assume a exigência de adentrar a essência de alguma coisa? O homem só pode assumir essa exigência a partir de onde ele a recebe. Ele a recebe no apelo da linguagem. Mas isso, certamente, apenas e enquanto o homem já estiver atento à essência da linguagem.⁴²⁴

⁴²² HEIDEGGER, Martin. “Poeticamente o homem habita”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p. 167.

⁴²³ Ibid., p.167.

⁴²⁴ Ibid., p.167.

O “Dasein” como ser de linguagem pode corresponder ao apelo da essência para morar na linguagem: a morada do “ser”. Por corresponder a linguagem em sua essência, ele também se encontra na dimensão do nomear originário que dialoga com a palavra. Nessa perspectiva, o filósofo Gadamer ressalta algo crucial acerca do encontro de Heidegger com Hölderlin: a questão da essência da palavra. Acerca disso assinala Gadamer:

como a ‘verdade da palavra’ nos referimos sobretudo à pretensão do poeta. Porque poetizar significa que a palavra da poesia se confirma a si mesma e que não pode ser confirmada por nada mais. (...) O fato de que a palavra se confirme a si mesma e não necessite ser reafirmada desde outro lugar (...) isto constitui a *aletheia* (que Heidegger traduz por desocultamento), o que significa mais que qualificar como correto qualquer tipo de conhecimento.⁴²⁵

Enquanto poética a essência da palavra irrompe na essência histórica do “Dasein” convocando-o para existência de modo primordial. Podemos compreender as palavras em sua essência como ontológicas, pois convocam o ente para além do perceber o ente como ente, mas convocam para a essência.

A palavra pode então velar ou desvelar a verdade do “ser”, porque somente a palavra em sua essência que eleva a linguagem primordial. Por isso, que em Heidegger se delimita que o apelo essencial da linguagem vem a significar o próprio apelo do “ser” que instaura a vocação do poeta na sua relação genuína com a palavra. Conforme salienta Heidegger: “(...) a linguagem é ela mesma o apelo mais elevado e, por toda parte, o apelo primordial”.⁴²⁶ Como vimos e é relevante atentarmos agora, a essência da arte, do modo de ser originário do “Dasein”, do pensar essencial, da

⁴²⁵ GADAMER, Hans-Georg. “La verdad de la obra de arte”. In: GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. 2. ed. Traducción de Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2003. p. 376, tradução nossa.

⁴²⁶ HEIDEGGER, Martin. “Poeticamente o homem habita”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p. 168.

verdade da palavra e do próprio poetar é determinada pela dimensão poética que alcança a linguagem, pois “é a linguagem que, primeiro e em última instância, nos acena a essência de uma coisa”.⁴²⁷

Se na obra-prima “Ser e Tempo”, Heidegger inaugura em sua tarefa de recolocar a questão do “ser” também a questão do “Dasein”, especialmente, com a virada ele considera que o “Dasein” precisa estar em seu modo de ser originário, isto é, poeticamente para escutar o apelo originário da linguagem e corresponder a ele. O desvelar essencial da “palavra” é a existência poética. Assim, o “Dasein” como poético também no sentido originário de construir irrompe de modo diverso do modo de ser técnico-científico, pois trata-se de um construir no horizonte da quadratura, isto é, constrói em unidade com a terra, o céu, os deuses, e os mortais. Por isso, que Heidegger atenta que o “Dasein” em seu modo de ser originário não abandona a terra, não a devasta. Visto que sendo o guardião da “verdade do ser” é também o guardião da unidade originária da quadratura que se dimensiona no acontecimento poético da verdade.

No pensamento de Heidegger a “Poesia” (*Dichtung*) surge também com o significado de medição. Conforme assinala Heidegger:

no sentido rigoroso da palavra, poesia é uma tomada de medida, somente pela qual o homem recebe a medida para a vastidão de sua essência. O homem se essencializa como o mortal.⁴²⁸

A dimensão poética é a medida presente na unidade originária da quadratura: terra, céu, divinos e mortais. Visto que, o “Dasein” em sua essência é “ser-para-a-morte”, tem-se para Heidegger o traço fundamental da presença humana: mortal; que em sua essência poeticamente habita a terra em unidade com o céu e os divinos. Nesse sentido, o habitar é também

⁴²⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.168.

⁴²⁸ HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.173.

o desvelar da finitude do "Dasein" como "ser-para-a-morte". Somente quando habita poeticamente o "Dasein" reconhece fundamentalmente a sua finitude e sua missão na terra. Desse modo, o habitar se fundamenta no poético, isto quer dizer, na medição da finitude com o divino, na unidade com o céu e terra.

Conforme assinala Heidegger: "o aparecer de deus através do céu consiste num desocultamento que deixa ver o que se encobre. (...) Esse aparecer é a medida com a qual o homem se mede".⁴²⁹ O filósofo ainda aclara: "pois o homem habita em medindo o 'sobre esta terra' e o 'sob o céu'".⁴³⁰

Heidegger defende que a verdade ao se desvelar poeticamente em sua proveniência originária, o "Dasein" habita poeticamente e originariamente na terra em unidade originária o céu e o divino. Conforme assinala Heidegger: "o levantamento de medida constitui o poético do habitar. Ditar poeticamente é medir".⁴³¹ Dessa maneira, a relação de unidade originária na quadratura se dá também no sentido de medida. O divino medindo-se com os mortais, se reconhece como divino, cada um em seu modo de ser originário.

Pensando nas obras posteriores de Heidegger, é importante meditarmos novamente na obra "A caminho da linguagem", quando Heidegger se volta, especialmente, para a poesia de Georg Trakl em seu ensaio "A linguagem na poesia". Tal ensaio veio à público em 1953 com o título: "Georg Trakl: uma colocação sobre sua poesia". Mas, o que Heidegger medita neste escrito é o caráter do dizer poético e a própria

⁴²⁹ HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.174.

⁴³⁰ HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.175.

⁴³¹ HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.173.

essência da obra de linguagem: poesia (*Poesie*). Sobre essa dimensão afirma Heidegger:

todo grande poeta só é poeta de uma única poesia. A grandeza de um poeta se mede pela intensidade com que está entregue a essa única poesia a ponto de nela sustentar inteiramente o seu dizer poético.⁴³²

O pensamento deve ser também essencial. Pois, tão somente o pensamento essencial pode dialogar com a essência poética. Heidegger descrevera Hölderlin como poeta dos poetas e também como pensador fundamental, porque, tão somente nele de modo inaugural na história se pode presenciar o diálogo entre o poetar e o pensar em sua essência. É uma experiência primordial que corresponde a vocação originária. Nesse sentido, Heidegger descrevera a poesia como essencial no horizonte da unidade originária com a essência da linguagem. Assim, o poeta dos poetas não tem uma relação com a linguagem no sentido instrumental de domínio e não estando vinculado tecnicamente ao cerne de cada palavra, mas, pelo contrário, o poeta vai buscar na fonte, na essência da linguagem a relação com a verdade da palavra, pois tem com ela uma relação originária. Isso caracteriza o destino essencial da verdade da palavra na poético.

A poesia essencial no seu modo de ser originário se caracteriza como o inesperado a se desvelar. Visto que, o poeta da poesia essencial funda aquilo que advém da origem: a essência da verdade. Na poesia essencial o dito poético vem de encontro com o ente de modo inaugural a cada vez. Ele abre o ente para o seu sentido originário na vigência do “ser”, no lugar em que se reúne originariamente: terra, céu, divinos e mortais. O lugar em que é essencialmente a poesia é o mesmo lugar em que os deuses aparecem, em que os entes são resguardados na sua origem, não usados como utensílio, no sentido da serventia. Por isso, o poeta poetiza quando recebe

⁴³² HEIDEGGER, Martin. “A linguagem na poesia”. In: HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.27.

a palavra desde o seu modo de ser, não se utilizando das palavras no viés da técnica, calculando a métrica dos versos e sua concatenação.

Pensando acerca da “filosofia da retenção”⁴³³, que Heidegger explicitou, sobretudo, no escrito: “As questões fundamentais da filosofia”, a co-pertença originária entre o pensamento e a poesia se demonstra num diálogo fundamental⁴³⁴. Tal diálogo emerge da urgência da tarefa de se pensar a essência da verdade. Os mortais são então convocados para que rememorem a questão primordial e escute o apelo do “ser” mediante a linguagem em sua essência. Assim, os poetas fundadores e os pensadores fundamentais têm a missão de convocar os mortais a habitarem novamente na essência. Por essa razão, Heidegger denomina o habitar em sua essência como poético, pois, apenas mediante o poético que os mortais estão dispostos a escutar o apelo de morar na proximidade do “ser”. A abertura da essência da verdade conclama o “Dasein” para esse habitar essencial.

Para Heidegger, o diálogo fundamental entre o pensamento e a poesia prepara uma época para voltar para o início, a questão do “ser” em face da indigência do esquecimento do “ser”. Sobre o caráter do diálogo assinala o pensador: “o diálogo do pensamento com a poesia é demorado. Trata-se de um diálogo que mal acabou de começar”⁴³⁵.

A co-pertença originária do pensamento, poesia e dito se revela no modo de ser originário da linguagem, podendo emergir daí a experiência impronunciada da palavra na vigência do “ser” e o acontecer historial da verdade do “ser”. Conforme assinala Heidegger: “todo diálogo pensante com a poesia de um poeta insiste nessa relação de reciprocidade entre a

⁴³³ Falamos sobre esta noção no capítulo primeiro da tese.

⁴³⁴ Cf. HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia: (“problemas” seletos da “lógica”)*. Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

⁴³⁵ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.28.

colocação e o esclarecimento”.⁴³⁶ O diálogo que transcorre toda a história, deve permanecer vigente, pois entre o pensamento, poesia e o dito se consagra uma diferença ontológica, que os faz permanecer distantes segundo o seu modo de ser, no entanto, os institui na proximidade do “ser”, em decorrência da revelação do “ser” na essência da linguagem.

Se instaura a tarefa do pensamento, sobretudo, o modo de ser originário da essência da verdade na relação fundamental entre pensar, poetar e dizer. Sendo, para Heidegger, o lugar aberto na e pela poesia aquilo que não é nomeado desde o início da aurora da antiguidade grega, mas experimentado como sagrado no resguardo da quadratura: terra, céu, homens e deuses. Por isso, o pensador do “ser” se conduz da pronunciação de poemas isolados para o pensar o modo de ser originário do lugar privilegiado da poesia.

⁴³⁶ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.28.

CAPÍTULO 3 – QUESTÕES DE UMA “PERSPECTIVA ONTOLÓGICA POÉTICA”.

A conversa do pensamento com a poesia busca evocar a essência da linguagem para que os mortais aprendam novamente a morar na linguagem.⁴³⁷

Heidegger, *A caminho da linguagem*.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

O enigma da obra de arte permanece um enigma na história do “ser”. Enquanto pensador do “ser”, Heidegger se volta para as características ontológicas que instituem a obra de arte enquanto ente em seu “ser-obra”. É primordial para se pensar ontologicamente a essência da obra de arte se seguir o caminho ontológico em sua essência. O filósofo, como vimos, transcorre o percurso da metafísica tradicional e a ultrapassa mediante o pensar sobre a essência. Relevante é que o pensar sobre a essência da obra de arte não se institui na exclusividade da compreensão da “ontologia do Dasein”. O fundamento primordial aqui é o pensar a verdade do “ser” e os modos em que ela acontece na história, seja na obra de arte, seja no “Dasein”, seja no Estado.

Nesse sentido, a preocupação ontológica de Heidegger institui a relação substancial entre a obra de arte e o “Dasein” no horizonte historial da verdade do “ser”, que permanece sob um viés ontológico, fenomenológico e hermenêutico. Conforme vimos anteriormente, a compreensão ontológica da essência da obra de arte é pensada em Heidegger não sob o viés da metafísica tradicional, nem na dimensão da “ontologia do Dasein”, mas na dimensão da “Poesia” (*Dichtung*). Desse

⁴³⁷ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.28

modo, esse momento inaugural da perspectiva ontológica do pensador do “ser” acerca da história do “ser”, deve ser reconhecido como uma unidade entre o “ontológico” e o “poético” no seu pensamento.

Nesse contexto a essência, o poético, o dito, o pensar, o “Dasein” e o “ser” são descritos numa relação fundamental para se refletir sobre a questão do enigma da obra de arte, a saber: a essência poética. Quando pensamos no cenário do pensamento de Heidegger antes da virada, especificamente em “Ser e Tempo”, é importante indicarmos que já no parágrafo 34, o pensador elucidara sobre o discurso poético para se pensar sobre a linguagem e as características ontológicas do “Dasein”. No entanto, somente a partir do escrito “Sobre a essência da verdade” na década de 30, quando Heidegger se volta para essência excepcionalmente, se iniciará uma investigação mais aprofundada sobre o ontológico e o poético na história.

Com o propósito de pensarmos ainda sobre a essência poética, buscamos, neste capítulo, instaurar a questão: como se estabelece a relação fundamental entre o mito⁴³⁸ e o poético? E qual a importância de percorrermos este diálogo para se pensar sobre a essência da obra de arte em Heidegger? Deixemos estas questões em aberto, por ora. Seguindo estas questões-guia elegemos o mito para pensar sobre a essência em sua relação com o “poético” e o “ontológico”. É nesta perspectiva, e não de uma analítica existencial do “Dasein” como em “Ser e Tempo”, que buscamos indicar algumas características do pensamento de Heidegger.

Como nos referimos anteriormente, ao longo da tese, as questões em Heidegger permanecem enigmas. O pensamento está imerso no mistério do “ser” e de lá não deve sair, mas se movimentar nas questões que vêm

⁴³⁸ É importante ressaltarmos que Heidegger expõe a questão do mito, especialmente nas seguintes obras: „Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz”; „Nietzsche”; (Hölderlins Hymne „der Ister”); „Kant e o problema da metafísica” (Kant und das Problem der Metaphysik); „Überlegungen XII-XV (Scharze Hefte 1939-1941); „Der Spruch des Anaximander”; „Introdução à filosofia” (Einleitung in die Philosophie); “O que significa pensar?” (Was Heisst Denken? de 1951-1952). Vamos refletir, aqui, principalmente, a partir dos escritos “O que significa pensar?” e Hinos de Hölderlin. Em que pudemos verificar a aclaração específica da relação entre o mito e a “Poesia”.

a luz pela vigência do “ser”. É uma tarefa desafiadora, portanto, instaurar um diálogo entre o mito e o poético. É certo que, para tanto, devemos transcorrer os rastros do caminho ontológico de Heidegger na sua dimensão hermenêutica-fenomenológica. Se o problema da essência remete necessariamente a questão da origem isto caracteriza, sobretudo, o caminho ontológico do pensador. Podemos dizer que, a perspectiva ontológica em Heidegger desenvolve-se a partir do método hermenêutico-fenomenológico, mesmo após “Ser e tempo”. Nesse sentido, fora o próprio caminho que o conduziu da analítica existencial para a compreensão da essência poética da verdade.

Vale notar que, Heidegger procura refletir sobre a constituição ontológica do “Dasein” não somente como “facticidade”, conforme exposto de modo inaugural na obra “Ser e Tempo”, mas como “habitar poético”. Heidegger ao ressaltar sobre a questão da essência do habitar indica-o também como um construir, mas um construir essencialmente poético no horizonte da morada do “ser”. Dessa maneira, o sentido do construir em que o pensador do “ser” parece indicar, não se trata de um construir no âmbito instrumental da época da técnica, no modo de ser de utensílio. Heidegger se lança para além dessa perspectiva quando indica que o desvelar poético da verdade do “ser” na história dá-se também enquanto fundação do habitar poético do “Dasein”. Para Heidegger, o habitar poeticamente é um modo de ser do “Dasein” que supera o esquecimento do “ser”. Continuaremos refletindo, então, neste capítulo acerca da questão da essência poética que caracteriza a reviravolta na compreensão do ente e, sobretudo, da verdade do “ser” a partir de um pensar cada vez mais essencial.

3.1. Mito e "Dasein"

Podemos pensar, tendo como ponto de partida a filosofia de Heidegger, que um dos fatores do surgimento do mito dá-se, porque o "Dasein" histórico é um "ser-para-o-diálogo". Nas palavras de Heidegger: "nós os homens somos diálogo".⁴³⁹ Tem, então, como primado a linguagem, pois, para Heidegger: "a casa da linguagem é o diálogo".⁴⁴⁰ O mito surge, principalmente, mediante a linguagem. No entanto, conforme veremos, não é qualquer modo de ser da linguagem que referimos-nos aqui, mas, a linguagem em sua essência. Sobre isso assinala Heidegger em "A caminho da linguagem" (1959):

em sua essência, a linguagem não é expressão e nem atividade do homem. A linguagem fala. O que buscamos no poema é o falar da linguagem. O que procuramos se encontra, portanto, na poética do que se diz.⁴⁴¹

A essência do "Dasein" é fundada pela palavra. Com isso, entendemos que o "Dasein" histórico num povo consagra o tempo. O caminho que leva ao "ser", à pergunta fundamental pelo "ser" passa fundamentalmente pelo problema do "Dasein" enquanto mortal em unidade com os deuses, terra e céu, pois o "Dasein" em sua existência constituída de finitude, pode corresponder ao apelo do "ser" através da palavra originária do "ser". Conforme Heidegger: "o co-responder, em que o homem escuta propriamente o apelo da linguagem, é a saga que fala no elemento da

⁴³⁹ HEIDEGGER, Martin. "Hölderlin y la esencia de la poesia". In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. p.134, tradução nossa. Tal afirmação que se apresenta na obra "Hölderlin und das Wesen der Dichtung" (*Hölderlin e a essência da poesia*) fora pronunciado em Roma, no ano de 1936.

⁴⁴⁰ HEIDEGGER, Martin. *Zum Wesen der Sprache und zur Frage nach der Kunst*. Band 74. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann Gmb H, 2010. p.103, tradução nossa.

⁴⁴¹ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.14.

poesia".⁴⁴² Tal elemento poético está presente no mito. O narrar inaugural (*Sage*) fala no mito.

Nesse sentido, o mito sendo em sua essência palavra (*lógos*) anuncia essencialmente a finitude do homem, a presença dos deuses, o mistério da terra e do céu. Tudo isso é experimentado originariamente na unidade poética. De modo inaugural o mito aponta para o "Dasein" e o problema da finitude. O mito não reflete por um pensar rigoroso a existência, mas, indica que a existência é poética. Acerca disso, Heidegger assinala: "o logos originário da filosofia fica sempre ligado e articulado com o mito; a separação de ambos só se dá e se cumpre na língua das ciências".⁴⁴³

Entendemos que na existência manifesta-se a questão do "ser" na finitude. Há uma relação primordial entre o "Dasein" e a finitude em Heidegger, como forma de destacar a essência temporal do homem. É, especialmente, na parte um de "Ser e Tempo" que o filósofo alemão ressalta a questão da existência e da finitude. O problema central que se destaca aqui é a interface entre o "Dasein" e o tempo, sendo considerada de extrema relevância para o filósofo.

O "Dasein" é o tempo como um "ser-lançado" em sua dimensão para o futuro. Isso constitui a relação entre o "Dasein", a finitude, o tempo e o mundo, pois o "Dasein" enquanto tempo é um ser lançado para a sua possibilidade futura mais extrema: a morte. Assim, o "Dasein" é um "ser-para-a-morte".

Nessa perspectiva, com a virada, Heidegger entende que o "Dasein" só pode pensar sobre a essência de algo a partir de seu habitar poético, em que todos os entes são resguardados em sua unidade originária e deixados serem em seu ser na morada do "ser". O "Dasein" como hermenêutico e poético tem essencialmente a lembrança do "ser" em sua essência.

⁴⁴² HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.168.

⁴⁴³ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.128.

Conforme Heidegger salienta: “a longa recordação e conservação na memória é a forma como a proximidade dos deuses, por assim dizer, se desdobra”.⁴⁴⁴ Nesse sentido, a compreensão do ente enquanto tal – no que ele é e como ele é na história – se desvela no pensar, poetar e dizer poético que recorda o “ser”.

A aurora da antiguidade grega revelou por excelência o “ser” em sua clareira na essência poética do mito. Quando o narrar inaugural dos deuses desvelava a palavra originária na linguagem no horizonte da vigência do “ser”, reunindo todas as coisas na unidade da quadratura: terra, céu, mortais e divinos. Assim sendo, a verdade do “ser” se desvelou originariamente no tempo em que o saber grego primordial estabelecia uma relação originária com os entes resguardando-os e deixando-os serem como são em seu modo de ser.

Sobre isso ressalta Heidegger em “A introdução à filosofia”:

(...) a existência mítica se rende à supremacia do ser, é sempre tão atordoada por estar em tal exposição. A exposição é essencial para a compreensão da existência. (...) O Dasein, portanto, tem uma tendência a ser absorvido no próprio ser. Porque até o seu próprio ser ainda não é entendido como tal, mas é entregue a um poder que é o mesmo, que domina todo o ser. O ser é desarticulado, mas nessa indeterminação o ser é ainda mais poderoso e uniformemente penetrante.⁴⁴⁵

No entanto, agora, na época da técnica moderna, o problema do conhecimento e da verdade é um problema fundamental da filosofia. E a verdade em sua transcendência não é mais pensada, nem sequer o abandono do “ser” é sentido. O “lógos” não se encontra em relação primordial com a verdade na sua essência. Por isso, consideramos que para Heidegger a tarefa do pensamento de rememorar o início transcorre o caminho de se pensar o enigma da essência da verdade também desvelado na essência do mito.

⁴⁴⁴ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.109.

⁴⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. *Einleitung in die Philosophie*, 2., durchgesehene Auflage, Band 27, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2001. p.359, tradução nossa.

Importa mencionarmos que a temporalidade também instituída na dimensão essencial do mito aponta para a transcendência. O “Dasein” em sua temporalidade – constituído ontologicamente da transcendência em sua facticidade (no seu “ser-para-a-morte”) – é também exposto com propriedade nas tragédias. Podemos afirmar, então, que o pensar de Heidegger sobre a origem é o pensar que considera os fundamentos ontológicos do “Dasein” em sua temporalidade, mas, que após “Ser e Tempo” se volta, especialmente para pensar a essência da verdade na história.

3.2. Mito e palavra

Para iniciarmos este diálogo, é importante, primeiramente, pensarmos juntamente com Heidegger acerca de algumas características da pergunta pela origem da “palavra” no caminho do pensador do “ser”. Neste momento, buscamos entender a origem em comum entre o mito e a palavra. Proveriam eles da mesma origem? Estariam eles na proximidade da morada do “ser”? No caminho ontológico de Heidegger a “poiesis” surge como fundamento ontológico para se questionar e pensar. Por isso, segundo Heidegger, o “logos” é traduzido como “palavra”, não como “ratio”. Isto é realizado em Heidegger a partir da influência da dimensão da poesia essencial de Hölderlin. Pois, o sagrado nomeado pelo poeta aponta para a questão essencial do pensamento: a questão do “ser”, em que a palavra é revelada de modo originário conforme a essência poética. Segundo Heidegger: “esta palavra acolhe em si a verdade sobre a origem primordial”.⁴⁴⁶

É da palavra em sua essência que advém a linguagem poética. A fonte da linguagem é a palavra originária no narrar inaugural dos deuses. É de

⁴⁴⁶ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.191.

lá, então, que o poeta fundador recebe a palavra. Ela se manifesta ao poeta em sua vocação de nomear o sagrado na terra e na existência, convocando o “Dasein” para a essência poética. Nesse horizonte, buscaremos, por conseguinte, também refletir que o mito é pensado em sua essência: o poético, o mesmo lugar privilegiado da poesia e do pensamento. Assim, importa notarmos que tal lugar aberto pela essenciação poética da verdade se dá como abertura. Numa passagem importante de “Ser e verdade”, Heidegger aclara sobre a essência poética presente no mito:

Deve-se levar em conta aqui que, como tal, logos significa apenas uma experiência e compreensão bem determinada da essência da linguagem. Os gregos conheciam ainda uma outra mais antiga: a linguagem é a palavra como mito. (...) como mito, a palavra, que vem sobre o homem, é aquilo em que se indicam e se interpretam dados e fato de toda a sua presença. A palavra lhe anuncia o destino.⁴⁴⁷

Percorrendo o caminho (as obras) de Heidegger, voltemos-nos para o escrito “A Palavra” que é exposto em sua obra “A caminho da linguagem” (1959). É relevante voltarmos-nos para este escrito por meio do qual o pensador medita sobre a questão da palavra em sua essência e com isso podemos, ao longo deste tópico, refletirmos acerca da relação entre o mito e a palavra.

No escrito “A Palavra”, o pensador do “ser” recoloca a questão essencial de Hölderlin presente na elegia “Pão e Vinho”, na sexta estrofe, (Hölderlin *apud* Heidegger, 2003. p.173) que diz o seguinte: “por que também estão em silêncio, eles, os antigos e sacros teatros? Por que não mais se alegra a dança consagrada?”.⁴⁴⁸ Tendo como ponto de partida tal questão, Heidegger institui a lembrança (*Andenken*) do “ser” como um dos aspectos transcendentais da poesia de Hölderlin. O problema do

⁴⁴⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.128.

⁴⁴⁸ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.173.

fundamento velado em toda a história da metafísica ocidental é indicado em forma de ausência pelo poeta fundador. Isso remete para a situação de transformação do significado originário da palavra ao longo do tempo e nas diversas épocas. O que na época de Hölderlin se daria como aceno referindo, especialmente, a fuga dos deuses. É, então, através do “silêncio” que o poeta alcança o modo de ser do auscultar atencioso do apelo do “ser” na palavra. Ele, antes, se recolhe, neste silêncio e põe-se a pensar poeticamente sobre a ausência. Para Heidegger: “este ouvir (...) transporta o que ouve, pela primeira vez, para o som da palavra”.⁴⁴⁹

A partir da poesia de Hölderlin, o pensador do “ser” descreve a história da metafísica como o esquecimento do “ser” em sua relação com a ausência dos deuses na história. Trata-se da inessência em que o sagrado e a palavra estão velados na vigência do “ser”. Para Heidegger, o poeta, então, traz à luz em sua poesia a questão da ausência sobre o esquecimento do “ser”. E desse poetar em diálogo com o pensar e a poesia, certamente, diz de modo inaugural o dito poético no tempo.

Assim, o que se pode depreender da poesia de Hölderlin é o modo em que a verdade se funda no ente, em que mediante a obra de linguagem se abre inauguralmente a verdade do “ser” no ente. Como Heidegger já havia exposto, anteriormente, em “A origem da obra de arte”, a obra de linguagem – a poesia (*Poesie*) – é entre as obras de arte, de modo especial poética, porque nela, especialmente, se manifesta a unidade originária entre o pensar, o poetar e o dizer.

Heidegger, então, reflete a partir da poesia de Hölderlin: “a palavra, no modo em que já foi palavra, perdeu-se do antigo lugar em que deuses apareciam”.⁴⁵⁰ Podemos, então, questionar: de que essência é este antigo lugar em que os deuses apareciam? A palavra, no modo em que já foi

⁴⁴⁹ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.191.

⁴⁵⁰ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.173.

palavra tem a sua vigência próxima aos deuses? Com essa reflexão, buscamos enfatizar que, para Heidegger, há uma relação primordial entre o divino e a palavra. Mais adiante, no tópico “poiesis” e “tempo de indigência” buscaremos refletir um pouco mais sobre essa relação, a partir do escrito “Para quê poetas?” (1946).

É importante ressaltarmos, em face disso, que Heidegger instaura a relevância da palavra em sua essência. Há o modo de ser da palavra como “lógos” no âmbito da lógica, entendida assim, na metafísica tradicional e há o modo de ser da palavra no sentido originário de “lógos” como reunir na vigência do “ser”. A partir do poema vemos que este modo de ser está ausente do seu antigo lugar, em que se desvelava os deuses. Por sua vez, especialmente, neste texto, se vê também a relação entre o lugar da palavra e o sagrado. O pensador do “ser” pensa a pergunta pela essência da palavra no horizonte da questão do sagrado que sempre se expõe nos hinos de Hölderlin.

Nesse viés, é fundamental elucidarmos que levando em consideração uma das elegias mais importantes de Hölderlin, a elegia “Pão e vinho”, o pensador do “ser” identifica que “a proximidade de um deus acontecia na própria saga de um dizer”.⁴⁵¹ A partir dessa consideração podemos enfatizar que a unidade originária da quadratura: terra, céu, homens e deuses, se desvela, isto é, vem ao encontro em abertura na palavra em sua essência.

A unidade originária acontecia na história na própria saga de um dizer, em que os deuses se deixam ser na saga de um dizer. E não apenas os deuses, mas cada ente em sua entidade se deixa aparecer no modo de ser originário da palavra. Assim sendo, tal co-pertença originária que tem seu desvelo na quadratura: terra, céu, homens e deuses, acontece na forma da luta (*pólemos*) que faz desvelar a essência de cada um dos quatro em intimidade. Conforme Heidegger assinala em “Ser e verdade”: “a essência

⁴⁵¹ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.173.

do ser é luta”.⁴⁵² Enquanto luta ou disputa (*pólemos*) vige a essência de todo ente enquanto tal. Desse modo, ainda segundo Heidegger: “a luta se põe a ser no ser, se põe e se mantém; ela constitui a essência e vigência do ser de tal modo que atravessa todo sendo com um caráter de decisão”.⁴⁵³

Pensando no enigma que é a essência, necessitamos nos voltar para a palavra originária do “ser” e buscando se aproximar desse enigma, é importante destacarmos que Heidegger se volta para a poesia de Stefan George⁴⁵⁴. Primordialmente, o pensador do “ser” busca pensar o enigma que perpassa a palavra tendo como ponto de partida o poema “A Palavra”. Tal poema de George fora inaugurado no ano de 1919 e somente depois, em 1928, o poeta o incluiu no conjunto de poemas publicado sob o título “O novo reino” (*Das neue Reich*)⁴⁵⁵.

Meditemos, então, no poema “A Palavra” (George *apud* Heidegger 2003, p.174):

A Palavra

Milagre da distância e da quimera
Trouxe para a margem de minha terra

Na dureza até a cinzenta Norna
Encontrei o nome em sua fonte-borda

Podendo nisso prendê-lo com peso e decisão
Agora ele brota e brilha na região

Outrora eu ansiava por boa travessia
Com uma jóia delicada e rica,

Depois de longa procura, ela me dá a notícia:
“Assim aqui nada repousa sobre razão profunda”

⁴⁵² HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.107.

⁴⁵³ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.108.

⁴⁵⁴ Heidegger apresenta três palestras em 1957 e 1958 sobre o poeta alemão Stefan George (1868-1933) presentes no livro “A caminho da linguagem” (1959). Cf. (HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003).

⁴⁵⁵ HEIDEGGER, Martin. “A palavra”. In: HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.174.

Nisso de minhas mãos escapou
E minha terra nunca um tesouro encontrou...

Triste assim eu aprendi a renunciar:
Nenhuma coisa que seja onde a palavra faltar.⁴⁵⁶

Tal poema apresentando sete dísticos inaugura na poesia de George, segundo Heidegger, o enigma da palavra, indicando em sua última estrofe a questão basilar: a questão da essência da palavra. Nos aproximemos, então, da última estrofe deste poema (George *apud* Heidegger, 2003, p.174): “nenhuma coisa que seja onde a palavra faltar”.⁴⁵⁷ Tal estrofe elucida a dimensão poética de todo o poema. Para Heidegger, estariam reunidas na sétima estrofe de modo primordial todas as outras estrofes. O pensador do “ser” elucida este verso no seguinte enunciado: “nenhuma coisa é (existe) onde falta a palavra”.⁴⁵⁸ Todavia, que palavra é essa e qual é a sua dimensão, para o pensar essencial de Heidegger?

A palavra originária do “ser” transforma a relação com o ente, visto que dá sentido para todos os entes, inclusive, a obra. O mistério da palavra alcança o próprio “Dasein”. A palavra não apenas dá ser aos entes, mas também confere ser ao ente privilegiado. Os entes só são enquanto são mediante a palavra. Isso quer dizer também que a obra de arte somente é por meio da palavra originária do “ser”. Visto que é da palavra que emana a essência da “Poesia” (*Dichtung*).

Quando refletimos que a palavra originária do “ser” dá sentido para o ente, é relevante destacarmos que o pensador do “ser” não toma o ente, segundo a acepção do pensar calculador, todavia, em seu “deixar-ser”, no que o ente é e como ele é. Ora, se todos os entes aparecem em seu deixar-

⁴⁵⁶ HEIDEGGER, Martin. “A palavra”. In: HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.174.

⁴⁵⁷ HEIDEGGER, Martin. “A palavra”. In: HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.174.

⁴⁵⁸ Ibid., p.174.

ser mediante a palavra originária do “ser”, podemos destacar, que a palavra em seu modo de ser originário também confere ser para a obra de arte. Nessa perspectiva, a própria obra de arte em sua essência se desvela nessa proximidade da essência da palavra, o lugar em que os deuses aparecem. Diante disso, é importante instaurarmos a pergunta de Heidegger: “o que é a coisa, para que precise da palavra para ser e existir?”.⁴⁵⁹

Pensando nessa questão primordial, é relevante destacarmos que o pensador do “ser” considera como preponderante o caráter poético da palavra “renunciar” apresentado na última estrofe do poema. Meditando na dimensão do sentido do termo, Heidegger ressalta que “renunciar” advém etimologicamente da palavra “anunciar”. Sobre isso assinala Heidegger:

(...) anunciar é a mesma palavra que *zeigen*, mostrar, que o grego *δεικνυμι*, que o latim *dicere*. Anunciar, mostrar significa: deixar ver, trazer para um aparecer. Deixar ver em mostrando é o sentido da antiga palavra alemã *sagan*, a saga do dizer.⁴⁶⁰

Nesse sentido, para Heidegger, é a partir da dimensão do renunciar que se pode compreender o instaurar de modo originário da palavra na saga do dizer. Na perspectiva de que a renúncia mesma nos diz: “negar-se à reivindicação de algo, recusar alguma coisa”.⁴⁶¹ Para Heidegger, a palavra sendo instaurada na saga do dizer como renúncia deixa as coisas serem em modo de ser originário. A renúncia é, nesse sentido, como um sim, uma afirmação da coisa mesma, que deixa a coisa viger em seu ser.

Como se vê, tendo-se em vista a renúncia no poeta, elucidada no poema de Stefan George, que o pensador do “ser” instaura a transformação da relação da palavra com a coisa. Nessa perspectiva, o poeta enquanto o guardião do “ser” tem também a missão de ser guardião das coisas e da

⁴⁵⁹ HEIDEGGER, Martin. “A palavra”. In: HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.174.

⁴⁶⁰ Ibid., p.176.

⁴⁶¹ Ibid., p.176.

própria existência. Desse modo, ressalta Heidegger: “o poeta aprendeu a renunciar. Aprender significa: tornar-se quem sabe”.⁴⁶² O poeta aprende, porque, está a caminho do “ser”, assumindo a sua missão de poeta fundador na história. Desse modo, ele aprende a “deixar-ser” os entes o que eles mesmos são. Isso se dá no modo do dizer poético que é como uma renúncia, ou seja, não se apropria das coisas como domínio. Assim sendo, a experiência do poeta com os nomes acontece de um modo diverso da perspectiva de domínio.

Nessa perspectiva, aclara Heidegger:

Nomes são palavras pelas quais o que já é, o que se considera como sendo se torna tão concreto e denso que passa a brilhar e a florescer por toda parte na terra, predominando como beleza. Os nomes são palavras que apresentam. Os nomes apresentam o que já é, entregando-o para a representação. Mediante essa sua força de apresentação, os nomes testemunham seu poder paradigmático sobre as coisas.⁴⁶³

O poético emerge na tarefa do poeta fundador em seu modo originário pela reivindicação de nomes. A palavra no seu desvelar poético acontece na proximidade do desvelar primordial dos nomes. Assim sendo, o poeta tem o encontro inaugural com os nomes à margem de sua terra. Sobre isso assinala o pensador do “ser”:

À margem da terra poética - ou será a margem ela mesma? - encontra-se a fonte-borda, o poço em que a norna cinzenta, a antiga deusa do destino, busca os nomes. Com os nomes, ela concede ao poeta aquelas palavras que ele, com toda confiança e segurança, aguarda como apresentação daquilo que ele toma por existente.⁴⁶⁴

⁴⁶² HEIDEGGER, Martin. “A palavra”. In: HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.176.

⁴⁶³ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.178.

⁴⁶⁴ Ibid., p.178.

No encontro com os nomes, o poeta realiza a experiência originária com a existência, no resguardar as coisas. É relevante ressaltarmos que, para Heidegger, seria a deusa do destino: a “norna cinzenta”, quem buscaria os nomes na fonte e doaria, assim, as palavras para o poeta. É no “face-a-face” com a deusa do destino, com o sagrado, que a tarefa do poeta surge. No diálogo com a deusa, o poeta se encontra com as palavras e ele mesmo se encontra no modo de ser originário. Com isso, irrompe a aclaração no pensamento de Heidegger da relação entre a essência da palavra e do sagrado, nesse momento, tendo como ponto de partida o horizonte poético da poesia de Stefan George.

Na experiência da travessia, o poeta chega na fonte-borda da deusa do destino com uma jóia na mão. A pergunta sobre a natureza da jóia permanece sem resposta em todo o poema. Nesse contexto, afirma Heidegger:

Isso que é estranho e tão cheio de valor é, porém, “delicado e rico”. A deusa do destino deve assim procurar por muito tempo o nome para essa jóia e despedir-se do poeta com a notícia: “Assim aqui nada repousa sobre razão profunda”.⁴⁶⁵

Para a jóia não foi encontrado nome. Diante disso, irrompe a pergunta fundamental: o que a jóia simboliza? Diante da falta de nome para a jóia, há outro acontecimento que chama a atenção do filósofo, afirma Heidegger: “mas essa fonte de onde a saga do dizer poético vinha até então extraíndo as palavras, que como nomes apresentam os entes, essa fonte secou”.⁴⁶⁶ A fonte secou, indica Heidegger. A partir disso, a vigência dos entes em seu ser ficou sem poder ser nomeada pela essência da palavra.

Afirma Heidegger: “(...) *com* a falta do nome a jóia desaparece. Isso significa que a palavra é o que sustenta a jóia numa vigência, que a mantém

⁴⁶⁵ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.179.

⁴⁶⁶ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.179.

e traz para uma vigência, assim preservando-a”.⁴⁶⁷ Tendo em vista o simbolismo da jóia, podemos afirmar com relação a arte: com a ausência do nome a arte em sua essência desaparece, porque como vimos, é a palavra que sustenta as coisas, incluindo a arte, numa vigência, preservando-as em seu tempo e em seu espaço originário. Nas palavras de Heidegger: “a palavra é o que confere vigência, ou seja, ser, em que algo como ente aparece”.⁴⁶⁸

A jóia é algo que não tem nome, no entanto, é a partir da jóia, que Heidegger indica, nesse momento, a questão da vigência de todos os entes. Com a experiência da falta de nome para a jóia, o poeta experimentou um outro poder da palavra. O outro modo de ser da palavra até então velado, é indicado por Heidegger na seguinte afirmação: “o poeta deve assim renunciar a ter sob seu poder a palavra enquanto nome capaz de apresentar o ente por ele mesmo posicionado”.⁴⁶⁹ Se destaca, então, o “nomos”⁴⁷⁰ na relação entre a poesia e a palavra, e da palavra com a coisa, apresentado, de modo especial, a partir da tragédia da “Antígona” (Sófocles *apud* Heidegger, 2003. p.173),

(...) Não foi Zeus quem me deu a notícia
(mas um outro, a recomendação sábia). (...)

Não é de hoje nem de ontem, mas perdurando
Sempre e sempre
Surge (ó νόμος, a recomendação sábia) e ninguém
Jamais conseguiu ver de onde ela surgiu para brilhar (v. 456/7).⁴⁷¹

⁴⁶⁷ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.179.

⁴⁶⁸ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.180.

⁴⁶⁹ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.180.

⁴⁷⁰ νόμος refere-se a leis.

⁴⁷¹ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.173.

Nesse sentido, o “*νόμος*” enquanto recomendação sábia indica o próprio mistério da palavra. A partir do “*νόμος*” se ressalta que a palavra deve ser reconhecida em seu modo de ser originário, não enquanto um nomear no sentido de domínio do homem. Mas, como o dizer que é o deixar aparecer das coisas, colocando em proximidade homens e deuses a partir da luta, em um pertencer mútuo, onde todas as coisas se reúnem nessa intimidade infinita. É, especialmente, na luta entre os homens e os deuses, nessa proximidade por meio do dizer, que o “*νόμος*” se manifesta como mistério da palavra.

Nessa perspectiva, Heidegger considera que pela travessia extraordinária que se permitiu ao poeta realizar a experiência da renúncia. A renúncia se dá na dimensão do “*νόμος*”, no sentido de ser ele, como recomendação sábia, que institui a abertura da essência da palavra, abrindo uma nova dimensão para as coisas, ou seja, não se pode dominar as coisas, elas são anunciadas mediante o mistério da palavra.

É importante destacarmos que, conforme Heidegger:

Como um recusar-se, renunciar permanece um dizer, preservando assim a relação com a palavra. Porque, no entanto, a palavra descobriu um modo diverso e mais elevado de predomínio, também a relação com a palavra deve experimentar uma transformação.⁴⁷²

A renúncia é um modo diferente de se relacionar com a palavra, que preserva a relação com a palavra, deixando-a ser em seu modo primordial. É nessa perspectiva, que o filósofo destaca que o poema de George é, também, uma canção⁴⁷³, pois a palavra poética enquanto canção, aponta

⁴⁷² HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.181.

⁴⁷³ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.181.

para o aspecto elevado da essência da palavra, resguardando a palavra em seu sentido poético originário. Desse modo, a canção anuncia a relação do poeta com a palavra no modo de ser do resguardo da palavra. No canto há o irromper da palavra na dimensão poética de um modo originário. Sobre isso afirma Heidegger:

canto como a saga de um dizer, (...) somente a palavra deixa uma coisa ser coisa encarou de frente o poeta. (...) Isso ele só consegue quando a palavra poética ressoa no tom da canção.⁴⁷⁴

Os nomes que o poeta recebia da deusa do destino faziam aparecer o modo de ser da palavra como dizer dominador. Nessa perspectiva, o dizer poético se apresenta numa nova dimensão, nas palavras de Heidegger:

a renúncia aprendida não é simplesmente a recusa de uma reivindicação e sim a transformação do dizer e sua saga na ressonância, quase velada, extasiante e canção de um dizer indizível.⁴⁷⁵

Desse modo, conforme Heidegger, no modo de dizer da renúncia, o poeta "(...) recusa para si a reivindicação do poder representacional da palavra".⁴⁷⁶ A palavra não é vista a partir de uma perspectiva metafísica tradicional, mas em sua essência. Como mencionamos anteriormente, o poder representacional da palavra se mostra na forma do dizer de domínio. Para Heidegger, renunciando este modo, o poeta se aproxima verdadeiramente das coisas, quando as reconhece em sua dimensão poética e em seu modo de ser originário.

A renúncia, para Heidegger, desvela o poder mais elevado e primordial da palavra, indica a essência da palavra. Afirma Heidegger: "a

⁴⁷⁴ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.181.

⁴⁷⁵ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.183.

⁴⁷⁶ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.184.

palavra con-diciona a coisa como coisa. Chamaremos esse poder da palavra de con-dicção".⁴⁷⁷ A partir da condição, a palavra deixa a coisa ser em toda a sua vigência. Mas, o que é a condição para Heidegger? "Esse deixar é o que significa con-dicção".⁴⁷⁸

Nesse sentido, a renúncia é um dizer sim para a coisa, é agradecimento. E, desse modo, a relação entre a palavra e a coisa se mostra de modo originário: "nenhuma coisa é sem a palavra".⁴⁷⁹ As coisas não são em sua essência sem o poder da palavra. Pensando de modo mais primordial sobre a essência da palavra, Heidegger destaca: "a palavra é: a *Saga*".⁴⁸⁰ Assim, a palavra originária do "ser" se doa mediante o narrar inaugural ou saga no dizer, que deixa vir à luz às coisas em seu ser.

Levando isso em consideração, o pensador do "ser" ressalta que na história do "ser", a palavra mais originária que remete ao poder da palavra no âmbito de "dizer" é o "lógos"⁴⁸¹. Na aurora da antiguidade grega, o "logos" se referiu conforme o pensamento do filósofo enquanto: "a saga do dizer, que num mostrar deixa o ente aparecer em seu 'é', 'há', 'dá-se'".⁴⁸² Desse modo, é importante mencionarmos que desde "Ser e Tempo" no §7º, Heidegger já havia elucidado uma análise sobre o "lógos", no entanto, principalmente, depois da virada ele anuncia a relação do "lógos" com a "palavra" em seu escrito "A Palavra". Especialmente, baseando-se na

⁴⁷⁷ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.184.

⁴⁷⁸ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.184.

⁴⁷⁹ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.185.

⁴⁸⁰ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.186.

⁴⁸¹ Termo grego referindo-se à palavra.

⁴⁸² HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.188.

canção de George, assim como, no escrito “Que significa pensar?” (1954), conforme veremos mais adiante.

A dimensão do “lógos” se destaca na relação primordial com o sentido do “ser” em geral. Nesse sentido assinala Heidegger que o “lógos”:

(...) é tanto palavra para o dizer como para o ser, ou seja, para o fazer-se vigor do que é vigente. Dizer e ser, palavra e coisa, pertencem um ao outro num modo velado, pouco pensado e até impensável.⁴⁸³

Linguagem e “ser” co-pertencem mutuamente. Com isso se ressalta a identidade essencial presente entre o dizer e o “ser” e, a palavra e a coisa no caminho ontológico poético de Heidegger. Sobre a identidade essencial entre dizer e “ser”, palavra e coisa, Heidegger assinala:

Todo dizer vigoroso remonta a esse mútuo pertencer de dizer e ser, de palavra e coisa. Ambos, poesia e pensamento, são uma extraordinária saga do dizer, quando se responsabilizam pelo mistério da palavra enquanto o que há de mais digno a se pensar, permanecendo assim articulados na sua afinidade.⁴⁸⁴

Para compreendermos melhor esta questão do pertencimento mútuo do “ser” e da linguagem, faz-se necessário retornarmos a questão de não haver um nome para a jóia. Assim, o filósofo busca ressaltar a perspectiva que se abre a partir da canção de George:

O tesouro que a terra do poeta jamais consegue encontrar é a palavra para a essência da linguagem. (...) A partir dessa proximidade, a jóia é misteriosamente confiada ao poeta, pois de outro modo ele jamais poderia cantar: “a jóia delicada e rica”.⁴⁸⁵

⁴⁸³ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.188.

⁴⁸⁴ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.189.

⁴⁸⁵ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p. 187.

O filósofo ainda aclara:

*A jóia delicada e rica é o vigor velado da palavra, que, de maneira imperceptível e mesmo indizível, nos pro-picia a coisa como coisa. (...) A jóia passa a ser o que para o poeta é o mais digno de se pensar.*⁴⁸⁶

Em face dessa passagem de Heidegger, faz-se importante tecermos a seguinte consideração: como vimos no capítulo dois, a questão da “Poesia” e do pensamento expõe-se, de modo especial, a partir dos escritos “Hölderlin e a essência da poesia” (1936) e “Poeticamente o homem habita” (1951), em face disso, a relação fundamental entre a “Poesia” e o pensamento surge mais uma vez na filosofia de Heidegger neste escrito “A caminho da linguagem”, indicando o caminho da filosofia de Heidegger para a meditação sobre o pensar e a “Poesia”. Entendemos que o destino do próprio “Dasein” está inserido neste contexto da relação entre o pensamento e a “Poesia”. E por isso, a reflexão da essência do homem, da essência da palavra, da essência da linguagem, da essência da arte e da essência do habitar, requer a consideração do horizonte da co-pertença de “Poesia” e pensamento.

Heidegger anuncia que o pensamento e a poesia (*Poesie*) possuem a mesma fonte original. O que o poeta soube da história do “ser”, ele busca da fonte: o poético. Na nomeação poética na tarefa do poeta, há o ouvir originário da divindade do passado em que a história se funda. A essência da história aponta para o derradeiro, que somente é ao passo que há a instituição do “ser”. Assim, vale ressaltarmos que numa passagem de “Hinos de Hölderlin”, consideramos que a essência da poesia é delimitada por Heidegger no horizonte da instituição do “ser”.

Sobre isso vale ressaltarmos:

⁴⁸⁶ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p. 188.

(...) toda a essência da poesia e do que nela é instituído abrir-se-à apenas na revelação do Ser de acto de fundar, isto é, no ir ao fundo do fundamento do Ser da poesia.⁴⁸⁷

O poético é o modo como o “ser” se desvela ou se institui na história. Assim sendo, a “Poesia” em sentido lato, especialmente, está fundamentada na totalidade do “ser”. Com isso, todo o ente, por exemplo, a obra de arte, o mito, abre-se na instituição do “ser” no seu ato de fundar. Pois, como o próprio Heidegger reflete: “o Ser deixa nascer a poesia para se encontrar nela originariamente e, encerrando-se assim nela, abrir-se como mistério”.⁴⁸⁸

Após essas considerações importantes, vamos analisar agora um escrito relevante que explicita, um pouco mais, o que expomos até aqui. No escrito “Hölderlin e a essência da poesia”, constituído de uma linguagem em sua essência poética, a poesia essencial de Hölderlin faz emergir no pensamento heideggeriano, primordialmente, no horizonte da virada, um diálogo originário acerca da questão da verdade do “ser”. Tal diálogo originário volta-se para pensar a essência das coisas e, para além disso, pensa primordialmente a pergunta pela verdade do “ser” mediante a linguagem. Com isso, a perspectiva ontológica da arte tem um novo início, em Heidegger, sendo pensada agora no âmbito de uma perspectiva ontológica poética.

Consagrada pelo poeta a essência da linguagem é tão somente aquela que pode fazer aparecer as características fundamentais da perspectiva ontológica poética, ao lembrar a palavra originária: o “ser”. Assim, os poetas fundadores instauram a “Dichtung” (Poesia, poético) como o próprio desvelamento de sua “Poesie” (poesia).

Conforme o pensador do “ser”, a linguagem dos poetas e dos pensadores anuncia a lembrança da questão do “ser”. Nessa perspectiva,

⁴⁸⁷ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. pp. 222-223.

⁴⁸⁸ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.223.

como poeta fundador, Hölderlin concretizaria em sua poesia essencial, a lembrança da pergunta presente desde os primórdios em face do "Dasein": a questão do "ser". Nesse sentido, Heidegger volta-se para a musa "Mnemosine" presente na poética de Hölderlin e a traduz como "memória" ou "lembrança". Em Hölderlin, ela se refere a filha do céu e da terra, a noiva de Zeus. Com tal indicação da "Mnemosine", Heidegger pensa também sobre a essência do mito no horizonte da questão do "ser":

Aqui, a memória é a reunião de pensamento que permanece focado no que já foi pensado com antecedência, porque sempre quer ser considerado de antemão. Memória é a reunião da memória do que deve ser considerado acima de tudo. Esse encontro esconde dentro de si mesmo e esconde dentro de si o que resta a ser pensado com antecedência, em tudo o que é ocidental e afirma ser essencial e existente. Memória, a memória coletiva do que deve ser pensado, é a fonte da poesia. Consequentemente, a essência da poesia repousa no pensamento. Isso é o que o mito nos diz, ou seja, o dito. Seu dito é chamado de mais antigo, não apenas na medida em que é o mais antigo em termos de tempo, mas porque é em essência, no passado e permanece sendo o mais memorável.⁴⁸⁹

O mito é aquilo que continua sendo o mais memorável, pois, a essência da poesia está presente nele. Por outro lado, a essência da poesia também repousa no pensamento. Nessa reflexão, Heidegger está também a ressaltar a união entre o pensamento e a poesia, e, entre o pensamento e o mito. Como vimos, a lembrança também se revela na vocação do poeta. Quando o poeta se volta para a lembrança, tal pensar demorado do que seja a essência da "Poesia" e do que seja a essência do poeta emerge no horizonte do desvelar do "ser". Assim, o poético é lembrado nas poesias e cantos desvelando-se na história essencial de um povo.

Numa passagem em "Hinos de Hölderlin", assinala Heidegger acerca do tempo dos criadores que revela a essência poética do povo:

⁴⁸⁹ HEIDEGGER, Martin. *Vorträge und Aufsätze*. Band 7. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann GmbH, 2000. p. 136, tradução nossa.

(...) o ser-aí histórico dos povos, a sua ascensão, apogeu e queda, deriva da poesia, desta, o saber propriamente dito, no sentido de Filosofia, e de ambas o ser-aí de um povo como tal pelo estado – pela política. Este tempo primitivo, histórico dos povos é, por isso, o tempo dos poetas, pensadores e fundadores de estados, daqueles portanto que verdadeiramente fundam e fundamentam o ser-aí histórico de um povo. São eles os verdadeiros criadores.⁴⁹⁰

Com isso, é importante enfatizarmos a pergunta presente no poema “Pão e vinho” de Hölderlin, e ressaltada por Heidegger (Hölderlin *apud* Heidegger, 1969, p.222): “para que ser poeta em tempos de indigência?”.⁴⁹¹ É pela “Poesia” (*Dichtung*) que se realizaria um novo início no tempo, por meio da essenciação poética do “ser” na história. Visto que, a essenciação poética da verdade do “ser” não aponta para uma época, mas anuncia a história em sua essência. Desse modo, observamos, que a essenciação poética da verdade do “ser” é histórica, pois, como se vê em “A origem da obra de arte”, a essenciação poética da verdade do “ser” na arte é em sua essência também histórica. Sendo também onde se concretiza o desvelar da verdade do “ser” na história do “ser”.

É nessa perspectiva, que a partir do pensar de Heidegger, buscaremos levantar a questão da essência do mito como um desvelar na história. Aliás, no escrito “Hinos de Hölderlin” (1935), o pensador do “ser” aponta para o aspecto primordial da poesia de Hölderlin anunciar um novo início na história de modo essencial: “(...) aquela História que se inicia com a luta pela decisão sobre a vinda ou a fuga do deus”.⁴⁹²

Heidegger anuncia que a chegada ou a fuga do deus se realiza enquanto modos do acontecimento “ser” na história, fundamentalmente relacionados com a concretização ou não da essência poética da linguagem.

⁴⁹⁰ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.56.

⁴⁹¹ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2.ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.222, tradução nossa.

⁴⁹² Heidegger, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Tradução de Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004. p.9.

Veremos isto mais adiante. Agora importa que pensemos, especialmente, em algumas considerações da poesia essencial de Hölderlin que emergem em “Hölderlin e a essência da poesia”.

Nesse sentido, as “cinco sentenças por guia” instituídas no escrito “Hölderlin e a essência da poesia”, como observaremos, apontam para a relação primordial entre a “questão do ser” (*Seinsfrage*), o “Dasein”, a história em sua essência e o poético. Por isso, podemos meditar na questão: até que ponto tal interface nos conduz para uma aclaração da essência poética? Em face de tal questão, é relevante seguirmos o caminho de Heidegger para pensarmos em algumas considerações fundamentais presentes nas “sentenças-guia” da poesia essencial de Hölderlin (Hölderlin *apud* Heidegger, 1958. p.126):

1. ‘Fazer poesia: “Esta tarefa, dentre todas a mais inocente’ (III, 377).
2. ‘Para este fim se deu ao Homem: o mais perigoso dos bens: a linguagem, para que dê testemunho do que ele é’ (IV, 246).
3. ‘Muitas coisas tem experimentado o Homem; há muitas celestiais tem dado já nome. Desde que somos Palavra-em-diálogo e podemos ouvir uns aos outros’ (IV, 343).
4. ‘Põe os Poetas o fundamento do permanente’ (IV, 63).
5. ‘Repleto está de méritos o Homem; mas não por eles mas pela Poesia fazer desta terra sua morada’ (IV, 25).⁴⁹³

Inicialmente é importante meditarmos em algumas perspectivas de Heidegger acerca dos versos de Hölderlin. O pensador do “ser” busca pensar com a poesia essencial de Hölderlin a questão primordial do “ser” tendo como ponto de partida a linguagem em sua essência: o poético. Como vimos, nesse sentido, irrompe uma perspectiva ontológica poética em Heidegger em sua consideração da instauração do “ser” pela poesia de Hölderlin. A questão da “Poesia” (*Dichtung*) institui a decisão em Heidegger de se pensar a essenciação da verdade do “ser”. Assim, com Hölderlin, o

⁴⁹³ HEIDEGGER, Martin. “Hölderlin y la esencia de la poesia”. In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. p.126, tradução nossa.

pensador do “ser” compreende que a questão da verdade do “ser” está relacionada primordialmente com a questão da “Poesia” (*Dichtung*).

Nessa perspectiva, a poesia essencial de Hölderlin coloca-se a caminho da questão do “ser”. Conforme o pensamento de Heidegger, tal decisão vem a surgir com a questão da essência da linguagem enquanto anunciadora da questão do “ser”. A decisão é preparada pelos pensadores originários e poetas fundadores na história do “ser”. Em que se estabelece a tarefa do pensamento na perspectiva da origem (*Ursprung*) e de sua preservação na vigência do “ser”.

Conforme Heidegger assinala,

(...) mas unicamente porque esta carregada com a determinação poética de poetizar a própria essência da poesia. Hölderlin é para nós em sentido extraordinário o poeta do poeta. Por isso se encontra no ponto decisivo.⁴⁹⁴

É nessa perspectiva que o pensador do “ser” busca pensar a partir das cinco sentenças-guia do poeta acerca da essenciação poética da verdade do “ser”. Neste momento, a pergunta crucial que irrompe é: o que é o poético? Pensando a partir da primeira sentença-guia, Heidegger busca pensar sobre a própria tarefa da “poesia” (*Poesie*). Hölderlin a anuncia enquanto a tarefa mais inocente da existência. Com isso, o pensador do “ser” medita: “como e até que ponto é a mais inocente?”.⁴⁹⁵ A partir dessa consideração, Heidegger destaca a “poesia” como um dos modos privilegiados da essenciação poética da verdade do “ser” na história. O que a tarefa da poesia conclama? A poesia como essencialmente poética anuncia a ação poética na história. Enquanto uma ação, no sentido do termo grego “poiesis”, a ação poética nomeia essencialmente as coisas.

⁴⁹⁴ HEIDEGGER, Martin. “Hölderlin y la esencia de la poesia”. In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. p.128, tradução nossa.

⁴⁹⁵ HEIDEGGER, Martin. “Hölderlin y la esencia de la poesia”. In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. p.128, tradução nossa.

Mas, a “poesia” se manifesta, inicialmente, como jogo⁴⁹⁶. Constituindo uma composição de imagens e enquanto relação do imaginado e imaginário constrói um mundo. Em face disso, Heidegger relata, que a poesia, inicialmente, é um fazer inteiramente inofensivo. Inicialmente, situando-se no plano do jogo do imaginário e não transformando a realidade de imediato. Conforme indica Heidegger, o fazer da poesia seria “um jogo de palavras, sem a seriedade da ação”.⁴⁹⁷ É nesse sentido, que o fazer da poesia se mostraria como algo inofensivo e ineficaz na realidade.

Com a segunda sentença-guia, Heidegger busca destacar que a poesia de Hölderlin aponta para a essência da linguagem e para o modo originário de ser do “Dasein”. Ao “Dasein” enquanto mortal tem sido doado, em unidade com os deuses, o dom de “guardião das coisas” mediante a palavra. Nesse sentido, Hölderlin anuncia que a palavra é em sua essência como o mais perigoso dos bens, pois, mediante ela, o homem cria ou destrói, pode fazer perecer as coisas ou resguardá-las em sua plenitude em unidade com os quatro: terra, céu, divinos e mortais. Dessa maneira, é pela palavra que o “Dasein” pode instituir a lembrança do “ser” na história de um povo, ou deixar ser no velamento. Na história, o “Dasein” pode utilizar a palavra para dominar a natureza e as coisas, o que, especialmente, se faz presente na “época da técnica moderna”.

O pensador do “ser” anuncia três questões relevantes para se pensar a palavra: “1) De quem é o bem da linguagem? 2) Como e até que ponto é o mais perigoso dos bens? 3) Em que sentido é em geral um bem?”.⁴⁹⁸

⁴⁹⁶ É importante mencionarmos que Heidegger expõe no início do texto “Hölderlin e a essência da poesia” a perspectiva estética de Schiller, acerca da educação estética do homem, em que a arte se manifesta como jogo. Cf. (HEIDEGGER, Martin. “Hölderlin y la esencia de la poesia”. In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958).

⁴⁹⁷ HEIDEGGER, Martin. “Hölderlin y la esencia de la poesia”. In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. p.129, tradução nossa.

⁴⁹⁸ HEIDEGGER, Martin. “Hölderlin y la esencia de la poesia”. In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. p.130, tradução nossa.

Nesse tipo de reflexão enfatizam-se as características ontológicas de Heidegger sobre como surge a essenciação da verdade. A questão-guia aqui é como se funda a palavra na história. Uma vez que a palavra irrompe no “Dasein” como o bem mais perigoso, tal dom vai para além do ente privilegiado mediante a instauração do “ser” pelo dito poético. Nesse viés, a palavra no “Dasein” ao desvelar-se como dito poético, institui a decisão na história para que os mortais venham morar na linguagem. Vindo a revelar a essência da história desde o momento em que é fundada. Nesse sentido, ela constitui o acontecimento do “ser”. Com relação a isso, aquilo que o próprio poeta soube da história do “ser” mediante a palavra o consagra no dito poético.

Cabe clarificarmos que ao anunciar tal poesia hölderliana (Hölderlin *apud* Heidegger, 1958. p.17): “(...) E se tem dado ao homem o mais perigoso dos bens(...)”⁴⁹⁹, Heidegger está a refletir também acerca da fundação da verdade no “Dasein”. Haja vista, que é por meio da dimensão do poético que a própria existência é nomeada poeticamente. Dessa maneira, a fundação poética da verdade, que advém, primordialmente, da palavra originária, nomeia o “Dasein”, anunciando a essência. Acerca disso, cabe apontar que segundo Heidegger:

(...) no projeto de uma poesia que deve dizer quem é o homem, em contraposição com os demais seres da natureza; e entre eles se nomeia (...) o cisne, o cervo no bosque (IV, 300 y 385).⁵⁰⁰

Ao evocar quem é o “Dasein” mediante o dito poético, o poético anunciado na poesia essencial de Hölderlin indica, segundo Heidegger, a diferença ontológica entre “ser” e o ente. Com isto se delineia claramente

⁴⁹⁹ HEIDEGGER, Martin. “Hölderlin y la esencia de la poesia”. In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. p.126, tradução nossa.

⁵⁰⁰ HEIDEGGER, Martin. “Hölderlin y la esencia de la poesia”. In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. p.130, tradução nossa.

que a diferença ontológica se relaciona com a essência da linguagem. É a partir dessa dimensão que entendemos que a perspectiva ontológica poética instaura também a questão pela essência do "Dasein", seguindo o caminho que parte da ontologia fundamental para um pensamento mais essencial. Visto que, brota a necessidade em Heidegger de perguntar pelo "Dasein" para além da questão da temporalidade, sendo agora a pergunta pelo "Dasein" considerando a "palavra". É possível meditarmos, então: "que é a palavra (*lógos*) que essencializa o "Dasein"?"

O "lógos", para Heidegger, é de modo originário o que deixa viger em sua vigência todo o vigente. Nesse sentido, ao pensar a poesia na aurora da antiguidade grega, Heidegger assinala:

Se nós agora ou mais tarde prestamos atenção às palavras da língua grega, penetramos numa esfera privilegiada. Lentamente vislumbramos em nossa reflexão que a língua grega não é uma simples língua como as européias que conhecemos. A língua grega, e somente ela, é *lógos*. Disto ainda deveremos tratar ainda mais profundamente em nossas discussões. Para o momento sirva a indicação: o que é dito na língua grega é, de modo privilegiado, simultaneamente aquilo que em dizendo se nomeia.⁵⁰¹

Há uma unidade entre o ser do dito e aquilo que é nomeado. Com isso, em Heidegger se demonstra a importância do sentido do "lógos" a partir da aurora da antiguidade grega, a fim de se compreender o sentido da palavra, da linguagem e do poético, visto que o "lógos" inaugura a dimensão da linguagem como dito poético no "Dasein" histórico. Nesse sentido, a palavra no "Dasein" se revela também como o dar testemunho de seu ser mortal. Sobre isso assinala Heidegger:

Quem é o homem? Aquele que deve testemunhar o que é. Testemunhar significa por uma parte declarar e por outra

⁵⁰¹ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.31.

manter as declarações. O homem é o que é precisamente na manifestação de sua própria existência.⁵⁰²

O "Dasein" como ser de linguagem, é, nesse sentido, um ente privilegiado, visto que dá testemunho de todas as coisas, dá testemunho da totalidade da quadratura: terra, céu, deuses e homens. O seu testemunho mediante o dito poético inclui toda a história. A palavra, nesse sentido, anunciaria a totalidade ontológica do "Dasein". Para Heidegger, "apenas quando a linguagem do homem historial emana da palavra, está ela inserida no destino que lhe foi traçado".⁵⁰³ Com isso, observamos que já em "Ser e Tempo", obra-prima que fora consagrada como "ontologia do Dasein", Heidegger ao elucidar a essência do "Dasein" como "ser-para-a-morte" ressalta um aspecto ontológico preponderante: o "ser-para-a-morte" é histórico⁵⁰⁴. Depois da virada no seu pensamento, Heidegger prossegue com este viés, no entanto, se lança além e institui o pensar mais essencial: o "Dasein" enquanto testemunha, sobretudo, da palavra originária do "ser".

Nessa perspectiva, questiona o pensador do "ser":

Porém o que é deve testemunhar o homem? Sua pertença à Terra. Esta pertença consiste em que o homem é o herdeiro e aprendiz de todas as coisas. Porém estas estão em disputa.⁵⁰⁵

Todos os entes essencialmente se mantêm na unidade da disputa originária na essência poética da verdade, inclusive, a obra de arte. O

⁵⁰² HEIDEGGER, Martin. "Hölderlin y la esencia de la poesia". In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. p.130, tradução nossa.

⁵⁰³ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.72.

⁵⁰⁴ Afirma Heidegger: "Dasein é história". Cf. (HEIDEGGER, Martin, *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008. p.111, tradução nossa).

⁵⁰⁵ HEIDEGGER, Martin. "Hölderlin y la esencia de la poesia". In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. pp. 130-131, tradução nossa.

testemunho do "Dasein" de sua co-pertença ao ente em unidade, primordialmente, à terra, ao céu, aos deuses, anuncia o acontecimento mesmo da história do "ser". E, para que a história se realize, se tem doado ao "Dasein" a palavra essencial.

O "Dasein" como habitar poético, só o é mediante a essência poética da linguagem, pois na "Poesia" que se desvela na linguagem, todos os entes, inclusive, o homem, vigem na vigência do "ser".

Conforme Heidegger:

a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um demorar-se dos mortais sobre essa terra. "Sobre essa terra" já diz, no entanto, "sob o céu". Ambos supõem *conjuntamente* "permanecer diante dos deuses" e isso "em pertencendo à comunidade dos homens". Os quatro: terra e céu, os divinos e os mortais, pertencem um ao outro numa unidade originária.⁵⁰⁶

O poeta dos poetas se caracteriza como o próprio preparador do caminho para o poético, que conclama na história para a decisão de habitar na proximidade, visto que o "Dasein" como testemunhador da palavra é aquele que ouve originariamente o apelo do "ser". Nessa perspectiva, no poeta fundador se revela a essência da palavra. Desse modo, o poeta é o anunciador do sagrado através da palavra essencial. Ele percebe também a presença e a fuga dos deuses e busca preparar o caminho para o voltar para o princípio.

O mito enquanto essencialmente poético também é o desvelar da verdade do "ser" na história de um povo. Nessa perspectiva, o mito anuncia a palavra originária do "ser" de modo inaugural na história. Ele evoca a decisão de um povo na história. Assim sendo, o que o poeta percebe no mito se anuncia na decisão essencialmente poética para a habitar na unidade dos quatro: terra, céu, divinos e mortais.

⁵⁰⁶ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.129.

Habitar, segundo Heidegger, se destaca enquanto um resguardar⁵⁰⁷, ou seja, como um demorar-se junto dos entes. Nas palavras de Heidegger: “enquanto resguardo, o habitar preserva a quadratura naquilo junto a que os mortais se demoram: nas coisas”⁵⁰⁸. O habitar é o construir que resguarda, desde que se preserve os entes na quadratura: terra, céu, deuses e homens. Nesse sentido, a arte é resguardada e desvelada em sua essência, quando o “Dasein” como habitar poético preserva-a na quadratura. No habitar poético, a quadratura se resguarda à medida que leva para os entes o seu próprio vigor de essência na vigência do “ser”. Heidegger afirma: “as coisas elas mesmas, porém, abrigam a quadratura *apenas quando* deixadas *como coisas* em seu vigor”.⁵⁰⁹

Todo ente, assim como a obra de arte, é uma reunião integradora da quadratura, “*reúne integrando*: terra, céu, homens e deuses junto a si”⁵¹⁰. Heidegger destaca tal significado de reunião integradora da quadratura, a partir do que diz uma antiga palavra da língua alemã “thing”⁵¹¹, coisa.

A partir dessa consideração se irrompe no pensamento de Heidegger a interface entre o mito e o sagrado. Sendo o mito o que revela o sagrado, ele também convoca para a unidade dos quatro, para a morada do “ser”. Desse modo, o mito é o anunciador do sagrado pela palavra em sua essência. Tal palavra é de modo inaugural na história como dito poético na poesia e no mito, sendo, então, o acontecer da verdade do “ser”. Em

⁵⁰⁷ Cf. HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.130.

⁵⁰⁸ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Trad. Emmanuel Carneiro de Leão, Gilvan Fogel, Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.131.

⁵⁰⁹ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Trad. Emmanuel Carneiro de Leão, Gilvan Fogel, Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.131.

⁵¹⁰ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Trad. Emmanuel Carneiro de Leão, Gilvan Fogel, Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.133.

⁵¹¹ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Trad. Emmanuel Carneiro de Leão, Gilvan Fogel, Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.133.

Heidegger, o acontecimento é um marco na história de um povo. E é no acontecimento que se desvela o narrar inaugural dos deuses, dessa maneira, também se desvela a presença dos deuses em sua unidade originária na quadratura.

Acerca da dimensão do acontecimento apropriador, Heidegger assinala:

No ser e estar apropriado, o acontecimento apropriador deixa a saga do dizer alcançar a fala. O caminho para a linguagem pertence à saga do dizer, que se determina a partir do acontecimento apropriador. Nesse caminho, que pertence ao vigor da linguagem, abriga-se o próprio da linguagem. O caminho é apropriante.⁵¹²

Podemos compreender que o mito em seu modo originário é também o desvelo da verdade do “ser” na história, em que se abre as decisões de um povo em sua vigência essencial. Ainda pensando sobre o mito, refletamos na seguinte questão-guia: o que é a essência do mito? No já lembrado escrito “Que significa pensar?” (*Was heisst denken?*⁵¹³) se destaca:

O mito significa: a palavra que diz. E dizer é para os gregos: tornar manifesto, fazer aparecer e, especificamente, fazer que se manifeste e apareça o aparecer e o que adquire presença no aparecer, em sua epifania. Μῦθος é o que se faz presente em uma lenda: o que aparece na revelação de sua exigência. Μῦθος é o requisito que afeta toda a essência humana antes e a partir de sua base, um requisito que nos permite pensar sobre o que aparece, o que vem a instalar-se na presença. Λόγος diz o mesmo. Μῦθος e λόγος, contrariamente o que opina a usual história da filosofia, de nenhuma maneira chegam a opor-se por causa da filosofia como tal; em vez disso, os primeiros pensadores da Grécia (Parmênides, fr. 8) usam esses termos com o mesmo significado. Μῦθος e λόγος são divididos e opostos pela primeira vez, ali onde nem um e nem o outro podem conservar sua essência inicial. Isso já

⁵¹² HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003. p.209.

⁵¹³ Curso ministrado nos semestres de inverno e verão de 1951 e 1952 na Universidade de Freiburg, publicado 1954. Cf. (HEIDEGGER, Martin. *Qué significa pensar?*. Traducción de Raúl Gabás. Madrid: Editorial Trotta, S.A, 2005).

ocorreu em Platão. Acreditar que o mito foi destruído pelo *lógos* é um preconceito da história e da filologia, um preconceito que, com base no platonismo, eles tiraram do racionalismo moderno. O religioso nunca é destruído pela lógica, só acontece pelo fato de Deus se retirar.⁵¹⁴

Com esta indicação: “o mito significa: a palavra que diz.”⁵¹⁵, temos muito a se pensar. O mito é em sua essência poético. Refletimos, nessa perspectiva, que o mito se dá no horizonte da linguagem. Nesse sentido, destacando, por exemplo, uma passagem do escrito da “A origem da obra de arte”, Heidegger ressalta que a linguagem em sua essência poética nomeia o ente pela primeira vez, e este nomear traz o ente para a palavra e para a manifestação. Afirmar Heidegger:

tal narrar inaugural é um projetar do iluminar em que é anunciado como o sendo, no que ele é, advém ao aberto. (...) O narrar inaugural do que se projeta é *poiesis*: a narração inaugurante do Mundo e da Terra, a narração inaugurante do espaço de jogo de sua disputa e, com isso, do lugar de toda proximidade e distância dos deuses. A *poiesis* é a fala inaugurante do desvelamento do sendo. A respectiva linguagem é o acontecimento daquele narrar inaugural no qual historicamente surge para um povo seu Mundo e a Terra se guarda como a fechada. (...) Em tal narrar inaugural se cunham, previamente, para um povo histórico as noções de sua essência, isto é, de seu pertencimento à história do mundo.⁵¹⁶

A questão quer abrir para o seguinte viés, o mito em sua essência não se refere, primordialmente, ao modo de vida de sociedades antigas, ele é essencialmente o desvelar do narrar inaugural na história. Ele aponta para o aspecto “kairótico” na história. O desvelar da essenciação da verdade do “ser”. Desse modo, ele irrompe no tempo e no espaço de modo originário na unidade quadratura. Com isso em Heidegger, como vimos, o modo de

⁵¹⁴ HEIDEGGER, Martin. *Qué significa pensar?*. Traducción de Raúl Gabás. Madrid: Editorial Trotta, S.A, 2005. pp.21-22, tradução nossa.

⁵¹⁵ HEIDEGGER, Martin. *Qué significa pensar?*. Traducción de Raúl Gabás. Madrid: Editorial Trotta, S.A, 2005. p.21, tradução nossa.

⁵¹⁶ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. pp.187-189.

ser originário do “Dasein” habita poeticamente, isto implica que ele como mortal em unidade originária, não se relaciona com as coisas no viés do sentido do tempo cronológico, o tempo enquanto “krónos”⁵¹⁷.

Sobre isso assinala Heidegger: “(...) experiência do tempo, que é a do tempo como o *mero passar do agora na sucessão* (...) tal concepção do tempo nem abrange a essência do tempo”.⁵¹⁸ Mas, entendemos que o “Dasein” habitando poeticamente anuncia o “kairótico” na história, pois se encontra na proximidade da morada do “ser”. Conforme Heidegger salienta: a participação do “Dasein” no dizer “(...) é esta uma condição necessária para que venha o tempo em que seremos ‘atingidos’ pelo divino”.⁵¹⁹ O “Dasein” necessita participar do poético para que o tempo oportuno insurja. Tal perspectiva aponta para o futuro, para a concretização plena de um novo princípio na história. Por essa razão, pode ser entendido o tempo no sentido de “kairós”⁵²⁰. Anunciando no tempo cada acontecimento do “ser” primordialmente.

Com isso se delimita claramente que no pensamento de Heidegger a noção de tempo permanece fundamental. Por conseguinte, Heidegger enfatiza a correlação entre a obra de arte e o tempo. A este propósito, podemos pensar acerca da questão da obra de arte na época da técnica moderna.

Tendo isso em vista, brota a necessidade de pensarmos na questão (Hölderlin *apud* Heidegger, 1969. p.222): “...e para que ser poeta em tempos de indigência?”⁵²¹ Outra questão também preponderante é: qual a tarefa dos poetas em tempos de ausência do divino? Vimos que o mito em sua essência anuncia o poético. Entretanto, na época da técnica da

⁵¹⁷ “Krónos”, termo grego que se refere ao tempo mensurado, cronológico.

⁵¹⁸ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.59.

⁵¹⁹ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.62.

⁵²⁰ “Kairós”, termo grego que se refere ao tempo supremo, tempo oportuno e inaugural.

⁵²¹ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2.ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.222, tradução nossa.

moderna, há o irromper ainda do mito em sua essência? O mito em sua essência está presente em tempos de indigência? Ou devido a “morte de deus” e com a ausência do divino o mito se encontraria velado?

O que o mito inaugura na história através do narrar inaugural dos deuses permanece, no entanto, pode estar em velamento. Por isso mesmo, a tarefa do poeta mediante a sua poesia é também anunciar o poético para a história de um povo.

O poetar em diálogo com o pensar anuncia o modo originário do “Dasein”: habitar poético na unidade da quadratura. Seguindo os rastros do caminho ontológico de Heidegger, vemos que se enfatiza a preponderância da interface entre o pensar e o poetar. Por essa razão, através do mito, podemos pensar em Heidegger acerca da própria dimensão do poético. E como vimos no escrito “O que significa pensar?” o mito em sua essência faz parte do poético⁵²², visto que a relação do pensar com a “poesia”, após a virada, instituída na tarefa do pensamento de Heidegger, refere-se ao diálogo originário do pensar com toda a dimensão da “Poesia” (*Dichtung*), o que inclui, assim, o mito em cantos e narrativas. Dessa maneira, é pela essenciação da verdade do “ser” por meio do qual o mito também se faz surgir. Ela se inaugura historicamente em abertura na existência, especialmente, com o questionar pela origem no “Dasein”.

Nesse sentido, o diálogo entre a filosofia e o poético é anunciado no pensamento de Heidegger, especificamente, depois do seu voltar para a questão da essência. Se inauguram na história questões primordiais do pensamento seja pelo poético, que faz emergir o mito, como pela filosofia. Um abismo provavelmente os distancia, no entanto, aquilo que os unifica é a pergunta primordial do “ser”: aquilo que toca ultimamente na história e se institui no questionar essencial da linguagem e do tempo, visto que o “Dasein” é essencialmente tempo e ser de linguagem.

⁵²² Cf. HEIDEGGER, Martin. *Qué significa pensar?*. Traducción de Raúl Gabás. Madrid: Editorial Trotta, S.A, 2005.

Nesse sentido, assinala Heidegger:

Mas pelo fato de a poesia, em comparação com o pensamento, estar de modo bem diverso e privilegiado a serviço da linguagem, nosso encontro que medita sobre a filosofia é necessariamente levado a discutir a relação entre pensar e poetar. Entre ambos, pensar e poetar, impera um oculto parentesco porque ambos, a serviço da linguagem, intervêm por ela e por ela se sacrificam.⁵²³

Para compreendermos melhor essa passagem, faz-se necessário pensarmos que o filósofo alemão destaca a tarefa do pensamento, convocando o povo alemão para um novo começo no pensamento ocidental. A tarefa do pensamento é instaurada pela filosofia de Heidegger, como uma convocação para um novo começo no pensamento ocidental, instituindo um "outro pensar"⁵²⁴. Um novo pensar é um pensar que se aproxima da "Poesia", a fim de se pôr a escutar o apelo do "ser". Isso constitui uma ruptura em face da metafísica tradicional, que pensa o ente enquanto o ente, e não pergunta pelo "ser". Tal ruptura no pensamento de Heidegger é demonstrada como o salto originário para a verdade do "ser", através da perspectiva de superação da metafísica. Mas, como é possível a superação da metafísica tradicional?

No ensaio "A superação da metafísica", Heidegger explicita que tal ultrapassagem dá-se através do pensar a essência da verdade, que permanece velada na história da metafísica tradicional, presa ao esquecimento do "ser", que não pergunta pela essência. Visto que, a metafísica tradicional se estabelece na relação sujeito-objeto. Afirma Heidegger:

À medida que se pensa a entidade dos entes enquanto a vigência *para* a re-presentação asseguradora. Entidade é agora objetividade. A questão da objetividade, da possibilidade de oposição (a saber, do re-presentar que

⁵²³ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.40.

⁵²⁴ Indicamos a obra: HEIDEGGER, Martin. *Qué significa pensar?*. Traducción de Raúl Gabás. Madrid: Editorial Trotta, S.A, 2005.

assegura e calcula) é a questão da possibilidade de conhecer.⁵²⁵

Nessa perspectiva, a superação da metafísica dá-se mediante um novo pensamento em sua relação primordial com a “Poesia” (*Dichtung*). Nessa perspectiva, a superação da metafísica acontece no caminho hermenêutico-fenomenológico daquilo que denominamos “perspectiva ontológica poética” em Heidegger. Tal perspectiva indica, por um lado, uma ruptura de Heidegger com a exclusividade da ontologia fundamental apresentada em “Ser e Tempo”. Trata-se, pois do caminhar ontológico de Heidegger voltar-se para o poético sob uma perspectiva ontológica poética que irrompe no cenário de virada em seu pensar. Por outro lado, esta perspectiva ontológica poética anuncia uma perspectiva de “unidade na diferença”, pois, instaura uma relação fundamental entre o pensamento e a “Poesia” (*Dichtung*). Conclamando, sobretudo, a proximidade entre o pensamento e o poético. É nesse viés que o outro pensar se institui como a tarefa de superação da metafísica.

Nesse sentido, a “Poesia” (*Dichtung*) no horizonte da questão do “ser” constitui o princípio para a superação da metafísica, consagrando-se numa perspectiva de ontológica poética em Heidegger. Desse modo, a questão do “ser” é uma questão poética. Como vimos, esta compreensão se demonstra em Heidegger, especificamente, após a virada.

Nessa perspectiva, afirma Heidegger, “(...) desde Aristóteles a tarefa da Filosofia como metafísica é pensar o ente como tal ontoteologicamente”.⁵²⁶ Mas, a partir do pensar ontológico de Heidegger, se busca pensar a questão do “ser” através do poético. E como vimos, isto inclui, o mito em sua essência poética. Por isso, é importante mencionarmos

⁵²⁵ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.64.

⁵²⁶ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.105.

que Heidegger pensa o “ser” também através de poemas, poesias gregas e tragédias.

É importante pensarmos ainda na questão de que a essência do “Dasein” é fundada pela palavra originária do “ser”. Heidegger, sob a inspiração da poesia essencial de Hölderlin, compreende que a palavra em sua essência vem ao encontro dos mortais enquanto linguagem. Por isso, ao mortal é dada a nomeação de “ser-para-o-diálogo”. Desse modo, especialmente, tendo como ponto de partida o escrito “Hölderlin e a essência da poesia”, podemos enfatizar que a noção de “poesia” (*Poesie*), o poético em sentido restrito, irrompe de modo mais essencial do que qualquer outra arte, consagrando-se na história mediante a palavra em sua essência. Por ser uma obra de linguagem, de modo inaugural, anuncia a palavra poética originária como o lugar privilegiado da vigência do “ser”.

Nessa perspectiva, a poesia é originariamente constituída de palavra. A palavra anuncia a própria constituição ontológica do “Dasein”. O “Dasein” é primordialmente “palavra-em-diálogo”, segundo Heidegger considera tendo como ponto de partida a terceira sentença-guia do poema de Hölderlin. Enquanto “palavra-em-diálogo”, o “Dasein” é o ente privilegiado que instaura a questão do “ser” mediante a linguagem. Entretanto, no tempo de indigência o “Dasein” tem a lembrança da questão primordial? Pensando nessa questão-guia, destacamos que o pensador do “ser” ressalta que os criadores – poetas e pensadores – através de sua vocação poética são os instauradores da lembrança da pergunta pela verdade do “ser” em face do tempo de indigência. Aos criadores, então, é imposto a tarefa de pôr o fundamento do permanente. Noutras palavras, aos criadores cabe instaurar de modo permanente a pergunta pela verdade do “ser”.

Por conseguinte, a pergunta: como se dá o “ser”? Revela-se também como a questão fundadora da questão: por que o “Dasein” é um “ser-para-o-diálogo”? Tal questão prévia acaba por alcançar o “status” de questão primordial da história, visto que o “Dasein” não é nunca sem o “ser”. Desse

modo, o “Dasein” é em sua diferença ontológica originária com o “ser”. Sendo ele um ente privilegiado, somente no “Dasein” pode irromper a decisão para estar na proximidade do “ser”. E isso acontece mediante a fundação da palavra na história. É dessa forma, que o “Dasein” nomeia os entes e anuncia, assim, a dimensão poética da existência. Com isso, podemos refletir, que o mito em sua essência, revelado nos cantos e narrativas poéticas, é “poiesis”. A ação do “Dasein” na história, que, especialmente, anuncia o horizonte poético de um povo. É, por isso, “poiesis”, pois é como um despertar de decisões na história de um povo. Se indica o próprio caráter ontológico da existência histórica.

Conforme destaca o filósofo:

Somos um diálogo, e isto quer dizer: podemos nos ouvir uns aos outros. Somos um diálogo significa sempre igualmente que somos *um* diálogo. Porém, a unidade deste diálogo consiste, por outra parte, em que na Palavra essencial se faz patente o um e o mesmo pelo que nos reunimos, em razão do qual somos um e propriamente nós mesmos. O diálogo e sua unidade são portadores de nossa *existência (Dasein)*.⁵²⁷

Entendemos que, o pensador do “ser” elucida que a essência da palavra, isto é, a linguagem em sua essência poética, aponta para a unidade originária da quadratura: céu, terra, deuses e mortais. Nessa perspectiva, mediante a quadratura se constitui a unidade do tempo: passado, presente e futuro e, também a própria unidade originária na história. Como vimos, já que em “Ser em Tempo”, Heidegger anunciara que o “Dasein” é temporalidade, sendo assim um ser histórico, a partir da década de 30, especialmente, no escrito “Hölderlin e a essência da Poesia”, o filósofo instaura a questão do “Dasein” a partir da palavra em sua essência. Com isso, ele visa ressaltar a co-pertença originária entre o ser-para-a-palavra e a dimensão histórica na existência poética. Assim, ser-para-a-palavra e a

⁵²⁷ HEIDEGGER, Martin. “Hölderlin y la esencia de la poesia”. In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. p.134, tradução nossa.

dimensão histórica se demonstram num viés de interdependência no “Dasein”.

Tendo como ponto de partida a temporalidade e a linguagem em sua essência que o “Dasein” convoca os deuses e recebe dos deuses no nomear, como por exemplo, o que se inaugura na linguagem poética também presente no mito. Conforme assinala Heidegger: “desde que a fala aconteceu propriamente como diálogo, veio aos deuses a palavra e apareceu um mundo”.⁵²⁸

Dessa maneira, o narrar inaugural dos deuses faz emergir o mito, instituindo um mundo. Faz desvelar um mundo. O aparecer do divino, o irromper de mundo e o desvelamento da linguagem em sua essência, estão em Heidegger correlacionados. No escrito “Construir, habitar e pensar”, Heidegger destaca: “os deuses são os mensageiros que acenam a divindade. Do domínio sagrado desses manifesta-se o Deus em sua atualidade ou se retrai em sua dissimulação”.⁵²⁹

Vale mencionarmos, aqui, a compreensão de Benedito Nunes:

(...) a nomeação do poeta alcança o que excede a compreensão do ser, em torno do qual o pensador gravita, e o que excede é o sagrado (matéria dos mitos, mais primitivo do que o divino, que é uma coisa que une os deuses, imortais), o indizível, que é estranho ao pensamento.⁵³⁰

Por isso, para se compreender as questões fundamentais da filosofia que se abrem no horizonte da questão primordial do “ser” é necessário o voltar para a “Poesia” (*Dichtung*), para a essência da linguagem. E isto a filosofia o faz quando instaura o diálogo entre o poético e o pensamento na

⁵²⁸ HEIDEGGER, Martin. “Hölderlin y la esencia de la poesia”. In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. pp.135-136, tradução nossa.

⁵²⁹ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.129.

⁵³⁰ NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p.125.

existência. É, desse modo, a partir de tal diálogo entre a “Poesia” e o pensamento que a questão do “ser” é colocada de modo inaugural na filosofia. Nesse sentido, Heidegger elucida que:

(...) sem uma suficiente reflexão sobre a linguagem, jamais sabemos verdadeiramente o que é a filosofia como a correspondência (...), o que ela é como uma privilegiada maneira de dizer.⁵³¹

Em “Hino de Hölderlin ‘O Istro’” (1942), Heidegger aclara uma relevante reflexão acerca do mito na dimensão da “Poesia” e pensamento, especificamente, no que concerne a segunda parte intitulada, “a interpretação grega do homem na Antígona de Sófocles”, afirma o filósofo: “que a mitologia é o ‘processo’ histórico, no qual o próprio ser poético vem para aparição, então o pensamento no sentido do pensamento essencial está em uma relação original com a poesia”.⁵³² Com base nisso, podemos então, afirmar que Heidegger dá ênfase a ao modo de ser originário do mito que emana essencialmente do poético. Por sua vez, o pensamento não poderia ser delimitado no âmbito da desmitologização, de acordo com o viés de separação entre o “lógos” traduzido por “ratio” e o mito na história do pensamento ocidental, especialmente, no que concerne ao iluminismo. Assim, separar o pensamento do poético e do mito seria, segundo Heidegger, se distanciar do modo de ser originário do pensamento.

Com isso, a partir do caminhar de Heidegger, buscamos elucidar neste tópico, sobretudo, que a reflexão acerca da essência da palavra, e a reflexão da relação da “Poesia” e do pensamento também requer uma meditação sobre a essência da linguagem no mito. Nesse sentido, demonstramos que a própria essência da arte pode ser refletida a partir da consideração da essência da linguagem no mito, já que o mito é um dos modos de ser em que se encontra numa relação originária com o poético.

Tal relação originária com o poético somente surge mediante o

⁵³¹ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.40.

⁵³² HEIDEGGER, Martin. *Hölderlins Hymne >Der Ister<*. 2. Auflage, Band 53, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann GmbH, 1993. p.139, tradução nossa.

desvelamento da verdade. Retomando ao escrito “A origem da obra de arte” (1935-1936) podemos refletir sobre a relação entre o poético e a verdade, como mencionamos algumas considerações no capítulo dois. Nesse contexto, o filósofo pergunta pela questão da verdade tendo em vista a essência da obra de arte. De um modo diferente da estética, segundo a perspectiva estética tradicional “forma-conteúdo”, Heidegger busca dar ênfase ao acontecimento poético da verdade na obra. Assim, pensando numa relação entre a obra e a linguagem poética presente no mito, destacamos a compreensão de Heidegger:

A obra arquitetônica, um templo grego, não copia nada. Ele se ergue simplesmente aí em meio às rochas escarpadas do vale. A obra arquitetônica envolve a figura do deus e neste velamento a deixa projetar-se no âmbito do recinto sagrado através do pórtico aberto. Graças ao templo o deus se faz presente no templo. Esta presença do deus é em-si o alargamento e a trans-de-limitação do recinto como um recinto sagrado.⁵³³

É importante mencionarmos que o poético presente também na obra remete à quadratura, dando ênfase ao sagrado. Com isso, conforme destacaremos, mais adiante, a questão do mito, em Heidegger, pode ser apresentada em contraposição à época da técnica em que ocorre a devastação da terra. Heidegger destaca:

A devastação da terra começa como processo voluntário, mas que, em sua essência, não é e nem pode ser sabido. Começa no momento em que a essência da verdade se circunscreve como certeza na qual a re-presentation e a produção humanas asseguram-se de si mesmas.⁵³⁴

⁵³³ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. pp.101-103.

⁵³⁴ HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.86.

Como exemplo fundamental, em contraposição à devastação da terra, destaca-se o templo grego como um exemplo de essenciação poética da verdade do “ser” na obra de arte como disputa entre mundo e terra em sua relação com um povo histórico. A relação entre o mundo e a terra confere, então, sentido para a obra de arte que anuncia a decisão de um povo histórico. Nesse sentido, a obra de arte instaura a terra sob uma perspectiva primordial de unidade com a totalidade dos entes. A terra é livre em seu “deixar-ser” na essência da obra de arte. Afirma Heidegger: “é a poesia que traz o homem para a terra, para ela, e assim o traz para um habitar”.⁵³⁵

3.3. Mito e verdade

O que se inaugura no pensamento a partir da obra “Sobre a essência da verdade” é a essência da questão presente na tarefa do pensar. No escrito “As questões fundamentais da filosofia”, Heidegger instaura que há a preponderância de se recolocar a questão sobre a essência da verdade mediante o pensar o princípio da história da verdade como o salto prévio para o futuro⁵³⁶, que é preparado pelos poetas fundadores e pensadores fundamentais. Quando o pensador do “ser” se volta para pensar a essência na dimensão dialogal do pensamento e da poesia, a relevância da essência do mito é posta em diálogo. Ao refletirmos sobre a dimensão do pensamento de Heidegger, destacamos que a essência do mito é instaurada em diálogo com a “Poesia” (*Dichtung*). Com a aclaração de que a essenciação poética da verdade do “ser” dá-se na linguagem poética, compreendemos que ela dá-se no mito em sua essência, visto que o mito é essencialmente poético.

⁵³⁵ HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.169.

⁵³⁶ Cf. HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia*: (“problemas” seletos da “lógica”). Tradução Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

O pensador do “ser” segue o caminho de pensamento sobre a essenciação poética da verdade do “ser” em investigações ontológicas e poéticas relevantes de poesias – tais como a de Sófocles e de Hölderlin – que expõem um diálogo originário com o mito. Nesse sentido, temos, por exemplo, os hinos “Germânia” e “Reno”, o poema “Grécia” de Hölderlin, bem como, o mito de “Antígona” e “Édipo Rei” de Sófocles. É neste contexto em que se observa que a obra “Que significa pensar?”, especialmente anuncia o mito na dimensão do poético. Assim, nesse momento, buscaremos tratar sobre a questão do mito através da pergunta fundamental acerca da essência da verdade.

Iniciamos este tópico com a seguinte questão: na narrativa mítica há a questão verdade? A partir desta questão destacamos uma pergunta primordial feita por Heidegger no escrito “A origem da obra de arte”: “(...) que é a verdade e como a verdade pode acontecer?”.⁵³⁷ Enfatizamos que a verdade acontece na linguagem em sua essência poética. Nesse sentido, entendemos que o mito anuncia o dito poético. Ele é em sua essência poético. No entanto, pode haver um velamento e um desvelamento de tal essência na experiência originária do mito. Tal velamento e desvelamento é a instauração da verdade (*alétheia*). Nessa perspectiva, é mediante a linguagem poética que se institui a verdade no próprio mito.

O mito mesmo se desenvolve nesse velar e desvelar constante, que anuncia o sagrado e a finitude da existência. Nesse sentido, afirma o pensador Benedito Nunes:

Heidegger concebe a verdade como advento. É um acontecer, um fazer-se temporal, cujas figuras mundanas variam. Ato fundador de um Estado algumas vezes, descoberta do sagrado, através da experiência religiosa do sacrifício levada às suas consequências extremas (...).⁵³⁸

⁵³⁷ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.101.

⁵³⁸ NUNES, Benedito. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: editora perspectiva S.A., 1969. p.55.

Não há no mito em seu modo de ser originário, uma verdade enquanto adequação entre o sujeito e objeto. Mesmo, em mitos modernos, a verdade estaria ali presente, no entanto, em seu modo de ser de velamento. Assim, o mito apresenta modos de ser: o modo de ser do velamento e o modo de ser do desvelamento.

A fuga dos deuses e o tempo da indigência seria, nesse sentido, o processo de desmitologização ou dessacralização e, concomitantemente, distanciamento do poético, pelo qual o mundo ocidental passou? Nessa perspectiva, a arte não se desvelaria mais em sua essência, pois o homem não habita mais em unidade com o céu, a terra, os deuses e mortais? Pensemos nessas questões.

Isso remete a questão da arte e do tempo, e sobretudo, a questão da verdade do "ser". Nos voltemos agora, para análise, da questão da verdade do "ser". Considerando que os escritos de Heidegger não são simplesmente obras, mas caminhos na dimensão da filosofia do pensador alemão, o autor procura pensar fundamentalmente, e elege os pré-socráticos como pensadores originários do "ser" no horizonte da filosofia. Por isso, veremos ao percorrer os seus caminhos na sua trajetória filosófica, constantemente, referências ao pensar fundamental dos pré-socráticos e o aspecto poético presente no pensamento nos mesmos.

Como, por exemplo, o seu escrito "Parmênides". Nesse escrito, Heidegger apresenta uma exposição extensa sobre a questão da verdade e destaca o poema doutrinário de Parmênides que anuncia a questão da "alétheia" (verdade). Heidegger elege Parmênides entre os outros pré-socráticos para pensar a verdade do "ser", bem como, para instituir a questão central: pensamento e "ser". A referência a Parmênides alcança sentido na dimensão da filosofia de Heidegger, porque, especialmente em Parmênides apresenta-se a interface entre pensar e "ser".

Em Parmênides, segundo Heidegger, encontra-se o pensar sobre a verdade de modo originário. Nesse momento, podemos reconhecer o

caráter de destruição presente na filosofia de Heidegger, que se volta aos pré-socráticos, nesse caso, Parmênides⁵³⁹, para pensar a verdade de um modo diferente da metafísica tradicional. Assim sendo, pensar a verdade em sua essência é instaurar a questão do “ser” em toda a sua proveniência fundamental.

É o que constitui o passo de volta, enquanto regresso (*Rückgang*) na filosofia de Heidegger, pois ele se volta para os pensadores do “ser” mediante o passo essencial. Segundo o autor, esse caminhar

(...) determina o caráter de nosso diálogo com a história do pensamento ocidental (...) o pensamento recua diante de seu objeto, o ser, e põe o que foi assim pensado num confronto (...).⁵⁴⁰

A exigência filosófica de Heidegger é totalmente outra, quando este realiza o passo de volta, pois Heidegger para instituir a questão da verdade do “ser”, de modo originário, precisa, para tanto, empreender uma destruição de pressupostos da história da filosofia, incluindo, a metafísica tradicional. A grande questão, nessa perspectiva, é que a questão do “ser” foi esquecida pela metafísica tradicional.

Por isso, como Heidegger diz: “o passo de volta, portanto, se movimenta para fora da metafísica e para dentro da essência da metafísica”.⁵⁴¹ O filósofo alemão caminha em círculo, realiza esse caminho hermenêutico circular em sua filosofia, que “volta para a essência das coisas” e instaura perguntas essenciais. Nessa perspectiva, no seu escrito “Parmênides”, Heidegger expõe o poema de Parmênides “Acerca da natureza”, que se divide em duas questões importantes: a doutrina da

⁵³⁹ Em Parmênides encontra-se de modo inaugural para Heidegger a questão da unidade essencial entre “pensar” e “ser”. A partir disso, a verdade em Heidegger pode ser compreendida também no âmbito da relação fundamental entre o pensamento, “Poesia” e “ser”.

⁵⁴⁰ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.189.

⁵⁴¹ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.190.

verdade (*alétheia*) e a doutrina da opinião (*doxa*). Verificamos que o poema doutrinário de Parmênides, pode ser também reconhecido como poético, embora seja doutrinário: “as palavras de Parmênides têm forma linguística de versos (...). Elas se apresentam como um ‘poema’ (...) fala-se de um ‘poema doutrinário’ de Parmênides”.⁵⁴²

Entendemos que Heidegger apresenta o poema doutrinário de Parmênides tendo como ponto de partida uma perspectiva ontológica. O filósofo procura instituir a tarefa do pensamento de pensar a verdade do “ser” por meio do poético. Vamos, nesse momento, pensar em diálogo com Heidegger o poema de Parmênides. Observemos um trecho dos versos 22-32 (Parmênides *apud* Heidegger, 2008, pp.17-18):

E a deusa me acolheu com simpatia; ela tomou minha mão direita na sua; então, ela falou a palavra e se dirigiu para mim neste modo: “Ó homem, companheiro de imortais condutoras de carro, que te conduzem, com os cavalos, alcançando nossa morada. Bênção (é) contigo! Pois não um destino ruim te enviou a trilhares este caminho de nenhuma maneira uma moira ruim te enviou a trilhares este caminho – pois, em verdade, ele para além dos homens, fora de sua senda (muito abatida) –, mas, sim, tanto estatuo como também ordem. Mas é necessário que experimentes tudo, tanto o coração intrépido do desencobrimento bem abrangente, como também o aparecer na sua aparência para os mortais, onde não mora confiança no desencoberto. Porém, também isto haverás de apreender a conhecer como o que aparece (...).⁵⁴³

Meditando no poema doutrinário de Parmênides, temos a questão: podemos pensar o “ser” também através do mito da deusa da verdade? O caminho originário que Heidegger segue nesse escrito com a exposição desse poema refere-se a questão da delimitação do “ser”. Com isso, se destaca a pergunta: como se dá o ser? Essa questão indica a interface “ser”

⁵⁴² HEIDEGGER, Martin. *Parmênides*. Tradução Sérgio Mário Wrublevski; revisão da tradução, Renato Kirchner, Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. p.15.

⁵⁴³ HEIDEGGER, Martin. *Parmênides*. Tradução Sérgio Mário Wrublevski; revisão da tradução, Renato Kirchner, Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. pp.17-18.

e “aparência” presente no poema doutrinário de Parmênides. Tal questão é essencialmente histórica, isto é, está incluída na história do “ser”, pois seja qual for o tempo, o acontecimento do “ser” encontra-se na história. Como bem afirma Heidegger: “História é o essenciar-se da verdade do ser [Seyn]”.⁵⁴⁴ Com isso, ao nos voltarmos para exposições míticas presentes em poesias e tragédias gregas citadas por Heidegger ao longo de sua obra, queremos ressaltar que, embora o filósofo não nos conceda uma análise aprofundada de mito, e isto não constitua uma preocupação primordial para ele, o mito pode ser considerado a partir de seu pensamento. Haja vista que, o mito é essencialmente poético e ao citar poesias e tragédias gregas em sua obra, certamente, Heidegger reconhece tal caráter poético e a essência da linguagem que há no mito.

Visto que, segundo Heidegger: “o caminho é um caminho de pensamento. Todos os caminhos de pensamento, mais ou menos perceptíveis, passam de modo incomum pela linguagem”.⁵⁴⁵ Com esta afirmação, entendemos que o caminho que percorre o pensar sobre o mito, especialmente, conforme vimos em “Que significa pensar?”, é um caminho em diálogo com o poético.

Pensemos, então, um pouco mais, sobre o poema doutrinário de Parmênides. Podemos destacar o seguinte:

aqui abre-se uma nova perspectiva sobre a essência da verdade, que é própria de uma tal poesia e, por conseguinte, sobre a essência da linguagem poética originariamente instauradora.⁵⁴⁶

O poema destaca, especialmente, a vigência da natureza (*physis*). A “*physis*” constitui um aspecto originário da existência grega. É na vigência

⁵⁴⁴ HEIDEGGER, Martin. *La historia del ser*. Traducción. Dina V. Picotti C. Buenos Aires: El Hilo de Ariadna: Biblioteca Internacional Martin Heidegger, 2011. p.123, tradução nossa.

⁵⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: *scientiae studia*, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.375.

⁵⁴⁶ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.115.

da natureza que os deuses são anunciados e fazem-se presentes em face dos mortais. No entanto, ela se mostra de um modo ambivalente na existência grega, ela é, concomitantemente, velamento e desvelamento. O caráter ambivalente da vigência da natureza indica a interface do “ser” e velamento presente na existência grega. Quando Heidegger refere-se, por exemplo, a “terra-pátria” em seu escrito “Hinos de Hölderlin”, ele aponta para a compreensão poética da natureza. Segundo Heidegger: “(...) o sentido metafísico da natureza (...) de acordo com o poder de nomeação inicial da palavra, é já uma interpretação essencial do ser”.⁵⁴⁷

Fazendo emergir um apelo do “ser”, o velamento da natureza, convoca o “Dasein” para uma decisão, a decisão de escutar o apelo do “ser”, seja em seu velamento ou desvelamento. A existência grega explicita isso com excelência, pois a natureza é a própria manifestação do “ser”.

Assim sendo, para Heidegger, o poema de Parmênides, “foi o primeiro a meditar sobre o ser do ente”.⁵⁴⁸ O apelo da verdade do “ser” anuncia a a própria diferença ontológica entre o “ser” e o ente, constituindo-se como um destino na história do “ser”. É pela própria existência que se instaura a diferença ontológica como convocação para o habitar poético da quadratura: céu, terra, deuses e mortais. Em que há uma unidade em meio a diferença ontológica, pois ali mesmo, na quadratura, o “ser” faz morada.

Compreendemos, sobretudo, que o poema doutrinário de Parmênides destaca a “alétheia”, anunciando o acontecimento do “ser” de modo primordial na história. Há na configuração do poema a relação central entre o “ser” e a verdade a partir da ilustração da deusa “verdade”, que convoca o homem para uma decisão de escutar o apelo do “ser”. E que também anuncia a própria essência do homem, como um ser que pode viver na essência ou deixar a sua essência velada.

⁵⁴⁷ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.185.

⁵⁴⁸ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p.104.

3.4. Inessência e essência

Em “Inessência e essência” procuramos apresentar o sentido da “poiesis” e o seu modo de acontecimento no tempo de indigência. Em primeiro lugar, procuraremos dialogar com o escrito “A questão da técnica”, instaurando a pergunta fundamental: como acontece a arte na época da técnica? Para refletirmos sobre essa questão, precisamos nos voltar para a relação da técnica com a linguagem. Nesse contexto, irrompe a questão da essência da técnica moderna. Conforme verificamos na filosofia de Heidegger, a técnica moderna se apresenta na história, especialmente, no contexto daquilo que Heidegger refere-se como tempo de indigência.

O filósofo reflete sobre a época da técnica moderna em sua relação com o tempo de indigência. A questão fundamental acerca do tempo de indigência é apresentada por Heidegger, de modo especial, em seu escrito “Para que poetas?”, considerando a poesia de Hölderlin, em especial, a elegia “Pão e vinho”. Nesta elegia, Hölderlin destaca o advento do tempo de indigência na história e a sua relação com a fuga dos deuses. Por isso, traremos para o diálogo, neste tópico, trechos do poema de Hölderlin, assim como, enfatizaremos as características principais do escrito “Para que poetas?” de Heidegger, especialmente algumas características de sua reflexão sobre a poesia de Rilke em “Elegias do Duíno” e “Sonetos a Orfeu”.

Buscamos meditar sobre o significado de “poiesis” e tempo de indigência, pensando fundamentalmente na relação entre a arte e a técnica no horizonte do habitar do homem. Nesse sentido, finalmente, questionamos: a arte desvela-se poeticamente na época da técnica moderna ou a arte acontece de modo velado?

3.4.1. "Poiesis", "techné" e tempo de indigência

A obra "A questão da técnica" (1959) também apresenta o pensar acerca do sentido da "poiesis"⁵⁴⁹ em sua relação fundamental com a história do "ser". No decorrer da história do "ser", a "poiesis" demonstrou-se em significados diversos. Em face disso, instauramos a questão fundamental: qual o sentido do produzir em tempo de indigência? Em sua filosofia, Heidegger enfatiza que o tempo de indigência é também um acontecimento histórico relacionado, especialmente ao acontecimento do esquecimento do "ser".

Nesse contexto, é importante destacarmos que o filósofo se aproxima da elegia "Pão e vinho" de Hölderlin para refletir sobre a dimensão do poético no tempo, especialmente acerca da interface "Poesia" (*Dichtung*) e tempo de indigência. O filósofo inicia o texto com a questão primordial presente na elegia "Pão e vinho" de Hölderlin (Hölderlin *apud* Heidegger, 1969, p.222): "...e para que ser poeta em tempos de indigência?".⁵⁵⁰ Em face dessa questão importante, Heidegger enfatiza que a palavra "tempo" no verso se refere a "época" que nós pertencemos, definida pelo filósofo como época da técnica. Nesse sentido, a expressão tempo de indigência se refere, de modo especial, a fuga dos deuses no contexto poético de Hölderlin. Para Heidegger: "com a aparição e holocausto de Cristo se inicia para a experiência histórica de Hölderlin o fim do dia dos deuses".⁵⁵¹

Isto está determinado pela fuga dos deuses, ou melhor dizendo pela "falta de Deus". A ausência do divino indica a presença da "noite do mundo". Assim, o tempo de indigência é também a "época da noite do mundo", porque com a escuridão da noite é cada vez maior a indigência. Conforme

⁵⁴⁹ Termo grego que se refere à ação, produzir. Em Heidegger "Poiesis" está também relacionado à própria "Dichtung" (termo alemão para "Poesia", em sentido lato).

⁵⁵⁰ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.222, tradução nossa.

⁵⁵¹ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.222, tradução nossa.

assinala Heidegger: “a indigência tem já chegado ao extremo que nem sequer essa época é capaz de sentir que a falta de Deus é uma falta”.⁵⁵² Entendemos que a indigência tem chegado ao extremo na época da técnica, onde a falta de Deus não constitui uma falta. A ausência do divino não constitui uma falta para o homem. Nesse sentido, o tempo de indigência não é sequer sentido como indigência.

O tempo da indigência é caracterizado de modo ainda mais primordial pelo velamento da quadratura, e nesse sentido o próprio velamento do habitar poético. Nessa perspectiva, considera Heidegger em “Para qué ser poeta?”:

a falta de Deus significa que já não há um deus que de modo patente e inequívoco reúna em si os homens e as coisas e mediante essa reunião harmônica a história do mundo e a morada do homem nele.⁵⁵³

Com isso, o aparecimento do tempo de indigência dá-se no contexto do “niilismo”⁵⁵⁴ na época da técnica⁵⁵⁵. Assim, enfatizamos que no tempo de indigência há um velamento do sentido originário da “poiesis”. É importante destacarmos, nesse momento, que em “A origem da obra de arte”, Heidegger enfatiza a dimensão da “poiesis” com a arte e a verdade. Para o filósofo, como vimos, a essenciação poética da verdade do “ser” se desvela na arte. A grande arte acontece poeticamente na história do “ser” enquanto um produzir em seu sentido originário. Já no escrito “A questão da técnica”, Heidegger nos apresenta a relação dos modos de ser da

⁵⁵² HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.222, tradução nossa.

⁵⁵³ HEIDEGGER, Martin. “Para qué ser poeta?”. In: HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.222, tradução nossa.

⁵⁵⁴ Compreendemos que esteja relacionado a tradição metafísica, ao esquecimento do “ser”.

⁵⁵⁵ Quando nos referimos no texto à “época da técnica” estamos indicando o contexto da modernidade e da época da ciência, segundo o pensamento de Heidegger.

“poiesis” com os significados da “techné”⁵⁵⁶ ao longo da história da metafísica ocidental.

Pensemos um pouco mais, ao longo texto, acerca do sentido destes termos: “poiesis” e “techné”. A “techné” na época da técnica moderna não é o desvelamento da “poiesis” em sua essência, mas, se caracteriza como o velamento do sentido originário da “poiesis”. Isto se dá porque a “techné” da época da técnica é o produzir no sentido do pensamento calculador. Em contrapartida, o sentido da “techné” enquanto um produzir de modo originário se dá, de maneira especial, na aurora da antiguidade grega, segundo Heidegger.

A “techné” na Grécia antiga indica, sobretudo, um modo de saber. Não um saber de domínio dos entes, mas, de reconhecer as coisas que estão presentes enquanto tal. Desse modo, o saber da “techné” em seu sentido originário aponta para o desvelamento dos seres em sua essência. Em “Construir, habitar, pensar”, Heidegger destaca que “os gregos pensam a *tékhne* (...), o produzir, a partir do deixar-aparecer”.⁵⁵⁷ Por outro lado, como mencionamos, Heidegger também enfatiza a questão do “produzir” na modernidade. É na modernidade que se verifica, de modo especial, uma reinterpretação da “poiesis” como “techné” enquanto domínio dos entes.

Essa reinterpretação do produzir como técnica, no sentido de domínio dos entes na natureza, está diretamente relacionada a interpretação da linguagem. Nisso se verifica o problema do velamento e desvelamento da essência da linguagem que é refletido por Heidegger, especialmente, em seu escrito “A caminho da linguagem” (1959). Com base nisso, refletimos que o filósofo considera que há o modo de ser da linguagem em sua essência poética e o modo de ser da linguagem instrumental, este último pode ser encontrado de modo especial na época da técnica. Pensemos um

⁵⁵⁶ “Techné” é um termo grego que vem a indicar saber, bem como, conhecimento.

⁵⁵⁷ HEIDEGGER, Martin. “Construir, habitar, pensar”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p.139.

pouco mais sobre essa relação da técnica moderna com os modos de ser da linguagem, especialmente, no que concerne ao horizonte do advento do esquecimento do "ser".

O caminho que reflete a questão do "ser" é caracterizado enquanto um caminho de pensamento na filosofia de Heidegger. Tal caminho de pensamento tem como uma de suas características fundamentais o caráter meditativo do pensar. Este outro pensar em Heidegger, como vimos no capítulo dois, instaura as questões fundamentais da filosofia de um modo novo. É um pensar meditativo que pensa a questão mais importante da filosofia: a questão do "ser" a partir da questão da linguagem. Nesse sentido, todas as questões fundamentais da filosofia devem, de modo especial, para Heidegger, passar pela questão da linguagem em toda a sua dimensão. Por essa razão, Heidegger pensa a questão do esquecimento do "ser" também a partir da questão da linguagem na época da técnica.

A interpretação da "techné" como domínio é um problema da linguagem, refere-se à transformação da linguagem ao longo da história da metafísica. Visto que interpretando o produzir no âmbito do domínio, não há a experiência do ser dos entes de modo originário. Nisso o fundamento ontológico do ôntico é esquecido, mas para além disso, a pergunta pela verdade do "ser". Nesse sentido, o que caracteriza a ciência e a época da técnica é justamente o primado do ôntico, desprovido de toda a consideração ontológica dos entes de modo primordial.

É importante destacarmos aqui, que o esquecimento do "ser" acontece também como esquecimento do "ser-obra" da obra de arte. Tal esquecimento ou velamento do sentido originário da obra de arte aparece, especialmente, na modernidade, porque é na modernidade ou "época da técnica" em que a arte surge no contexto da linguagem instrumental da técnica moderna. Nesse sentido, em "Die Zeit des Weltbildes" (A época da imagem do mundo, 1938), Heidegger fala sobre o advento da modernidade e da técnica moderna em sua relação com a questão da arte que manifesta:

"a arte na esfera visual da estética (...)"⁵⁵⁸ Desse modo, a arte se apresenta na perspectiva metafísica da estética, que não considera a essência da arte, conforme Heidegger aclarou no escrito "A origem da obra de arte" (1935-1936).

Quando Heidegger se volta para a questão da técnica, necessariamente, o seu caminho de pensamento instaura a questão da essência poética da linguagem. É a partir da linguagem e seus modos de ser, que podemos compreender o sentido do produzir na época da técnica. O filósofo, pergunta, então, pela essência da técnica tendo como fundamento a questão da essência da linguagem. Nesse contexto da essência da linguagem, é importante destacarmos que, com o pensar meditativo sobre a arte, Heidegger considera a abertura da existência para a essência da arte. Isto acontece mediante o habitar poético. Somente mediante o habitar poético (o habitar na unidade da quadratura: terra, céu, divinos e mortais), que o "Dasein" se abre para essência da arte: "Poesia" (*Dichtung*). Assim, no tempo de indigência o produzir enquanto técnica, no sentido de domínio, estaria também relacionado ao habitar do homem.

Com esta afirmação, podemos verificar que o fundamento hermenêutico de Heidegger é o prisma da linguagem. O caminho para se chegar a experimentar o ser dos entes e o "ser" é a linguagem em sua essência poética. Nesse contexto, tendo como fundamento o horizonte da questão do "ser", Heidegger procura preparar uma relação com a técnica e instaurar a pergunta pela essência da técnica. Acerca disso afirma Heidegger: "a relação é livre se abrir nossa existência <*Dasein*> à essência da técnica".⁵⁵⁹

Vale ressaltar que a partir do método fenomenológico, o filósofo alemão instaura a questão da essência da técnica. Como vimos, a

⁵⁵⁸ HEIDEGGER, Martin. *Die Zeit des Weltbildes*. In: HEIDEGGER, Martin. *Holzwege*. 8.ed. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977. p.75, tradução nossa.

⁵⁵⁹ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.375.

experiência do sentido originário da técnica tem como fundamento a reflexão sobre a linguagem na história do “ser”. É a linguagem ao longo da história que está relacionada com os modos de acontecimento do “ser”. Nesse sentido, a técnica moderna é determinada pelo modo de ser da linguagem enquanto um dos modos de acontecimento do “ser” na história na forma de seu velamento. Com isso, se destaca que a interpretação da “techné” na época da técnica se distancia de sua relação fundamental com a “alétheia” enquanto desvelamento do ser dos entes.

Segundo Heidegger, para se delimitar a experiência da técnica, é necessário primeiro compreender que: “a técnica não é a mesma coisa que a essência da técnica”.⁵⁶⁰ A pergunta pela essência da técnica remete à pergunta primordial pela essência poética da linguagem. Por isso, nesse sentido, a essência da técnica é diferente da técnica. Diante disso, questionamos: “o que é isto, a técnica?” Esta pergunta remete a pergunta fundamental pelo modo de ser da linguagem na época da técnica.

Entendemos que não se pode questionar o “como” das coisas sem perguntar, simultaneamente, pelos modos de ser da linguagem. As coisas se dão na linguagem no horizonte da história do “ser”. Por isso, que a pergunta pelo ser da técnica deve também ser feita juntamente com a pergunta pelo ser da linguagem. Nessa perspectiva, Heidegger destaca que a técnica apresenta o significado enquanto instrumento, no sentido de meio e fazer humano para fins. Pensando nesta concepção corrente da técnica, Heidegger assinala:

as duas determinações da técnica estão correlacionadas. (...) Ela mesma é uma instalação; expressa em latim, um *instrumentum*. A concepção corrente de técnica, segundo a qual ela é um meio e um fazer humano, pode, por isso, ser chamada de determinação instrumental e antropológica da técnica.⁵⁶¹

⁵⁶⁰ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.375.

⁵⁶¹ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.376.

Técnica no âmbito do domínio apresenta uma determinação instrumental e antropológica como meio e fazer do homem. Dessa maneira, o sentido da “techné”, nesse contexto, se dá como meio para fins. Tal perspectiva finalística da “techné” não desvela o seu modo de ser originário. Assim, Heidegger considera que a vontade de dominar a técnica é especialmente, o modo de ser da “techné” da época moderna. No âmbito da vontade de dominação todas as coisas, inclusive a obra de arte, são como um fazer da técnica. Dominar o fazer artístico, assim, como dominar o fazer não-artístico, é a perspectiva primordial desta época. Por outro lado, a técnica também tem o sentido de produzir na relação fundamental com a “alétheia”, do desvelamento da verdade nos seres.

É importante mencionarmos que Heidegger se volta para a definição aristotélica da causalidade para explicar a natureza da técnica moderna como meio para fins. O caráter de instrumentalidade da técnica moderna se manifesta na causalidade. Nessa perspectiva, o sentido quadruplo da causalidade, exposto por Aristóteles em sua “Metafísica”, delimitaria a noção de causalidade da técnica moderna.

Assim, afirma Heidegger:

Há séculos a filosofia ensina que há quatro causas: 1. a *causa materialis*, o material, a matéria a partir da qual, por exemplo, uma taça de prata é feita; 2. a *causa formalis*, a forma, a figura, na qual se instala o material; 3. a *causa finalis*, o fim, por exemplo, o sacrifício para o qual a taça requerida é determinada segundo matéria e forma; 4. a *causa efficiens*, o forjador da prata que efetua o efeito, a taça real acabada. Se remetermos o instrumental à causalidade quádrupla, desocultar-se-á o que a técnica é representada como meio.⁵⁶²

A questão que surge para Heidegger, nesse momento é: o que determina a técnica moderna? Noutras palavras: qual é o modo de ser da

⁵⁶² HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.377.

técnica moderna? Conforme a análise de Heidegger, a “*causa efficiens*” (causa eficiente) determina de modo especial a causalidade presente na técnica moderna. Há a unidade das quatro causas no fazer do instrumento. Como exemplo, Heidegger nos apresenta o forjador da prata. O fazer da prata enquanto um meio para um fim (*causa efficiens*) reúne as outras três causas na formação do instrumento. Isso é caracterizado por Heidegger como refletir a partir da interpretação grega do “*légein*”, “*lógos*”. O processo de formação do instrumento é um refletir que leva à luz o instrumento.

Toda prata é formada pelo fazer técnico com um propósito, que emprega os meios, segundo o pensamento calculador para se alcançar um determinado fim, como por exemplo, uma taça de prata. O estar disposto e o estar preparado da matéria tem sentido na causalidade do instrumento. Faz vir à presença a taça de prata a partir da causalidade. Desse modo, é na causalidade que se reúnem as demais causas e, assim, faz vir a presença o que se apresenta. Nessa perspectiva, Heidegger reinterpreta a concepção da causalidade, não no sentido da “*causa efficiens*”, mas no sentido originário da “*techné*” grega, que mantém uma relação fundamental com a essência da “*alétheia*” (desvelamento do ser dos entes), conforme veremos mais adiante.

Nessa perspectiva, a causalidade que destaca o “ser-coisa” da coisa é determinada pela presença (*Anwesen*). Alcança o seu sentido mediante o caráter da presença, deixando o ente ser o que ele é. É enquanto “deixar-ser” que o ente se situa no mundo. Segundo Heidegger, o “deixar-ser” pode ser compreendido como “ocasionar”⁵⁶³. O ocasionar é a essência da causalidade numa determinação grega.

Com isso, o destino do ente enquanto um “deixar-ser” é um ocasionar. A partir da determinação de Heidegger do acontecimento do ente no mundo podemos questionar: como o ente se apresenta? Ele vem à luz

⁵⁶³ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.379.

como um ocasionar. Segundo Heidegger: “todo ocasionar para algo que, a partir de uma não-presença sempre transborda e se antecipa numa presença, é poiesis, produzir <Her-vor-bringen>”.⁵⁶⁴ O filósofo pensa o modo originário do ocasionar e, nesse sentido, o modo originário do ocasionar é “poiesis”, no sentido grego, enquanto um produzir. Por isso, como vimos, fora necessário, segundo Heidegger, retornar à um pensamento originário sobre o produzir e isso requer considerar o pensamento grego.

Ao pensar sobre o sentido originário do “produzir”, uma relação importante é apresentada por Heidegger: a interface entre “physis” (natureza) e “poiesis” (“Poesia”). A natureza é poética (poiesis) em seu modo originário. Ela acontece poeticamente na história. Tudo que vem a surgir a partir dela é do mesmo modo poético enquanto um produzir.

Nas palavras de Heidegger:

A physis é inclusive poiesis no mais alto sentido. (...) tem em si mesmo (εν εαυτό) a irrupção do produzir; por exemplo, no advento da flor no florescer. (...) Os modos de ocasionar, as quatro causas, atuam, desse modo, no seio do produzir. Por meio dele surge, cada vez, em seu aparecer, tanto o que cresce na natureza quanto o que é feito pelo artesão e pela arte.⁵⁶⁵

Desse modo, a natureza é em toda a sua dimensão “poiesis”, porque, faz acontecer o produzir de modo originário. Os modos de ser da “poiesis” se demonstram nos modos de ocasionar, as quatro causas, que também foram apresentadas na filosofia de Aristóteles. As quatro causas irrompem no horizonte do produzir. Assim, as coisas mesmas irrompem no poético. O que há em comum entre o que surge na natureza e o que é produzido manualmente pelo artesão e pela arte é o poético. Ele aparece tanto na flor

⁵⁶⁴ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.379.

⁵⁶⁵ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.379.

que floresce, no que é fabricado pelo homem enquanto instrumento, quanto na obra de arte. Podemos então, considerar, nesse momento, três modos de surgimento do produzir: natureza, instrumento e arte. Nesse sentido, surge a questão: como acontece o produzir na natureza, no fazer do homem e na arte?

A cada vez que se instaura o acontecimento apropriativo no produzir, as coisas vêm a presença. O produzir é, nesse sentido, poético, porque conduz do velamento para o desvelamento das coisas da natureza, do fazer do artesão e da arte. Mas, a essência aparece de modo originário na natureza, no fazer do artesão e na arte?

O surgir do produzir seja na natureza, na obra do artesão ou na obra de arte, repousa no desabrigar. Desse modo, o produzir acontece mediante a verdade. Para Heidegger, a natureza, a obra do artesão e a obra de arte acontece e correspondem aos modos de ser da verdade. O modo de ser da verdade na época da técnica se dá como verdade enquanto representação. Na “época da técnica” o fazer do homem faz surgir o produzir da coisa como a exatidão da representação. Assim, a verdade aparece no modo de ser da “veritas”, no sentido que os romanos se apropriaram linguisticamente da palavra “alétheia”. Nessa perspectiva, o problema da linguagem se demonstra como diretamente relacionado ao acontecimento do esquecimento do “ser”, e concomitantemente, ao modo de ser da verdade como “certitudo” (concordância).

Como vimos, em “A questão da técnica”, Heidegger se volta de modo especial também para a essência poética da técnica. É importante observarmos que a pergunta pela essência da técnica é realizada também no horizonte da questão da “poiesis” (*Dichtung*). Há uma interface entre “techné”, arte e “poiesis” no pensamento de Heidegger que se mostra, especialmente no contexto do habitar poético do homem. Nesse sentido, tanto a essência da técnica como a essência da arte é “poiesis”, isto é, um produzir. Heidegger define a essência da técnica como um desabrigar.

Nessa perspectiva, outro termo surge neste escrito: a verdade. O desvelamento é a verdade. Assim, na “*techné*” e na arte se desvela a verdade do ente poeticamente.

Em “A origem da obra de arte”, Heidegger afirma: “já repetidas vezes se salientou que os gregos, que entendiam algo das obras de arte, usam a mesma palavra *techné* para fazer artesanal e para arte (...)”.⁵⁶⁶ O filósofo ainda aclara:

A denominação da arte como *techné* de maneira alguma diz que o fazer do artista seja experienciado a partir do fazer manual. O que no criar a obra tem o aspecto de uma fabricação manual é de outro tipo. Este fazer está determinado pela e em consonância com a essência do criar, e também permanece conservado nela.⁵⁶⁷

Para Heidegger é no desabrigar, ou seja, na verdade, que se fundamenta o produzir, seja o produzir da “*techné*” ou o produzir da arte. Nas palavras do filósofo: “a dis-posição da verdade na obra é o pro-duzir de um tal sendo, que antes disso ainda não era e que depois nunca mais virá a ser. (...) Tal pro-duzir é o criar”.⁵⁶⁸ Nessa perspectiva, o fundamento da “*poiesis*” é a verdade. No horizonte do produzir há o modo de ser do instrumental que integra fim e meio. É, nesse sentido, que o instrumental se mostra como o aspecto fundamental da técnica moderna.

No entanto, a essência da técnica não é um meio, segundo Heidegger, mas um modo de desvelamento, isto é, um modo de ser da verdade. Como vimos, refletindo acerca do significado da palavra “técnica”, Heidegger retorna ao pensamento grego e pensa sobre o sentido da “*techné*”. Com isso, o filósofo considera que há um *aspecto duplo* no sentido da “*techné*”. Conforme Heidegger: “por um lado, a *τέχνη* não é somente o nome para o

⁵⁶⁶ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.149.

⁵⁶⁷ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.151.

⁵⁶⁸ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. p.159.

fazer e poder manual, mas também para as artes superiores e belas artes”.⁵⁶⁹ Assim, a “techné” significa o fazer manual do homem e também ao criar artístico.

Nessa perspectiva, pensando sobre o sentido da “techné”, é importante ressaltarmos a afirmação de Heidegger:

a τέχνη pertence ao produzir, à ποιησις; é algo poético <Poietisches>. (...) Ela desabriga o que não se produz sozinho e ainda não está à frente e que, por isso, pode aparecer e ser notado, ora dessa, ora daquela maneira.⁵⁷⁰

A dimensão do sentido da “techné” em sua relação fundamental com o destino do “ser” é o que há de decisivo na “techné”. Nesse sentido, o decisivo na “techné” é a verdade do “ser” no ente que vem à luz na sua dimensão poética. O fazer e o manejar da “techné” não é o decisivo na história do “ser”, mas o desabrigar da “poiesis”, ao qual a “techné” pertence, assim como a arte. O que há de comum entre a arte e a técnica é que ambas são modos de desabrigar da verdade do “ser”, que vem à luz no acontecimento poético da verdade do “ser” do ente. A técnica só é um modo de desabrigar da verdade, quando não se mostra apenas como fazer e manejar do homem. A essência da técnica e da arte se mostra onde acontece o desabrigar, onde acontece, portanto, a “alethéia”.

Heidegger analisa a ambígua essência da técnica. Nessa perspectiva, ao perguntar pela essência da técnica moderna e a sua relação com a ciência, destaca Heidegger: “o que é a técnica moderna? Também ela é um desabrigar”.⁵⁷¹ Esse é o traço fundamental da técnica: o desabrigar da verdade do ente. No entanto, conforme vimos, para Heidegger, a técnica moderna é um modo de desabrigar diferente do desabrigar no sentido

⁵⁶⁹ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.380.

⁵⁷⁰ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.380.

⁵⁷¹ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.381.

poético. O filósofo nomeia o desabrigar da técnica moderna de “desabrigar desafiante”.

Conforme Heidegger:

o desabrigar que domina a técnica moderna, no entanto, não se desdobra num levar à frente no sentido da ποιήσις. O desabrigar imperante na técnica moderna é um desafiar <Herausfordern> que estabelece, para a natureza, a exigência de fornecer energia suscetível de ser extraída e armazenada enquanto tal.⁵⁷²

Desse modo, o desabrigar da técnica moderna não se relaciona com a natureza no sentido poético. No entanto, põe a natureza enquanto desafio. A natureza não se desvela em sua essência poética, mas como instrumento de domínio da técnica moderna. Acerca do “pôr” (*stellen*) em face da natureza, afirma Heidegger:

O pôr que desafia as energias naturais é um extrair <Fördern> em duplo sentido. É um extrair na medida em que explora e destaca. Este extrair, contudo, permanece previamente disposto a exigir outra coisa, isto é, impelir adiante para o máximo de proveito, a partir do mínimo de despesas.⁵⁷³

Aproximando-nos da questão do desabrigar em Heidegger, no que se refere à técnica moderna, é importante delimitarmos o sentido de desafio. O desabrigar apresenta o caráter de “pôr” enquanto desafio. Isto que determina a relação do homem com as coisas da natureza no contexto da técnica moderna. Para Heidegger, o sentido de desafio é dotado de complexidade:

(...) acontece pelo fato de a energia oculta na natureza ser explorada, do explorado ser transformado, do transformado

⁵⁷² HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.381.

⁵⁷³ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.382.

ser armazenado, do armazenado ser novamente distribuído e do distribuído renovadamente ser comutado.⁵⁷⁴

Todo o processo que caracteriza o desafio da técnica moderna em face da natureza é determinado por dois traços fundamentais: a direção e a segurança. A finalidade do “desabrigar desafiante” é a subsistência. Heidegger denomina a relação do homem com o requerer da subsistência⁵⁷⁵ como armação (*Ge-stell*). O filósofo alemão emprega a palavra “Ge-stell” num sentido não usual, mas, procura pensar o seu modo de ser originário. Diante disso, nos questionamos: qual a relação entre “Ge-stell” e “poiesis”?

Nas palavras de Heidegger: “armação significa a reunião daquele pôr que o homem põe, isto é, desafia para desocultar a realidade no modo do requerer enquanto subsistência”.⁵⁷⁶ A amplitude da armação, vai além do desafiar do “pôr”, porque guarda a ressonância do produzir e deixa vir à frente no desocultamento o que está presente. Nesse sentido, a armação se refere à um dos modos da “alethéia” (verdade). Para Heidegger: “(...) a essência da técnica moderna reside na armação”.⁵⁷⁷

Pensando sobre a dimensão da técnica moderna é importante indicar que já no §16 de “Ser e Tempo”⁵⁷⁸, o filósofo destacara o sentido instrumento na história do “ser”. Nesse sentido, o fazer do homem na época da técnica irrompe enquanto um instrumento. O acontecimento do ser das coisas no manual se dá como presença. A essência da técnica, por outro lado, é um acontecimento apropriador (*Ereignis*) na história do “ser”. Assim

⁵⁷⁴ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.382.

⁵⁷⁵ Heidegger destaca no parágrafo 16 de “Ser e tempo” que: “(...) a subsistência que se anuncia está ainda vinculada à utilizabilidade do instrumento”. Cf. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p. 225.

⁵⁷⁶ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.385.

⁵⁷⁷ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.387.

⁵⁷⁸ Afirma Heidegger: “o instrumento é, em todo caso, um utilizável”. É descoberto pelo “ver-ao-redor do trato que emprega”. Cf. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p. 223.

sendo, a essência da técnica moderna é delimitada por Heidegger como “armação” (*Ge-stell*).

O “Ge-stell” (armação) está velada na história, especialmente na época da técnica, em que também se caracteriza o tempo de indigência. Uma relevante indicação que destacamos, a partir disso, é: a essência da técnica é no tempo. É, portanto, um dos modos de manifestação do “Dasein” enquanto ser determinado na história. Segundo Heidegger: “a armação não é nada de técnico, nada de tipo maquinal. É o modo segundo o qual a realidade se desabriga como subsistência”.⁵⁷⁹

Pensando na dimensão da “armação” é necessário enfatizarmos que o destino (*Geschick*) determina a essência de toda história (*Geschichte*). Segundo Heidegger, os modos de ser da “alethéia” são em sua essência no horizonte do destino. O que caracteriza o destino na história é a sua dimensão poética. O próprio destino é ação no sentido da “poiesis”. Nas palavras de Heidegger: “(...) a armação é um envio <*Schickung*> do destino, assim como todo modo de desabrigar. Destino, neste sentido, é também um produzir, é ποιήσις”.⁵⁸⁰

Nesse contexto, é importante destacarmos que Heidegger instaura a questão da liberdade em sua relação com a verdade do “ser”. Refere-se ao mistério presente no destino: o mistério do velamento das coisas. Segundo Heidegger: “a liberdade é o âmbito do destino, que toda vez leva um desabrigamento para o seu caminho”.⁵⁸¹ Desse modo, a liberdade conduz o ente ao seu desabrigar, ao seu vir à luz como aquilo que é. Para se compreender a questão do destino em Heidegger, é preciso se voltar para a relação entre o destino do “ser” e a liberdade.

⁵⁷⁹ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.387.

⁵⁸⁰ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.388.

⁵⁸¹ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.388.

O destino tem uma relação importante com a verdade do “ser”, porque, segundo Heidegger:

(...) o destino leva toda vez o homem a um caminho de desabrigar, este permanece a caminho sempre à margem da possibilidade de apenas perseguir e perpetuar o que se desabriga no que é requerido e a partir dali tomar todas as medidas.⁵⁸²

Nessa perspectiva, o destino do desabrigo do ser dos entes destaca também o caráter de estar lançado do “Dasein”, do desabrigo da existência enquanto um projeto lançado no mundo para a sua possibilidade futura mais extrema: a morte. Nesse contexto, cabe ressaltar que o destino em todos os seus modos de ser é também para Heidegger, um perigo. Nas palavras de Heidegger: “(...) tudo o que é sempre se mostra, abriga o perigo de o homem se equivocar junto ao que está descoberto e falseá-lo”.⁵⁸³ Nesse sentido, há o perigo do homem de não preservar os entes em sua essência e não se manter em proximidade da verdade do “ser”, mas de dominá-los, inclusive, ao próprio ente privilegiado: o homem.

Conforme Heidegger:

O perigo se anuncia a partir de duas direções. Tão logo o que estiver descoberto não mais interessar ao homem como objeto, mas exclusivamente como subsistência, e o homem no seio da falta de objeto apenas for aquele que requer a subsistência, – o homem caminhará na margem mais externa do precipício, a saber, caminhará para o lugar onde ele mesmo deverá apenas ser mais tomado como subsistência.⁵⁸⁴

É nesse sentido que se desvela o perigo em face da própria possibilidade futura mais extrema do homem: o seu ser-no-mundo

⁵⁸² HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.389.

⁵⁸³ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.389.

⁵⁸⁴ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.389.

enquanto um ser-para-a-morte. Nessa perspectiva, o perigo se desvela no fato de a verdade do "Dasein" – ser-aí como ser-para-a-morte ou mortal – encontrar-se esquecida no homem de hoje. O "Dasein" ao esquecer do "ser" não habita mais poeticamente, ou seja, em proximidade da origem.

Um outro aspecto do perigo está presente na armação, afirma Heidegger:

a armação desafiadora encobre não somente um modo de desabrigar anterior, o produzir <Her-vor-bringen>, mas encobre o desabrigar enquanto tal e, com ele, aquilo por onde acontece o descobrimento, isto é, a verdade. A armação impede o aparecer e imperar da verdade.⁵⁸⁵

Eis o perigo do homem: o de não estar em relação com a verdade dos entes, e assim não estar em relação com a própria verdade do "ser", pois, sobretudo, o homem é em sua essência guardião da verdade. A armação é o "extremo perigo"⁵⁸⁶, no dizer de Heidegger: "(...) não somente para a essência humana, mas para todo desabrigar enquanto tal".⁵⁸⁷ Em "Para qué ser poeta?" o filósofo destaca: "(...) na falta de Deus se anuncia um maior perigo. Não somente os deuses e Deus tem fugido, mas que o brilho da divindade se tem extinguido na história do mundo".⁵⁸⁸ O perigo se mostra de modo extremo no tempo de indigência.

É importante ressaltarmos que a concepção de "tempo de indigência" no pensamento de Heidegger tendo como ponto de partida a poética de Hölderlin e de Rilke. Nesse contexto, se tratando da poética de Rilke, os poemas "Elegias de Duíno" e "Sonetos a Orfeu" constituem para o filósofo

⁵⁸⁵ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.390.

⁵⁸⁶ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.393.

⁵⁸⁷ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.393.

⁵⁸⁸ HEIDEGGER, Martin. "Para qué ser poeta?". In: HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas: Holzwege*. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.222, tradução nossa.

alemão os momentos poéticos em que o poeta experimenta de modo fundamental a indigência do tempo.

Com efeito, a noção de tempo de indigência tem relação direta com a questão da técnica, conforme mencionamos anteriormente. Por isso, foi necessário pensarmos os aspectos centrais de “A questão da técnica” para que pudéssemos notar o sentido da época da técnica na filosofia de Heidegger, sobretudo, em sua relação com o velamento da verdade.

Assim, o pensar sobre o tempo de indigência faz surgir uma questão relevante na filosofia de Heidegger: o esquecimento do “ser” e seu velamento na época moderna. Em face disso, questionamos: como o poético se mostra no tempo de indigência? Refletindo um pouco mais sobre a relação entre o poético e o tempo de indigência é importante destacarmos as outras características que se demonstram em tal época.

Uma delas é a ausência daquilo que é divino, que indica a ausência de fundamento no mundo, para Heidegger. Nesse sentido, as coisas permanecem sem fundamento. Assim, a arte, o homem e o habitar se encontram na ausência total de fundamento, sendo indicado por Heidegger no modo do abismo. A falta de fundamento sinaliza um dos aspectos do velamento da verdade. Na obra de Heidegger vemos o quanto a questão da verdade é crucial e que o esquecimento do “ser” é um dos problemas da história da metafísica e do velamento da essência das coisas para o homem. Com a falta de fundamento, a existência não se desvela no modo originário poético, mas, encontra-se separada de seu fundamento e, desse modo, não está em proximidade com a verdade das coisas, do mundo, do homem e do “ser”.

A partir da noção de tempo da indigência, Heidegger anuncia um despertar da questão da verdade. Perguntamos, a partir disso, como superar o tempo de indigência? É um longo caminho que tem sido preparado na tarefa dos poetas fundadores e pensadores fundamentais. Com essa questão, faz-se necessário meditarmos um pouco mais sobre a ausência do

fundamento. No tempo de indigência, segundo a filosofia de Heidegger, não há o desvelamento da unidade dos quatro: terra, céu, homens e deuses, mas, o próprio homem encontra-se distanciado dos deuses e deles não sente falta. A partir da noção do tempo de indigência, observamos o sentido da dimensão do poético para Heidegger e pensamos que o poético se desvela no tempo e no espaço de modo originário na existência. O poético consagra o tempo e o espaço da existência. Nessa perspectiva, com o ocultamento do poético não há o desvelar da presença do sagrado no tempo e espaço em unidade. Sobre isso assinala Heidegger: “o santo traz um chamamento ao sagrado. O sagrado atém o divino. O divino aproxima o Deus”.⁵⁸⁹

Em diálogo com o escrito “As questões fundamentais da filosofia”, vemos que a dimensão do poético abrange a unidade da existência e de todas as coisas com o sagrado. Nesse sentido, afirma Heidegger:

A abertura da indigência, porém, na qual o início ainda se essencia sob a figura de sua inessência, transforma-se, com isso, em uma meditação sobre o próprio *primeiro início*.⁵⁹⁰

Mais adiante, Heidegger ressalta: “a questão acerca da verdade, tal como foi discutida acima, emerge da mais íntima indigência de nossa história”.⁵⁹¹ A mais íntima indigência da história se demonstra na época da técnica. O fato da interpretação da “techné” ter-se distanciado da “alétheia” instaurou a separação entre o pensamento e a “Poesia”, entre a existência e o poético. Com essa separação, Heidegger constata a separação entre a própria filosofia e “Poesia”. Nesse sentido, afirma: “a perda da tonalidade

⁵⁸⁹ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p. 263, tradução nossa.

⁵⁹⁰ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia*. Tradução Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, pp. 252-253.

⁵⁹¹ HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia*. Tradução Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, p. 255.

afetiva fundamental, a permanência de fora da indigência e da necessidade originárias”.⁵⁹²

Por isso, o filósofo se volta para os poetas e elege Hölderlin e Rilke para pensar a superação do tempo da indigência. Os poetas instituem a proximidade com o poético e para que se supere o próprio esquecimento do “ser” é necessário o resgatar da essência poética pelo advento da recordação dos poetas. Assim, para Heidegger:

Próprio da essência do poeta que é verdadeiramente poeta nessa época do mundo, é que, a causa da penúria da época, em primeiro lugar a poesia e a vocação poética tornam-se para ele em questão poética. Daí porque os ‘poetas em tempos de penúria’ tenham que cantar propriamente a essência da poesia.⁵⁹³

É nesse sentido, que Heidegger enfatiza que os homens devem escutar o dito pelos poetas, porque eles anunciam o sagrado através do canto poético. Os poetas se encontram no âmbito do pensar poetizante, pensar no seu sentido originário. Pensando no dito da poesia Rilke, o filósofo questiona: “é R. M. Rilke um poeta em tempos de penúria?”.⁵⁹⁴

Com esta questão, Heidegger indica que a poética de Rilke experiência o indigente em suas interrogações poéticas. O que inclui a questão poética da existência e com isso, a própria questão da morte. Desde “Ser e Tempo”, vimos que em Heidegger a morte é um aspecto importante da existência, é o que determina a sua essência, pois aponta para a temporalidade e finitude do “Dasein” como um “ser-para-a-morte”. Entender e assumir a morte é algo importante para que o homem esteja em proximidade com a verdade. Por isso, em “Para qué ser poeta” o negar

⁵⁹² HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia*. Tradução Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017. p.229.

⁵⁹³ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.225, tradução nossa.

⁵⁹⁴ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.226, tradução nossa.

da morte é apresentado como um dos sinais do tempo de indigência. Nesse sentido, afirma Heidegger:

A época segue sendo indigente, não somente porque Deus está morto, mas porque os mortais apenas conhecem e sabem o que tem de mortal. Os mortais não tem chegado a tomar ainda posseção de sua essência. A morte se elude para o enigmático.⁵⁹⁵

Destacamos nesta afirmação de Heidegger: a morte enquanto enigma. Negando a possibilidade futura mais extrema: a morte; o homem esquece do sentido de sua existência e do sentido “kairótico” do tempo. Numa passagem de *Hinos de Hölderlin*, Heidegger aclara: “(...) tal tempo certo é difícil de reconhecer (...) historicidade do ser-aí não se sobrepuser à mera banalidade”.⁵⁹⁶ No entanto, são os poetas que possuem a tarefa de lembrar e anunciar a essência das coisas. Conforme Heidegger: “a palavra do cantar mantém ainda a marca do santo”.⁵⁹⁷

Refletindo a partir do canto dos sonetos a Orfeu, primeira parte, XIX, Heidegger destaca (Rilke *apud* Heidegger, 1969, p.227): “somente o cântico sobre a terra santifica e celebra”.⁵⁹⁸ Com isso, Heidegger institui que o canto da poesia apresenta a abertura para a verdade do existente no tempo de indigência. Relembrando o verso de Rilke, Heidegger ressalta ainda (Rilke *apud* Heidegger, 1969. p.261): “(...) ‘canto é existência’ diz o terceiro soneto da primeira parte de Sonetos a Orfeu”.⁵⁹⁹ O filósofo, então, passa a meditar sobre a dimensão do canto:

A palavra existência está empregada neste verso no sentido tradicional de presença e como sinônimo de ser. Cantar, dizer propriamente a existência mundana, dizer desde o santo de toda a recepção pura e dizer somente isto, significa: pertencer

⁵⁹⁵ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. pp.226-227, tradução nossa.

⁵⁹⁶ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004. p.108.

⁵⁹⁷ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.227, tradução nossa.

⁵⁹⁸ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.227, tradução nossa.

⁵⁹⁹ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.261, tradução nossa.

ao setor do existente mesmo. Esse setor é, como essência da linguagem, o ser mesmo.⁶⁰⁰

Pensando ainda mais fundamentalmente sobre a essência do tempo de indigência, indica Heidegger:

O tempo é indigente porque lhe falta o desocultamento da essência da dor, a morte e o amor. Indigente é este indigente mesmo porque se subtrai o domínio essencial ao qual pertencem conjuntamente a dor, a morte e o amor.⁶⁰¹

O poético da existência encontra-se velado e assim, a própria verdade da existência também. Com isso, a questão do “ser” do homem enquanto existente, precisa ser recolocada na filosofia para se entender a dimensão do poético na existência. Noutro aspecto, Heidegger verifica que no âmbito da vontade do homem surge a questão da instituição do mundo por meio da técnica moderna. Sobre isso assinala o filósofo: “o homem que se impõe, é (...) empregado da técnica”.⁶⁰² Aclara ainda: “a técnica é a implantação absoluta – posta no impor-se do homem – do absoluto estar-desamparado a base do desvio – imperante em toda objetividade (...)”.⁶⁰³

Isto significa, para Heidegger, a mudança da noite do mundo para o dia meramente técnico, desprovido do sagrado. E, nesse sentido, este é o perigo constante. É importante refletir ainda que, para Heidegger: “o perigo consiste na ameaça que afeta a essência do homem em suas relações com o ser mesmo (...)”.⁶⁰⁴

No escrito “A questão da técnica”, Heidegger medita também na poética de Hölderlin, especialmente, considerando o verso do hino

⁶⁰⁰ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.261, tradução nossa.

⁶⁰¹ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. Ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.227, tradução nossa.

⁶⁰² HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.242, tradução nossa.

⁶⁰³ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.243, tradução nossa.

⁶⁰⁴ HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.244, tradução nossa.

"Patmos". Para Heidegger, Hölderlin enquanto o precursor dos poetas no tempo de indigência, indica algo importante em seu hino "Patmos", vejamos (Hölderlin *apud* Heidegger, 2007, p.391): "mas onde há perigo, cresce também a salvação".⁶⁰⁵ Para Heidegger, este verso de Hölderlin indica o caráter da salvação a partir do perigo. Nesse sentido, "salvar" tem o sentido de "recolher na essência, para assim primeiramente trazer a essência a seu autêntico aparecer".⁶⁰⁶

Desse modo, pela "armação" enquanto essência da técnica moderna há o salvar em face do perigo. Nesse sentido, afirma Heidegger:

a armação é um modo destinal de desabrigar, a saber, o que desafia. Um tal modo destinal também é o desabrigar produtor, a ποιήσις. (...) O desabrigar desafiador tem sua proveniência destinada no desabrigar produtor. Mas, ao mesmo tempo, a armação bloqueia destinalmente a ποιήσις.⁶⁰⁷

É da própria essência da técnica moderna que pode irromper a salvação, para Heidegger. Porque, a partir da essência da técnica se instaura o apelo do "ser" e a convocação para a decisão em face do niilismo. Heidegger enfatiza a importância da participação do homem no destino do desabrigar. Entendemos que esta participação se dá no habitar poético, quando se desvela a quadratura em sua unidade: terra, céu, homens e deuses. É na unidade da quadratura presente também no modo originário do "Dasein" como habitar poético que se apresenta o mistério da verdade, isto é, do desvelamento do "ser".

A "armação" aponta para aquilo que está oculto: a essência da verdade. Deixa o homem ser aquilo que é em sua realidade originária, enquanto o ser que resguarda a essência da verdade. É nesse contexto que,

⁶⁰⁵ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.391.

⁶⁰⁶ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.391.

⁶⁰⁷ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.392.

segundo Heidegger "(...) surge o nascimento da salvação"⁶⁰⁸. Desse modo, é na proximidade do homem com a essência poética das coisas na natureza que a "percepção-resguardadora" da essência da verdade se desvela.

Como vemos, a questão da técnica tem o duplo sentido do desabrigar e do ocultamento, visto que a "techné" em seu sentido originário, segundo Heidegger era também:

(...) aquele desabrigar que produz a verdade no brilho do que aparece. Outrora, o produzir do verdadeiro no belo também era chamado de techné. A ποίησις das belas artes também era chamada de τέχνη.⁶⁰⁹

Em "A questão da técnica" um outro aspecto do pensamento de Heidegger se coloca em evidência: a questão da arte na época da técnica. Por isso, o filósofo apresenta uma comparação com a arte no pensamento grego. Nesse momento, ele descreve alguns aspectos do que seria a grande arte.

Segundo Heidegger:

No começo do destino do Ocidente, na Grécia, as artes elevaram-se às maiores alturas do desabrigar a elas consentidas. Elas permitiram que a presença dos deuses e o diálogo entre o destino humano e o destino divino brilhassem. E a arte era somente chamada de τέχνη. Ela era um singular e múltiplo desabrigar. Ela era devota (...) isto é, adequada ao imperar e à guarda da verdade. As artes não decorriam do artístico. As obras de arte não eram fruídas esteticamente. A arte não era um setor da produção cultural.⁶¹⁰

A partir disso, verifica-se, em primeiro lugar, o voltar de Heidegger para análise da história da metafísica, inclusive da metafísica da obra de arte, quando destaca o início do destino do Ocidente na Grécia. Nesse sentido, esta análise da história da metafísica tradicional visa a superação da perspectiva metafísica mediante uma perspectiva ontológica poética da

⁶⁰⁸ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.394.

⁶⁰⁹ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p. 395.

⁶¹⁰ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. p.395.

arte. Em segundo lugar, destaca-se que as artes desvelavam a presença dos deuses, e a co-pertença entre deuses e homens. Desse modo, a arte em seu tempo e espaço essencial dava-se na quadratura, na unidade dos quatro: terra, céu, homens e deuses, e em terceiro lugar, ressalta-se que a arte era denominada tão somente de “techné” em que manifestava diversos modos de ser do desabrigar. Nesse sentido, a arte se desvelava nos primórdios da antiguidade grega como o acontecimento da verdade de modo fundamental.

Em face disso, a clareira do “ser” enquanto verdade do “ser” constitui na filosofia de Heidegger a necessidade de fundação do “ser” no habitar do homem. Tal fundação acontece em todas as coisas mediante a unidade da quadratura. Assim, é somente na quadratura que o homem supera a indigência de deus, visto que a quadratura acontece no espaço de abertura e se encontra, portanto, em abertura na clareira do “ser”. O que caracteriza a história como aberta à possibilidade extrema do desvelamento do “ser”.

Vemos que o termo quadratura indica onde o “Dasein” realiza a superação do tempo de indigência, concretizando-se no tempo em sua essência, que vive a experiência originária da existência em toda a sua dimensão poética. Este tempo em sua experiência originária aponta para o futuro do “Dasein”, àquilo que determina o caráter de facticidade do “Dasein”: a finitude. Enquanto um “ser-para-a-morte”, o “Dasein” encontra sentido para a sua existência finita na unidade dos quatro: terra, céu, divinos e mortais, onde o niilismo é superado e o homem se aceita tal qual ele é. Desse modo, a indicação de Heidegger de que a técnica e a arte são poéticas demonstra que a essência da técnica e a essência da arte são formas de manifestação do apelo do “ser” para que o homem habite na linguagem em sua essência poética. Pois, como afirma Heidegger em “Para

qué ser poeta?": "(...) todos os entes são cada um a sua maneira no recinto da linguagem".⁶¹¹

⁶¹¹ HEIDEGGER, Martin. "Para qué ser poeta?". In: HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas: Holzwege*. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969. p.256, tradução nossa.

CONCLUSÃO

Uma obra excepcional para pensar-se a questão da arte e do poético no pensamento de Heidegger é “A origem da obra de arte”. Nesse sentido, o que se procura apresentar nesta tese intitulada: “Por uma perspectiva ontológica poética: uma análise da arte a partir da ‘Poesia’ (*Dichtung*) no pensamento de Martin Heidegger” é a essenciação poética da verdade do “ser” na arte segundo aquilo que denominamos como perspectiva ontológica poética de Heidegger, o que inclui, necessariamente, o horizonte da linguagem e o modo de ser originário do “Dasein” como habitar poético. Reflete-se que a questão da essenciação poética da verdade do “ser” caracteriza no pensamento de Heidegger a reviravolta na compreensão do ente e, sobretudo, da verdade do “ser” na história. Portanto, busca-se refletir que a essência poética da arte é também histórica, isto dá-se devido a abertura no “Dasein” que é exclusivamente histórico. No capítulo dois intitulado de “Arte e Poesia” delimita-se que da fonte do caminhar ontológico poético de Heidegger brota o pensar sobre a fundação ou essenciação da verdade do “ser” na história.

Sabendo que o pensar de Heidegger mostra-se no caminho ontológico, pensando, sobretudo, a questão da essenciação poética da verdade do “ser” na história, busca-se a partir da exposição da questão do mito dentro da interface pensamento e “Poesia” instituída no pensamento de Heidegger, após a virada, enfatizar alguns aspectos da essenciação poética da verdade do “ser” no horizonte da essência da linguagem. Nesse sentido, os poemas que Heidegger emprega em sua filosofia, mesmo sendo provenientes, ora da poesia de Hölderlin, ou de poesias gregas e de textos dos pré-socráticos, são expostos com a finalidade de instaurar: a questão do “ser” também em sua relação fundamental com o “Dasein”.

O caminho de pensamento de Heidegger demonstra que o fenomenológico permanece como método desse caminhar. Somente o

aspecto fenomenológico poderia abrir a marcha do pensamento para se repetir a questão primordial. O caminho inicia-se em “Ser e tempo” com a tarefa da destruição e, então, demonstra-se a partir da década de 30, com a necessidade da realização da virada para pensar o acontecer da verdade como modo de continuar a percorrer o caminho em busca de pensar e questionar a pergunta pelo “ser”. Tal caminho refere-se a *marcha* do pensamento que ao ser iniciada em “Ser e tempo”, perpassa o século XX prosseguindo enquanto *tarefa* do pensamento que busca ser cada vez mais essencial. A partir da virada destaca-se que Heidegger abandonou a terminologia “ontologia fundamental” e não rompeu com o pensamento que institui a destruição da metafísica tradicional, mas, continuou o caminhar, buscando pensar cada vez mais de modo essencial. O que fora preciso para tanto? Voltar cada vez mais o pensamento para o poético a fim de pensar originariamente a verdade do “ser” em seu acontecer na história. Portanto, enfatiza-se que o que se mostrou na virada é que Heidegger além de abandonar a terminologia de “ontologia fundamental”, buscou também pensar mais profundamente a questão do “ser”, que fora instaurada em “Ser e tempo”, não mais exclusivamente a partir da temporalidade, mas fundamentalmente pelo poético, pois, segundo o pensador do “ser” a verdade essencializa-se – e isso quer dizer que ela *acontece* – poeticamente no tempo e no ente em sua totalidade.

Assim sendo, ler e pensar a partir das densas páginas do escrito “A origem da obra de arte” é constatar que Heidegger dedica o seu caminhar a pensar a verdade do “ser” em sua diferença ontológica. Desse modo, o projeto que se inaugurou em “Ser e tempo” sobre a repetição da pergunta do “ser” vem a caracterizar-se enquanto projeto poético na década de 30, indicando a via rigorosa que é o pensar essencial.

Por isso, procura-se refletir a questão do mito considerando a interface relevante entre mito e “lógos”. Pensando o mito dentro de uma perspectiva da linguagem em Heidegger e do poético em sua filosofia,

buscamos apontar indicações do que seria o mito em sua essência. Tudo isso, como vimos, busca-se realizar, dentro da ótica da perspectiva ontológica poética de Heidegger. Por essa razão, a partir do terceiro capítulo da tese, enfatiza-se sobre a questão da essência poética da linguagem também presente no mito, em que pudemos destacar aspectos importantes do sentido da "Poesia". Portanto, concluímos que pensar a essenciação poética da verdade do "ser" na arte, requer o pensar sobre o sentido do poético e da linguagem. Assim sendo, busca-se destacar também, que o percorrer as obras (passos no caminho) de Heidegger, sempre deve levar em consideração que a marcha do pensamento é uma marcha para o pensar sobre a verdade do "ser" na história. O caminho pode ser reconhecido como longo e, o pensador do "ser" trilha-o instaurando a tarefa do pensamento.

REFERÊNCIAS

Obras de Heidegger

HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004.

_____. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

_____. *O acontecimento apropriativo*. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Alemanha: Vittorio Klostermann, 2013.

_____. "Ontologie: Hermeneutik der Faktizität". In: HEIDEGGER, Martin. Gesamtausgabe, Band 63. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995.

_____. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. *A origem da obra de arte*. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

_____. *O Meu Caminho na Fenomenologia*. Tradutor: Ana Falcato. Universidade da Beira Interior Covilhã: Lusosofia: press, 2009.

_____. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

_____. *As questões fundamentais da filosofia: ("problemas" seletos da "lógica")*. Tradução Marco Antônio Casanova. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

_____. *Zum Wesen der Sprache und zur Frage nach der Kunst*. Band 74. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann GmbH, 2010.

_____. "Qu'est-ce que la philosophie?". In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

_____. "A coisa". In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. "Posfácio". In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

_____. *Wegmarken*. Band 9. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976.

_____. "O Retorno ao Fundamento da Metafísica". In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

_____. "Sobre a essência do fundamento". In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

_____. *O sofista*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *Ser e Verdade*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. *Über den Anfang*. Band 70. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2005.

_____. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. "Sobre a essência da verdade". In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

_____. "Sobre a última preleção de Marburgo". In: HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. "Hölderlin y la esencia de la poesia". In: HEIDEGGER, Martin. *Arte y poesía*. Traducción y Prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958.

_____. *La historia del ser*. Traducción. Dina V. Picotti C. 1a. Ed. Buenos Aires: El Hilo de Ariadna: Biblioteca Internacional Martin Heidegger, 2011.

_____. *Introdução à metafísica*. 4. ed. Apresentação e tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

_____. "A essência do fundamento". In: HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. "Poeticamente o homem habita". In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. *Parmênides*. Tradução Sérgio Mário Wrublevski; revisão da tradução, Renato Kirchner, Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

_____. *Beiträge zur Philosophie*. (Vom Ereignis), Band 65. Frankfurt am Main, DE: Vittorio Klostermann, 1989.

_____. "Carta sobre o humanismo". In: HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. *Das Ereignis*. Band 71. Frankfurt am Main, DE: Vittorio Klostermann, 2009.

_____. "Ciência e pensamento do sentido". In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 8.ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. "A origem da obra de arte". In. *Caminhos de floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

_____. *Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra: a respeito do tratado de Herder "Sobre a origem*

da linguagem”; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. *El concepto de tiempo*. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2008.

_____. *Que é uma coisa?*. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992.

_____. *Meditação*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Die Technik und die Kehre*. Zweite Auflage, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1962.

_____. *Aclaraciones a la poesía de Hölderlin*. Tradução de Helena Cortés Gabaudán e Arturo Leyte Coelho. Madrid: Alianza Editorial, S. A., 2005.

_____. *El arte y el espacio*. Traducción de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2009.

_____. “Tempo e ser”. In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

_____. “A linguagem na poesia”. In: HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. *Einleitung in die Philosophie*. 2., durchgesehene Auflage, Band 27, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2001.

_____. “A palavra”. In: HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. *Vorträge und Aufsätze*. Band 7. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann GmbH, 2000.

_____. *Sendas perdidas: Holzwege*. 2.ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969.

HEIDEGGER, Martin. *Qué significa pensar?*. Traducción de Raúl Gabás. Madrid: Editorial Trotta, S.A, 2005.

_____. *Hölderlins Hymne >Der Ister<*. 2. Auflage, Band 53, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann GmbH, 1993.

_____. *A questão da técnica*. In: scientiae studia, Trad. e Notas. Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.

_____. "Para qué ser poeta?". In: HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*: Holzwege. 2. ed. Tradução de Jose Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A. 1969.

_____. "Die Zeit des Weltbildes". In: HEIDEGGER, Martin. *Holzwege*. 8.ed. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.

Demais obras

GADAMER, Hans-Georg. "La verdad de la obra de arte". In: GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. 2. ed. Traducción de Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder Editorial, S.L., 2003.

NUNES, Benedito. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: editôra perspectiva S.A., 1969.

PÖGGELER, Otto. *A via do pensamento de Martin Heidegger*. Tradução de Jorge Telles de Menezes. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

PLATO, Euthydemus. *Sophist*. Introdução, tradução e notas de Nicholas P. White. Indianapolis: Hackett Publishing, 1993.

HERMANN, Friedrich-Wilhelm von. *Il concetto di fenomenologia in Heidegger e Husserl*. Traduzioni di Renato Cristin. Genova-Via Brigata: il melangelo, 1997.

GREAVES, Tom. *Heidegger*. Tradução, consultoria e supervisão de Edgar Marques. Porto Alegre: Penso Editora Ltda, 2012.

HYPPOLITE, Jean. *Introdução à Filosofia da História de Hegel*. Tradução: Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

HERDER, Johann Gottfried. *Escritos sobre Estética e Literatura*. Tradução, Introdução e Notas: Pedro Augusto Franceschini e Marco Aurélio Werle. São Paulo, SP: Edusp, 2019.

HERRMANN, Friedrich – Wilhelm von. *Wege ins Ereignis: zu Heideggers „Beiträgen zur Philosophie“*. Frankfurt am Main: Klostermann, 1994.

HÖLDERLIN, Friedrich. *Canto do destino e outros cantos*. Organização, tradução e ensaio. Antonio Medina Rodrigues. São Paulo – SP: Editora Iluminuras Ltda, 1994.

INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Tradução: Luísa Buarque de Holanda. Revisão técnica: Márcia Sá Cavalcante Schuback. – Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar Editor, 2002.

WERLE, Marco Aurélio. "Apresentação", p.15. In: SCHLEGEL, August Wilhelm. *Doutrina da arte*. Cursos sobre literatura bela e arte. Apresentação, Tradução e notas de Marco Aurélio Werle. São Paulo, SP: Edusp, 2014.

SCHLEGEL, August Wilhelm. *Doutrina da arte*. Cursos sobre literatura bela e arte. Apresentação, Tradução e notas de Marco Aurélio Werle. São Paulo, SP: Edusp, 2014.

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.